

Bestseller do New York Times

Sarah Addison Allen

O Jardim Encantado

«Esta história vai enfeitiçar
até o coração mais duro.»

Romance Mágico

Livro
Recomendado

Barnes
& Noble

Quinta Essência*



Ficha Técnica

Título original: Garden Spells

Autor: Bárbara Nortonde Matos

Tradução: Eugénia Antunes

Revisão: Cristina Pereira

Capa: Maria Manuel Lacerda/Oficina do Livro, Lda.

Imagem da capa: © GettyImages

© iStockphoto

ISBN: 9789897260339

QUINTA ESSÊNCIA

uma marca da Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda

uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Sarah Addison Allen, 2007

e Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leya.com

www.quintaessencia.com.pt

www.leya.pt

Para a minha mãe. Adoro-te.

PARTE UM

Retrospecção

Cada lua sorridente, sem falta, Claire sonhava com a sua infância. Tentava sempre permanecer acordada nessas noites em que as estrelas piscavam o olho e a Lua era apenas uma estreita foice sorrindo provocadoramente lá do alto para o mundo da mesma forma que as bonitas mulheres dos cartazes publicitários antigos sorriam enquanto vendiam cigarros e gasosas. Nessas noites de Verão, Claire jardinava sob a luz das lâmpadas solares do carro, mondando e podando as flores vespertinas — as boas-noites e a trombeteira, a dama-da-noite e a planta do tabaco. Estas não faziam parte do legado de flores comestíveis das Waverley, porém, tantas vezes insone, Claire adicionara flores ao jardim para ter alguma coisa que fazer à noite quando estava tão tensa que a frustração lhe chamuscava a bainha da camisa de noite e acendia pequenos fogos com as pontas dos dedos.

Aquilo com que sonhava era sempre o mesmo. Estradas compridas como serpentes sem cauda. Dormir no carro à noite enquanto a mãe se encontrava com homens em bares e danceterias. Servir de vigia enquanto a mãe roubava champô e desodorizante e batom e por vezes um chocolate para Claire em lojas de conveniência em redor do Midwest. Depois, mesmo antes de acordar, a sua irmã Sydney surgia sempre envolta numa auréola de luz. Lorelei agarrava nela e corria para a casa dos Waverley em Bascom, e a única razão por que Claire conseguia ir com elas era por estar bem agarrada à perna da mãe e nunca a ter largado.

Nessa manhã, quando Claire acordou no jardim das traseiras, sentiu o sabor do arrependimento na boca. Com um olhar carregado, tratou de o cuspir. Lamentava a forma como tratara a irmã em criança. Mas os seis anos de vida de Claire antes da chegada de Sydney haviam sido marcados pelo constante medo de ser apanhada, de se magoar, de não ter comida suficiente ou gasolina ou roupas quentes para o Inverno. A mãe conseguia sempre desenrascar-se, mas era invariavelmente no último minuto. Em última análise, nunca foram apanhadas e Claire nunca ficou magoada e, quando a primeira vaga de frio assinalava a mudança de cores das folhas, a mãe aparecia, como que por magia, com luvas azuis decoradas com flocos de neve brancos, roupa interior térmica cor-de-rosa para usar por baixo das

calças de ganga e um barrete com um pompom no cimo. Essa vida constantemente de um lado para o outro sempre fora boa o suficiente para Claire, mas Lorelei pensara obviamente que Sydney merecia melhor, que merecia ter raízes. E a pequena e assustada criança que Claire guardava no seu interior não fora capaz de lhe perdoar.

Pegando na tesoura de podar e na pequena pá dispostas no chão a seu lado, levantou-se com dificuldade e caminhou por entre a neblina matutina em direcção ao telheiro. Estacou. Virou-se e olhou em redor. O jardim parecia tranquilo e húmido, a temperamental macieira na extremidade do terreno estremecia ligeiramente como se sonhasse. Gerações de Waverleys haviam cuidado deste jardim. A sua história estava enraizada naquele solo, mas o seu futuro também. Algo estava prestes a acontecer, alguma coisa que o jardim não estava ainda preparado para lhe dizer. Teria de manter os olhos bem abertos.

Avançou até ao telheiro, limpou cuidadosamente o orvalho das ferramentas e pendurou-as nos seus lugares na parede. Fechou e trancou o pesado portão que dava acesso ao jardim e caminhou pelo carreiro nas traseiras da ostentosa casa em estilo Queen Anne que herdara da avó.

Claire entrou em casa pelas traseiras, fazendo uma paragem na estufa transformada numa sala para secagem e limpeza de ervas aromáticas e flores. Cheirava fortemente a lavanda e a hortelã-pimenta. Era como penetrar numa recordação de Natal que não lhe pertencia. Puxou a camisa de dormir branca e suja, por cima da cabeça, amachucou-a numa bola e entrou nua em casa. Ia ser um dia agitado. Tinha um jantar para servir naquela noite e era a última terça-feira de Maio, por isso tinha de enviar a sua remessa mensal de geleias de lilás, hortelã e pétalas de rosa e de vinagres de chagas e de flor de cebolinho para o mercado de agricultores e para a mercearia *gourmet* na praça central, muito frequentada pelos alunos do Orion College no final das aulas.

Escutou alguém bater à porta enquanto penteava o cabelo. Desceu as escadas num vestido branco de alças, ainda descalça. Quando abriu a porta, sorriu para a idosa de pé no seu alpendre.

Evanelle Franklin tinha setenta e nove anos, parecia ter cento e vinte, mas ainda assim conseguia caminhar um quilómetro e meio em redor da pista de atletismo do Orion cinco dias por semana. Evanelle era uma parente afastada, uma prima em segundo ou terceiro ou décimo quarto grau, e era o

único Waverley à excepção de Claire, ainda a viver em Bascom. Claire agarrava-se a ela como electricidade estática, necessitando de sentir uma ligação à família depois de Sydney ter partido quando tinha dezoito anos e de a avó ter morrido nesse mesmo ano.

Quando Claire era jovem, Evanelle aparecia para lhe entregar um penso rápido horas antes de ela arranhar um joelho, moedas de vinte e cinco cêntimos para si e para Sydney muito antes de a carrinha dos gelados chegar e uma lanterna para colocar debaixo da almofada duas semanas antes de um raio derrubar uma árvore no final da rua e de toda a vizinhança ficar sem luz a noite inteira. Quando Evanelle trazia alguma coisa a alguém, habitualmente essa coisa iria ser necessária mais cedo ou mais tarde, muito embora aquela cama para gatos que dera a Claire há cinco anos tivesse ainda de revelar a sua utilidade. A maior parte das pessoas da cidade tratava Evanelle amavelmente, mas com alguma condescendência, e a própria não se levava a si mesma muito a sério. Porém, Claire sabia que havia sempre alguma coisa por trás dos estranhos presentes que Evanelle trazia.

— Ora, ora, se não pareces mesmo italiana com esse teu cabelo escuro e vestido à Sophia Loren. O teu retrato devia estar numa garrafa de azeite — comentou Evanelle. Vestia o seu fato de treino de veludo verde e pendurado ao ombro trazia um saco de tecido com alças de generosas dimensões cheio de moedas e selos e relógios de cozinha e sabão, tudo coisas que poderia ter necessidade de dar a alguém a determinada altura.

— Ia agora mesmo fazer café — declarou Claire, dando um passo atrás. — Entre.

— Está bem. — Evanelle entrou e seguiu Claire até à cozinha, onde se sentou à mesa enquanto Claire preparava o café. — Sabes o que detesto?

Claire olhou por cima do ombro enquanto o vapor espiralava, espalhando o aroma do café por toda a cozinha.

— O quê?

— Detesto o Verão.

Claire soltou uma gargalhada. Adorava ter Evanelle por perto. Tentara durante anos que a idosa se mudasse para a mansão Waverley para que pudesse olhar por ela, para que não parecesse que as paredes da casa se arredavam do seu caminho quando a percorria, tornando os corredores mais compridos e as divisões mais espaçosas.

— Porque carga de água é que haveria de detestar o Verão? O Verão é maravilhoso. Ar fresco, janelas abertas, apanhar tomates e comê-los enquanto estão ainda quentes do sol.

— Eu detesto o Verão porque a maioria dos miúdos universitários deixa a cidade, por isso não há tantos corredores e eu não tenho tantos traseiros masculinos para apreciar quando faço as minhas caminhadas pela pista.

— É uma idosa pervertida, Evanelle.

— Estou só a ser sincera.

— Aqui está — disse Claire, colocando uma chávena de café na mesa frente a Evanelle.

Evanelle espreitou para dentro da chávena.

— Não puseste nada nisto, pois não?

— Sabe bem que não.

— É que o teu lado dos Waverley parece querer sempre colocar qualquer coisa em tudo. Folhas de louro no pão, canela no café. Gosto das coisas simples e naturais. Ah, é verdade, trouxe-te uma coisa. — Evanelle agarrou no saco e tirou lá de dentro um isqueiro amarelo *Bic*.

— Obrigada, Evanelle — agradeceu Claire, aceitando o isqueiro e colocando-o no bolso. — Tenho a certeza de que me irá dar jeito.

— Ou talvez não. Só sei que tinha de to dar. — Evanelle, que tinha vinte e oito dentes, todos falsos, e todos certinhos dentro de uma boca muito gulosa, ergueu a chávena de café e olhou para o prato do bolo tapado sobre a bancada de aço inoxidável. — O que tens ali?

— Bolo branco. Adicionei pétalas de violeta à massa. E cristalicei algumas violetas como decoração. É para um jantar que vou servir hoje à noite. — Claire pegou num recipiente de plástico ao lado do prato.

— Fiz este bolo branco para si. Não tem nada de esquisito, prometo.

— Colocou o recipiente na mesa frente a Evanelle.

— És uma menina do mais amoroso que há. Quando é que te casas? Quando eu partir, quem vai tomar conta de ti?

— A Evanelle não vai a lado algum. E esta casa é perfeita para uma solteirona. Hei-de envelhecer nela e as crianças da vizinhança hão-de atormentar-me sempre a tentar chegar à macieira no jardim e eu hei-de correr com elas à vassourada. E hei-de ter montes de gatos. Foi provavelmente por isso que me deu aquela cama para gatos.

Evanelle abanou a cabeça.

— O teu problema é a rotina. Aprecias demasiado a tua rotina. Herdaste isso da tua avó. Estás muito apegada a este lugar, tal como ela.

Claire sorriu porque gostava de ser comparada à avó. Não fazia a mínima ideia da segurança que ter um nome concedia até a mãe a trazer para aqui, para esta casa, onde a avó vivia. Estavam em Bascom há talvez três semanas, Sydney acabara de nascer, e Claire estava sentada na rua sob a tulipeira no quintal da frente enquanto as pessoas da cidade vinham visitar Lorelei e o seu novo bebé. Claire não era nova, por isso não achou que alguém quisesse vê-la. Um casal saiu após a visita e ficou a ver Claire sossegadamente a construir minúsculas casinhas com raminhos.

— É uma Waverley, sim senhor — comentou a mulher. — No seu próprio mundo.

Claire não levantou os olhos, não disse uma palavra, mas agarrou-se à relva antes que o seu corpo começasse a flutuar pelo ar. *Era uma Waverley.* Não contou a ninguém, a vivalma, com medo de que alguém lhe pudesse roubar a felicidade que sentia, mas desse dia em diante passou a seguir a avó até ao jardim todas as manhãs, observando-a, querendo ser como ela, querendo fazer todas as coisas que uma Waverley fazia para provar tal afirmação. Muito embora não tivesse nascido ali, *era uma Waverley também.*

— Tenho de empacotar umas caixas de geleia e de vinagre para entregar — disse a Evanelle. — Se quiser esperar aqui um minuto, depois levo-a a casa de carro.

— Vais fazer uma entrega à loja do Fred? — perguntou Evanelle.

— Sim.

— Nesse caso, aproveito a boleia. Preciso de *Coca-cola* e de *Goo Goo Clusters*¹. E talvez compre também alguns tomates. Fizeste-me ansiar por tomates.

Enquanto Evanelle debatia os méritos dos tomates amarelos por oposição aos encarnados, Claire tirou quatro caixas de cartão canelado da despensa e embalou a geleia e o vinagre. Depois de terminar, Evanelle seguiu-a até à rua e até à carrinha branca com *Waverley's Catering* escrito de lado.

Evanelle meteu-se no banco do passageiro enquanto Claire foi colocar as caixas nas traseiras e depois estendeu a Evanelle o recipiente com o bolo branco e um saco de papel pardo.

— Que é isto? — perguntou Evanelle, espreitando para dentro do saco enquanto Claire se sentava ao volante.

— Uma encomenda especial.

— É para o Fred — afirmou Evanelle com um ar conhecedor.

— Acha que ele voltava a fazer negócio comigo se eu lhe dissesse isso?

— É para o Fred.

— Eu não disse isso.

— É para o Fred.

— Acho que não a ouvi bem. É para quem?

Evanelle fungou.

— Agora estás armada em espertinha.

Claire riu e fez marcha-atrás em direcção à estrada.

O negócio corria bem porque todos os habitantes locais sabiam que os pratos confeccionados com as flores que cresciam em redor da macieira no jardim das Waverley poderiam afectar quem os comesse de curiosas maneiras. Os biscoitos com geleia de lilás, os biscoitos de lavanda e os bolos feitos com maionese de chagas que a Ladies Aid encomendava para os seus encontros uma vez por mês concediam-lhes a capacidade de guardar segredos. Os botões de dente-de-leão fritos sobre arroz de pétalas de cravos-túnicos, as flores de abóbora recheadas e a sopa de bagas de roseira-brava asseguravam que os convidados reparariam apenas na beleza da casa do anfitrião e nunca nos defeitos. A manteiga de mel de hissopo-anisado espalhada em torradas, os rebuçados de angélica e os queques com amores-perfeitos cristalizados tornavam as crianças ponderadas e atenciosas. O vinho de madressilva servido no Quatro de Julho concedia a capacidade de ver no escuro. O sabor a nozes do molho feito com bolbos de jacintos fazia a pessoa sentir-se taciturna e pensar no passado e as saladas preparadas com chicória e hortelã faziam acreditar que alguma coisa de bom ia acontecer, quer fosse verdade ou não.

O jantar daquela noite para o qual Claire preparara a comida era organizado por Anna Chapel, a directora do departamento de Arte do Orion College, que organizava um jantar no final de cada semestre de Primavera para o seu departamento. Há já cinco anos que Claire fornecia a comida para estes jantares. Era boa publicidade pôr o seu nome a circular por entre os círculos universitários, pois estes apenas esperavam boa comida com uma pitada de originalidade ao passo que as pessoas da cidade, que aí

havam vivido toda a sua vida, vinham ter com ela para que organizasse eventos com um objectivo específico — desabafar qualquer coisa certificando-se de que a outra pessoa não falaria sobre o que escutara, assegurar uma promoção ou remendar uma amizade.

Primeiro Claire levou a geleia e o vinagre ao mercado de agricultores na estrada principal, onde arrendara um espaço na prateleira de uma banca, depois dirigiu-se à cidade e estacionou frente à Fred's Gourmet Grocery, anteriormente Fred's Foods, como se chamara durante duas gerações antes de começar a ser frequentada por estudantes universitários e turistas.

Ela e Evanelle entraram na mercearia. Os seus soalhos de madeira rangiam. Evanelle foi procurar os tomates enquanto Claire se dirigiu ao escritório de Fred nas traseiras.

Bateu uma vez e abriu a porta.

— Olá, Fred.

Sentado à antiga secretária do pai, tinha uma pilha de facturas à sua frente, mas a julgar pela forma como saltou da cadeira quando Claire abriu a porta, a sua cabeça estava noutro sítio. Levantou-se de imediato.

— Claire. É um prazer ver-te.

— Trouxe as duas caixas que encomendaste.

— Ótimo, ótimo. — Pegou no casaco branco pendurado nas costas da cadeira e vestiu-o por cima da camisa preta de manga curta. Acompanhou Claire até à carrinha e ajudou-a a trazer as caixas para dentro.

— Trouxeste... Trouxeste aquela outra coisa de que falámos? — perguntou quando entraram no armazém.

Ela esboçou um pequeno sorriso e voltou a sair. Um minuto mais tarde regressou e entregou-lhe o saco de papel pardo que continha uma garrafa de vinho de gerânio-rosa.

Fred aceitou-o com um ar constrangido e depois estendeu-lhe um envelope com um cheque. O gesto foi completamente inócuo, uma vez que ele lhe entregava sempre um cheque quando ela fazia as entregas de geleia e vinagre, mas este cheque representava para ela dez vezes mais do que um cheque dele costumava representar. E o envelope era mais brilhante, como se estivesse cheio de pirilampos, iluminado pela esperança dele.

— Obrigada, Fred. Vemo-nos no próximo mês.

— Certo. Adeus, Claire.

Fred Walker observou Claire enquanto esta esperava junto à porta que Evanelle pagasse à rapariga da caixa. Claire era uma mulher bonita de cabelo e olhos escuros e pele morena. Não se parecia em nada com a mãe, que Fred conhecera na escola, e o mesmo se passava com Sydney. O mais certo era serem parecidas com os pais, fossem lá eles quem fossem. As pessoas da cidade eram amáveis para Claire, porém achavam-na altiva e nunca a detinham com conversas sobre o tempo ou sobre a nova ligação à estrada interestadual ou sobre a doçura dos morangos da plantação daquele ano. Era uma Waverley, e os Waverley eram gente esquisita, cada um à sua maneira. A mãe de Claire fora uma mulher que só se metera em sarilhos, que abandonara os filhos aos cuidados da avó e que morrera num choque em cadeia em Chattanooga alguns anos mais tarde; a avó raramente saía de casa; Evanelle, a sua prima afastada, insistia em dar às pessoas estranhos presentes. Mas era assim que os Waverley eram. Tal como os Runion eram faladores, os Plemmon conhecidos por serem evasivos e os homens da família Hopkins famosos por casarem sempre com mulheres mais velhas. Contudo, Claire mantinha a antiga casa dos Waverley em boas condições e, sendo uma das mais antigas, os turistas gostavam de a visitar e isso era bom para a cidade. Mas mais importante era o facto de Claire estar sempre presente quando alguém necessitava de solução para um problema que apenas podia ser resolvido por uma das flores que cresciam em torno da macieira do jardim dos Waverley. Ela era a primeira em três gerações a partilhar abertamente esse dom e isso tornava-a mais aceitável.

Evanelle caminhou até junto de Claire e saíram na companhia uma da outra.

Fred apertou o saco que continha a garrafa e regressou ao seu gabinete.

Despiu o casaco e sentou-se à secretária fitando novamente a pequena fotografia emoldurada de um bem-parecido homem envergando um fato completo. A fotografia fora tirada na festa do quinquagésimo aniversário de Fred, há um par de anos.

Fred e o seu companheiro James viviam juntos há mais de trinta anos e ainda que as pessoas conhecessem a verdadeira natureza da sua relação, a verdade é que já se passara tanto tempo que ninguém mais se importava com isso. Contudo, ultimamente, ele e James haviam começado a afastar-se

aos poucos e as pequenas sementes da ansiedade pareciam querer tomar raiz. Nos últimos meses, James escolhera passar algumas noites por semana em Hickory, onde trabalhava, desculpando-se com as horas tardias a que saía do trabalho e que assim não fazia sentido regressar a Bascom. Com isso, Fred ficava demasiado tempo em casa sozinho e não sabia como ocupar o tempo. Era sempre James quem dizia: «Tu cozinhas uns crepes fantásticos, e que tal se os fizesses esta noite para o jantar?» ou «Vai dar um filme muito bom na televisão que devíamos ver.» James tinha sempre razão e Fred hesitava sobre a mais pequena coisa quando ele não se encontrava em casa. O que deveria cozinhar para o jantar? Seria melhor separar a roupa para a lavandaria durante a noite ou esperar pela manhã seguinte?

Durante toda a sua vida, Fred ouvira falar do vinho de gerânio-rosa das Waverley. Dizia-se que originava um regresso à felicidade a quem o bebesse e Fred queria recuperar tudo o que de bom existia na sua relação com James. Claire produzia apenas uma garrafa por ano e era bastante dispendiosa, mas era remédio santo e valia cada cêntimo, uma vez que as Waverley, apesar da cegueira em relação ao seu modo de vida, não falhavam no que dizia respeito a ajudar outros a ver.

Pegou no telefone e marcou o número do trabalho de James. Precisava de lhe perguntar o que preparar para o jantar.

E que tipo de carne iria bem com vinho mágico?

Claire chegou a casa de Anna Chapel no final da tarde desse dia. Anna vivia numa rua sem saída nos arredores do Orion College e a única forma de lá chegar era atravessando o *campus* universitário. O bairro destinava-se aos professores da universidade e as casas haviam sido construídas há cem anos, na mesma altura que a instituição de ensino. O objectivo era manter a comunidade académica o mais resguardada possível. Uma atitude acertada tento em conta a oposição que uma universidade para mulheres enfrentara na altura. O reitor ainda ali morava, assim como alguns professores, incluindo Anna. Todavia, agora a vizinhança era maioritariamente composta por famílias novas sem qualquer ligação à universidade que apreciavam apenas a privacidade e segurança daquele lugar.

— Claire, bem-vinda — cumprimentou Anna ao abrir a porta e ver Claire na soleira com uma geleira cheia de coisas que precisavam de ser colocadas no frigorífico o mais rápido possível. Afastou-se e deixou Claire entrar. — Já sabes o caminho. Precisas de ajuda?

— Não, obrigada. Eu dou conta do recado — respondeu Claire, embora os finais da Primavera e o Verão fossem as temporadas mais movimentadas e as alturas em que tinha menos ajuda. Tinha por hábito contratar estudantes de culinária do primeiro ano para a ajudarem durante o ano académico. Como não eram originários de Bascom, as únicas perguntas que faziam estavam relacionadas com a culinária. Aprendera da pior maneira a evitar contratar alguém da cidade. A maioria esperava aprender alguma coisa de magia ou, pelo menos, conseguir ver a macieira no jardim das traseiras, esperando dessa forma descobrir se a lenda local era verdadeira e se as maçãs lhes revelariam qual iria ser o acontecimento mais importante das suas vidas.

Claire dirigiu-se à cozinha e colocou as coisas no frigorífico, depois abriu a porta da cozinha e carregou o restante pela porta das traseiras. Não tardou a que a cozinha de estilo rústico se enchesse com o calor fumegante e os doces aromas, que por fim perfumaram também a casa e receberam os convidados de Anna com a mesma delicadeza e conforto de um beijo materno.

Anna insistia sempre em utilizar os seus próprios pratos, uns pesados de barro que ela mesma fizera, e Claire dispôs primeiro a salada nos pratos de salada e estava pronta para começar a servir quando Anna lhe disse que já estavam todos sentados à mesa.

O cardápio daquela noite consistia de salada, sopa de iúca, filetes de porco recheados com chagas, cebolinho e queijo de cabra, *sorbet* de lúcia-lima entre os pratos e o bolo branco de violeta para sobremesa. Claire andava atarefada de um lado para o outro, vigiando a comida que estava no forno, dispondo os alimentos nos pratos, servindo e depois silenciosamente recolhendo os pratos quando os convidados terminavam. Era um jantar tão formal quanto todos os que costumava servir, contudo os convidados eram professores de arte com as suas esposas, pessoas inteligentes e descontraídas que enchiam os seus próprios copos e sabiam apreciar o lado criativo da refeição. Quando tinha de trabalhar sozinha, concentrava-se apenas nas tarefas a executar e não nas pessoas, o que era particularmente

difícil naquele dia, tendo em conta que dormira no jardim na noite anterior. Porém, até isso tinha o seu lado positivo: a verdade é que nunca fora muito boa com pessoas.

Ainda assim, reparara *nele*. Estava sentado dois lugares a seguir a Anna, que se encontrava à cabeceira da mesa. Toda a gente olhava para a comida quando esta entrava na sala e para os pratos colocados à sua frente, mas *ele* olhava para ela. O cabelo negro quase lhe chegava aos ombros, os braços e dedos eram compridos e os lábios mais carnudos do que algumas vez vira num homem. Tudo aquilo significava... sarilhos.

Enquanto servia a sobremesa, sentiu algo semelhante a ansiedade quanto mais se aproximava do lugar onde ele estava sentado. Não tinha a certeza se aquela ansiedade era a sua ou a dele.

— Já nos conhecemos? — perguntou ele quando Claire se aproximou. O seu sorriso era de tal modo simpático e sincero que ela quase sorriu de volta.

Colocou o prato à frente dele, a fatia de bolo tão perfeita e húmida, as violetas cristalizadas a brilhar como jóias. O bolo parecia gritar «Olha para mim!», mas ele não tirava os olhos dela.

— Não creio — respondeu Claire.

— Apresento-te Claire Waverley, a nossa *caterer* — disse Anna, já um pouco alegre do vinho e com as faces rosadas. — Recorro aos seus serviços para todos os jantares do departamento. Claire, apresento-te Tyler Hughes. É o seu primeiro ano connosco.

Claire fez um ligeiro aceno de cabeça, incomodada por ter os olhos de toda a gente fixos em si.

— Waverley — repetiu Tyler num tom pensativo. Claire preparava-se para se afastar quando os dedos compridos dele se enrolaram em torno do seu braço, impedindo-a de se mover. — Já sei! — exclamou com uma gargalhada. — É minha vizinha! Eu moro mesmo ao lado. Pendland Street, não é? Mora naquela enorme casa estilo Queen Anne?

Claire ficou tão surpreendida por ele lhe ter tocado que estremeceu.

Como que dando-se conta da súbita rigidez do seu corpo ou do ligeiro arrepio que lhe percorreu a pele, soltou-a de imediato.

— Acabei de comprar aquela casa azul ao lado da sua — explicou Tyler. — Mudei-me para lá há algumas semanas. — Claire fitou-o.

— É um prazer conhecê-la finalmente — disse ele.

Claire voltou a acenar com a cabeça e dirigiu-se para a cozinha. Lavou e arrumou as suas coisas, deixando o resto da salada e do bolo no frigorífico. Sentia-se incomodada e desconcentrada sem saber muito bem porquê. Porém, enquanto trabalhava, não parava de passar inconscientemente os dedos pelo local onde Tyler a havia agarrado, como se quisesse sacudir algo da pele.

Antes de Claire carregar a última caixa para a carrinha, Anna apareceu na cozinha para elogiar a comida e felicitar Claire pelo sucesso daquela noite. Quer tenha sido por educação ou por já estar um pouco embriagada, esqueceu-se de mencionar o estranho comportamento de Claire para com um dos seus convidados.

Claire sorriu e guardou o cheque que Anna lhe entregou. Despediu-se, pegou na caixa e saiu pela porta das traseiras. Percorreu lentamente o caminho até à carrinha. O cansaço começava aos poucos a instalar-se e os seus passos eram pesados e lentos. Estava uma noite muito agradável. O ar era morno e seco e decidiu que iria dormir com as janelas do quarto abertas.

Ao chegar ao passeio sentiu uma estranha brisa. Voltou-se para trás e viu uma figura sob o carvalho do jardim de Anna. Não conseguia vislumbrar muito bem de quem se tratava, mas havia pequenas centelhas de luz lilás a dançar em seu redor, como descargas eléctricas.

Ele afastou-se da árvore e Claire sentiu o olhar dele fixo em si. Virou-se e deu um passo em direcção à carrinha.

— Espere — chamou Tyler. Deveria ter continuado a caminhar, mas, em vez disso, voltou-se novamente para trás. — Tem lume? — perguntou ele.

Claire fechou os olhos. Seria bem mais fácil culpar Evanelle se a velhota soubesse de facto o que fazia.

Colocou a caixa no chão e tirou do bolso do vestido o isqueiro amarelo *Bic* que Evanelle lhe havia dado naquela manhã. Era *isto* que deveria supostamente fazer com ele?

Sentia como se uma massa de água a arrastasse para o abismo à medida que caminhava na direcção de Tyler e lhe estendia o isqueiro. Parou a alguns metros dele, tentando manter o máximo de distância e esforçando-se por contrariar aquela estranha força que a empurrava para a frente.

Tyler esboçava um sorriso simpático e interessado. Tirou o cigarro ainda por acender dos lábios e perguntou:

— Fuma?

— Não. — Tinha ainda o isqueiro estendido. Ele não lhe pegou.

— Eu também não devia, bem sei. Fumo apenas dois por dia. Já não é um hábito tão socialmente aceite como antes. — Como ela não respondeu, Tyler mudou o peso do corpo de um pé para o outro. — Já a tenho visto. Tem um jardim muito bonito. Eu cortei a relva do meu quintal pela primeira vez há alguns dias. Não é lá muito faladora, pois não? Ou será que já fiz alguma coisa que ofendesse a vizinhança? Por acaso andei no quintal em roupa interior?

Claire deu um pulo. Sentia-se tão protegida na sua casa que por vezes se esquecia que tinha vizinhos; vizinhos que dos andares superiores podiam vê-la na estufa, onde nessa manhã havia despido a camisa de noite.

— O jantar estava delicioso — elogiou Tyler, não desistindo. — Obrigado. Talvez nos voltemos a encontrar?

O coração de Claire acelerou. Não precisava de mais nada para além do que já tinha. No momento em que deixasse entrar mais alguma coisa na sua vida, acabaria por sair magoada. Era tão certo como o açúcar. Tão certo quanto a chuva. Tinha Evanelle, a casa e o seu negócio. Era tudo o que precisava.

— Pode ficar com o isqueiro — disse Claire, entregando-lho e afastando-se.

Quando chegou a casa, estacionou junto à entrada do jardim em vez de dar a volta por trás. Havia alguém sentado no primeiro degrau do alpendre.

Claire saiu deixando as luzes acesas e a porta do carro aberta. Atravessou o pequeno caminho a correr, todo o cansaço do dia desfeito num acesso de pânico.

— Evanelle, o que se passa?

Evanelle levantou-se muito direita, o brilho das luzes da rua dando-lhe um ar frágil e espectral. Segurava dois jogos de lençóis novos e uma caixa de *Pop-Tarts*² com recheio de morango.

— Não conseguia adormecer sem antes te dar isto. Toma e deixa-me ir dormir.

Claire subiu os degraus a correr e pegou nas coisas. Depois entrelaçou o braço no de Evanelle.

— Há quanto tempo estava aí à espera?

— Há mais ou menos uma hora. Estava na cama quando me ocorreu. Precisavas de lençóis novos e de *Pop-Tarts*.

— E porque não me ligou para o telemóvel? Eu mesma teria ido buscar estas coisas.

— Não funciona assim. Não sei porquê.

— Passe aqui a noite. Deixe-me preparar-lhe um copo de leite quente.

— Não — declinou Evanelle sem rodeios. — Quero ir para casa. Depois de todos os sentimentos que Tyler acordara nela, Claire ansiava por lutar ainda mais pelas coisas que tinha, as únicas que desejava.

— Talvez os lençóis signifiquem que tenho de lhe fazer uma cama — disse enquanto tentava virar Evanelle na direcção da porta. — Fique aqui comigo. Por favor.

— Não! Os lençóis não são para mim! Não sei para o que irão servir! Nunca sei! — argumentou Evanelle elevando a voz. Respirou fundo e depois sussurrou: — Eu só quero ir para casa.

Odiando-se por se sentir tão carente, Claire deu uma palmadinha tranquilizadora no ombro de Evanelle.

— Não se preocupe, eu levo-a a casa. — Colocou os lençóis e as *Pop-Tarts* na cadeira de baloiço em verga junto à porta. — Venha, minha querida — disse, dirigindo a ensonada senhora pelas escadas e até à carrinha.

Quando Tyler Hughes chegou, a casa de Claire estava às escuras. Estacionou o jipe na rua e saiu mas depois parou no carro que dava acesso à porta da frente. Não lhe apetecia entrar ainda em casa.

Virou-se ao escutar o barulho das patas de um cão no passeio. Não tardou que um pequeno *terrier* preto passasse apressado em perseguição de uma traça que esvoaçava de candeeiro em candeeiro.

Tyler esperou pelo que se seguiria.

Como seria de esperar, Mrs. Kranowski, uma mulher de idade, alta e magra e com um penteado que mais parecia um gelado de baunilha de cone, apareceu logo em seguida. Corria atrás do cão chamando:

— *Edward! Edward!* Anda cá à mamã. *Edward!* Anda cá já!

— Precisa de ajuda, Mistress Kranowski? — perguntou Tyler ao vê-la passar.

— Não, obrigada, Tyler — respondeu ela, desaparecendo logo em seguida rua abaixo.

Não tardou a descobrir que aquele espectáculo tinha lugar pelo menos quatro vezes por dia.

Bem, era bom ter uma rotina.

Tyler apreciava isso mais do que a maioria das pessoas. Iria dar aulas nesse Verão, mas havia algumas semanas de interregno entre os semestres de Primavera e Verão e ficava sempre impaciente quando não tinha uma rotina. A organização nunca fora o seu maior forte, embora dela retirasse grande conforto. Por vezes interrogava-se se nascera assim ou se fora ensinado. Os seus pais faziam objectos em barro e fumavam marijuana e sempre haviam encorajado a sua veia artística. Só quando ingressou na escola primária é que percebeu que não se devia desenhar nas paredes. A escola fora um grande *alívio*. Dera-lhe organização, regras e um objectivo. Durante as férias de Verão esquecia-se de comer, pois passava horas e horas a desenhar e a sonhar acordado, sem qualquer supervisão por parte dos pais. Eles sempre haviam apreciado essa sua característica. Tivera uma boa infância, porém a ambição era um assunto tão tabu quanto Ronald Reagan. Sempre partira do pressuposto que, à semelhança dos seus pais, conseguiria ganhar algum dinheiro com as obras de arte que criava e que seria feliz assim. Contudo, a escola fora um lugar agradável, a universidade ainda mais e não gostava da ideia de a abandonar.

Assim, decidiu enveredar pelo ensino.

Os pais nunca entenderam a sua opção. Ganhar dinheiro era quase tão mau quanto ser Republicano.

Permanecia ainda no carro quando Mrs. Kranowski regressou com *Edward* a agitar-se nos seus braços.

— Lindo menino, *Edward* — dizia-lhe — És o menino da mamã.

— Boa noite, Mistress Kranowski — desejou quando a viu passar.

— Boa noite, Tyler.

Gostava deste estranho lugar.

A sua primeira colocação após o doutoramento foi num liceu na Florida. Estavam tão desesperados por professores que lhe pagaram um salário régio, todas as despesas diárias e a mudança da sua casa no Connecticut. Após um ano, começou também a dar aulas de arte à noite na universidade local.

Foi o acaso que o levou por fim até Bascom. Aquando de uma conferência em Orlando conheceu uma mulher que era professora de arte no Orion College, em Bascom. Depois de alguns copos de vinho e muita sedução, acabaram ambos no quarto de hotel dela para o que seria uma noite de sexo desenfreado. Alguns anos mais tarde, durante umas férias de Verão, descobriu que havia uma vaga no departamento de arte do Orion College e as doces memórias daquela noite regressaram em catadupa. Foi a uma entrevista e conseguiu o lugar. Nem sequer se recordava do nome da mulher, fora apenas um impulso do momento. Quando chegou a Bascom ela já se havia mudado e nunca a conseguiu encontrar.

Quanto mais velho ia ficando, mais se interrogava sobre as razões que o haviam levado a nunca casar e pensava em como o que o trouxera para esta cidade fora outro Verão inquieto e o sonho de uma vida com uma mulher com a qual dormira apenas uma noite.

Seria uma ideia romântica ou simplesmente patética?

Ouviu um baque vindo do outro lado da casa, tirou as mãos dos bolsos e dirigiu-se para o quintal das traseiras. Quando cortara a relva, alguns dias antes, esta atingia já um tamanho considerável, por isso havia pedaços de relva molhada por todo o jardim.

Devia varrê-la. Mas o que faria depois com toda aquela relva? Não podia simplesmente deixá-la amontoada no meio do quintal. E se a relva cortada secasse e matasse a que estava por baixo?

Um dia sem aulas e já estava a ficar obcecado com o relvado. E o mais provável era que a coisa piorasse.

Como iria ocupar o tempo até começar o semestre de Verão?

Não podia esquecer-se de fazer bilhetes a lembrar-se de comer. Faria isso naquela mesma noite, assim não se esqueceria. Iria colá-los no frigorífico, no sofá, na cama, na cómoda.

A luz do alpendre das traseiras iluminou o quintal, um pequeno espaço, bem menor do que o do lado. A vedação de ferro das Waverley, coberta de madressilva, separava os dois quintais. Já por duas vezes desde que se mudara retirara dois miúdos da vedação. Diziam que estavam a tentar chegar à macieira, o que parecia uma estupidez tendo em conta que existiam pelo menos seis macieiras igualmente grandes no *campus* universitário. Para quê tentar saltar uma vedação de quase três metros de altura e pontas afiadas quando podiam caminhar até Orion? Explicou isso

mesmo aos miúdos, mas eles limitaram-se a olhá-lo como se ele não soubesse o que dizia. Segundo eles, aquela macieira era especial.

Caminhou ao longo da vedação, inspirando o aroma doce da madressilva. O seu pé tocou em qualquer coisa e olhando para baixo reparou que tinha dado um pontapé numa maçã. Os seus olhos seguiram um trilho de maçãs que terminava numa pequena pilha junto à vedação. Não tardou a que outra maçã atingisse o chão com um barulho seco. Era a primeira vez que via cair maçãs do seu lado da vedação. Na verdade, nem sequer conseguia avistar a macieira do seu quintal.

Apanhou uma pequena maçã rosada, limpou-a na camisa e deu uma dentada.

Caminhou lentamente até casa e decidiu que no dia seguinte colocaria as maçãs numa caixa e as levaria a Claire, contando-lhe o que sucedera. Seria uma boa desculpa para voltar a vê-la.

Seria talvez um gesto semelhante a seguir uma mulher até um beco sem saída, mas cada um deve recorrer ao que sabe fazer melhor.

A última coisa de que se recordava era de colocar o pé no primeiro degrau do alpendre das traseiras.

Depois teve o mais maravilhoso dos sonhos.

1 Doce em forma de disco com *marshmallow*, caramelo e amendoins torrados cobertos por uma camada de chocolate. (N. da T.)

2 Espécie de bolacha recheada rectangular que pode ser inserida na torradeira para aquecer. (N. da T.)

Dez dias antes

Seattle, Washington

Sydney aproximou-se da cama da filha.

— Acorda, querida.

Quando Bay abriu os olhos, Sydney levou o dedo aos lábios da menina.

— Vamos embora e não queremos que a Susan nos oiça, por isso não vamos fazer barulho. Lembra-te? Vamos fazer como combinámos.

Bay levantou-se sem dizer uma palavra, dirigiu-se à casa de banho e lembrou-se de não puxar o autoclismo, pois as duas habitações partilhavam uma parede e Susan ouviria a água correr. Bay calçou então os sapatos com as solas mais moles e começou a vestir as várias peças de roupa que Sydney preparara, pois estava mais frio naquela manhã do que estaria mais tarde, mas não iria haver tempo para pararem e mudarem de roupa.

Sydney andava de um lado para o outro enquanto Bay se vestia. David fora para Los Angeles em negócios e pedia sempre à senhora de idade da porta ao lado que ficasse de olho em Sydney e Bay. Durante a semana anterior, Sydney começara a levar de casa roupa e comida e outros objectos no seu saco de asas, nunca se desviando da rotina que David estabelecera para si, a mesma que Susan controlava. Era-lhe permitido levar Bay ao parque às segundas, terças e quintas-feiras e ir à mercearia à sexta. Há dois meses conhecera outra mulher no parque que tivera a coragem de perguntar o que as outras mães não se atreviam a fazer. Porquê tantas equimoses? Porquê tão assustadiça? Ajudara Sydney a comprar um *Subaru* velho por trezentos dólares — uma grande parte do dinheiro fora poupada por Sydney ao longo dos últimos dois anos tirando notas de um dólar da carteira de David muito de quando em vez, guardando trocos nas almofadas do sofá, e fazendo devoluções de coisas que comprara com um cheque da conta que David vigiava atentamente. Levava a roupa e a comida que ia tirando de casa à senhora do parque, que depois tratava de a guardar no carro. Sydney fazia figas para que a senhora, Greta, não se tivesse esquecido de estacionar o carro onde haviam combinado. A última vez que falara com ela fora na quinta-feira e agora era domingo. David regressaria naquela noite.

De dois em dois ou de três em três meses David voava até Los Angeles para verificar em pessoa como corriam as coisas no restaurante que comprara. Ficava sempre mais tempo para se ir divertir com os sócios, antigos colegas do tempo que passara na Universidade da Califórnia. Regressava depois a casa feliz, ainda um pouco ébrio, e tal duraria até ele querer sexo e ela não se comparar com as raparigas com quem estivera em Los Angeles. Sydney fora como essas raparigas, há muito tempo. E homens perigosos haviam sido a sua especialidade — tal como sempre imaginara que fora a da mãe — uma das muitas razões por que deixara Bascom munida apenas de uma mochila e de umas quantas fotografias da mãe como companheiras de viagem.

— Estou pronta — sussurrou Bay enquanto avançava para o corredor, onde a mãe andava de um lado para o outro.

Sydney colocou-se de joelhos e abraçou a filha. Tinha já cinco anos, idade suficiente para se aperceber do que se passava em casa. Sydney tentara impedir David de ter qualquer tipo de influência sobre Bay e por acordo tácito ele não a magoava enquanto Sydney fizesse o que ele queria. Contudo, o exemplo que Sydney estava a dar era terrível. Bascom, apesar de todos os seus defeitos, era um local seguro, e valia a pena regressar a um local que detestava para que Bay soubesse finalmente o que era ter segurança.

Sydney desfez o abraço antes que começasse novamente a chorar.

— Vamos então, querida.

Costumava ser ótima a virar as costas e a ir-se embora. Costumava fazê-lo a toda a hora antes de conhecer David. Agora, o medo que a partida lhe provocava quase a sufocava.

Quando deixara a Carolina do Norte pela primeira vez, Sydney fora directamente para Nova Iorque, onde poderia misturar-se e ninguém pensaria que era estranha, onde o nome Waverley nada significava. Foi viver com alguns actores, que a usavam para aperfeiçoar os seus sotaques sulistas ao mesmo tempo que ela tentava livrar-se do seu. Ao fim de um ano mudou-se para Chicago com um homem que roubava carros para viver, e vivia bem. Quando foi apanhado, ela ficou-lhe com o dinheiro, foi para São Francisco e viveu dele por mais um ano. Mudou então de nome, para que ele não conseguisse encontrá-la, e tornou-se Cindy Watkins, o nome de uma das suas velhas amigas de Nova Iorque. Depois de o dinheiro se esgotar,

partiu para Las Vegas e serviu bebidas. A rapariga com a qual viajara de Las Vegas para Seattle tinha um amigo que trabalhava num restaurante chamado David's on the Bay e arranhou emprego para as duas.

Sydney ficara loucamente atraída por David, o dono. Ele não era muito bonito, mas era poderoso e ela apreciava isso. Os homens poderosos eram excitantes, até ao ponto em que se tornavam assustadores, e era nessa altura que ela se punha a mexer. Tornara-se tão boa a mexer no fogo sem se queimar. As coisas com David começaram a tornar-se assustadoras por volta de seis meses depois de ter começado a sair com ele. Ele magoava-a por vezes, amarrava-a à cama e mostrava-lhe o quanto a amava. Depois começou a segui-la até à mercearia e à casa de amigos. Sydney fez planos para o deixar, para lhe roubar dinheiro do restaurante e fugir para o México com uma rapariga que conhecera na Laundromat, mas depois descobriu que estava grávida.

Bay nasceu sete meses depois, baptizada por David em honra do seu restaurante. No primeiro ano da vida de Bay, Sydney ressentiu-se contra a sossegada criança por tudo o que corra mal. David repugnava-a agora e aterrorizava-a bem para além do limite do que julgava possível. E ele apercebia-se disso e batia-lhe mais. Isto não fizera parte do seu plano. Não quisera uma família. Nunca tencionara ficar com qualquer dos homens que conhecera. Agora tinha de permanecer por causa de Bay.

Um dia tudo mudou. Ainda viviam no apartamento que ela e David haviam partilhado antes de se mudarem para a cidade. Bay tinha cerca de um ano e estava tranquilamente a brincar com o cesto da roupa lavada no chão, puxando lenços para cima da cabeça, toalhas para as pernas. De repente, Sydney viu-se a si mesma a brincar sozinha enquanto a mãe torcia as mãos e andava de cá para lá na casa da família Waverley, em Bascom, antes de partir mais uma vez sem dizer palavra. Foi acometida por um poderoso sentimento e ficou com pele de galinha, exalando um profundo suspiro gelado. Foi esse o momento em que desistiu de ser como a mãe. A mãe tentara ser uma boa pessoa, mas nunca fora uma boa mãe. Deixara as filhas sem qualquer explicação, e nunca regressara. Sydney iria ser uma boa mãe, e as boas mães protegiam os filhos. Demorara um ano, mas compreendera finalmente que não precisava de ficar por causa da filha. *Podia levar Bay consigo.*

No passado fora uma perita em fugas, a tal ponto que adquirira uma falsa sensação de segurança, uma vez que nunca ninguém ia atrás dela. Consequira até terminar a escola de beleza quando, ao sair do salão em Boise onde arranjava o seu primeiro emprego, deu com David no parque de estacionamento. Antes de o ter vislumbrado de pé junto ao carro, virara o rosto para o vento e sentira o aroma a lavanda, pensando que não sentia aquele perfume desde que vivera em Bascom. O aroma parecia provir do próprio salão, como se tentasse atraí-la de volta para dentro.

Mas foi então que viu David e ele a arrastou para o carro. Ficou surpreendida, mas não se debateu pois não queria passar vergonha frente às novas amigas do salão. David arrancou e foi estacionar por trás de um restaurante de *fast-food*, onde a esmurrou tantas vezes que a fez desmaiar. Recuperou a consciência com ele a abusar de si no banco de trás. No final arranjou um quarto de motel e permitiu que ela se limpassem, dizendo-lhe que tudo aquilo era culpa dela enquanto ela cuspiu um dente para o lavatório. Mais tarde foram buscar Bay ao infantário, onde David descobrira que ela estava inscrita e assim as achara. Foi encantador e as professoras acreditaram nele quando disse que Sydney tivera um acidente rodoviário.

De volta a Seattle, a sua raiva inflamava-se súbita e inesperadamente. Bay podia estar, por exemplo, na divisão ao lado e Sydney a fazer-lhe uma sanduíche de manteiga de amendoim, ou a tomar banho, e de repente David aparecia e espancava-a, ou prendia-a contra a bancada e arrancava-lhe as cuecas arremetendo contra ela, dizendo-lhe que ela nunca mais o deixaria.

Ao longo dos últimos dois anos, desde que a fora buscar a Boise, Sydney entrava numa divisão e cheirava-lhe a rosas ou acordava e sentia o aroma a madressilva no ar. As fragrâncias pareciam sempre provir de uma janela ou porta, uma saída.

Foi numa noite, enquanto contemplava Bay a dormir e chorava em silêncio interrogando-se o que haveria de fazer para manter a filha em segurança, uma vez que corriam perigo se ficassem e corriam perigo se fugissem, que por fim tudo se encaixou e fez sentido.

Todos aqueles odores eram aromas que associava a casa.

Tinham de ir para Bascom.

Ela e Bay caminharam silenciosamente escada abaixo imersas na escuridão. Susan conseguia ver tanto a porta da frente como a das traseiras,

por isso dirigiram-se à janela da sala de estar que dava para a pequena faixa de jardim lateral que Susan não conseguia ver. Sydney tinha já retirado a rede mosquiteira, por isso só precisava de abrir a janela sem fazer barulho e descer Bay primeiro. A seguir, entregou à filha o seu saco de asas, outra mala que enchera e a pequena mochila de Bay, que deixara a filha fazer sozinha, para que a recheasse de coisas secretas que lhe davam segurança. Sydney rastejou para fora e conduziu Bay pelos arbustos até ao parque de estacionamento junto à casa. Greta, a senhora do parque, dissera que ia deixar o *Subaru* em frente do bloco 100 de apartamentos uma rua mais acima. Colocaria as chaves por cima da pala. Sem seguro e uma matrícula inválida, mas isso não tinha importância. Tudo o que importava era que as iria tirar dali.

Chovia miudinho e ela e Bay correram ao longo do passeio, contornando a luz dos candeeiros de rua.

A franja de Sydney pingava-lhe já para os olhos quando pararam por fim no bloco 100. Olhou para todo o lado. Onde estava? Largou a mão de Bay e correu para cima e para baixo no parque de estacionamento. Havia apenas um *Subaru*, mas estava em muito bom estado para valer apenas trezentos dólares. Estava trancado também e no interior havia jornais e uma caneca de café. Pertencia a outra pessoa.

Correu de novo em redor do parque de estacionamento. Procurou na rua de cima, só para se certificar.

Não estava lá.

Correu de volta para Bay, sem fôlego, aterrada por o pânico que sentia a ter feito deixar a filha por um minuto sequer. Estava a ficar desleixada, e isso não podia ser. Não agora. Sentou-se no lancil entre um *Honda* e uma carrinha *Ford* e escondeu o rosto nas mãos. Toda a coragem que reunira fora em vão. Como podia agora levar Bay de volta, de volta ao mesmo? Sydney não podia, não iria mais ser Cindy Watkins.

Bay veio sentar-se ao lado dela e Sydney passou-lhe um braço em redor dos ombros.

— Vai correr tudo bem, mamã.

— Eu sei que sim. Vamos só ficar aqui sentadas por um minuto, está bem? Para a mamã pensar no que há-de fazer.

Às quatro da manhã, o parque de estacionamento estava calmo, razão por que Sydney levantou a cabeça com um safanão quando escutou um carro

aproximar-se. Empurrou Bay para junto da carrinha o mais que pôde para evitar que fosse avistada. E se fosse Susan? E se as tivesse denunciado a David?

As luzes do carro aproximaram-se lentamente, como se procurasse alguma coisa. Sydney protegeu Bay e fechou os olhos, como se isso ajudasse.

O carro deteve-se.

Uma porta bateu.

— Cindy?

Abriu os olhos e viu Greta, uma mulher loura e baixa que usava sempre botas de *cowboy* e dois enormes anéis de turquesa.

— Oh, meu Deus — murmurou Sydney.

— Peço desculpa — disse Greta, ajoelhando-se frente a ela. — Peço imensa desculpa. Tentei estacionar aqui, mas o tipo que mora ali apanhou-me e disse que ia chamar o reboque. Tenho passado por aqui de meia em meia hora a ver se te vejo.

— Oh, meu Deus.

— Está tudo bem. — Greta ajudou Sydney a levantar-se e levou mãe e filha até uma carrinha *Subaru* com um pedaço de plástico por cima de um vidro partido do lado do passageiro e manchas de ferrugem de um lado do pára-brisas ao outro. — Vai com cuidado até o mais longe que puderes.

— Obrigada.

Greta acenou com a cabeça e meteu-se no banco do passageiro de um jipe que a seguira até ao parque de estacionamento.

— Estás a ver, mamã? — disse Bay. — Eu sabia que ia correr tudo bem.

— Eu também — mentiu Sydney.

Na manhã a seguir à festa de Anna Chapel, Claire foi ao jardim buscar um cesto de hortelã. Ia começar a preparar a comida para o almoço anual da Associação de Botânicas Amadoras que teria lugar em Hickory na sexta-feira. Sendo botânicas, gostavam da ideia de flores comestíveis. Sendo um grupo de idosas ricas e excêntricas, pagavam bem e podiam fazer boa publicidade dos seus serviços nos círculos que frequentavam. Fora um golpe de génio conseguir aquele trabalho, mas era um almoço grande e ela teria de se mostrar à altura e contratar alguém que a ajudasse a servi-lo.

O jardim era cercado por uma pesada vedação de ferro, à semelhança de um cemitério gótico, e a madressilva que a cobria tinha quase sessenta centímetros de espessura em alguns locais, encerrando por completo o jardim. Até o portão estava coberto de guias de madressilva e o buraco da fechadura era um orifício secreto que apenas alguns conseguiam encontrar.

Assim que entrou, reparou de imediato.

No canteiro de cenoura-brava germinavam minúsculas folhas de hera.

Hera no jardim.

Da noite para o dia.

O jardim dizia que alguma coisa estava a tentar entrar, uma coisa bonita e inofensiva, mas que tomaria conta de tudo se lhe fosse dada a oportunidade.

Arrancou rapidamente a hera e escavou fundo em busca das raízes, mas depois vislumbrou uma guia a esgueirar-se por trás de um lilás e avançou de quatro até ela.

Na sua pressa não fechara o portão do jardim e, meia hora depois, girou a cabeça sobressaltada quando escutou o som de passos sobre o carreiro de gravilha que serpenteava em redor dos canteiros.

Era Tyler, transportando uma caixa de cartão e olhando em redor como se tivesse penetrado num local encantado. Tudo aqui florescia ao mesmo tempo, mesmo numa altura do ano em que não era suposto florescer. Estacou quando deu com Claire de joelhos escavando as raízes da hera por baixo do lilás. Olhou-a como se estivesse a tentar distingui-la na escuridão.

— Sou Tyler Hughes — declarou, como se ela não o reconhecesse —, o vizinho do lado.

Ela acenou com a cabeça.

— Eu recordo-me.

Avançou para ela.

— Maças — disse, agachando-se ao lado de Claire e pousando a caixa no chão. — Caíram do meu lado. Devem ser pelo menos uma dúzia. Não sabia se as usavas na preparação dos teus pratos, por isso lembrei-me de te as trazer. Toquei à porta, mas ninguém atendeu.

Claire afastou a caixa dele o mais subtilmente que conseguiu.

— Não as uso, mas obrigada. Não gostas de maçãs?

Tyler abanou a cabeça.

— Apenas de vez em quando. Não faço a mínima ideia de como foram parar ao meu quintal. A árvore está demasiado longe dele.

Não mencionou nenhuma visão, o que foi um alívio para Claire. Possivelmente não comera nenhuma.

— Deve ter sido o vento — explicou ela.

— Sabes, as árvores do *campus* não têm maçãs maduras nesta altura do ano.

— Esta árvore floresce no Inverno e produz maçãs durante toda a Primavera e Verão.

Tyler pôs-se de pé e olhou para a árvore.

— Impressionante.

Claire olhou para ela por cima do ombro. A árvore estava situada quase no fundo do jardim. Não era muito alta, crescendo ao invés disso para os lados. Os seus esguios ramos estendiam-se como os braços de uma bailarina e as maçãs brotavam mesmo nas suas extremidades, como se segurasse o fruto nas palmas. Era uma árvore antiga e bela, a casca cinzenta enrugada e soltando-se nalgumas partes. A única erva que havia no jardim era em redor da macieira, estendendo-se cerca de três metros para lá do alcance dos seus ramos, dando à velha árvore espaço.

Claire não sabia porquê, mas de vez em quando a árvore lançava maçãs, como se estivesse entediada. Quando era miúda, a janela do seu quarto dava para o jardim. No Verão dormia com ela aberta e por vezes de manhã ao acordar encontrava uma ou duas maçãs no chão.

Claire lançou um olhar austero à árvore. Ocasionalmente era o suficiente, fazendo com que a macieira se comportasse.

— É apenas uma árvore — disse, e devolveu a sua atenção ao lilás, recomeçando a puxar as raízes de hera.

Tyler enfiou as mãos nos bolsos e ficou a vê-la trabalhar. Há tantos anos que trabalhava sozinha no jardim que se deu conta de que tinha saudades de ter alguém ali. Fazia-lhe lembrar quando jardinava com a avó. Nunca fora suposto ser uma tarefa solitária.

— Vives em Bascom há muito tempo? — perguntou Tyler por fim.

— Quase toda a minha vida.

— Quase?

— A minha família é daqui. A minha mãe nasceu cá. Depois mudou-se mas regressou quando eu tinha seis anos. Desde então que cá moro.

— Então, és daqui.

Claire estacou. Como conseguira ele fazer aquilo? Como conseguira fazê-lo com apenas três pequenas palavras? Acabara de lhe dizer precisamente o que ela sempre quisera ouvir. Estava a penetrar sem sequer saber como o fizera. Era ele a hera, certo? Claire virou a cabeça muito devagar e olhou para cima, para ele, para o seu corpo alto e magro, as feições grosseiras, os bonitos olhos castanhos.

— Sim — respondeu sem fôlego.

— Então, quem são os teus hóspedes? — perguntou ele. As palavras demoraram um momento a juntar-se numa frase dentro da cabeça dela.

— Eu não tenho hóspedes.

— Quando entrei pelo portão da frente, alguém parou junto ao passeio num carro cheio de caixas e malas. Achei que era alguém a mudar-se para aqui.

— Que estranho. — Claire pôs-se de pé e descalçou as luvas. Virou-se e avançou pelo jardim em direcção ao portão assegurando-se de que Tyler a seguia. Não queria deixá-lo sozinho com a árvore. Não confiava na macieira, ainda que ele não comesse maçãs.

Caminhou ao longo do carreiro que ligava a casa à rua e que descrevia uma curva ao lado do edifício, mas estacou junto ao tulipeiro do quintal da frente. Tyler surgiu por trás dela e colocou-lhe as mãos nos braços, como que consciente de que as suas pernas haviam perdido o tónus muscular.

Mais hera.

Havia uma menina de cerca de cinco anos a correr pelo quintal com os braços esticados como se fosse um avião e uma mulher encostada a uma carrinha *Subaru* velha estacionada no passeio, os braços cruzados com força frente ao peito, a ver a menina brincar. Parecia pequena, débil, de cabelo castanho-claro por lavar e olheiras fundas sob os olhos. Parecia estar a segurar-se para não tremer.

Claire interrogou-se distraidamente se fora isto que a avó sentira quando a filha regressou a casa ao fim de anos de ausência; quando Lorelei, grávida, lhe apareceu à porta com uma menina de seis anos agarrada à sua perna. Este alívio, esta raiva, esta tristeza, este pânico.

Conseguindo por fim mexer as pernas, atravessou o quintal, deixando Tyler para trás.

— Sydney?

Sydney desencostou-se do carro de um pulo, sobressaltada. Examinou Claire da cabeça aos pés antes de sorrir. Aquela mulher insegura com os braços cruzados desaparecera, substituída pela velha Sydney, a que sempre desdenhara o nome de família, nunca compreendendo a dádiva que era ter nascido ali.

— Olá, Claire.

Claire deteve-se no passeio a pouca distância dela. Podia ser um fantasma ou talvez alguém que se parecia incrivelmente com Sydney. A Sydney que Claire conhecia nunca permitiria que o seu cabelo estivesse naquele estado. Não seria apanhada nem morta com uma *T-shirt* cheia de nódoas de comida. Costumava ser tão meticulosa, tão composta. Sempre se esforçara tanto para não se parecer como uma Waverley.

— Por onde andaste?

— Por todo o lado. — Sydney esboçou aquele seu espectacular sorriso e de repente o aspecto do seu cabelo ou das suas roupas já não importava. Sim, era Sydney.

A menina que brincava no quintal correu para Sydney e colocou-se a seu lado. Sydney pôs-lhe um braço em redor.

— Esta é a minha filha, Bay.

Claire olhou para a criança e esboçou um sorriso. A menina tinha cabelo escuro, tão escuro quanto o seu, mas os olhos azuis de Sydney.

— Olá, Bay.

— E este é...? — perguntou Sydney num tom sugestivo.

— Tyler Hughes — apresentou-se ele, estendendo uma mão pela frente de Claire. Esta não se apercebera de que ele estava outra vez mesmo atrás de si e deu um pulo. — Vivo mesmo aqui ao lado.

Sydney apertou a mão a Tyler e acenou com a cabeça.

— A velha casa dos Sanderson. Está com bom aspecto. Não era azul da última vez que a vi. Era de um branco bolorento medonho.

— Não posso receber os louros por isso. Já a comprei assim.

— Olá, sou Sydney Waverley, irmã da Claire.

— Prazer em conhecer-te. Bom, acho que vou andando. Claire, se precisares de mim para alguma coisa... — Apertou-lhe o ombro e partiu. Claire ficou confusa. Não queria que ele se fosse embora, mas era óbvio que não podia ficar. Porém, agora estava sozinha com Sydney e a sua calada filha, e não tinha ideia do que fazer.

Sydney arqueou as sobrancelhas.

— Ele é bem giro.

— Waverley —disse Claire.

— O quê?

— Disseste que o teu apelido era Waverley.

— Da última vez que verifiquei era.

— Sempre achei que detestavas o nome. — Sydney encolheu os ombros, como quem não quer comprometer-se. — E a Bay?

— O apelido dela também é Waverley. Vai brincar mais um bocadinho, querida — incentivou Sydney e Bay correu de volta para o quintal. — A casa está tão bonita que mal dá para acreditar. Pintura nova, janelas novas, telhado novo. Nunca imaginei que pudesse ser tão bonita.

— Usei o dinheiro do seguro de vida da avó Waverley para financiar a remodelação.

Sydney virou a cabeça por um momento, observando ostensivamente Tyler subir as escadas para o alpendre da frente e depois entrar em casa. Claire reparara que Sydney se retesara e ocorreu-lhe que a notícia fora um choque. Estaria ela mesmo à espera de encontrar a avó ali, viva e de boa saúde? De que estava à espera?

— Quando? — quis saber Sydney.

— Quando o quê?

— Quando é que a avó morreu?

— Há dez anos. Na véspera de Natal do ano em que te foste embora. Não tinha forma de te contactar. Não sabíamos para onde foras.

— A avó sabia. Eu disse-lhe. Olha, importas-te que estacione esta lata velha atrás da casa? — Sydney bateu na cobertura do motor com o punho fechado. — É um bocado embaraçoso.

— Que aconteceu ao carro da avó, aquele que ela te deu?

— Vendi-o em Nova Iorque. A avó disse-me que o podia vender se quisesse.

— Então, é aí que tens estado, em Nova Iorque?

— Não, apenas fiquei por lá cerca de um ano. Tenho andado de um lado para o outro. Como a nossa mãe.

Olharam-se nos olhos e de repente tudo ficou em silêncio.

— Que fazes aqui, Sydney?

— Preciso de um lugar para ficar.

— Durante quanto tempo?

Sydney respirou fundo.

— Não sei.

— Não podes deixar a Bay aqui.

— *O quê?*

— Como a mãe nos deixou. Não podes largá-la aqui.

— Eu nunca abandonaria a minha filha! — exclamou Sydney, um resquício de histeria a impregnar-lhe as palavras, e Claire apercebeu-se de imediato de tudo o que não estava a ser dito, da história que Sydney não estava a contar. Alguma coisa de monta teria de ter acontecido para a trazer de volta a casa.

— Que queres que faça, Claire, que suplique?

— Não, não quero que supliques.

— Não tenho mais lugar nenhum para onde ir — disse Sydney, forçando as palavras a sair, como se cuspiasse cascas de sementes de girassol para o passeio, onde ficavam coladas e secavam sob o sol, endurecendo de dia para dia.

Que havia de fazer? Sydney era sua irmã e Claire aprendera da forma mais difícil que não devemos tomar os familiares como garantidos. Aprendera também que podiam magoar-nos mais do que qualquer outra pessoa no mundo.

— Já tomaram o pequeno-almoço?

— Não.

— Venham ter à cozinha.

— Anda daí, Bay, vou pôr o carro nas traseiras — chamou Sydney e Bay correu para a mãe.

— Bay, gostas de *Pop-Tarts* de morango? — perguntou Claire. Bay sorriu e foi como ver o sorriso de Sydney em criança. Magoava só de olhar porque lhe recordava todas as coisas que gostaria de retirar, de não ter feito, quando Sydney era criança, como expulsá-la do jardim quando esta queria ver o que Claire e a avó estavam a fazer e esconder as receitas em prateleiras altas para que nunca soubesse os seus segredos. Claire sempre se interrogara se não fora ela mesma quem fizera Sydney odiar ser uma Waverley. Iria esta menina detestar também tudo o que estivesse relacionado com o nome Waverley? Bay não o sabia, mas tinha um dom. Talvez Claire pudesse ensiná-la a fazer uso dele. Não sabia se Sydney e ela

alguma vez se reconciliariam, ou sequer quanto tempo iria ficar, mas talvez com Bay pudesse tentar compensar o que fizera.

No espaço de poucos minutos a vida de Claire mudara. A avó acolhera Claire e Sydney. Claire faria o mesmo por Sydney e Bay. Sem fazer perguntas. Era o que uma verdadeira Waverley faria.

— São as minhas preferidas! — exclamou Bay.

Sydney fez um ar espantado.

— Como é que sabias?

— Eu não sabia — respondeu Claire, virando-se na direcção da casa. — A Evanelle pelos vistos é que sabia.

Sydney estacionou o *Subaru* ao lado de uma pequena carrinha branca nas traseiras, frente à garagem, separada da casa. Bay pulou para fora do carro, mas Sydney saiu um pouco mais devagar. Tirou o saco de alças e a mochila de Bay, depois dirigiu-se à parte de trás do carro e desaparafusou a matrícula do estado de Washington. Meteu-a no saco. E pronto. Não haveria pistas de por onde tinham andado.

Bay estava no carreiro que separava a casa do jardim.

— É mesmo aqui que vamos viver? — perguntou pela décima sexta vez desde que haviam estacionado junto ao passeio naquela manhã.

Sydney respirou fundo. Meu Deus, nem acreditava.

— Sim.

— É uma casa de princesas. — Virou-se e apontou para o portão aberto. — Posso ir ver as flores?

— Não. O jardim é da Claire. — Escutou um baque e viu uma maçã rolar para fora do jardim e deter-se junto aos seus pés. Contemplou-a por um momento. Ninguém da sua família alguma vez achara estranho ter uma árvore que predizia o futuro e lançava maçãs às pessoas. Ainda assim, a macieira recebera-a melhor que Claire. Chutou a maçã de volta para o jardim. — E quero-te longe da macieira.

— Não gosto de maçãs.

Sydney ajoelhou-se frente à filha. Prendeu-lhe o cabelo por trás das orelhas e endireitou-lhe a camisa.

— Muito bem, como te chamas?

— Bay Waverley.

— E onde nasceste?

— Num autocarro da Greyhound.

— Quem é o teu pai?

— Não sei quem ele é.

— De onde é que és?

— De todo o lado.

Pegou nas pequenas mãos da filha.

— Compreendes por que tens de dizer estas coisas, não compreendes?

— Porque aqui somos diferentes. Não somos quem fomos.

— Deixas-me de boca aberta.

— Obrigada. Achas que a Claire vai gostar de mim?

Sydney pôs-se de pé e depois deteve-se um pouco para se recuperar quando manchas negras surgiram à frente dos seus olhos e o mundo se inclinou por breves instantes. Sentia formigueiro na pele, como se estivesse com pele de galinha, e pestanejar fazia-lhe doer os olhos. Estava tão cansada que mal conseguia andar, mas não podia permitir que Bay a visse assim e seguramente que também não iria deixar Claire vê-la naquele estado. Conseguiu fingir um sorriso.

— Não estaria no seu perfeito juízo se não gostasse.

— Eu gosto dela. Parece a Branca de Neve.

Encaminharam-se para a cozinha atravessando a estufa e Sydney olhou em redor, boquiaberta. A cozinha fora remodelada, ocupando a maior parte do que outrora fora a sala de jantar anexa. Havia aço inoxidável e por todo o lado um ar de eficiência. Viu ainda dois frigoríficos e dois fornos grandes. Sentaram-se à mesa da cozinha sem uma palavra, observando Claire a fazer café e a colocar duas *Pop-Tarts* na torradeira. Claire mudara — não profundamente, mas em pequenas coisas, como a forma como a luz muda ao longo do dia. Exibia agora uma atitude diferente, um porte distinto, uma nova postura. Parecia confortável, da mesma forma que a avó costumava parecer confortável. Um bem-estar do tipo não-me-obrigues-a-mexer-que-eu-estou-muito-bem.

Ao observá-la, ocorreu-lhe de repente que Claire era uma mulher bonita. Sydney nunca reparara que a irmã era tão bonita. O homem com quem ela estava há pouco, o vizinho do lado, achava o mesmo. Era óbvio que se

sentia atraído por Claire. E Bay estava cativada por ela, não tirando os olhos da tia mesmo quando esta colocou as *Pop-Tarts* e um copo de leite na mesa à sua frente.

— Pelos vistos tens uma empresa de *catering*? — perguntou Sydney por fim quando Claire lhe estendeu uma caneca de café. — Vi a carrinha.

— Sim — respondeu Claire, virando-se e deixando junto à mesa um perfume a hortelã e lilás. O cabelo estava mais comprido do que costumava ser e tapava-lhe os ombros como um xaile. Usava-o como proteção. Se havia uma coisa em que Sydney era perita, era em cabelos. Adorara a escola de beleza e adorara trabalhar no salão em Boise. O cabelo dizia mais sobre as pessoas do que estas pensavam e Sydney entendia essa linguagem de forma natural. Surpreendera-a que algumas das outras raparigas na escola de beleza achassem que era difícil. Para si era como se fosse instintivo. Sempre assim fora.

Não tinha energia para continuar a falar com Claire, em especial tendo em conta que ela estava a dificultar a conversa, por isso bebeu um gole de café e descobriu que tinha canela, tal como a avó Waverley costumava fazê-lo. Queria beber mais, mas a mão começou a tremer e teve de pousar a caneca.

Quando fora a última vez que dormira? Assegurara-se de que Bay dormia, mas estava demasiado assustada para dormir mais do que alguns minutos de cada vez em áreas de repouso da auto-estrada e em parques de estacionamento de lojas da Wal-Mart. Quilómetros e quilómetros de auto-estrada passavam-lhe frente aos olhos de cada vez que os fechava e sentia ainda o zumbido do asfalto nos ossos. Haviam demorado dez dias, sobrevivendo com a comida que ela trouxera — pão e pães de gengibre e embalagens de manteiga de amendoim e bolachas de água-e-sal, as mesmas nas quais a manteiga de amendoim tinha um sabor gorduroso e que se desfaziam mal se lhes tocava. Não sabia se aguentaria muito mais sem desatar a chorar.

— Anda daí, Bay — desafiou Sydney assim que a filha terminou o pequeno-almoço. — Vamos ao andar de cima.

— Deixei lençóis novos da Evanelle em cima das camas — disse Claire.

— Em que quarto?

— O teu quarto continua a ser teu. A Bay pode dormir no meu antigo quarto. Eu agora durmo no da avó — explicou, de costas para elas enquanto começava a tirar grandes recipientes de farinha e açúcar dos armários.

Sydney conduziu Bay directamente para a escada sem dar uma vista de olhos pelo resto da casa, pois já estava desorientada o suficiente e não queria descobrir o que mais mudara. Bay correu escada acima na frente dela e parou no cimo a sorrir de orelha a orelha.

Valia a pena. Tudo isto valia a pena, só para ver a filha assim. Sydney encaminhou-a em primeiro lugar para o antigo quarto de Claire. A mobília era diferente, desirmanada. A mesa da máquina de costura costumava estar na sala de estar no andar de baixo e a cama era a que estava no quarto da avó. Bay correu para a janela.

— Gosto deste quarto.

— A tia Claire costumava passar horas a essa janela, contemplando o jardim. Podes dormir comigo, se quiseres. O meu quarto tem vista para a casa azul do lado.

— Talvez.

— Vou começar a trazer as nossas coisas para dentro. Vem comigo. Bay olhou para a mãe esperançosamente.

— Posso ficar aqui?

Sydney estava demasiado cansada para argumentar.

— Não saias do quarto. Se quiseres ir explorar, fazemo-lo depois juntas.

Sydney deixou Bay, mas em vez de descer para ir buscar as caixas e sacos que estavam no carro, encaminhou-se para o seu antigo quarto. Quando era jovem, passava muito tempo sozinha nele, por vezes imaginando que fora aí trancada por uma irmã malvada, como num conto de fadas. Durante dois anos depois de a mãe partir, Sydney dormiu com uma corda de lençóis escondida debaixo da cama para poder escapar-se pela janela quando a mãe regressasse para a salvar. Contudo, depois cresceu e apercebeu-se de que a mãe não iria voltar. Compreendeu também que a mãe tivera a ideia certa ao partir. Ela mesma mal podia esperar por fazer o mesmo, por seguir o namorado Hunter John Matteson até onde ele se encontrasse a frequentar a faculdade, porque iam ficar apaixonados para sempre, e mesmo que regressassem a Bascom não faria mal, pois ele nunca a tratara como uma Waverley. Pelo menos até quase ao final.

Respirou fundo e penetrou no quarto reverentemente, uma igreja de antigas memórias. A cama e a cómoda ainda ali estavam. O espelho de corpo inteiro tinha ainda alguns dos seus antigos autocolantes colados a ele. Abriu o roupeiro e encontrou uma pilha de caixas cheias de roupa branca

antiga que os ratos haviam estragado. Porém, o quarto não tinha um ar negligenciado. Não havia pó em lado nenhum. Cheirava a antigo e a familiar, como os cravos-da-índia e o cedro. Claire cuidara do quarto, não o transformara numa sala de estar ou o enchera de coisas que já não precisava ou usava ou sequer se desfizera da mobília antiga de Sydney.

Foi o suficiente.

Sydney avançou até à cama e sentou-se na ponta. Tapou a boca com a mão e chorou para que Bay, cantarolando no quarto ao lado, não a escutasse.

Dez dias na estrada.

Precisava de um banho.

Claire estava mais bonita e mais limpa do que ela.

A avó Waverley morrera.

Bay gostava de aqui estar, mas não se apercebia ainda do que significava ser uma Waverley.

Que estaria David a fazer?

Teria deixado algumas pistas para trás?

Tanta coisa mudara, mas o seu quarto continuava exactamente como o deixara.

Arrastou-se até à almofada no cimo da cama e enroscou-se. Segundos depois estava a dormir profundamente.

O traseiro masculino tinha muito que se lhe dissesse. E era tudo. Bem, talvez não tudo, mas a maior parte. Os jovens corredores na pista da universidade exibiam uma tal energia e tonicidade e, provavelmente o melhor de tudo, se Evanelle alguma vez sentisse a necessidade de lhes dar alguma coisa, nunca os conseguiria apanhar. Como seria de esperar, o seu dom sabia disso e nunca decidiu entrar em acção na pista e atletismo durante o ano lectivo. Contudo, no Verão havia pessoas mais lentas e mais velhas na pista e por vezes Evanelle tinha de lhes dar pequenas embalagens de *ketchup* e pinças. Um dia teve até de dar a uma idosa um frasco de mel. No Verão, Evanelle era sempre olhada de forma estranha na pista.

Naquela manhã, em vez de ir à pista, Evanelle decidiu ir até à baixa antes de as lojas abrirem. Havia sempre corredores em redor da praça. Seguiu uns quantos até que passou frente à mercearia de Fred e calhou a olhar pela montra. Faltava ainda muito para a hora a que costumava vir trabalhar, mas lá estava Fred, de meias, a tirar um recipiente de iogurte da secção dos lacticínios. A roupa amarrotada era uma óbvia indicação de que passara a noite ali. Evanelle supôs que o vinho de gerânio-rosa não fizera efeito em James, ou talvez Fred tivesse decidido não o usar afinal de contas. Por vezes, as pessoas que estavam juntas há muito tempo começavam a imaginar que as coisas dantes costumavam ser melhores, mesmo quando não eram. As recordações, mesmo as más, atenuavam-se com o passar do tempo, como a cor de uma tinta exposta ao Sol.

Fred e James eram um casal inalterável, toda a gente sabia isso. O facto de serem homossexuais fora ultrapassado há muito tempo, quando se tornou óbvio que eram um dos «sempre-juntos», uma distinção habitualmente reservada a casais muito idosos. Evanelle conhecia Fred. Sabia que dava importância ao que as pessoas pensavam. Era muito parecido com o pai nesse aspecto, embora nunca o fosse admitir. Assim que alguém lhe tecia uma crítica, ficava a matutar nela durante muito tempo e mudava tudo o que fazia para que não tivesse de enfrentar a mesma crítica outra vez. Detestaria que alguém soubesse que ele e James estavam com problemas. Ele era um sempre-junto. Tinha de viver à altura de tantas expectativas.

Evanelle sabia que devia ir-se embora, mas decidiu deter-se por um momento para ver se o seu dom se manifestava. Olhou-o fixamente, mas nada lhe ocorreu. Não tinha nada para lhe dar a não ser conselhos e a maioria das pessoas não se sentia inclinada a encará-los a sério. Evanelle não era tão misteriosa nem tão esperta quanto as suas parentes Waverley que sempre haviam vivido na mansão estilo Queen Anne, em Pendland Street. Porém, tinha o dom da antecipação. Desde menina que trazia panos da louça à mãe antes de o leite ser derramado, fechava as janelas antes sequer de haver indícios de uma tempestade e dava ao pastor um rebuçado para a tosse antes de ele ser acometido por um ataque de tosse durante o sermão.

Fora casada, há muito tempo. A primeira vez que conheceu o marido tinham ambos seis anos de idade e ela deu-lhe uma pequena pedra preta que encontrara na estrada naquele dia. Nessa noite ele usou-a para a lançar contra a janela dela e lhe chamar a atenção, e tornaram-se os melhores amigos. Depois de trinta e oito anos de casamento e de nunca mais ter voltado a sentir a necessidade de lhe dar mais alguma coisa, foi assaltada pela vontade de comprar um fato novo ao marido. Tal devera-se ao facto de ele não ter um em condições com o qual pudesse ser enterrado quando faleceu na semana seguinte. Tentava não pensar muito no seu dom, caso contrário teria de pensar em como era frustrante não saber por que motivo as pessoas precisavam das coisas que lhes dava. Por vezes, à noite, quando a casa lhe parecia especialmente vazia, ainda se interrogava sobre o que teria acontecido se não tivesse comprado aquele fato ao marido.

Observou Fred dirigir-se ao corredor dos acessórios para piqueniques e abrir uma caixa de utensílios de plástico. Retirou uma colher e abriu o iogurte. Devia mesmo ir andando, mas depois começou a pensar como seria bom viver numa mercearia, ou melhor ainda, numa loja Wal-Mart, ou ainda melhor, num centro comercial, pois tinham camas nas lojas de mobiliário e pisos cheios de restaurantes. Apercebeu-se de repente que Fred estacara, a colher de plástico na boca, e olhava de volta para ela através da montra.

Ela sorriu e acenou-lhe discretamente.

Fred encaminhou-se para a porta e destrancou-a.

— Posso ajudá-la em alguma coisa, Evanelle? — perguntou, dando um passo para a rua.

— Não. Ia apenas a passar quando te vi.

— Traz alguma coisa que me queira dar?

— Não.

— Ah — disse ele, como se quisesse realmente alguma coisa, algo que tornasse tudo muito melhor. Porém, os relacionamentos eram difíceis. Não havia cura para eles. Fred olhou em redor para ver se alguém na rua os vira, depois inclinou-se para a frente e murmurou: — Pedi-lhe que viesse para casa cedo antes de ontem e ontem e antes de ontem e ontem nem sequer veio a casa. Não sei o que fazer com o tempo quando ele não está em casa, Evanelle. Ele é sempre tão bom a tomar decisões. Ontem à noite nem sequer conseguia decidir a que horas devia comer. Se jantasse demasiado cedo e ele viesse, depois não podia jantar com ele. No entanto, se esperasse muito tempo, ficaria demasiado tarde para jantar. Por volta das duas da manhã achei que era melhor começar a preparar as coisas para o pequeno-almoço caso ele chegasse. Seria um gesto bonito, não é? Vim até aqui para buscar algumas coisas, mas o James costuma deixar-me uma lista do que é preciso, por isso, quando aqui cheguei não sabia ao certo o que levar. Só pensava, e se ele não quiser toranja? E se levar um café em grão de que ele não gosta? Acabei por adormecer no sofá do meu escritório. Não sei o que estou a fazer.

Evanelle abanou a cabeça.

— Estás a adiar, é o que estás a fazer. Quando temos de fazer alguma coisa, temos mesmo de a fazer. Adiá-la apenas piora a situação. Acredita, eu sei.

— Estou a tentar — argumentou Fred. — Comprei vinho de gerânio-rosa à Claire.

— O que estou a dizer é que tens de conversar com ele. Não esperes que venha para casa. Telefona-lhe e faz-lhe as perguntas que importam. Pára de adiar. — Fred fez um ar obstinado e Evanelle riu. — Está bem. Não estás preparado para isso. Talvez o vinho resulte, se conseguires que ele o beba. Porém, independentemente do que decidas fazer, talvez seja melhor que o faças calçado.

Fred olhou para baixo, para os pés, horrorizado e apressou-se a entrar na loja.

Com um suspiro, Evanelle avançou pelo passeio, olhando para as montras. A maioria dos corredores matutinos tinha já debandado, por isso talvez fosse andando para casa para se arranjar antes de ir visitar Sydney.

Claire estava um pouco em pânico, embora o tivesse tentado esconder quando telefonara a Evanelle na noite passada para lhe dar a notícia da chegada de Sydney. Evanelle acalmou-a e disse-lhe que tudo iria correr bem. Recordou a Claire que regressar a casa era uma coisa boa. Não havia outro lugar como a nossa casa.

Evanelle passou pelo White Door Salon, onde as mulheres com demasiado tempo para despender e demasiado dinheiro nas carteiras pagam significativas quantias por cortes de cabelo e massagens com pedras quentes. Depois parou frente à loja do lado, um pronto-a-vestir elegante onde as mulheres do White Door gostavam de fazer compras depois de arranjados os cabelos. Na montra estava uma camisa de seda.

Entrou na loja embora o letreiro a dizer aberto não tivesse sido ainda colocado. O seu dom era como uma comichão, como uma picada de mosquito no centro do seu corpo, e não passaria até que fizesse o que ele lhe mandava.

E este, de repente e insistentemente, exigia-lhe que comprasse aquela camisa para Sydney.

Sydney acordou sobressaltada e consultou o relógio. Não fora sua intenção adormecer. Cambaleou até à casa de banho, bebeu água da torneira do lavatório e lavou a cara.

Saiu da casa de banho e foi ver como estava Bay, mas esta não estava no seu quarto. A cama estava feita e alguns dos seus animais de pelúcia favoritos estavam dispostos sobre as almofadas. Correu todas as divisões do andar de cima e depois correu escada abaixo, tentando não entrar em pânico. Onde estava ela?

Sydney entrou na cozinha e estacou.

Acabara de entrar no paraíso. E a avó estava ali mesmo, em cada aroma.

Açucarado e doce.

Herbáceo e forte.

Levedado e fresco.

A avó Waverley costumava cozinhar assim. Quando era miúda, Claire arranjava sempre forma de correr com Sydney da cozinha, por isso ela sentava-se no vestíbulo, à porta da cozinha, e ficava a escutar o borbulhar

dos molhos a ferver, a crepitação de coisas em caçarolas, o chocalhar de panelas, o murmúrio das vozes de Claire e da avó Waverley.

Viu duas grandes tigelas, uma cheia de lavanda e a outra cheia de folhas de dente-de-leão, sobre a ilha de aço inoxidável. Nas bancadas havia pães a fumegar. Bay estava empoleirada numa cadeira ao lado de Claire na bancada mais afastada e usava um pincel de madeira para pintar flores com clara de ovo. Uma a uma, Claire pegou então nas flores e mergulhou-as delicadamente em açúcar extrafino antes de as colocar num tabuleiro.

— Como conseguiste fazer isto tudo em apenas um par de horas? — perguntou Sydney incredulamente. Claire e Bay viraram-se ao mesmo tempo.

— Olá — cumprimentou Claire, olhando para a irmã com a testa franzida. — Como te sentes?

— Estou ótima. Precisava apenas de uma pequena sesta.

Bay saltou da cadeira, correu para a mãe e abraçou-a. Usava um avental azul que arrastava pelo chão e que tinha *Waverley's Catering* escrito a branco no peito.

— Estou a ajudar a Claire a cristalizar amores-perfeitos para colocar por cima de taças de leite-creme. Anda ver. — Correu de volta para a cadeira junto à bancada.

— Talvez mais tarde, querida. Vamos buscar as nossas coisas ao carro e deixamos a tia Claire em paz a trabalhar.

— A Bay e eu trouxemos tudo para dentro ontem — declarou Claire. Sydney olhou outra vez para o relógio.

— Como assim? Eu só dormi duas horas.

— Chegaste ontem de manhã. Dormiste vinte e seis horas seguidas. O coração de Sydney bateu descontroladamente e ela avançou aos tropeções até à mesa da cozinha, onde se sentou. Deixara a filha sozinha durante vinte e seis horas? Teria Bay contado alguma coisa acerca de David a Claire? Teria Claire tomado conta de Bay? Teria ido aconchegar-lhe a roupa ou teria Bay ficado encolhida, receosa e sozinha no seu quarto, toda a noite numa casa estranha?

— A Bay...

— Tem estado a ajudar-me — disse Claire. — Não fala muito, mas aprende depressa. Cozinhámos o dia todo ontem, à noite tomou um banho de espuma, depois deitei-a. Começámos novamente a cozinhar esta manhã.

Pensaria Claire que ela era uma má mãe? A única coisa de que Sydney se podia orgulhar, e estava já a estragá-la. Este local baralhava-a, perturbava-a. Aqui nunca sabia ao certo quem era.

— Toma um café — desafiou Claire. — A Evanelle disse que passava por cá hoje para te ver.

— Fica, mamã. Repara no que eu consigo fazer.

«Controla-te», disse a si mesma.

— Está bem, querida. Eu não vou a lado algum. — Dirigiu-se à cafeteira e serviu-se de uma chávena. — Como está a Evanelle?

— Está ótima. Está ansiosa por te ver. Come um pouco de pão de lavanda. A Bay e eu temos estado a comer desse último pão ali. Também há manteiga de ervas.

Estaria Claire preocupada consigo? Pensara muito nela ao longo dos anos. Eram na sua maioria pensamentos em que Sydney era a grande aventureira e a pobre e deplorável Claire nada mais podia fazer a não ser ficar em casa na miserável cidade de Bascom. Era cruel, mas fazia-a sentir-se melhor porque sempre tivera ciúmes do facto de Claire se sentir confortável consigo mesma e com quem era. Claire ficara tão feliz de a ver partir. Agora estava preocupada consigo. Dizendo-lhe que ficasse. Sydney tentou cortar o pão com cuidado, mas estava com tanta fome que acabou por despedaçar grande parte dele. Espalhou um pouco de manteiga de ervas no pão e fechou os olhos. Ao fim da terceira fatia, começou a andar em redor da enorme cozinha.

— É impressionante. Não sabia que se podia fazer isto. São as receitas da avó?

— Algumas delas. A tarte de dente-de-leão e o pão de lavanda eram dela.

— Nunca mas deixavas ver quando éramos miúdas.

Claire virou-se e limpou as mãos no avental.

— Olha, isto é para um almoço em Hickory amanhã. Chamei duas adolescentes que por vezes me ajudam no Verão, mas se precisares de algum dinheiro, podes ajudar-me tu em vez delas.

Sydney olhou para a irmã espantada.

— Queres que eu te ajude.

— Normalmente consigo fazer isto sozinha. Mas para trabalhos maiores peço ajuda. Ainda cá estarás amanhã?

— É claro que sim — afirmou Sydney. — O quê? Não acreditas em mim?

— Enquanto cá estás, dava-me jeito a tua ajuda.

— Penso que é bastante óbvio que preciso de dinheiro.

Claire esboçou um sorriso e Sydney gostou disso, da pequena ligação que este estabelecia.

Encorajada, disse num tom alegre:

— E aquele rapaz, o tal Tyler?

Claire baixou os olhos e virou-se de novo para a bancada.

— Que tem ele?

— Já passou por aqui hoje?

— Ele não passa por aqui todos os dias. Na verdade, ontem foi a primeira vez. Veio trazer-me umas maçãs que tinham caído do lado dele da vedação.

— Enterraste-as?

— Nós enterramos sempre as maçãs que caem da árvore — lembrou Claire, e Bay olhou para ela com uma expressão de curiosidade. Sydney foi acometida por uma sensação de pânico, desejando adiar o mais possível que ela tomasse conhecimento de certas coisas. Sydney trocara qualquer possibilidade de Bay vir a ser considerada uma menina normal pela sua segurança. Como ao certo é que se dizia isso a uma criança, mesmo que a uma criança como Bay?

— E conta-me lá, o Tyler... — começou Sydney antes que Bay tivesse tempo de fazer perguntas. — É solteiro?

— Não sei. — Claire pegou no tabuleiro dos biscoitos com as flores e colocou-o num forno pouco quente.

— Estás interessada nele?

— Não — respondeu Claire veementemente, como uma miúda de escola.

— Ele pertence aqui — afirmou Bay. Claire virou-se para ela.

— Esta miúda tem disto — explicou Sydney. — Opiniões muito firmes sobre onde as coisas pertencem.

— Então está explicado. Pedi-lhe que me fosse buscar um garfo e ela foi direita à gaveta. Quando lhe perguntei como sabia que estavam ali, ela respondeu que era ali que pertenciam. — Claire olhou para Bay pensativamente.

— Não — argumentou Sydney. — Não é isso. Não a pressiones nesse sentido.

— Não estava a fazê-lo — respondeu Claire, e parecia um pouco magoada. — E ninguém te pressionou a ti. Na verdade, fugiste disso para o mais longe que pudeste e ninguém te impediu.

— Toda a cidade me pressionava! Tentava ser normal e ninguém mo permitia. — Os tachos suspensos por cima da ilha começaram a balançar ansiosamente, como uma idosa a espremer as mãos. Sydney ficou a observá-los oscilar por um momento e depois respirou fundo. Já se tinha esquecido de como a casa podia ser sensível, de como as ripas do soalho vibravam quando as pessoas se zangavam, de como as janelas se abriam quando toda a gente ria ao mesmo tempo. — Peço desculpa. Não quero discutir. Que posso fazer para ajudar?

— De momento nada. Tu também estás dispensada, Bay. — Claire desatou o avental à sobrinha e despiu-lho. — Tens uma saia preta e uma camisa branca que possas vestir para me ajudares a servir amanhã? — perguntou a Sydney.

— Tenho uma blusa branca — respondeu Sydney.

— Eu empresto-te uma das minhas saias. Já alguma vez serviste?

— Sim.

— Foi isso que fizeste depois de teres ido embora? Servir às mesas? Sydney conduziu Bay para fora da cozinha. Fugir, roubar, *homens*. Nunca haviam sido áreas em que Claire se destacasse. Sydney não iria contar-lhe o seu passado. Não para já, de qualquer forma. Não era uma coisa que se partilhasse com qualquer pessoa, nem mesmo com a própria irmã, em especial se achássemos que ela não iria compreender.

— Foi uma das coisas que fiz.

Mais tarde, nesse dia, Sydney sentou-se no alpendre da frente enquanto Bay fazia rodas no quintal. Viu Evanelle avançar pelo passeio e sorriu. Trazia um fato de treino azul e aquele familiar saco de tecido ao ombro. Sydney costumava adorar adivinhar o que trazia lá dentro. Esperava que o mesmo acontecesse com Bay. Não havia muitos aspectos positivos no facto de se ser uma Waverley, mas Evanelle era seguramente um deles.

Evanelle deteve-se para conversar com Tyler, que estava no seu quintal da frente contemplando uma enorme pilha de aparas de relva. Estava entediado; Sydney reconhecia os sinais. Tinha o cabelo mais para o comprido, obviamente para conter o ondulado natural que o caracterizava. Isso significava que tinha uma personalidade criativa que tentava controlar e estava a tentar dominá-la passando a maior parte do dia a varrer com o ancinho de um lado para o outro do quintal.

Não conseguia imaginar voltar a relacionar-se com um homem depois da experiência que tivera com David, porém, ao olhar para Tyler, sentia qualquer coisa estranha. Não o queria e ele estava obviamente embeaçado pela irmã, mas a simples ideia de ter um homem bom fazia-a sentir-se, de alguma forma, esperançosa. Talvez não em relação a si mesma, mas em relação a outras pessoas, outras mulheres. Mulheres mais afortunadas.

Assim que Evanelle deixou Tyler, Sydney desceu os degraus a correr para ir ter com ela.

— Evanelle! — exclamou enquanto abraçava a idosa. — A Claire disse-me que passava por aqui. Oh, é tão bom vê-la. Está exactamente na mesma.

— Velha.

— Deslumbrante. Que estava a fazer ali com o Tyler?

— É esse o nome dele? Estava com ar de quem precisava de sacos para a relva. Uma sorte eu trazer alguns comigo. Ele foi muito simpático em relação a isso. Aqui tens o número de telefone dele. — E estendeu a Sydney um pequeno pedaço de papel.

Sydney olhou para o papel com um ar constrangido.

— Evanelle, eu não... Eu não quero...

Evanelle deu umas palmadinhas na mão de Sydney.

— Oh, querida, eu não sei o que deverás fazer com ele. Apenas sabia que tinha de to dar. Não estou a tentar arranjar-te namorico.

Sydney riu. Que alívio.

— Tenho outra coisa para ti. — Evanelle remexeu dentro do saco de alças por um momento e depois entregou a Sydney um saco de compras com o nome de uma loja cara que ficava na praça. Sydney lembrava-se bem dela. As raparigas da escola com pais endinheirados compravam roupa na Maxine's. Sydney trabalhava todo o Verão para também comprar lá uma peça ou outra, para não destoar das outras raparigas. Abriu o saco e retirou uma bonita camisa de seda azul. Era mais ou menos três tamanhos acima do

seu, mas há muito tempo que não possuía uma coisa tão decadente, desde que ficara com aquele dinheiro todo do namorado, o ladrão de carros, e vivera dele durante um ano. David tinha dinheiro, mas nunca fora pessoa de dar presentes, nunca fora generoso a dar recompensas, a sentir remorsos ou a pedir desculpa.

Sydney sentou-se nos degraus e levou a camisa ao nariz, sentindo aquele maravilhoso aroma abastado da loja. Cheirava a papel delicado e a perfume inglês.

— É linda.

Evanelle baixou-se e sentou-se no degrau ao lado de Sydney e voltou a vasculhar o interior do seu saco.

— Eu sei que é demasiado grande. Aqui tens o recibo. Ia a caminhar pela baixa esta manhã, a tentar encontrar uns traseiros masculinos agradáveis, passei frente à Maxine's e pensei em ti e soube que tinha de te comprar isto. Esta camisa. Deste tamanho.

Bay aproximara-se e estava timidamente a apalpar a suave camisa que a mãe tinha nas mãos.

— Evanelle, esta é a minha filha Bay.

Evanelle fez-lhe cócegas debaixo do queixo e Bay soltou uma risadinha.

— Parece-se mesmo com a tua avó quando era miúda. Cabelo escuro, olhos azuis. Tem sangue Waverley nas veias, isso é certo.

Sydney colocou um braço em redor de Bay numa atitude protectora.

«Não, não tem.»

— As *Pop-Tarts* de morango são as preferidas dela. Obrigada por as ter trazido.

— É bom saber que as coisas servem um bom propósito. — Bateu no joelho de Sydney. — Onde está a Claire?

— Atarefada na cozinha a preparar um almoço.

— Vais ajudá-la?

— Sim.

Os olhos perspicazes de Evanelle não a largavam. Sydney sempre adorara Evanelle. Que criança não gosta de uma idosa que dá presentes? Porém, Claire sempre parecera compreendê-la melhor.

— Não te esqueças de uma coisa em relação à Claire: detesta pedir o que quer que seja. — Bay correu de volta para o quintal e fez rodas para elas verem e ambas a elogiaram. Ao fim de um tempo, Evanelle disse:

— Não é uma coisa fácil, pedir ajuda. Foste corajosa em vir para cá. Estou orgulhosa de ti.

Sydney cruzou o olhar com o da idosa e percebeu que ela sabia.

Eram quase cinco da tarde de sexta-feira quando Claire, Sydney e Bay chegaram a casa depois de servirem o almoço em Hickory. Bay adormecera na carrinha. Sydney achara que Claire iria ficar contrariada por levar Bay, mas esta nem sequer argumentara quando Sydney lhe disse que não se sentia ainda à vontade em deixar Bay com Evanelle. Só estavam na cidade há três dias, não queria deixar a filha num local estranho. Claire dissera: «É claro que não. Ela vem connosco.» Sem problemas.

Bay divertira-se. As senhoras da Associação de Botânicas Amadoras adoraram tê-la lá e de cada vez que Claire e Sydney regressavam de recolher pratos ou de servir bebidas, Bay tinha já desimpedido a área ou organizado as geleiras daquela sua forma instintiva, sabendo onde cada coisa pertencia e deveria estar.

Sydney levou Bay para o andar de cima, deitou-a na cama e depois ligou uma das ventoinhas que Claire trouxera do sótão porque o Verão começava a ocupar a casa, oprimindo-a com o calor. Mudou de roupa, para um par de calções e uma *T-shirt*, achando que Claire iria fazer o mesmo antes de descarregar as coisas da carrinha.

Contudo, quando Sydney desceu as escadas, Claire tinha já, naquele curto espaço de tempo, trazido tudo para a cozinha e estava a encher a máquina de lavar loiça e a pôr os recipientes das bebidas de molho em água quente com bicarbonato de soda. Estava ainda de blusa e saia, o avental azul protegendo a roupa.

— Eu ia ajudar-te — declarou Sydney.

Claire pareceu surpreendida por vê-la ali.

— Não te preocupes, eu faço isto. Quando contrato pessoas é apenas para me ajudarem a servir. Podes ir descansar. Não sabia se preferias dinheiro ou cheque, por isso decidi-me pelo dinheiro. O envelope está ali. — Apontou para a mesa da cozinha.

Sydney deteve-se por um momento. Não compreendia. Não fora um bom dia? Não tinham trabalhado bem em equipa? As senhoras do almoço adoraram a comida de Claire e haviam elogiado Sydney pelo excelente trabalho que fizera a servir. Sydney estivera nervosa ao princípio. Nos tempos em que trabalhara a servir às mesas, costumava roubar aos clientes,

ficando com dinheiro do troco. Sorria e namoriscava e tentava suavizar a situação quando os clientes lhe chamavam a atenção. E também não fazia mal nenhum quando habitualmente dormia com o gerente do estabelecimento, pois assim ele ficaria sempre do lado dela se a queixa chegasse ao gerente. Conseguia intrujar os melhores. Receara que voltar a servir pudesse trazer esses tempos de volta à sua vida, a fizesse querê-los de novo. Mas isso não acontecera. Sentira-se bem por trabalhar árdua e honestamente. Recordara-a, ao invés, do que fora provavelmente a melhor época da sua vida, em Boise, quando trabalhara no salão de beleza. Lembrou-se dos pés doridos e das cãibras nas mãos e dos cabelos que se enfiavam por baixo da roupa e lhe faziam comichão ou picavam. Adorara cada minuto.

Porém, agora Claire estava a dizer-lhe que não precisava mais da sua ajuda. Sydney ficou ali enquanto Claire continuava a trabalhar. Que haveria de fazer? Ficaria louca se não pudesse fazer mais do que ajudar Claire de quando em vez. Claire nem sequer a deixava fazer as tarefas domésticas.

— Posso ajudar-te em alguma coisa?

— Tenho tudo controlado. A minha rotina é esta. — Sem mais palavras, Sydney pegou no envelope e saiu para a rua pelas traseiras em direcção ao *Subaru*. Encostou-se a ele e contou o dinheiro no envelope. Claire fora generosa. Sydney podia sair e fazer alguma coisa com o dinheiro. Era isso provavelmente que Claire esperava que fizesse. Pusesse gasolina no carro. Fosse visitar alguém.

Porém, não tinha matrícula e podia ser mandada parar pela polícia.

E não havia definitivamente ninguém que quisesse voltar a ver.

Dobrando o envelope, enfiou-o no bolso de trás dos calções. Não queria voltar para dentro para ficar a ver Claire trabalhar, por isso vagueou pelo carreiro, pontapeando a gravilha, que Claire provavelmente alisaria mais tarde com o ancinho, colocando tudo de novo em ordem.

Caminhou até ao quintal da frente e olhou para a casa de Tyler. O jipe dele estava estacionado junto à berma. Impulsivamente, avançou pelo passeio e subiu os degraus da entrada. Bateu-lhe à porta e esperou, enterrando as mãos cada vez mais fundo nos bolsos quanto mais a espera demorava. Talvez estivesse a dormir. Isso significava que teria de regressar a casa.

Foi então que escutou passos e sorriu, tirando as mãos dos bolsos quando ele abriu a porta. Trazia umas calças de ganga sarapintadas de tinta e uma *T-shirt* e tinha um ar desganhado e alheado, como se se interrogasse continuamente para onde ia o tempo.

— Olá — cumprimentou ela depois de Tyler ter ficado a olhá-la fixamente por uns momentos, confuso. — Sou Sydney Waverley, da casa ao lado.

Ele sorriu por fim.

— Ah, sim. Já me lembro.

— Lembrei-me de vir até aqui dizer-te olá. — Os olhos dele vaguearam para trás dela, depois para o lado. Meteu por fim a cabeça fora da porta e olhou para a casa das Waverley. Sydney percebeu o que ele estava a fazer e interrogou-se como é que Claire conseguira deixar este rapaz tão pelo beicinho. Talvez ele tivesse um fraquinho por maníacos do controlo. — A Claire não veio comigo.

Tyler fez um ar desgostoso.

— Peço desculpa — disse, dando um passo ao lado. — Faz favor de entrar.

Estivera ali algumas vezes quando era miúda, quando Mrs. Sanderson ali vivia. A casa sofrera bastantes alterações. Estava mais clara e cheirava bem melhor. Mrs. Sanderson fora uma grande fã e amiga dos felinos. Havia algumas cadeiras de aspecto confortável e um bonito sofá encarnado na sala de estar, mas estavam dispostos de uma forma estranha, como se tivesse sido ali que os homens das mudanças os tivessem deixado. Havia filas e filas de quadros por emoldurar encostados às paredes e caixas de cartão por todo o lado.

— Não sabia que tinhas acabado de te mudar.

Tyler passou a mão pelo cabelo.

— Há cerca de um mês. Ainda não consegui desempacotar tudo. Estava a pintar na cozinha. Que horas são?

— Passa um pouco das cinco. De que cor estás a pintar a cozinha?

Ele abanou a cabeça e riu.

— Não, não. Eu pinto na cozinha. É aí que tenho o cavalete.

— Ah, és pintor de quadros.

— Ensino arte no Orion College. — Retirou uns jornais de uma cadeira e colocou-os no chão. — Senta-te.

— Há quanto tempo estás em Bascom? — perguntou ela enquanto se dirigia para a cadeira.

— Há perto de um ano. — Olhou em redor em busca de um lugar para se sentar, passando a mão de novo pelo cabelo para o afastar da testa.

— Eu posso aparar-te o cabelo, se quiseses.

Ele virou-se para ela com o mesmo ar desgostoso de há pouco.

— Estou sempre a esquecer-me de o ir cortar. Podias fazê-lo?

— Estás a olhar para uma cabeleireira certificada.

— Está bem, combinado. Obrigado. — Retirou uma caixa do sofá e sentou-se. — Estou contente que tenhas vindo. Ainda não conheço muito bem nenhum dos meus vizinhos. Bom, excepto talvez Mistress Kranowski, que parece passar o dia a correr atrás do cão, *Edward*, por toda a vizinhança.

— Lembro-me de Mistress Kranowski. Que idade tem ela agora, cem anos?

— E umas pernas surpreendentemente rápidas.

Sydney riu e congratulou-se. Fora uma boa ideia.

— Trago o meu estojo amanhã e corto-te então o cabelo. Importas-te que traga a minha filha?

— Claro que não.

Sydney observou-o por um momento.

— Parece que gostas da minha irmã.

Ela apanhara-o desprevenido, mas parecia não ter ocorrido a Tyler não lhe responder.

— Vais logo directa ao assunto, hã? Não conheço a tua irmã muito bem. Mas... sim, gosto dela. Ela *fascina-me*. — Sorriu e inclinou-se para a frente, assentando os cotovelos nos joelhos, franco e alegre. Era contagioso, como um bocejo. Fez Sydney sorrir de volta. — Tive um sonho com ela. Foi um sonho como nunca antes tive. O cabelo dela era curto e usava uma bandolete... — Deteve-se e recostou-se. — Vou parar antes que soe ainda mais ridículo.

Mas não soava ridículo. Soava bonito, tão bonito que a fez invejar um pouco Claire.

— A minha filha também gosta dela.

— Não pareces contente com isso.

— Não, não foi minha intenção que soasse dessa forma. — Sydney suspirou. — É que não é o que eu esperava. A Claire e eu discutíamos muito quando éramos miúdas. Acho que ficámos ambas entusiasmadíssimas quando abandonei a cidade. Ela não gostava muito de mim. Não achei que fosse gostar da Bay.

— Quanto tempo estiveste ausente?

— Dez anos. Nunca pensei que regressaria. — Abanou a cabeça, como que para sacudir os pensamentos. — Não ficaste aborrecido por eu ter vindo? Gostas da minha irmã, não de mim, por isso não te sintas pressionado. É só que às vezes preciso de sair daquela casa. Queres encomendar uma piza? Ofereço eu.

— Boa ideia. Acho que hoje ainda não comi. — Tyler olhou para ela amavelmente. — Podes vir sempre que quiseres, mas dez anos é muito tempo para se estar longe. Não tens velhos amigos que queiras rever?

Velhos amigos. Quase soltou uma gargalhada. Traidores dissimulados e fracos, sim. Velhos amigos, não.

— Não. Tem a ver com aquela crença de que nunca regressaria.

— Política de terra queimada? — perguntou Tyler astutamente. Não era nem de longe tão absorto quanto o seu estilo de vida o fazia parecer.

— Uma coisa do género.

Nessa noite, do outro lado da cidade, enquanto se preparava para o baile de angariação de fundos, Emma Clark não fazia ideia de que o seu mundo estava prestes a ficar de pernas para o ar. Na verdade, ansiava pelo evento devido a todas as atenções que sempre recebia. As mulheres da família Clark ansiavam pelas luzes da ribalta. Adoravam ser o centro das atenções, dos homens em particular. E não era difícil consegui-lo, tendo em conta as suas lendárias habilidades sexuais. Faziam *sempre* bons casamentos.

O marido de Emma Clark, Hunter John Matteson, era o maior partido da cidade e toda a gente o sabia. Era extrovertido, bem-parecido, atlético e herdeiro do império de construção de casas modulares da família Matteson. A mãe de Emma, perspicaz como era, tudo fizera para que a filha casasse com ele desde que Emma e Hunter John eram crianças. As famílias conviviam e frequentavam os mesmos círculos, por isso não era difícil lançar insinuações e juntá-los sempre que possível. As famílias de ambos haviam mesmo passado um mês juntas em Cape May, um Verão quando Emma e Hunter John tinham dez anos. «Reparem como ficam tão bem juntos», dizia a mãe dela a cada oportunidade que surgia.

O único problema fora que, apesar de todas as manobras encetadas pela mãe dela, malgrado a beleza e posição social de Emma, não obstante o facto de desde os quinze anos ela deslumbrar tudo o que fosse rapaz e de ser mais do que óbvio que qualquer homem no seu perfeito juízo a haveria de querer, durante todo o liceu Hunter John estivera desesperadamente apaixonado por Sydney Waverley.

Oh, ele sabia que não devia ter nada a ver com ela. Pessoas do calibre deles não socializavam com mulheres Waverley. Porém, não era segredo para os amigos o que sentia por ela. Percebiam-no pela forma como olhava para ela e pela maneira trágica, e tipicamente adolescente, como por vezes se comportava, como se a vida sem amor não valesse a pena ser vivida.

Quando completou dezasseis anos, no seu único acto de rebelião, convidou por fim Sydney para sair. Para surpresa de toda a gente, os pais dele autorizaram a saída. «Deixemos o rapaz divertir-se», dissera o pai.

«É a Waverley mais bonita delas todas e parece não ter o toque de midas que as caracteriza, por isso é inofensiva. O meu rapaz sabe o que se espera

dele quando terminar os estudos. Eu também me diverti aqui e ali antes de saber que tinha de assentar.»

Foi o segundo pior dia da vida de Emma.

Durante os dois anos que se seguiram, o conventículo de Hunter John na escola não teve outra escolha senão aceitar Sydney no seu seio, pois ela e Hunter John eram inseparáveis. A mãe de Emma aconselhara-a a manter a boca calada e os inimigos por perto, por isso, embora tal a dilacerasse, Emma travou amizade com Sydney. Convidava-a com frequência para passar a noite em sua casa. Tinham bastantes quartos, mas Emma dizia sempre a Sydney que tinha de dormir no chão. Sydney não se importava, pois detestava estar em casa e qualquer coisa era melhor que isso. Porém, o mais habitual era Emma acabar no chão do quarto com Sydney, conversando e fazendo os trabalhos de casa. Sydney era apenas uma Waverley, mas era inteligente e divertida e tinha óptimo gosto no que a penteados dizia respeito. Emma nunca esqueceria a ocasião em que permitira que Sydney lhe arranjasse o cabelo e depois tudo corraera maravilhosamente bem nesse dia, como que por magia. Hunter John comentara até como ela estava bonita. Emma nunca fora capaz de reproduzir ela mesma o mesmo penteado. Uma altura houve em que Emma até gostara de Sydney.

Então, uma noite, deitadas nos seus sacos-cama no chão, Sydney declarara que ela e Hunter John iam fazê-lo pela primeira vez. Emma quase ficara em lágrimas. Era mais do que conseguia suportar. Passara anos a ver o rapaz com o qual devia estar apaixonada suspirar por outra pessoa. Depois fora obrigada a tornar-se amiga da rapariga que o desviara de si e agora Sydney ia dormir com ele? Emma sabia que nesse campo era melhor do que qualquer outra pessoa e Sydney ia conseguir caçá-lo primeiro. Recorrera a toda a força que lhe restava para esperar até que Sydney adormecesse e ir a correr contar a novidade à mãe.

Recordava-se de como ela a abraçara e lhe acariciara o cabelo. Ariel estava na cama, nos seus lençóis de seda branca. O quarto cheirava sempre a velas e os cristais do candelabro projectavam centelhas de luz por todo o lado. A mãe era tudo o que Emma queria ser: uma fantasia de carne e osso.

— Então, Emma — tranquilizou-a Ariel —, tens conseguido aguentar-te até aqui, e muito bem. Todas as mulheres Clark são boas na cama. Por que achas que fazemos casamentos tão bons? Pára de te preocupares. Ela tem-

no por agora, grande coisa, tu irás tê-lo para o resto da vida. É apenas uma questão de tempo. Serás sempre melhor, e é bom quando os homens têm termos de comparação. Isso não quer dizer que não possas espalhar algumas informações erróneas. Por mais difícil que seja de acreditar, muitas mulheres temem essa primeira vez.

Isso fez Emma rir. As mulheres da família Clark nunca tinham medo do sexo.

A mãe beijou-lhe a testa com os seus lábios frescos e macios. Depois recostou-se nas almofadas e disse:

— Agora vai para o teu quarto. O teu pai não tardará a chegar.

No dia seguinte, Emma contou a Sydney todo o tipo de coisas assustadoras e falsas, que doía horrores e todas as formas erradas de o fazer. Nunca pressionou Sydney a contar-lhe os pormenores depois do acto consumado, mas o ar satisfeito no rosto de Hunter John da primeira vez que ele e Emma foram para a cama bastara-lhe para saber o que precisava.

Sydney deixou a cidade depois de Hunter John ter rompido com ela no final do liceu. Ficara devastada por saber que a escola fora apenas uma fantasia, que ela e Hunter John não podiam ficar juntos na vida real, que os amigos que fizera não podiam ser seus amigos findo o liceu. Tinham de entrar na sociedade de Bascom e fazer o que os pais esperavam deles, honrar os nomes de família. E Sydney era, afinal de contas, apenas uma Waverley. Ficara tão magoada e zangada. Ninguém se dera conta de que ela não conhecia as regras. Estava apaixonada por Hunter John. Acreditara que seria para sempre.

Emma teria ficado triste por ela se não se tivesse tornado óbvio que Hunter John estava a sofrer tanto quanto Sydney. Fora preciso um esforço hercúleo naquele Verão para o animar. Mesmo depois de terem ido para a cama e de ele ter ficado deslumbrado, continuava a falar de ir para longe para a universidade, afirmando por vezes que Sydney tomara a decisão certa ao partir e que não precisava desta cidade.

Assim, Emma fez a única coisa que podia fazer. Parou de tomar a pílula sem informar Hunter John e ficou grávida.

Hunter John ficou em Bascom e casou com ela, e nunca se queixou. Chegaram mesmo a decidir, em conjunto desta vez, que deviam ter um segundo filho dali a poucos anos. Hunter John trabalhava para o pai, depois assumiu o controlo das fábricas de construção de casas modulares quando

ele se reformou. Quando os pais se mudaram para a Florida, Emma e Hunter John mudaram-se para a mansão dos Matteson. Tudo parecia perfeito, mas Emma nunca soube ao certo por quem o coração de Hunter John batia, o que sempre a incomodou.

O que nos traz ao pior dia da vida de Emma Clark.

Nessa sexta-feira à noite, Emma continuava sem a mínima desconfiança de que algo de muito importante estava prestas a acontecer, muito embora as pistas estivessem todas à vista. O cabelo recusava-se a encaracolar. Depois apareceu-lhe uma borbulha no queixo. Depois o vestido branco que planeava usar para o baile de gala de angariação de fundos do hospital desenvolvera misteriosamente uma nódoa que a empregada não conseguiu tirar, por isso Emma teve de se contentar com um vestido preto. Era deslumbrante — todos os seus vestidos o eram —, mas não era o que ela queria, o que planeava, e sentia-se desconfortável nele.

Quando ela e Hunter John chegaram ao baile, tudo parecia bem. Perfeito, na verdade. O baile do hospital decorria sempre em Harold Manor, uma mansão do tempo da Guerra Civil referida no registo nacional de locais históricos e um local de eleição para eventos sociais do género. Estivera aí centenas de vezes. Era um cenário maravilhoso, fantasioso, congelado no tempo. Os homens usavam fatos tão engomados que não se conseguiam dobrar pela cintura e as mulheres cumprimentavam-se com apertos de mão tão indolentes quanto uma tarde de Verão. As mulheres Clark sentiam-se em casa neste tipo de cenários e Emma tornou-se de imediato o centro das atenções, como sempre. Contudo, desta vez parecia-lhe diferente, era como se as pessoas estivessem a falar sobre si, quisessem estar perto de si, mas pelas razões erradas.

Hunter John não reparou, mas também nunca reparava, por isso Emma procurou de imediato a mãe. Ela dir-lhe-ia que estava deslumbrante e que tudo estava bem. Hunter John beijou-lhe a face e seguiu o caminho mais curto para o bar, onde os seus compinchas estavam já reunidos. Os homens em reuniões como esta eram como o pó a voar para os cantos, tentando fugir do ruge-ruge das saias e do alcance dos risos das senhoras.

Cruzou-se com Eliza Beaufort enquanto procurava a mãe. Eliza fora uma das suas melhores amigas durante o liceu. «Mantém as Beaufort por perto como amigas», costumava dizer a mãe de Emma, «e saberás sempre o que as pessoas andam a dizer sobre ti.»

— Oh, meu Deus, estava desejosa que chegasses — disse Eliza. Tinha o batom esborratado e assimétrico por falar pelo canto da boca.

— Quero saber todos os pormenores sobre como ficaste a saber.

Emma esboçou um pequeno sorriso, distraída.

— Como fiquei a saber do quê? — perguntou, olhando por cima do ombro de Eliza.

— Não sabes?

— O quê?

— A *Sydney Waverley* regressou — declarou numa voz sibilante, quase como se fosse uma praga.

Os olhos de Emma precipitaram-se de imediato de encontro aos de Eliza, mas não mexeu nem um músculo. Seria por isso que toda a gente se estava a comportar de forma estranha? Porque Sydney estava de volta e toda a gente mal podia esperar por que Emma chegasse para verem a sua reacção? Tal perturbou-a por muitas razões, a mais importante das quais o facto de as pessoas acharem que ela teria sequer uma reacção, que isto suscitaria algum tipo de preocupação da sua parte.

— Chegou na quarta-feira e está em casa da irmã — prosseguiu Eliza. — Até ajudou a Claire numa função qualquer hoje em Hickory. Não sabias mesmo?

— Não. Muito bem, voltou. E que tem isso?

Eliza ergueu as sobrancelhas.

— Não pensei que fosses encarar isso tão bem.

— Ela nunca nos foi nada, afinal de contas. E o meu marido é um homem muito feliz. Não tenho quaisquer receios. Preciso de encontrar a minha mãe. Almoçamos para a semana, combinado? Beijos, beijos.

Encontrou por fim a mãe, sentada a uma das mesas, a bebericar champanhe e a divertir as pessoas que passavam por ali para a cumprimentar. Ariel estava majestosa e elegante e parecia dez anos mais nova. À semelhança de Emma, o seu cabelo era louro e os seus seios generosos. Conduzia um carro descapotável, usava diamantes com peças de roupa de ganga e nunca perdia um jogo de futebol de início de temporada. Era tão sulista que chorava lágrimas que provinham directamente do Mississípi, e exalava sempre um leve aroma a algodão e pêssegos.

A mãe ergueu os olhos quando Emma se aproximou e esta percebeu de imediato que a mãe já sabia. Não só já sabia como não estava nada contente

com isso. «Não, não, não», pensou Emma. «Não há problema algum. Não faças disto um problema, mãe.» Ariel levantou-se e deixou o pai de Emma com um sorriso provocador que o deixaria ansiosamente à espera do seu regresso.

— Vamos dar um passeio até à varanda — sugeriu Ariel, prendendo o seu braço no de Emma e conduzindo-a com firmeza até à varanda. Sorriam à medida que passavam por pequenos grupos de pessoas que tinham vindo fumar à rua, pois sorrir significava que estava tudo bem. Assim que se acharam sozinhas, Ariel disse: — Já deves ter ouvido que a Sydney Waverley voltou. Não te preocupes. Vai correr tudo bem.

— Não estou preocupada, mamã.

Ariel ignorou-a.

— Eis o que vais fazer. Em primeiro lugar, trata o Hunter John de uma forma ainda mais especial. Chama mais atenção para ti mesma. Vou organizar uma festa na vossa casa no próximo fim-de-semana. Convida todos os vossos amigos mais chegados. Toda a gente verá como és maravilhosa, especial. O teu marido perceberá como és invejada. Segunda-feira vamos comprar-te um vestido novo. O encarnado é a cor que te fica melhor e o Hunter John adora ver-te de encarnado. Por falar em vestidos, porque estás de preto? Ficas melhor de branco.

— Mãe, não estou preocupada com o regresso da Sydney. — Ariel segurou o rosto de Emma entre ambas as mãos.

— Oh, querida, *devias* estar. Os primeiros amores são uma coisa poderosa. Contudo, se continuares a recordar ao teu marido porque te escolheu, não terás qualquer problema.

Mais tarde nessa noite, Emma mal conseguia esperar por ter Hunter John na cama, com um fervor que, garantiu a si mesma, *nada* tinha a ver com o facto de Sydney estar de volta. Assim que chegaram a casa, foi espreitar os filhos, a dormirem nos seus quartos, e deu as boas-noites à ama. Começou a despir-se assim que chegou ao quarto e depois deixou-se ficar nua, à excepção dos sapatos de saltos e do colar de pérolas que Hunter John lhe dera no seu vigésimo sétimo aniversário, o ano passado.

Hunter John entrou no quarto uns minutos depois com uma sanduíche e uma cerveja na mão. A «comida de baile», como lhe chamava, deixava-o sempre com fome. Fazia isto sempre que regressavam de funções do género e embora Emma não apreciasse especialmente tal hábito, também não valia a pena discutir por causa dele. Afinal de contas, ele vinha para o quarto para estar com ela enquanto comia, ao invés de o fazer sozinho na cozinha.

Não pareceu surpreendido por encontrá-la nua. Emma interrogou-se quando é que isso acontecera, quando é que ele começara a esperar tal facto ao invés de o desejar. No entanto, sorriu e avançou dengosamente para ele, tirando-lhe a garrafa de cerveja e o prato da sanduíche das mãos. Colocou-os na mesa junto à porta e empurrou-o na direcção da cama, despindo-lhe o casaco e a camisa à medida que iam andando.

Ele riu e permitiu que ela o empurrasse para cima da cama.

— Então, o que é que motivou isto? — perguntou ele ao mesmo tempo que Emma lhe desapertava o fecho das calças.

Colocou-se em cima dele, uma perna de cada lado, olhando-o nos olhos. Deteve-se por um momento, não desejando instigar as expectativas dele. Porém, ele contava já com uma tal habilidade dela que presumia naturalmente que o que ela fazia era para seu prazer, e isso excitou-o. Com as mãos tentou aliciá-la a deslizar a anca mais para baixo e começou a mover-se debaixo dela, mas Emma permaneceu imóvel.

Gostava de sexo e sabia que tinha um talento, um dom na cama. Mas teria a sua mãe razão? Seria isso a única coisa que tinha? Se não possuísse tal dom, será que ele ainda ali estaria? Deveria *mesmo* preocupar-se com o regresso de Sydney?

— Hunter John — murmurou ela, inclinando-se para o beijar —, amas-me?

O riso dele terminou num gemido ao mesmo tempo que se entusiasmava com o que achava serem preliminares.

— Muito bem, o que é que fizeste?

— Como assim?

— Compraste alguma coisa? — perguntou ele num tom indulgente.

— Alguma coisa muito cara? Isto tudo é por isso? — Hunter John partira do pressuposto que isto se devia ao facto de ela querer alguma coisa dele. E na verdade até era. Era sempre. Emma conseguia sempre o que queria dele por meio deste expediente. Tudo excepto uma coisa. Não escapara à sua

atenção que Hunter John não respondera à pergunta. Não lhe dissera que a amava.

Porém, amara Sydney, o que significava que teria de fazer o que a mãe lhe dissera. Esforçar-se mais para manter o que tinha.

— Quero comprar um vestido encarnado — afirmou ela, sentindo-se como um pássaro encurralado numa sarça: irritadiça, assustada, *desvairada*.

— Um lindo vestido encarnado.

— Mal posso esperar por te ver nele.

— Verás. E depois ver-me-ás sem ele.

— Música para os meus ouvidos.

Na segunda-feira à tarde, sentada à sua secretária na divisão que servia de arrecadação, Claire desligou o telefone, mas manteve a mão pousada sobre o auscultador.

Quando sabemos que alguma coisa não está bem, mas desconhecemos ao certo o que é, o ar em nosso redor muda. Claire sentiu isso mesmo. O plástico do telefone estava demasiado quente. As paredes transpiravam ligeiramente. Se fosse até ao jardim, sabia que iria encontrar as boas-noites a florir a meio do dia.

— Claire?

Claire virou-se e viu Sydney na ombreira da porta da arrecadação.

— Olá — cumprimentou Claire. — Já voltaram há muito tempo?

— Sydney e Bay tinham ido visitar Tyler outra vez, pelo quarto dia seguido.

— Há uns minutos. Que se passa?

— Não sei. — Claire levantou a mão do auscultador quente. — Acabei de receber uma chamada para organizar uma festa na casa dos Matteson este fim-de-semana.

Sydney cruzou os braços frente ao peito. Depois descruzou-os e deixou-os pender ao longo do corpo. Hesitou antes de perguntar:

— Os Matteson que vivem naquela mansão Tudor em Willow Springs Road?

— Esses mesmo.

— Um pouco em cima da hora — comentou Sydney, cautelosa e curiosamente.

— Sim. E ela até disse que duplicaria os meus honorários habituais por causa disso, mas só se tivesse gente suficiente para ajudar.

— Sempre gostei de Mistress Matteson — referiu Sydney, uma centelha de qualquer coisa irrompendo nas suas palavras, como estática. Qualquer coisa, algo semelhante a esperança, tentava tornar-se evidente.

— Vais aceitar o trabalho? Eu ajudo-te.

— Tens a certeza? — inquiriu Claire, pois continuava com a sensação de que algo não estava bem. Sydney tivera uma relação com Hunter John e fora amiga de Emma. Se tivesse querido revê-los já o teria feito em vez de passar o tempo todo enfiada em casa ou escondida na casa de Tyler.

— É claro que tenho a certeza.

Claire encolheu os ombros. Provavelmente estava a dar demasiada importância às coisas.

— Então, está bem. Obrigada.

Sydney sorriu e girou sobre os calcanhares.

— Ora essa.

Claire seguiu-a até à cozinha. Havia coisas em Sydney que não tinham mudado, como o cabelo castanho-claro, cuja porção certa de caracóis naturais o fazia assemelhar-se à cobertura de caramelo de um bolo, e a bonita pele ligeiramente bronzada. E as sardas no nariz. Perdera peso, mas conservava ainda uma deslumbrante figura, pequena e delicada, que sempre fizera Claire, dez centímetros mais alta, sentir-se pesada e desajeitada.

Estas eram as coisas habituais.

O resto era um mistério. Estava ali há já quase uma semana e Claire continuava a tentar compreendê-la. Era uma mãe formidável, isso pelo menos era óbvio. Lorelei não fora um grande exemplo e a avó esforçara-se, mas nem uma nem outra chegavam aos calcanhares de Sydney. Esta era carinhosa e atenta, sabia sempre onde Bay estava, mas concedia-lhe espaço, deixava-a sonhar e brincar. Era emocionante observar a irmã ser tão boa mãe. Onde o aprendera?

E onde estivera? Sydney parecia assustadiça, agitada, e nunca o fora. Ainda a noite anterior, Claire fora até ao jardim porque não conseguia dormir e ao regressar constatara que estava fechada na rua porque Sydney se levantava várias vezes durante a noite para se assegurar de que tudo

estava bem trancado no andar de baixo. Do que estaria ela a fugir? Não valia a pena fazer-lhe perguntas; Sydney limitava-se a mudar de assunto quando era interrogada sobre os últimos dez anos. Partira e fora para Nova Iorque. Era tudo o que Claire sabia. O que acontecera depois disso era uma incógnita. E Bay também não iria seguramente revelar quaisquer segredos. Segundo ela, nascera num autocarro da Greyhound e ela e a mãe nunca tinham vivido em parte nenhuma. Não, tinham vivido *por todo o lado*.

Claire observou Sydney encaminhar-se para a panela de sopa a fumar no fogão.

— Ah, já me esquecia do que tinha vindo dizer-te. Convidei o Tyler para jantar connosco — declarou Sydney, cheirando a canja de camomila.

Claire esbugalhou os olhos para ela.

— Fizeste o quê?

— Convidei o Tyler para jantar. Não faz mal, pois não? — Claire não respondeu e tomou o caminho mais curto para a caixa do pão, sem sequer olhar para Sydney. Tirou um pão de trigo e começou a cortá-lo para sanduíches.

— Vá lá, Claire — argumentou Sydney, rindo. — Dá uma oportunidade ao rapaz. Ele é magro. Tem bilhetes por toda a casa a lembrá-lo de comer. Disse-me que se esquece. Mostrou-me algumas das suas obras de arte ontem e são fenomenais. Mas juro por Deus que se ele me fizer mais alguma pergunta sobre ti, eu lhe sugiro que consulte um terapeuta. O Tyler é simpático. Se não o queres, diz-lho de uma vez por todas para que pare de suspirar por ti e eu possa ter uma oportunidade.

Claire olhou para a irmã de imediato.

— É por isso que tens passado tanto tempo lá? É o Tyler que queres?

— Não. Mas porque é que tu não queres? — Claire foi salva pela campainha da porta da frente.

— É para ti — disse Sydney.

— O convidado é *teu*.

Sydney sorriu e foi abrir a porta.

Claire pousou a faca do pão e apurou o ouvido para escutar a voz de Tyler.

— Obrigado pelo convite — ouviu-o dizer. — Casa espectacular.

— Já ta vou mostrar — ofereceu Sydney, o que deixou Claire ansiosa. Não queria que Sydney mostrasse a casa a Tyler. Não queria que ele

soubesse os seus segredos.

— Obrigado.

Claire fechou os olhos por um momento. «Pensa, pensa, pensa.» O que faria Tyler esquecê-la, o que o faria perder o interesse? Que prato desviaria a sua atenção para outra coisa? Não tinha tempo para fazer uma coisa específica.

Não precisava disto. Já lhe bastava ter de lidar com a presença de Sydney e Bay na sua vida, tentando englobá-las aos poucos na sua rotina. E fazia-o sabendo que ainda assim elas partiriam. Sydney detestara outrora tudo em relação a esta casa e a esta cidade. Ainda agora tentava proteger Bay do que achava serem estranhezas desnecessárias, não lhe explicando nada acerca do jardim ou da macieira, não lhe dizendo o que significava em Bascom ser uma Waverley. Bastaria um único comentário, uma censura por parte de alguém, para que Sydney desaparecesse de novo sem deixar rasto.

Porém, Tyler era seguramente algo que ela podia controlar. Tinha de tentar dissuadi-lo por todos os meios que pudesse. Veementemente, indelicadamente, se necessário. Não havia lugar para ele na sua vida. Assim como assim, já estava a deixar entrar pessoas a mais.

Bay correu para a cozinha na frente de Sydney e Tyler. Abraçou Claire, como se fosse a coisa mais natural do mundo dar um abraço por nenhuma razão discernível, e Claire apertou-a com força por um momento. Bay desfez o abraço e correu para a mesa da cozinha e sentou-se.

Sydney entrou na cozinha e Tyler seguiu-a. Claire reparou de imediato que ele cortara o cabelo. Ficava-lhe bem, fazia-o parecer menos alheado, mais concentrado. Tal, decidiu Claire quando os olhos dele se concentraram nela, não era uma boa coisa. «Não se pode perder o que não se tem», pensou ela, e virou-se.

— Deve ter sido espectacular crescer nesta casa — comentou Tyler.

— Foi interessante, seguramente — disse Sydney. — Há um degrau na escadaria, o terceiro a contar de baixo, que range. Quando éramos miúdas, de cada vez que alguém pisava o degrau, havia um rato que metia a cabeça no buraco de um nó da madeira do degrau de cima para ver o que provocara o barulho.

Claire olhou para a irmã, surpreendida.

— Sabias disso?

— Não sou uma grande Waverley, mas também cresci aqui. — Sydney arrancou um pedaço a uma fatia de pão enquanto Claire preparava as sanduíches e as colocava num prato. — A Claire aprendeu um monte de receitas estranhas com a nossa avó.

— Isto não é uma receita estranha. É sopa e sanduíches de manteiga de amendoim e geleia.

Sydney piscou o olho a Tyler.

— Sanduíches de manteiga de amêndoa e geleia de gengibre — corrigiu Sydney.

Claire sentiu de repente um formigueiro na pele. Era tão simples para Sydney, e Claire costumava detestá-la tanto por isso. Falava de forma tão natural com Tyler, como se não fosse nada de mais criar laços quando podiam ser tão facilmente quebrados!

— Vocês as duas eram muito chegadas quando eram miúdas? — perguntou Tyler.

— Não — respondeu Sydney, antes de Claire ter tempo de responder.

Claire serviu sopa em três tigelas e colocou-as na mesa com o prato de sanduíches.

— Bom apetite — desejou, e abandonou a cozinha em direcção ao jardim, deixando Tyler, Sydney e Bay a olhar para ela.

Cerca de quarenta e cinco minutos depois, Claire terminara de cavar um buraco junto à vedação e estava a reunir as maçãs que tinham caído em redor da árvore. Estava húmido, o ar espesso como xarope de sorgo, transportando os primeiros indícios do pegajoso Verão que estava para vir.

— Pára com isso — não parava de dizer ao mesmo tempo que a árvore fazia cair maçãs numa tentativa de a irritar. — Quantas mais lançares, mais eu enterro. E bem sabes que será preciso uma semana para que nasçam mais.

A árvore largou uma pequena maçã mesmo em cima da cabeça dela.

Claire olhou para cima para os ramos que estremeciam ligeiramente muito embora não houvesse vento.

— Eu disse para parares!

— É esse o teu segredo?

Virou-se e viu Tyler a poucos passos de si no meio da erva. Há quanto tempo estaria ali? Nem sequer o ouvira aproximar-se. A árvore estivera a distraí-la. Maldita árvore.

— O meu segredo? — perguntou ela cautelosamente.

— O teu segredo em relação a este jardim. Falas com as plantas.

— Ah. — Virou-se e juntou mais maçãs nos braços. — Sim, é isso mesmo.

— O jantar estava ótimo.

— Fico contente que tenhas gostado. — Uma vez que ele não se mexeu, Claire acrescentou: — Estou um pouco ocupada.

— Foi o que a Sydney disse que dirias. E incentivou-me a vir cá fora ainda assim.

— A confiança dela é cativante, eu sei, mas acho que neste momento ela só precisa de um amigo — argumentou Claire, chocando-se a si mesma. Não tencionara dizer tal coisa. Soara como se isso a preocupasse. É claro que queria que Tyler voltasse a sua atenção para outro lado. Mas não para Sydney. Claire fechou os olhos. Achara que já tinha ultrapassado todo aquele ciúme.

— E tu? Precisas de um amigo?

Olhou de relance para ele. Parecia tão confortável consigo mesmo, ali com as suas calças de ganga largas, a camisa para fora. Por um momento apenas, desejou caminhar até ele, para os seus braços, e deixar que aquela sensação de calma a envolvesse. Que se passava consigo?

— Não preciso de amigos.

— Precisas de algo mais?

Claire não tinha muita experiência com homens, mas percebeu o que ele queria dizer. Sabia o que aquelas minúsculas centelhas lilases em redor dele, as que apenas se conseguiam ver à noite, significavam.

— Gosto do que tenho.

— Eu também, Claire. És linda — declarou. — Pronto, já o disse. Não conseguia contê-lo por mais tempo.

Ele não temia magoar-se. Parecia acolher isso com prazer. Um deles tinha de ser sensato.

— Aquilo que eu disse acerca de estar ocupada... Era a sério.

— Aquilo que eu disse sobre seres linda... Também era a sério. Claire encaminhou-se para o buraco junto à vedação e despejou as maçãs lá para dentro.

— Vou estar ocupada durante muito, muito tempo.

Quando se virou, Tyler estava a sorrir.

— Bom, eu não.

Sentindo-se desconfortável, ficou a observá-lo afastar-se. Estaria ele a tentar dizer-lhe alguma coisa? Seria uma espécie de aviso?

Tenho todo o tempo do mundo para entrar de mansinho na tua vida.

A mansão Matteson parecia estar tal e qual como Sydney se recordava. Era provavelmente capaz de subir até ao quarto de Hunter John de olhos fechados, mesmo agora. Outrora, quando estavam sozinhos lá em casa, Sydney costumava fazer de conta que vivam ali os dois. Juntos na cama, planeava e falava sobre o futuro de ambos. Porém, quando ele rompeu com ela no final do liceu, disse: «Pensei que compreendias.» Não compreendia na altura, mas sim agora. Compreendia agora que o amara, e ele era possivelmente o único homem que alguma vez amara daquela maneira, com tamanha esperança. Compreendia agora que teria sempre deixado Bascom, fosse com ele ou sem ele. Compreendia agora que ele não fora capaz de a aceitar pelo que era. Compreendia essa parte melhor que qualquer outra, porque nem mesmo ela fora capaz de o fazer.

Sentiu um pequeno frémito, não totalmente inédito, por estar num lugar onde sabia que não deveria estar quando Claire deu a volta com a carrinha para a entrada de serviço e entraram na cozinha. Não deveria ter vindo, mas não se contivera. Talvez fosse o desafio, tal como costumava ser um desafio entrar sorrateiramente na casa dos namorados quando estes estavam a trabalhar, roubando dinheiro dos seus esconderijos secretos antes de sair a correr da cidade. Também ia roubar qualquer coisa dali. Ia levar memórias que já não lhe pertenciam. E porque o fazia? Porque o melhor período da sua adolescência, as suas melhores memórias de Bascom, eram da altura em que namorara o melhor partido da cidade. Toda a gente a admirara. Toda a gente a aceitara. Precisava daquelas boas recordações, precisava mais delas do que os Matteson. Provavelmente, eles nem sequer lhes sentiam a falta. Provavelmente, há muito que haviam esquecido quem ela era.

A governanta veio ao encontro delas e apresentou-se como Joanne. Era uma mulher de quarenta e poucos anos e o seu cabelo preto era tão brilhante e liso que mal se mexia, o que significava que detestava erros.

— As flores já foram entregues. Foi-me dito que esperasse para as arranjar até que vocês chegassem — explicou Joanne. — Quando terminarem de descarregar, estarei lá fora no pátio. Sabem onde fica?

— Sim — respondeu Sydney com um ar importante ao mesmo tempo que Joanne desaparecia pelas portas de batente da copa. — Gostava mais da

Myrtle.

— Quem é a Myrtle? — perguntou Claire.

— A antiga governanta.

— Ah — foi tudo o que Claire disse.

Assim que trouxeram tudo para dentro e meteram nos frigoríficos o que precisava de estar refrigerado, Sydney conduziu Claire pelo interior da casa até ao pátio. Mrs. Matteson sempre se orgulhara das suas antiguidades, razão pela qual Sydney ficou surpreendida ao ver a casa agora tão... cor-de-rosa. Havia papel de parede rosa-claro na sala de jantar e as cadeiras da comprida mesa de refeições estavam também estofadas num tom de rosa. A grande sala de estar familiar ficava apensa à de jantar e a profusão de estampados cor-de-rosa nas almofadas do sofá e nos tapetes era ofuscante.

O enorme pátio ficava para a direita, do outro lado de um conjunto de portas de vidros duplos. Uma amena brisa de Verão penetrava pelas portas, transportando um perfume a rosas e a cloro. Passadas as portas, Sydney reparou que havia mesas e cadeiras de ferro forjado dispostas em redor da piscina e que um elaborado bar fora erigido a um canto. As mesas compridas para o bufete ladeavam as paredes e era aí que Joanne se encontrava, rodeada por jarras vazias e baldes cheios de flores.

Claire dirigiu-se a Joanne, mas Sydney não conseguiu mexer-se. Sentia-se estonteada. Era o ar fantasioso de tudo aquilo — as toalhas brancas do bufete a agitarem-se ao vento, as luzes na piscina a lançarem tremeluzentes sombras em redor, o céu estrelado. Quisera tanto isto quando era mais jovem, esta prosperidade, este sonho. Ali de novo, recordava-se tão nitidamente de como fora sentir que fazia parte daquilo, sentir que fazia parte de *alguma coisa*, saber que pertencia a um lugar.

Ainda que tudo tivesse sido uma mentira.

Cruzou os braços frente ao peito e observou uma empregada colocar velas em lanternas à prova de vento em cada uma das mesas. Escutou como que à distância Claire dizer a Joanne onde as rosas e os brincos-de-princesa e os gladiólos deveriam ficar nas mesas.

— Os gladiólos aqui — dizia ela —, onde o recheio de noz-moscada das flores de abóbora e a galinha com funcho ficarão. As rosas aqui, junto aos scones de pétalas de rosa. — Era tudo tão intrincado, um plano manipulador para fazer os convidados sentirem algo que de outra forma talvez não sentissem. Não parecia nada coisa de Mrs. Matteson. Contudo, Claire

passara grande parte do serão de segunda-feira a discutir o cardápio com ela ao telefone. Sydney inventara uma desculpa para estar na cozinha e escutar Claire na arrecadação a dizer coisas como: «se é amor que quer retratar, então rosas.» E «canela e noz-moscada indicam prosperidade.»

Depois de Claire ter tratado da disposição das flores não comestíveis com Joanne, começou a dirigir-se de volta à mansão, mas deteve-se ao dar-se conta de que Sydney não a seguia.

— Estás bem? — perguntou Claire.

Sydney virou-se.

— É lindo, não é? — declarou, como se estivesse orgulhosa, como se aquilo lhe pertencesse. Pertencera, por um momento.

— É muito... — Claire hesitou um pouco. — Deliberado. Anda daí, é melhor não nos atrasarmos.

Algumas horas depois, na cozinha, Sydney disse:

— Entendo o que querias dizer com deliberado. Porque é que tudo tem de ser colocado nas travessas no sentido dos ponteiros do relógio? Não tivemos de fazer isso no almoço das botânicas.

— Aquelas senhoras só estavam interessadas na comida, não no que ela significava.

— E o que significa tudo isto? — perguntou Sydney.

— Significa que querem que as pessoas os vejam como loucamente apaixonados e fabulosamente prósperos.

— Mas isso não faz sentido algum. Já toda a gente sabe disso. Mister e Mistress Matteson estão com problemas? Pareciam tão felizes quando eu os conheci.

— Eu não questiono os motivos, Sydney. Limito-me a dar às pessoas o que me pedem. Estás preparada? — inquiriu Claire, transportando duas bandejas até à porta de batente da cozinha. Tinham disposto toda a comida antes de os convidados chegarem, mas Joanne acabara de as informar de que as travessas precisavam de ser reabastecidas. Sydney interrogou-se se reconheceria alguém da festa. Apurara o ouvido para tentar distinguir vozes, parando por vezes para esticar o pescoço quando ouvia alguém rir, questionando-se se alguma vez escutara aquele riso. Hunter John estaria algures lá fora? E isso importava?

— Tão preparada quanto alguma vez estarei — afirmou enquanto equilibrava as suas bandejas.

As festas faziam Emma sentir-se encantada, como se fosse uma menina a brincar às bonecas e este fosse um mundo totalmente criado por si. A mãe fora igual. «Deixa a magia para as Waverley», costumava ela dizer quando Emma era pequena e ficava a vê-la experimentar vestido atrás de vestido antes de uma festa. «Nós temos uma coisa melhor. Temos fantasia.»

Emma estava junto ao bar porque era aí que Hunter John se encontrava, mas também porque o local lhe dava uma ótima perspectiva sobre toda a gente a divertir-se. Adorava festas, mas nunca tivera uma exactamente como esta, em que quase todas as frases proferidas pelos convidados eram um elogio ou um comentário invejoso. Era *maravilhoso*.

Ariel dirigiu-se à filha e beijou-a no rosto.

— Querida, estás deslumbrante. Esse encarnado fica perfeito em ti. Simplesmente perfeito.

— Isto foi uma excelente ideia, mãe. Obrigada por teres organizado tudo. Que firma de *catering* contrataste? Estou a receber elogios pela comida. Nem de longe tantos quantos os que oiço acerca do meu vestido, mas ainda assim bastantes.

Ariel piscou o olho e virou Emma para que ela ficasse voltada para as portas do pátio do outro lado da piscina.

— Aquilo, minha querida, é a minha maior prenda para ti esta noite.

— Que queres dizer com isso?

— Espera. Observa. Eu mostro-te.

Emma não estava a compreender, mas riu de antecipação.

— Mãe, o que foste fazer? Compraste-me alguma coisa?

— De certa forma — disse Ariel num tom misterioso.

— O que é, mãe? Diz-me, diz-me!

O tom agudo da voz de Emma fez Hunter John desviar a sua atenção da conversa que estava a ter com alguns dos amigos.

— Que se passa, Emma?

Emma agarrou a mão de Hunter John e puxou-o na sua direcção.

— A minha mãe comprou-me um presente e não me quer dizer o que é.

— Ah, ali está — declarou Ariel, apontando com o copo de champanhe que tinha na mão.

— O quê? — perguntou Emma já sem paciência. — Onde? — Os olhos de Emma concentraram-se em duas mulheres vindas de dentro de casa, transportando bandejas. Eram empregadas, obviamente. Preparava-se para desviar o olhar para descobrir onde estava ao certo o seu presente quando se deu conta de quem era uma das empregadas. — Aquela é a Claire Waverley? Contrataste-a para fazer a comida para a minha festa?

— Ocorreu-lhe de repente, num único e terrível segundo, o que a mãe afinal fizera e os seus olhos precipitaram-se para a mulher que vinha ao lado de Claire. — Oh, meu Deus.

— É a Sydney Waverley? — perguntou Hunter John. Soltou a sua mão da de Emma e deixou-a ali especada. Virou-lhe as costas sem mais nem menos, caminhando na direcção de Sydney como se tivesse sido laçado.

Emma chegou-se mais à mãe.

— Mãe, que foste fazer?

Ariel inclinou-se e sussurrou:

— Pára de ser palerma e vai até lá. Faz as pessoas olharem para ela. Faz com que os antigos amigos se dêem conta de que ela está ali.

— Não acredito que fizeste isto.

— Ela está de volta e tu precisas de assumir o controlo. Mostra-lhe que ela não pertence aqui, que não há possibilidade de recuperar o que teve. E mostra ao teu marido que és melhor do que ela. Que sempre foste. És a rainha da festa e ela apenas a empregada. Vai, já.

Foi a caminhada mais longa que Emma jamais empreendera. Hunter John abrira já caminho até Sydney e estava a olhá-la fixamente enquanto esta dispunha as novas bandejas nas mesas do bufete. Ainda não levantara a cabeça. Porque estaria a agir como se não soubesse que ele estava ali? Estaria apenas a ser recatada? Estava mais magra e parecia mais velha, mas o seu rosto continuava luminoso e o cabelo parecia habilmente cortado. Tivera sempre um cabelo maravilhoso. Nunca tinha de o pintar ou encaracolar como Emma fazia desde os doze anos.

Emma tinha já quase alcançado o marido quando Hunter John clareou por fim a garganta e disse:

— Sydney Waverley, és mesmo tu?

Várias coisas aconteceram ao mesmo tempo. A cabeça de Sydney virou-se de repente e ficou olhos nos olhos com Hunter John. Eliza Beaufort, que estava na mesa ao lado, rodou nos calcanhares. E Claire parou o que estava

a fazer para observar, os seus olhos escuros penetrantemente cravados em Sydney e Hunter John como os de uma professora.

— Sempre o disse, minha amiga — declarou Eliza quando Emma chegou perto dela. — Tu dás as melhores festas. Carrie, chega aqui — chamou Eliza. — Tens de ver isto.

Carrie Hartman, uma das raparigas do grupo do liceu, deu uns passos à frente.

— Sydney Waverley — disse num tom cantarolado. Carrie fora a única rapariga da escola que em termos de beleza chegara aos calcanhares de Sydney.

Sydney parecia encurralada. Emma ruborizou-se de embaraço por ela.

— Já tínhamos ouvido dizer que estavas de volta — referiu Eliza.

— Estiveste muito tempo ausente. Por onde andaste?

Sydney limpou as mãos ao avental e depois prendeu o cabelo por trás das orelhas.

— Por todo o lado — respondeu, a voz tremendo ligeiramente.

— Foste para Nova Iorque? — inquiriu Hunter John. — Sempre falaste de ir para Nova Iorque.

— Vivi lá um ano. — Os olhos de Sydney precipitaram-se de um lado para o outro. — Onde estão os teus pais?

— Mudaram-se para a Florida há dois anos. Eu fiquei à frente do negócio.

— Então, *tu* vives aqui?

— Nós vivemos aqui — corrigiu Emma, dando o braço a Hunter John e inclinando o cavado decote na direcção dele.

— Emma? Tu e o Hunter John são... casados? — perguntou Sydney, e o tom de assombro na sua pergunta perturbou Emma. Como se atrevia a ficar estupefacta por Hunter John a ter escolhido?

— Casámos no ano em que terminámos o liceu. Logo depois de teres ido embora. Sydney — acrescentou, chamando a atenção —, vejo duas bandejas vazias ali. — Emma tentou dizer a si mesma que Sydney se habilitara a isto, que a sua humilhação apenas a si se devia. Contudo, tal não a fez sentir-se melhor. Não gostava de fazer Sydney sentir-se mal. Emma ganhara, afinal de contas, certo? Porém, isto seria o que a mãe faria, o que diria. E veja-se há quantos anos estava casada com o pai de Emma.

Hunter John desviou os olhos de Emma para Sydney e de volta para Emma.

— Preciso de falar contigo em privado — declarou, e conduziu Emma por entre a multidão de convidados até ao interior da casa. Sydney seguiu-os com o olhar.

— Que se passa, querido? — perguntou Emma quando Hunter John a levou até ao escritório e fechou a porta. Emma decorara esta divisão para ele, as paredes cor de manteiga de cacau, as fotografias emolduradas dos dias de glória de Hunter John no campo de futebol do liceu, as plantas envasadas e a enorme secretária com tampo em pele cor de noz. Dirigiu-se à secretária e encostou-se provocadoramente a ela. A razão por que escolhera esta mesa em particular fora por constituir uma macia cama nas ocasiões em que o surpreendia com uma rapidinha quando ele ficava em casa a trabalhar. Achava que era isso que ele queria agora. A mãe estava certa mais uma vez. Hunter John vira Sydney e Emma juntas e percebera que fizera a escolha certa.

Contudo, Hunter John deixou-se ficar junto à porta, o seu dardejante olhar negro como breu.

— Fizeste isto de propósito. Estás a humilhar a Sydney deliberadamente.

Emma sentiu-se como se tivesse recebido uma prenda de anos, certa de que era o que desejara e pedira todo o ano, descobrindo afinal que era uma pedra feia ou um espelho rachado que estava dentro do embrulho.

— Desde quando é que isso te preocupa?

— Preocupo-me com a forma como isto será visto. Por que carga de água a trouxeste para aqui, para dentro de nossa casa?

— Xiu, querido. Xiu. Acalma-te. Está tudo bem. Não tive nada a ver com isso, prometo. — Avançou até Hunter John e deixou-se ficar muito junto a ele, depois levantou os braços e acariciou-lhe as lapelas, deixando as mãos deslizar casaco abaixo até à braguilha das calças.

Hunter John segurou-a pelos pulsos.

— Emma, temos convidados lá fora.

— Então, terei de ser mais rápida.

— Não — declarou ele pela primeira vez em dez anos, e desviou-se dela.
— Agora, não.

Claire estava nervosa e detestava essa sensação. Detestava quando não sabia o que fazer. Vira os antigos amigos de Sydney convergirem sobre ela como pó atraído por electricidade estática, e ficara simplesmente a observar. Não fizera ideia se Sydney queria que ela se intromettesse ou se ficaria zangada se a afastasse dos amigos logo na primeira vez que os via em dez anos. Agora Sydney caminhava com uma expressão contrariada e com passos deliberados e impetuosos em direcção à cozinha, seguida por Claire.

Assim que a porta de batente se fechou por trás de Claire, Sydney deixou cair as bandejas vazias sobre a bancada e disse:

— Porque não me disseste que Mister e Mistress Matteson eram Hunter John e Emma Clark?

Claire juntou as bandejas de Sydney, empilhou-as por cima das suas e colocou-as de lado.

— Não me ocorreu que pensasses que pudessem ser outras pessoas. Quem achavas que eram?

— Pensei que eram os pais de Hunter John! Como haveria eu de saber que Hunter John e Emma se tinham casado?

— Porque quando terminaste o namoro, ele e a Emma começaram a namorar — explicou Claire, tentando manter um tom de voz razoável, tentando impedir o estômago de andar às voltas, tentando impedir a sua mente de dizer, uma e outra vez, «isto não é bom. Há alguma coisa errada. Isto não é bom».

— Como haveria de saber isso? Não estava cá! — argumentou Sydney. — E não fui eu que rompi com ele. Ele é que rompeu comigo. Porque achas que me fui embora?

Claire hesitou.

— Achava que te tinhas ido embora por causa de mim. Pensei que fora por te impedir de aprender coisas, porque te fiz odiar ser uma Waverley.

— Tu não me fizeste odiar ser uma Waverley. Foi toda esta cidade — fez notar Sydney num tom impaciente. Abanou a cabeça como se estivesse desiludida com Claire. — No entanto, se isso te fizer sentir melhor, agora vou-me embora por causa de ti.

— Espera, Sydney, por favor.

— Isto foi uma armadilha, foi planeado! Não percebeste? Emma Clark preparou tudo para me fazer passar por uma... por uma empregada à frente de Hunter John e de todas as minhas antigas colegas de escola nos seus vestidos caros e implantes mamários. E como é que ela sabia sequer que eu tinha voltado? Porque lhe disseste?

— Eu não lhe disse.

— Pois claro que não. Como é que ela havia de ter descoberto?

— Talvez a Eliza Beaufort lhe tenha contado — aventou Claire.

— A avó dela era uma das senhoras que estava no almoço em Hickory.

Sydney ficou a olhar para Claire durante mais alguns momentos, os seus olhos brilhando de lágrimas. Claire nunca antes vira Sydney chorar. Tinham ambas sido crianças estóicas. Nenhuma parecera demasiado afectada pelo abandono da mãe e nenhuma derramara uma lágrima. Contudo, pela primeira vez, Claire interrogou-se sobre o que Sydney guardara dentro de si todo este tempo.

— Porque me deixaste fazer isto? Porque permitiste que fosse lá fora? Não achaste invulgar que a Emma te telefonasse para preparar uma recepção destinada e exhibir um estilo de vida que não era novidade para ninguém? A paixão e o dinheiro. Ela fez isto para mo esfregar na cara.

— Não foi ela quem organizou a festa, foi a mãe dela. Não falei sequer com a Emma. Talvez tenha sido apenas uma coincidência, Sydney. Talvez não signifique nada.

— Como podes tu, logo tu, dizer isso? Para uma Waverley tudo tem um significado! E como podes defendê-los? Sentes-te confortável perto de pessoas que pensam o que pensam em relação a nós? Eu lembro-me de quando éramos miúdas, de como ninguém queria ser teu amigo, de como os rapazes nunca se interessavam por ti. Pensava que fora por isso que te retiraras para tudo isto... — Sydney acenou em direcção à comida e às flores em cima das bancadas — porque achavas que a casa e a avó eram tudo o que precisavas. Eu queria mais do que isso. Eu queria aqueles amigos ali fora. Queria tudo isto. Fiquei devastada quando o Hunter John acabou comigo, mas tu nem sequer reparaste. E isto agora magoou-me, Claire. Isso não te incomoda nem um pouco?

Claire não sabia o que dizer, o que pareceu indispor Sydney ainda mais. Girou sobre os calcanhares e dirigiu-se à carteira que colocara junto à porta.

Retirou um pequeno pedaço de papel e avançou para o telefone de parede ao lado da despensa.

— Que estás a fazer? — perguntou Claire. Sydney virou propositadamente as costas à irmã e marcou o número que estava no papel. — Por favor, Sydney. Não te vás embora.

— Tyler? — disse Sydney para o bucal do telefone. — É Sydney Waverley. Estou apeada num sítio e precisava de boleia. — Pausa. — Willow Springs Road, na zona leste da cidade. Número trinta e dois, uma mansão Tudor. Entra pelas traseiras. Muito obrigada.

Sydney despiu o avental e deixou-o cair ao chão. Agarrou na carteira e saiu porta fora.

Claire ficou impotente a vê-la partir. O seu estômago dava tantas voltas que pensou que ia vomitar e teve de se inclinar e assentar as mãos nos joelhos. Não podia perder o que restava da família, não tão cedo. Não podia ser a razão por que Sydney se ia embora outra vez. Os últimos dez anos não eram o único mistério que rodeava Sydney. Claire deu-se conta de que nem sequer conhecera a irmã quando eram miúdas. Não se apercebera de que Sydney achava que Hunter John era o tal. Não se dera conta de que o final do namoro magoara assim tanto Sydney. Porém, o que Claire não sabia, aquelas pessoas ali fora no pátio sabiam. E haviam feito isto de propósito. Claire soubera desde o início que alguma coisa não estava bem. Sydney tinha razão. Tudo tinha um significado e Claire ignorara todos os sinais de aviso.

Respirou fundo e endireitou-se. Trataria de consertar isto.

Dirigiu-se ao telefone e carregou no botão de remarcação. Demorou alguns momentos, mas a voz de Tyler surgiu por fim do outro lado da linha, ligeiramente ofegante.

— Estou?

— Tyler?

— Sim.

— Fala Claire Waverley.

Seguiu-se uma pausa, pois Tyler estava claramente surpreendido.

— Claire. Que estranho. Acabei de receber uma chamada da tua irmã. Parecia aborrecida.

— Está mesmo. Ela está comigo num trabalho. Preciso de... pedir-te um favor.

— Qualquer coisa — ofereceu ele.

— Preciso que passes em minha casa antes de vires aqui buscar a Sydney. Importavas-te de me trazer umas coisas lá de casa e do jardim? Eu digo-te onde as chaves estão escondidas.

Cerca de quarenta minutos depois ouviu-se uma pancada na porta de trás.

Claire foi abrir e viu Tyler, carregando duas caixas de cartão cheias de flores e ingredientes trazidos de casa.

— Onde queres que ponha isto?

— Na bancada ao lado do lava-loiça. — Quando ele passou por si, Claire olhou para a entrada de serviço dos carros onde o jipe de Tyler estava estacionado com as luzes ainda acesas. Sydney estava sentada no banco do passageiro, olhando em frente.

— Vi o teu trabalho no jantar da Anna, mas devo dizer que nos bastidores é ainda mais impressionante — elogiou Tyler, olhando em redor da cozinha enquanto pousava as caixas.

Claire virou-se. Enquanto esperava que Tyler trouxesse as coisas que pedira, Claire alinhara a comida e as flores. Depois escrevera descrições de ingredientes e uma lista das flores lá fora em pequenos cartões para não confundir uma receita e provocar efeitos indesejados. Isto era demasiado importante. Tinham escolhido rosas para representar o seu amor, mas quando se adicionava tristeza ao amor, obtinha-se arrependimento. Havia desejado noz-moscada para simbolizar a opulência, mas quando à riqueza se acrescentava culpa o resultado era embaraço.

— Obrigada por isto — disse, esperando que ele não perguntasse para que servia tudo aquilo. Mas porque haveria ele? Não era dali. Não conhecia a natureza subversiva do que ela era capaz de fazer.

— Ora essa.

Baixou os olhos e reparou que as calças de ganga dele tinham terra do jardim nos joelhos.

— Peço desculpa pelas nódoas. Eu pago-te um par de calças novo.

— Querida, sou pintor. Toda a minha roupa tem este aspecto — fez notar e esboçou um sorriso tão caloroso, tão calmo. Quase a fez ficar embasbacada. — Posso fazer mais alguma coisa?

— Não — respondeu Claire de forma automática, mas logo depois acrescentou: — Espera, sim. Podes pedir à Sydney que não vá embora esta noite? Pelo menos até a noite acabar. Preciso de remediar uma coisa.

— Desentenderam-se?
— Mais ou menos.
Voltou a sorrir.
— Farei o melhor que puder.

Quando Claire chegou a casa, Sydney e Bay estavam já na cama. Sydney pedira obviamente a Tyler para irem buscar Bay a casa de Evanelle no caminho de regresso.

Pelo menos iam ficar ali aquela noite, o tempo suficiente para que algumas coisas ficassem no sítio certo.

Claire ficou a pé até tarde para fazer a sua habitual encomenda de seis dúzias de bolinhos de canela, que entregava todos os sábados de manhã cedo numa cafetaria da praça. Por volta da meia-noite encaminhou-se ensonada até ao quarto para acertar o despertador. Foi ver Bay, embora soubesse que Sydney o fazia várias vezes por noite, e depois prosseguiu corredor abaixo.

Acabara de passar pelo quarto de Sydney quando esta disse:

— Recebi muitas chamadas antes de teres chegado a casa. — Claire recuou um passo e espreitou para o quarto da irmã. Sydney estava acordada, deitada na cama com as mãos por trás da cabeça. — Eliza Beaufort, Carrie, pessoas da festa que eu nem sequer conhecia. Todas disseram a mesma coisa. Que lamentavam. A Eliza e a Carrie até disseram que gostavam mesmo de mim no liceu e que desejavam que as coisas tivessem sido diferentes. O que é que lhes disseste?

— Não disse uma palavra.

Sydney fez uma pausa e Claire percebeu pela pergunta seguinte que ela começava a compreender.

— O que lhes deste?

— Dei-lhes *sorbet* de erva-cidreira em taças de tulipa. Coloquei pétalas de dente-de-leão na salada de fruta e folhas de hortelã na musse de chocolate.

— Isso não estava no cardápio das sobremesas — referiu Sydney.

— Eu sei.

— Reparei que a Emma Clark e a mãe não me telefonaram. Claire encostou-se à ombreira da porta.

— Perceberam o que eu estava a fazer. Não provaram nada do bufete de sobremesas. E mandaram-me embora.

— E pagaram-te o que faltava pagar?

— Não. E já tive dois cancelamentos hoje à noite de conhecidas delas.

Um ruge-ruge de lençóis. Sydney virou-se na cama e ficou de frente para Claire.

— Lamento.

— Cancelaram oficialmente, mas voltarão a telefonar quando precisarem de alguma coisa. Querem apenas que eu mantenha isso em segredo.

— Estraguei tudo. Peço desculpa.

— Não estragaste nada — argumentou Claire. — Por favor, não vás embora, Sydney. Quero-te aqui. Pode parecer às vezes que não, mas a verdade é que quero.

— Não me vou embora. Não posso. — Sydney suspirou. — Por mais louco que este lugar seja, a forma como as pessoas pensam, o facto de tudo estar sempre na mesma tornam-no seguro. A Bay precisa disso. E eu como mãe dela, tenho de lhe dar segurança.

As palavras ficaram suspensas no ar e Claire percebeu de imediato que Sydney queria retirá-las.

— Deixaste um lugar que não era seguro? — teve Claire de perguntar.

Mas deveria ter sabido que Sydney não lhe responderia. Voltou a mexer-se na cama, virando-lhe as costas.

— Era bom que fizesses alguma coisa em relação a ele — disse Sydney, apontando para a janela do quarto aberta. — É difícil dormir com aquilo.

Uma ténue luz violeta penetrava pela janela. Curiosa, Claire entrou no quarto de Sydney e avançou até à janela, que dava para a casa de Tyler. Olhou para baixo e viu Tyler a vaguear pelo quintal da frente de calças de pijama e mais nada a não ser um cigarro na mão. Irradiava aquelas minúsculas centelhas violeta outra vez. De vez em quando, parava e olhava para a casa delas, depois retomava a deambulação.

— Consegues vê-las? — perguntou Claire, sem tirar os olhos de Tyler.

— Claro.

— Então, és mais Waverley do que acreditas ser.

Sydney resfolegou ironicamente:

— Oh, que alegria. Então, o que pretendes fazer em relação a ele? Claire ignorou o formigueiro que sentia no estômago, como se fossem as asas de minúsculos pássaros. Afastou-se da janela.

— Eu trato disso.

— Só porque ninguém espera que o faças não significa que não possas. Nunca tens vontade de provar às pessoas que estão erradas?

— Sou uma Waverley — declarou Claire, caminhando de volta para o corredor. — Não há nada de errado com isso.

— És humana. Namorar não tem mal algum. Não faz mal sentir alguma coisa. Sai com o Tyler. Faz as pessoas dizerem: «Não acredito que ela o tenha feito.»

— Pareces a mãe.

— Isso é um elogio?

Claire deteve-se à porta e soltou uma pequena gargalhada.

— Nem sei.

Sydney sentou-se na cama e esmurrou a almofada algumas vezes.

— Acorda-me e eu ajudo-te e entregar os bolinhos de canela de manhã — disse enquanto se voltava a deitar.

— Não, eu posso... — deteve-se. — Obrigada, Sydney.

Na terça-feira à tarde, Claire anunciou que ia à mercearia e Sydney perguntou se ela e Bay poderiam acompanhá-la. Sydney precisava de comprar o jornal para consultar os anúncios de emprego e, embora lhe custasse, tinha de devolver a camisa que Evanelle lhe dera. Guardara para emergências o dinheiro que ganhara a trabalhar para Claire e, por isso, agora necessitava de mais algum extra para artigos de higiene e Bay precisava de comida para miúdos. Claire era uma excelente cozinheira, mas no dia anterior ficara boquiaberta a olhar para Bay quando esta lhe perguntara se tinha rolinhos de piza.

Quando chegaram, Claire e Bay entraram na mercearia de Fred e Sydney continuou pelo passeio. A praça não tinha mudado muito, embora agora existisse uma escultura junto à fonte no relvado feita pelos estudantes da universidade e que se assemelhava a uma folha de carvalho.

Devolveu a camisa na Maxine's e descobriu que a loja havia mudado de proprietário duas vezes nos últimos dez anos e era agora gerida por uma elegante senhora de meia-idade. Esta informou Sydney que no momento não necessitava de mais nenhuma funcionária na loja, mas que lhe ligaria caso abrisse uma vaga. Reconheceu de imediato o nome Waverley quando Sydney o escreveu num pedaço de papel e perguntou-lhe se era da família de Claire. Quando Sydney respondeu afirmativamente, a mulher esboçou um sorriso e explicou que Claire tinha confeccionado o bolo de casamento da sua filha no ano anterior e que as suas amigas de Atlanta adoraram. Depois prometeu que lhe ligaria se viesse a precisar de alguém para a loja.

A caminho da mercearia, Sydney passou pelo White Door Salon. Há dez anos era um moderno salão de cabeleireiro chamado Tangles, mas agora era um elegante e fino salão de beleza. Nesse instante saiu uma cliente e com ela o aroma a químicos camuflado pela agradável fragrância do champô. Era um cheiro que deixava Sydney nas nuvens. Oh, como sentia saudades de tudo aquilo. Já há muito tempo que não entrava num salão e sempre que passava à porta de algum era como se algo a impelisse a entrar, a pegar na tesoura e a começar a trabalhar.

Sentia sempre aquela espécie de formigueiro quando pensava que podia ser feliz novamente. Como se o melhor fosse nem sequer se dar ao trabalho.

Frequentara a escola de beleza com o seu nome verdadeiro, um nome que David não conhecia. Tinha de se forçar a lembrar que ele não iria encontrá-las ali. Ele não iria aparecer só porque ela queria voltar a trabalhar. David só as descobrira em Boise porque ela registara Bay com o nome verdadeiro. Não pensou ter outra escolha quando a creche lhe pediu a certidão de nascimento de Bay. Acreditou que David andaria apenas à procura de uma Cindy Watkins, não de uma Bay. Não voltaria a cometer o mesmo erro. Ali, Bay era uma Waverley.

Ajeitou o cabelo, satisfeita por o ter apanhado numa trança elaborada e por ter penteado a franja naquela manhã.

Depois endireitou os ombros e entrou.

Estava bastante alegre quando se encontrou com Claire e Bay junto à carrinha e sorria de orelha a orelha enquanto as ajudava a carregar os sacos com as compras. Não parava de olhar para a irmã até que Claire acabou por perguntar:

— Muito bem, qual a razão desse sorrisinho?

— Adivinha.

Claire sorriu, feliz pela boa disposição da irmã.

— O quê?

— Consegui um emprego! Eu disse-te que vinha para ficar. Arranjar um emprego é prova disso, não achas?

Claire parou o que estava a fazer, meio inclinada para a carrinha. A sua expressão era de sincera perplexidade.

— Mas tu já tens um trabalho.

— Claire, tu fazes o trabalho de três pessoas. E só precisas de ajuda ocasionalmente. Continuarei a ajudar-te sempre que for necessário.

— Sydney sorriu. Nada iria estragar a sua alegria. — Talvez não de novo em casa de Emma... mas, tu sabes.

Claire endireitou-se.

— E onde é?

— No White Door.

Teria de aplicar todo o seu dinheiro, incluindo o da camisa que acabara de devolver, para arrendar o espaço e comprar os produtos, mas estava com um bom pressentimento. Ainda tinha algum do seu equipamento e não deveria levar muito tempo a transferir a licença para aquele estado. Sempre soube que existia uma razão para continuar a renovar a sua licença. *Esta* era

a razão. Não tardaria a juntar de novo todo o dinheiro do fundo de emergência e os habitantes de Bascom iriam ver que ela era boa em alguma coisa e acabariam por procurá-la, tal como procuravam Claire, por causa do que ela sabia fazer.

— És cabeleireira? — perguntou Claire.

— Sim.

— Não fazia ideia.

Claire não tardaria a perguntar onde ela e Bay haviam estado aquele tempo todo e Sydney não se sentia ainda preparada para o revelar.

— Escuta, a Bay vai entrar para o jardim-escola no Outono, mas ainda vai demorar algum tempo até eu ter dinheiro para uma creche. Eras capaz de tomar conta dela? Vou também pedir a Evanelle.

Apercebeu-se de que Claire sabia exactamente o que ela estava a tentar fazer, a evitar as perguntas óbvias, contudo Claire não a pressionou. Talvez um dia contasse à irmã tudo sobre os últimos dez anos, um dia em que existisse confiança suficiente entre ambas para permitir essa revelação, quando tivesse a certeza de que a cidade não iria descobrir. Porém, no seu íntimo, Sydney desejava que tudo aquilo desaparecesse como se nunca tivesse existido, da mesma forma que uma fotografia antiga se desvanece.

— Claro que sim — respondeu Claire por fim.

Recomeçaram a carregar os sacos. Sydney espreitou para o interior de um deles e questionou:

— Para que é tudo isto?

— Vou fazer rolinhos de piza — explicou a irmã.

— Sabes que podes comprá-los congelados?

— Sim, sabia — respondeu Claire. Depois sussurrou ao ouvido de Bay: — Isso é verdade?

Bay soltou uma gargalhada.

— E estas coisas? — interrogou Sydney, metendo o nariz em mais alguns sacos. — Mirtilos? Castanhas?

Claire afastou-a e fechou o porta-bagagens da carrinha.

— Vou cozinhar alguns pratos para o Tyler — revelou Claire.

— Ai sim? Pensei que não querias ter nada a ver com ele.

— E não quero. São pratos especiais.

— Uma poção de amor?

— Isso não existe.

— Não vais envenená-lo, pois não?

— Claro que não. Mas as flores no nosso jardim... — Claire fez uma pausa. — Talvez consiga que ele fique menos interessado.

Essa afirmação fez Sydney rir, mas nada disse. Sabia bastante acerca dos homens, mas torná-los menos interessados nunca fora a sua especialidade. Talvez se tornasse a especialidade de Claire.

Bay deitou-se na relva, o Sol a banhar-lhe a face. Os acontecimentos da semana anterior começavam a desvanecer-se da sua mente da mesma forma que o cor-de-rosa se vai aos poucos transformando em branco até já quase não acreditarmos que foi cor-de-rosa. Qual a cor dos olhos do seu pai? Quantos passos distavam entre a sua antiga casa e o passeio? Já não se recordava.

Bay sempre soubera que haviam de deixar Seattle. Nunca o dissera à mãe, pois era demasiado difícil de explicar e ela própria não o entendia muito bem. Apenas não pertenciam ali e Bay sabia onde as coisas pertenciam. Às vezes, quando a mãe arrumava as coisas na sua antiga casa, ela ia mais tarde às escondidas colocá-las onde sabia que o pai as preferia. Por exemplo, a mãe arrumava as meias na gaveta das meias, porém Bay sabia que quando o pai chegasse a casa as iria querer no armário junto aos sapatos. Ou quando a mãe colocava as meias com os sapatos, ela sabia que isso o iria enfurecer e apressava-se a guardá-las na gaveta. Contudo, por vezes os desejos dele mudavam tão rapidamente que Bay era incapaz de os acompanhar e nessas alturas ele gritava e fazia coisas más à sua mãe. Fora uma época cansativa e sentia-se feliz por se encontrar algures onde o lugar das coisas era claro. Os utensílios encontravam-se sempre na gaveta à esquerda do lava-loiça. A roupa de cama era sempre guardada no armário ao cimo das escadas. Claire nunca mudava de ideias quanto ao lugar das coisas.

Bay sonhara com este lugar há muito tempo. Sabia que viriam para aqui. Mas, naquele dia, estava deitada no jardim a tentar perceber o que faltava. No sonho encontrava-se estirada na relva neste jardim junto a esta macieira. A relva era macia como no seu sonho e o aroma das flores era exactamente como o sonhara. Todavia, no sonho havia arco-íris e pequenos pontos de

luz na sua face, como se algo brilhasse sobre a sua cabeça. E deveria escutar o som de algo semelhante a papel a agitar-se ao vento, mas o único ruído que ouvia era o restolhar das folhas da macieira à medida que iam caindo maçãs em seu redor.

Uma das maçãs atingiu-a na perna e Bay abriu um olho e mirou a árvore. Não paravam de cair maçãs sobre ela; era quase como se a macieira quisesse brincar.

Sentou-se de imediato quando Claire a chamou. Era o primeiro dia de trabalho de Sydney e o primeiro dia em que Claire ficava a tomar conta da sobrinha. Sydney proibira-a de ir para o jardim, mas Claire dissera-lhe que não fazia mal, desde que não colhesse nenhuma flor. Bay ficara deveras entusiasmada por finalmente poder conhecer o jardim. Agora esperava não ter feito nenhuma asneira.

— Estou aqui — gritou ela enquanto se levantava. Viu Claire junto ao portão no extremo oposto do jardim. — Não colhi nenhuma flor.

Claire ergueu uma caçarola tapada com papel de alumínio.

— Vou a casa do Tyler levar-lhe isto. Vem comigo.

Bay correu pelo carreiro de gravilha satisfeita por rever Tyler. Da última vez que ela e a mãe o haviam visitado, ele deixara-a desenhar num cavalete e quando lhe mostrou o desenho ele pendurara-o no frigorífico.

Claire fechou e trancou o portão e caminharam até ao quintal de Tyler. Bay caminhava ao lado de Claire. Gostava do cheiro dela, era familiar e confortável, cheirava a sabonete caseiro e a ervas aromáticas.

— Tia Claire, por que razão é que a macieira atira maçãs para cima de mim?

— Quer que comas uma — explicou Claire.

— Mas eu não gosto de maçãs.

— Ela sabe disso.

— E porque enterras as maçãs?

— Para que mais ninguém as coma.

— E porque não queres que as pessoas as comam?

Claire hesitou por alguns instantes.

— Porque se comeres uma maçã daquela árvore verás o acontecimento mais importante da tua vida. Se for bom, nada mais do que fizeres te fará tão feliz. E se for mau, viverás o resto da vida sabendo que algo de mau irá acontecer. É algo que ninguém deveria saber.

— Mas há quem queira saber?

— Sim, mas enquanto a árvore estiver no nosso jardim, nós teremos uma palavra a dizer.

Chegaram aos degraus da casa de Tyler.

— Queres dizer que o quintal também é meu?

— Claro que também é teu — disse Claire com um sorriso. Por alguns momentos, Claire teve a mesma idade de Bay, fitando-a com a mesma felicidade que Bay sentia, a felicidade de simplesmente pertencer a um lugar, como nunca antes pertencera.

— Que surpresa tão agradável — exclamou Tyler ao abrir a porta. Claire inspirara profundamente antes de bater e quando o viu esqueceu-se de soltar o ar. Tyler vestia uma *T-shirt* sarapintada de tinta e calças de ganga. Por vezes sentia um nervoso tão miudinho na pele que a vontade que tinha era sair do seu corpo. Interrogou-se se um beijo dele poderia ajudar ou se o resultado seria ainda pior. Ele sorriu, não parecendo nada aborrecido por Claire ter aparecido sem avisar. Ela teria ficado bastante contrariada, mas Tyler não era como ela.

— Entrem.

— Fiz-te um guisado — informou ela, ofegante, enquanto lhe entregava a caçarola.

— Cheira muito bem. Façam o favor de entrar. — Afastou-se para que elas entrassem, o que era a última coisa que Claire pretendia fazer.

Bay fitou-a perplexa, pensando que algo não estava bem. Claire sorriu e entrou para que a sobrinha não ficasse preocupada.

Tyler conduziu-as por uma sala de estar com algumas peças de mobiliário e muitas caixas até uma cozinha branca com armários de portas de vidro. Havia ainda um recanto enorme, quase outra divisão, com janelas do chão até ao tecto. O chão estava coberto por uma lona e havia tintas espalhadas sobre um aparador e dois cavaletes.

— Foi por cauda disto que comprei esta casa. Toda esta magnífica luz — explicou Tyler enquanto colocava a caçarola sobre a bancada da cozinha.

— Posso fazer um desenho, Tyler? — perguntou Bay.

— Claro que sim, miúda. O teu cavalete está ali. Deixa-me só colocar uma folha de papel.

Enquanto Tyler ajustava a altura do cavalete, Bay foi até junto do frigorífico e apontou para o desenho colorido de uma macieira.

— Olha, Claire, fui eu que desenhei.

Não foi tanto o facto de Tyler ter pendurado o desenho de Bay no frigorífico que Claire apreciou, mas antes o facto de o ter lá deixado ficar.

— É muito bonito.

Assim que Bay se acomodou, Tyler juntou-se a Claire, sorrindo. Claire deitou um olhar preocupado à panela. Era um guisado de galinha e castanhas com óleo de sementes de bocas-de-lobo. As bocas-de-lobo destinavam-se a afastar influências alheias indesejadas, feitiços e encantamentos e Tyler precisava de se libertar da influência que ela tinha sobre ele.

— Não vais comer o guisado? — questionou ela.

— Agora?

— Sim.

Tyler encolheu os ombros.

— Está bem. Porque não. És servida?

— Não, obrigada. Já comi.

— Então senta-te enquanto eu como. — Retirou um prato do armário e serviu-se de algumas colheradas de guisado. Conduziu Claire até dois bancos junto à bancada da cozinha. — E como te tens dado com a Bay agora que Sydney arranjou emprego? — perguntou ele enquanto se sentavam. — Ela passou por aqui ontem para me contar sobre o novo emprego. Parece ter um dom para lidar com cabelos, é uma verdadeira paixão.

— Damo-nos lindamente — respondeu Claire, observando enquanto Tyler levava uma garfada à boca. Mastigou e engoliu e por momentos Claire pensou que talvez não fosse boa educação ficar a olhar. Era quase sensual, os seus lábios cheios, o balançar da sua maçã-de-adão. Não devia sentir aquelas coisas por um homem que dali a segundos iria ficar livre dela.

— Alguma vez pensaste em ter filhos? — perguntou ele.

— Não — respondeu Claire ainda a olhá-lo fixamente.

— Nunca?

Claire desviou a atenção da boca dele e pensou no assunto em questão.

— Nunca até me teres perguntado.

Tyler levou outra garfada à boca e depois apontou para o prato com o garfo.

— Isto é fantástico. Acho que antes de te conhecer nunca tinha comido tão bem.

Talvez demorasse apenas alguns minutos até fazer efeito.

— Não tarda vais dizer-me que te faço lembrar a tua mãe. Espero um pouco mais de criatividade da tua parte. Come.

— Não, não és nada parecida com a minha mãe. O espírito livre dela não inclui nada que esteja relacionado com a culinária.

Claire arqueou as sobrancelhas ao escutar aquela afirmação. Tyler sorriu e levou mais uma garfada à boca.

— Vá, faz lá a pergunta.

Ela hesitou por instantes, mas depois cedeu e questionou:

— De que forma era ela um espírito livre?

— Os meus pais eram ceramistas. Eu cresci numa colónia de artistas no Connecticut. Se não querias usar roupas, não fazia mal. Se não te apetecia lavar a loiça, partias os pratos e fazias outros. Também era perfeitamente aceitável fumar erva e dormir com o marido da melhor amiga. Ainda assim, não era vida para mim. Apesar da minha veia artística, a segurança e a rotina são mais importantes para mim do que eram para os meus pais. Só desejava ser mais competente nessa área.

«Estás na presença de uma perita», pensou ela, mas não o pronunciou em voz alta. Ele iria gostar dessa sua característica. Mais duas garfadas e o prato ficou vazio.

Claire fitou-o expectante.

— Gostaste? Como te sentes?

Ele olhou-a nos olhos e ela quase caiu do banco empurrada pela força do seu desejo. Era como uma rajada de Outono que soprava as folhas secas com tanta força que podiam cortar-te. O desejo era perigoso para uma pessoa de pele sensível.

— Com vontade de te convidar para sair.

Claire suspirou e deixou cair os ombros.

— Raios.

— No Verão há música na universidade todos os sábados. Vem comigo este sábado.

— Não. Vou estar ocupada.

— A fazer o quê?

— A cozinhar-te outro guisado.

O terceiro dia de trabalho de Sydney foi o terceiro dia sem um único cliente e nem as freguesas regulares do White Door aceitaram que ela lhes lavasse a cabeça quando as suas cabeleireiras estavam ocupadas.

E esses haviam sido os momentos altos.

À hora do almoço, e tendo em conta que não tinha nada para fazer e que já havia comido a sanduíche de azeitona e as batatas-doces fritas que Claire lhe enviara, Sydney ofereceu-se para ir buscar o almoço às outras cabeleireiras. Eram um grupo simpático e encorajador, mas isso não incluía partilharem as suas clientes. Sydney tinha de encontrar uma maneira de mostrar que era boa no que fazia e começar a atrair clientes.

Na Coffee House e na Brown Bag Café, Sydney conversou com as empregadas e ofereceu-lhes descontos se aparecessem no White Door para ela lhes cortar o cabelo. Nenhuma pareceu muito interessada, mas era um começo. Regressou ao salão e colocou os sacos de papel com os almoços na salinha de refeição e depois distribuiu os *lattes* e cafés gelados pelas bancadas onde as cabeleireiras estavam ainda a trabalhar.

A última bancada a que se dirigiu era a de Terri. Sydney sorriu e colocou o copo junto ao espelho.

— Obrigada, Sydney — agradeceu Terri, atarefada a embelezar o cabelo loiro da sua cliente.

A cliente olhou para cima e Sydney reparou que se tratava de Ariel Clark.

Apesar da vontade de exigir um pedido de desculpa pelo que esta lhe havia feito, e à irmã, nesse sábado, Sydney conteve-se e afastou-se sem lhe dirigir a palavra. Queria salvar o que restava daquele dia.

Ariel Clark, contudo, parecia ter outros planos.

Mais tarde, Sydney estava a varrer em torno de uma cadeira no extremo oposto do salão quando Ariel se aproximou. Emma era muito parecida com a mãe, o mesmo cabelo loiro, os mesmos olhos azuis, o mesmo andar confiante. Mesmo no tempo em que Sydney e Emma eram amigas, Ariel sempre se comportara de forma altiva para com Sydney. Quando esta passava as noites na casa dos Clark, Ariel mostrava-se educada, mas havia algo na sua atitude que fazia Sydney sentir que entrava naquela casa mais por caridade do que por aceitação.

Quando Ariel se recusou a afastar-se do único lugar onde faltava varrer, Sydney parou.

Conseguiu esboçar um sorriso educado, embora estivesse a sufocar o cabo da vassoura. Se queria ser bem-sucedida na sua nova aventura não podia bater com a vassoura na cabeça dos clientes do White Door, ainda que o merecessem.

— Olá, Mistress Clark. Como está? Vi-a na festa. Lamento não a ter cumprimentado na altura.

— É compreensível, querida, afinal estavas a trabalhar. Não teria sido apropriado. — O seu olhar percorreu a vassoura e foi pousar na pilha de cabelos que Sydney juntara. — Presumo que estejas a trabalhar aqui.

— Sim, estou.

— Mas não... não cortas cabelos, pois não? — perguntou como se horrorizada pela ideia. «Um excelente começo», pensou Sydney, se toda a gente que conhecia Ariel fosse reagir assim à novidade.

— Sim, também corto cabelos.

— Mas não é preciso uma espécie de curso para isso, querida?

A ponta dos seus dedos começava a ficar dormente e esbranquiçada por estar a apertar o cabo da vassoura com tanta força.

— É, sim.

— Muito bem — comentou Ariel. — Ouvi dizer que tens uma filha. E quem é o pai?

Sydney sabia que não podia deixar Ariel aperceber-se dos seus pontos fracos. Assim que certas pessoas descobriam como magoar outras, não paravam de o fazer. Sydney tinha bastante experiência nessa área.

— Ninguém que conheça.

— Ah, claro, não tenho quaisquer dúvidas.

— Deseja mais alguma coisa, Mistress Clark?

— A minha filha está muito feliz. E também faz o marido muito feliz.

— É uma Clark, afinal de contas — disse Sydney.

— Isso mesmo. Não sei o que pretendes ao regressar à cidade, mas não podes ficar com ele.

Então era essa a sua grande preocupação?

— Eu sei que isto vai ser uma surpresa, mas eu não regressei por causa dele.

— Isso é o que tu dizes. Vocês, as Waverley, são cheias de truques. Não penses que eu não sei. — Enquanto se dirigia para a porta, tirou o telemóvel da carteira e começou a marcar um número. — Emma, querida, tenho uma novidade fantástica — disse.

Por volta das cinco horas da tarde, Sydney ia dar o dia por encerrado. Foi nessa altura que viu um homem num bonito fato cinzento junto à recepção e teve um mau pressentimento.

Aquele dia não ia terminar nunca.

Hunter John perguntou qualquer coisa à recepcionista e esta virou-se e apontou para Sydney.

Hunter John caminhou na sua direcção. Ela devia tê-lo evitado, devia ter-se retirado para a salinha de refeições, mas as recordações prenderam-na ali. Aos vinte e oito anos o seu cabelo castanho-claro começava a rarear. Um corte melhor conseguiria esconder as falhas. O cabelo dele continuava bonito e sedoso, o que significava que ainda possuía o que tinha quando era novo, mas estava a perdê-lo. Estava a transformar-se numa outra pessoa.

— Ouvi dizer que trabalhavas aqui — afirmou Hunter John quando se aproximou dela.

— Pois, não tenho dúvidas disso. — Cruzou os braços frente ao peito. — Tens batom no pescoço.

Ele esfregou o pescoço devagar.

— A Emma foi ter comigo ao trabalho e contou-me.

— Então tomaste conta do negócio da tua família.

— Sim, é verdade.

A Matteson Enterprises era uma empresa situada a cerca de vinte minutos de Bascom que se dedicava ao fabrico de casas modulares pré-fabricadas.

Sydney trabalhara como recepcionista no escritório durante os mesmos Verões em que Hunter John estagiara na empresa. Costumavam encontrar-se no gabinete do pai dele para namorar quando este ia almoçar. Nas alturas em que o volume de trabalho era menor, Emma aparecia por lá e sentavam-se os três nas pilhas de madeira à porta do armazém a fumar.

Como seria a vida dele agora? Será que amava Emma de verdade ou teria ela conseguido atraí-lo com sexo, como faziam todas as mulheres da família Clark? Fora Emma, afinal, quem ensinara Sydney a fazer o broche perfeito. Só anos mais tarde um homem lhe confessou que estava a fazê-lo mal. Ocorrera-lhe nessa altura que Emma a ensinara mal de propósito. Sydney nunca desconfiara que Emma gostava de Hunter John. E Hunter John sempre afirmara que Emma era demasiado agitada para o seu gosto. Sydney nunca imaginara os dois juntos, mas nessa altura havia muita coisa que lhe passava ao lado.

— Posso sentar-me? — questionou Hunter John.

— Queres que te corte o cabelo? Olha que tenho muito jeito.

— Não, apenas não quero que pareça que parei aqui só para conversar — explicou ele ao mesmo tempo que se sentava.

Sydney fez uma expressão de desespero.

— Pois, isso seria perigoso — comentou Sydney revirando os olhos.

— Queria dizer-te umas coisas, para desanuviar o ar. É o mais acertado. — Hunter John fazia sempre o mais acertado. Era conhecido por essa característica. O rapaz de ouro. O bom filho. — Naquela noite na festa, não sabia que irias lá estar. E a Emma também não. Ficámos tão surpresos quanto tu. Foi a Ariel quem contratou a Claire. Ninguém sabia que estavas a trabalhar para ela.

— Não sejas ingénuo, Hunter John. Se Eliza Beaufort sabia, toda a gente sabia.

Hunter John fez uma expressão desgostosa.

— Lamento tudo o que se passou, mas foi melhor assim. Como viste, agora sou casado e muito feliz.

— Valha-me Deus! — exclamou Sydney. — Mas será que toda a gente pensa que eu regresssei por causa de ti?

— E regressaste porquê, então?

— Esta é a minha casa, Hunter John. Não foi aqui que cresci?

— Sim, mas nunca gostaste de quem eras aqui.

— Nem tu.

Hunter John suspirou.

Quem era aquela pessoa? Já não o conhecia sequer.

— Amo a minha mulher e os meus filhos. Tenho uma boa vida e não a trocaria por nada deste mundo. Amei-te em tempos, Sydney. Terminar o namoro contigo foi uma das coisas mais difíceis que alguma vez tive de fazer.

— Tão difícil que foste a correr procurar consolo casando com a Emma.

— Apressámos o casamento porque ela ficou grávida. A Emma e eu só nos aproximámos depois de tu te teres ido embora. Foi tudo obra do acaso.

Sydney soltou uma gargalhada.

— Estás a ser novamente ingénuo, Hunter John.

Sydney sabia que ele não gostava de ouvir aquilo.

— Ela é a melhor coisa que já me aconteceu.

O que ele estava a dizer era que por ter deixado Sydney a sua vida era ótima. *Ela* não gostou de ouvir aquilo.

— Foste visitar a catedral de Notre Dame? Viajaste pela Europa tal como desejavas?

— Não. Isso são sonhos antigos.

— Quer-me parecer que desististe de muitos sonhos.

— Sou um Matteson. Tinha de fazer o que era melhor para o meu nome.

— E eu sou uma Waverley e posso amaldiçoar-te por isso. — Ele fitou-a assustado como se acreditasse e isso deu a Sydney uma estranha sensação de poder. Mas depois Hunter John sorriu.

— Ora, tu odeias ser uma Waverley.

— É melhor ires andando — aconselhou Sydney. Hunter John levantou-se e puxou da carteira. — E nem penses que me vais deixar dinheiro por um corte de cabelo a fingir.

— Lamento, Sydney, não consigo deixar de ser quem sou. E está visto que tu também não.

Enquanto ele se afastava, Sydney pensou que era triste chegar à conclusão de que apenas amara um homem e que esse homem tinha de ser *aquela*, um que desde o início a considerara uma simples aventura de adolescência quando ela acreditara que seria para sempre.

Naquele momento desejou saber mesmo uma maldição.

— Estava a ficar preocupada — disse Claire quando Sydney entrou na cozinha ao fim do dia. — A Bay está lá em cima.

Sydney abriu o frigorífico e tirou uma garrafa de água.

— Fiquei até mais tarde.

— E como correu o teu dia?

— Correu bem. — Deslocou-se até ao lava-loiça onde Claire estava a lavar uma tigela de mirtilos. — O que estás a fazer? Algo para levar novamente ao Tyler?

— Sim.

Sydney pegou no ramo de flores azuis que se encontrava sobre a bancada e encostou-o ao nariz.

— Que flores são estas?

— Fel-da-terra. Vou polvilhar as tartes de mirtilo com as suas pétalas.

— E para que servem?

— O fel-da-terra ajuda as pessoas a ver com mais clareza, a encontrar objectos perdidos ou a aperceberem-se de segundas intenções — explicou Claire com desenvoltura. Aquele poder era-lhe tão natural.

— Então quer dizer que estás a tentar fazer com que Tyler perceba que não és quem ele procura?

Claire esboçou um ligeiro sorriso.

— Não comento.

Sydney observou a irmã a trabalhar.

— Pergunto-me porque não terei herdado isso — comentou num tom um pouco ausente.

— Herdado o quê?

— Essa misteriosa sensibilidade das Waverley que tu e Evanelle possuem. A avó também a tinha. Sabes se a mãe também era assim?

Claire fechou a torneira e alcançou o pano para secar as mãos.

— Não te sei dizer. Ela detestava o jardim, disso lembro-me. Nem sequer se aproximava dele.

— Eu até gosto do jardim, mas acho que sou mais parecida com a mãe do que qualquer outra pessoa da nossa família. — Sydney agarrou em alguns mirtilos e meteu-os na boca. — Não tenho nenhum dom especial, assim

como a mãe, e ela regressou para aqui para que tivesses um lugar estável onde viver e crescer, tal como eu fiz pela Bay.

— A mãe não voltou para cá por causa de mim — disse Claire surpreendida por Sydney pensar assim. — Ela regressou para que tu pudesses nascer aqui.

— Ela abandonou-me quando eu tinha seis anos — argumentou Sydney caminhando até à porta aberta para a estufa e olhando lá para fora. — Se não fossem aquelas fotografias da mãe que a avó me deu, nem sequer me lembrava da cara dela. Se eu fosse realmente importante ela não se teria ido embora.

— O que fizeste com essas fotos? — perguntou Claire. — Já me tinha esquecido delas.

Num momento Sydney estava a inclinar a cabeça e a sentir a fragrância das ervas que secavam na estufa e no instante seguinte estava a ser arrebatada pelo vento e transportada de volta para Seattle. Aterrou na sala de estar do apartamento a olhar para o sofá. Avançou e levantou-o de um lado. Ali, sob o sofá, encontrava-se um envelope que dizia «Mãe». Há tanto tempo que não sentia vontade de rever aquelas fotografias que se esquecera que estavam ali. Aquelas eram as fotografias da vida itinerante de Lorelei, uma vida que Sydney tentara imitar durante muito tempo. Pegou no envelope, folheou a pilha de fotos e encontrou uma que a fez sentir um ataque de pânico. Nela estava a sua mãe, talvez com dezoito anos, frente à Alamo. Sorria e segurava um cartaz que dizia, *Chega de Bascom! A Carolina do Norte Mete Nojo!* Quando Sydney era adolescente achava aquele cartaz o máximo da rebeldia. Mas, e se David encontrasse o envelope? E se percebesse tudo? Escutou os seus passos aproximarem-se da porta e apressou-se a esconder o envelope sob o sofá. Ele estava a entrar. Ia encontrá-la ali.

— Sydney? — Sydney abriu os olhos assustada. Estava de volta a Bascom. Claire encontrava-se ao seu lado, abanando-a pelo braço. — Sydney?

— Esqueci-me de as trazer — explicou ela. — As fotografias. Deixei-as para trás.

— Estás bem?

Sydney acenou afirmativamente com a cabeça, tentando controlar-se. Contudo, tinha o mau pressentimento de que David acabaria por saber que

ela tinha lá estado. Ele descobriria que ela estivera a pensar em alguma coisa que deixara para trás. Abrira uma porta. Mesmo agora quase jurava que conseguia sentir o aroma da sua água-de-colónia, como se o tivesse trazido de volta consigo.

— Estou bem, sim. Estava a pensar na mãe. — Sydney rodou os ombros, tentando sacudir a tensão. David não sabia onde estavam as fotografias.

Não iria encontrá-las.

Nessa noite, Evanelle vestiu um roupão de manga curta sobre a camisa de dormir e foi até à cozinha. Teve de contornar caixas cheias de pensos rápidos e fósforos, elásticos e ornamentos de Natal. Uma vez chegada à cozinha, procurou as pipocas de fazer no microondas. Desviou torradeiras ainda nas suas caixas originais e aspirinas que comprara por atacado.

Não queria nenhum daqueles artigos, nem tão-pouco gostava de ter aquilo ali em casa. Esforçava-se por arrumar tudo aos cantos e em divisões vazias, mas sobravam sempre coisas. Um dia alguém precisaria daquilo, por isso o melhor era ter tudo à mão em vez de se ver obrigada a ir fazer compras às três da manhã a uma loja de conveniência. Virou-se quando escutou alguém bater à porta.

Que surpresa. Não costumava ter muitas visitas. Vivia num pequeno bairro de casas inspiradas no movimento artes e ofícios, uma zona que se tornara mais fina do que o era na época em que ela e o marido, que trabalhava para a companhia dos telefones, se haviam mudado para lá. Os seus vizinhos eram na maioria casais entre os trinta e os quarenta anos, sem filhos e com empregos que os obrigavam a chegar a casa depois de escurecer. Nunca tinha falado sequer com os vizinhos do lado, os Hanson, que se haviam mudado para ali há três anos. Todavia, o facto de terem pedido ao jardineiro para cortar também a relva da vizinha, por uma questão de boa vizinhança, já dizia muito.

O certo é que tinha a relva aparada de graça, por isso quem era ela para se queixar.

Acendeu a luz do alpendre e depois abriu a porta. Deparou-se com um homem baixo de meia-idade, de cabelo loiro-escuro muito bem cortado. As

suas calças e camisa estavam impecavelmente passadas e os sapatos brilhavam como diamantes. Tinha uma pequena mala junto aos pés.

— Fred!

— Olá, Evanelle.

— O que estás aqui a fazer?

Tinha uma expressão triste, mas ainda assim tentou sorrir.

— Preciso de um lugar para ficar. Foi a primeira pessoa em quem pensei.

— Bem, estou a ver porquê. Eu sou velha e tu és *gay*.

— Parece-me a relação perfeita. — Fred tentava parecer animado, mas sob o brilho da luz do alpendre assemelhava-se a um vidro delicado que a mais pequena brisa partiria em mil pedaços.

— Entra.

Fred pegou na mala e entrou e depois ficou parado na sala de estar como um miúdo que acabara de fugir de casa. Evanelle conhecia Fred desde miúdo. Ele ganhara o concurso ortográfico dois anos seguidos, mas no quarto ano perdera para Lorelei Waverley. Evanelle tinha ido ver Lorelei competir e depois encontrou Fred a chorar atrás do ginásio. Consolou-o com um abraço e ele fê-la prometer que não diria nada ao seu pai, pois segundo ele era uma vergonha chorar frente a outras pessoas. O que ficariam elas a pensar dele?

— A Shelly hoje chegou mais cedo e apanhou-me em pijama no escritório. Tem sido mais fácil ficar no trabalho. Ao menos lá sei o que fazer — explicou Fred. — Mas agora já toda a gente deve saber e não posso ficar num motel. Não quero dar a James esse tipo de satisfação. Que diabos, nem sequer sei se ele notou que eu não estou lá. Não telefonou ainda para saber onde ando. Nada. Não sei o que fazer.

— Mas conversaram?

— Tentei, tal como me aconselhou. Telefonei-lhe depois da primeira noite que dormi na loja. Ele estava no trabalho. Disse que não queria falar sobre o assunto e que lá por eu ter finalmente percebido que as coisas não estavam bem, não significava que agora poderia corrigi-las. Contei-lhe sobre o vinho que comprei a Claire e ele argumentou que eu era doido, doido por querer que as coisas voltassem a ser como eram quando nos conhecemos. Não sei o que aconteceu. Num momento estávamos bem e seis meses mais tarde apercebo-me de que sou incapaz de me recordar da última vez que tivemos uma conversa normal. É como se ele estivesse a deixar-me por etapas e eu

nem sequer me desse conta. Mas como é possível uma pessoa não se dar conta disso?

— Podes ficar aqui o tempo que desejares, mas se alguém perguntar eu vou dizer que a minha feminilidade te tornou heterossexual.

— Faço umas panquecas com compota de pêssago que são fantásticas. Basta dizer-me o que quer que cozinhe e eu faço.

Evanelle deu-lhe uma palmadinha na bochecha.

— Não que alguém vá acreditar em mim...

Mostrou-lhe o quarto de hóspedes ao fundo do corredor. Havia algumas caixas de primeiros-socorros e três aquecedores lá dentro, mas durante mais de trinta anos sempre mantivera aquela divisão mais ou menos desimpedida e a cama feita com lençóis lavados todas as semanas. Após a morte do marido ficara um vazio naquela casa. Ainda hoje existia, embora um pouco mais disfarçado. Durante os dias que se seguiram à sua morte, Lorelei vinha passar as noites com Evanelle, porém deixou de o fazer à medida que foi ficando mais velha e mais rebelde. Foi Claire quem depois tomou o seu lugar, mas ela gostava mais de dormir em casa. Evanelle nunca imaginara que Fred iria ali ficar um dia. Contudo, as surpresas não eram uma novidade para si. No fundo, era como abrir uma lata de cogumelos e descobrir que continha tomate: o melhor era agradecer e comer.

Fred colocou a mala sobre a cama e olhou em redor.

— Ia fazer pipocas e ver as notícias. Queres fazer-me companhia?

— Claro — disse Fred seguindo-a, contente por lhe dizerem o que fazer. — Obrigado.

«Mas que agradável», pensou Evanelle quando se sentaram no sofá com uma tigela de pipocas. Assistiram ao noticiário das onze juntos e depois Fred foi lavar a tigela.

— Até amanhã — despediu-se Evanelle tirando uma lata de *Coca-Cola* do frigorífico. Gostava de a abrir, de a deixar sobre a mesa-de-cabeceira para depois a beber sem o gás logo pela manhã ao acordar. — A casa de banho é ao fundo do corredor.

— Espere.

Evanelle voltou-se para trás.

— É verdade que deu ao meu pai uma colher quando eram miúdos? E que ele utilizou essa colher para desenterrar uma moeda que viu no chão a brilhar e que a usou para ir ao cinema e foi aí que conheceu a minha mãe?

— É verdade que lhe dei uma colher. Eu não tenho o poder de remediar as coisas, Fred.

— Oh, sim, eu entendo — apressou-se a dizer, olhando para o chão e dobrando o pano da cozinha que tinha nas mãos. — Estava só a perguntar.

Foi nesse instante que Evanelle compreendeu a verdadeira razão por que ele ali estava. A maioria das pessoas esforçava-se por evitá-la porque ela lhes dava coisas. Fred queria estar por perto, não fosse ela descobrir alguma coisa que desse algum sentido ao que se estava a passar com James, a colher que o iria ajudar a sair daquela situação.

Naquele domingo, Sydney, Bay e Claire encontravam-se sentadas no alpendre a comer bolinhos de canela que haviam sobrado da encomenda habitual da Coffee House. Estava calor e as coisas pareciam estranhas e fora do lugar. Maçanetas que toda a gente jurava estarem à direita das portas apareciam à esquerda. Manteiga derretida no frigorífico. Palavras por dizer que ficavam a pairar no ar quente.

— A Evanelle vem aí — anunciou Sydney e Claire virou-se e viu-a avançar pelo passeio.

Evanelle subiu os degraus a sorrir.

— A vossa mãe teve duas raparigas bonitas, é um facto; mas vocês não parecem lá muito bem-dispostas.

— É a primeira onda de calor. Deixa toda a gente irritadiça — explicou Claire enquanto servia um copo de chá gelado a Evanelle. — E como tem passado? Já há alguns dias que não a via.

Evanelle pegou no copo e sentou-se na cadeira de baloiço ao lado de Claire.

— Tenho tido um hóspede lá em casa.

— Quem?

— O Fred Walker.

— Ah — exclamou Claire surpreendida. — E isso não a incomoda?

— Não incomoda nada.

— Pelos vistos o vinho de gerânio-rosa não fez efeito.

Evanelle encolheu os ombros e sorveu o chá gelado.

— Ele não chegou a usá-lo.

Claire olhou de relance para a casa do lado.

— Acha que o Fred me deixaria comprá-lo de volta?

— Não vejo porque não. Tens outro cliente para o vinho?

— Não.

Sydney resolveu meter-se na conversa e disse:

— Deve querer utilizá-lo no Tyler.

Claire fulminou-a com o olhar, mas no fundo sabia que a irmã tinha razão.

Evanelle pousou o copo e começou a remexer no interior da mala.

— Vim cá porque tinha de te dar isto — informou ela tirando por fim uma bandolete branca do fundo do saco e entregando-a a Claire.

— O Fred tentou dissuadir-me de ta dar. Disse que tu usas ganchos, não bandoletes, que as bandoletes são para pessoas com o cabelo curto. Ele não entende. *Isto* era o que eu tinha de te dar. Há muito tempo que não vivia com um homem e já me esquecera de como podem ser teimosos. Mas cheiram bem, isso é um facto.

Sydney e Claire entreolharam-se.

— Evanelle, sabe que o Fred é homossexual, não sabe? — perguntou Claire num tom doce.

— Claro que sim — respondeu ela com uma gargalhada. Parecia mais alegre e mais leve. — Mas é bom saber que vocês as duas não são as únicas que gostam de me ter por perto. E diz-me, Sydney, como tem corrido o trabalho?

Sydney e Bay estavam sentadas no baloiço do alpendre e Sydney empurrava-o gentilmente com um pé descalço.

— Tenho de lhe agradecer. Se não me tivesse dado a camisa que devolvi, nunca teria entrado no White Door a perguntar se tinham uma vaga para mim.

— O Fred disse que te viu umas quantas vezes a semana passada a ir buscar o almoço para as raparigas do salão. E outra vez viu-te a varrer.

— É só para o que sirvo.

— O que se passa? — questionou Claire, apercebendo-se de que Sydney não andara muito alegre nos últimos dias. Ao início ficara tão entusiasmada com o trabalho no White Door, mas à medida que os dias passavam chegava a casa cada vez mais cedo e sorrindo cada vez menos. Claire tinha algumas reservas quanto ao novo emprego de Sydney. Gostava de trabalhar

com a irmã e gostava de a ter por perto. Contudo, Sydney parecia brilhar quando falava de cabelos e saía todas as manhãs cheia de esperança.

— Toda a clientela do White Door parece conhecer os Clark e os Matteson. Tive uma visita de Hunter John no meu terceiro dia de trabalho. Pelos vistos, algumas pessoas... e não vou nomear ninguém... não ficaram muito satisfeitas com isso e espalharam a notícia. Não que eu estivesse muito ocupada antes disso, mas agora parece haver uma razão para não aparecer ninguém.

— Cortaste-lhe o cabelo?

— Não, ele não deixou. O que foi uma pena, pois sou ótima a cortar cabelos aos homens — explicou Sydney. — Fui eu que cortei o cabelo do Tyler.

— Foste?

— Sim, e o da Bay e o meu.

— Então... as pessoas andam a ignorar-te? — perguntou Claire.

— Nem sequer te dão uma oportunidade?

— Se continuar assim vou ter de me vir embora. Mas talvez até seja melhor — argumentou Sydney colocando o braço em volta de Bay.

— Poderei passar mais tempo com a minha filha e terei mais tempo livre para te ajudar sempre que precisares.

Em toda a sua vida adulta, Claire apenas entrara três vezes num salão de cabeleireiro, quando o seu cabelo ficava demasiado comprido e difícil de controlar e precisava de cortar alguns centímetros. Recorria sempre ao Mavis Adler's Salon of Style, perto da estrada nacional. Mavis costumava fazer visitas especiais ao domicílio para cortar o cabelo da avó de Claire e se Mavis era suficientemente boa para a sua avó, então também servia muito bem para si.

Claire não se considerava uma saloia, e já passara frente ao White Door uma centena de vezes, contudo, quando entrou e viu cadeiras de pele, peças de arte originais e algumas das mulheres mais abastadas da cidade, para as quais já havia servido lanches, jantares e chás, sentiu-se assustadoramente desajustada.

Avistou Sydney ao fundo do salão a varrer os cabelos junto à cadeira de outra cabeleireira. Parecia tão sozinha. Para Claire isso não seria problema, mas Sydney era diferente.

Sydney viu-a e aproximou-se de imediato da recepção.

— Claire, o que se passa? Onde está a Bay?

— Ela está bem. Pedi à Evanelle que tomasse conta dela por uma hora ou duas.

— Porquê?

— Porque quero que me cortes o cabelo.

Um grupo de cabeleireiras e clientes juntou-se em torno de Sydney e de Claire. Rebecca, a proprietária do White Door, mais parecia uma professora, esperando que a aluna comesçasse. Os sussurros sobre o bonito cabelo comprido de Claire e as capacidades ainda não testadas de Sydney flutuavam como partículas de poeira.

— Confias em mim? — perguntou Sydney enquanto ajeitava a cadeira depois de ter lavado o cabelo de Claire.

— Sim — respondeu ela fitando a irmã pelo espelho.

Sydney virou a cadeira de costas para o espelho. Nos minutos seguintes, Claire foi sentindo o cabelo cada vez mais leve à medida que pedaços de cabelo escuro aterravam sobre a bata que lhe protegia a roupa, assemelhando-se a pequenas tiras de melaço. De vez em quando, Rebecca fazia uma pergunta ou outra a Sydney, às quais ela respondia com confiança e utilizando palavras como *corte biselado* e *madeixas de franja*. Claire não entendia o seu significado e só conseguia pensar em taças de cristal biselado e em franjas de colchas.

Quando Sydney terminou e virou a cadeira para o espelho, toda a gente bateu palmas.

Claire não queria acreditar no que via. Sydney cortara pelo menos trinta centímetros de comprimento. O corte era inclinado para baixo, ficando mais comprido à frente e mais curto e volumoso atrás. As pequenas madeixas na franja tornavam os olhos de Claire mais bonitos e brilhantes. Naquele

espelho reflectia-se uma pessoa que parecia exactamente quem Claire sempre desejara ser.

Sydney nem lhe perguntou se gostava. Era óbvio. Era uma transformação executada por uma mestra. Toda a gente observava Sydney com admiração e ela brilhava como prata acabada de polir.

Claire sentiu os olhos encherem-se de lágrimas, era uma alegria semelhante à de um nascimento, uma alegria de redenção. Bem dentro de si, Claire sempre soubera. Fora a razão de todos os seus ciúmes quando eram miúdas. Sydney nascera ali. Isso era um dom e sempre estivera dentro de Sydney, à espera que ela o aceitasse.

— Já não o podes negar — disse Claire.

— Negar o quê? — questionou Sydney.

— *Este é o teu dom enquanto Waverley.*

PARTE DOIS

Discernimento

*L*ester Hopkins estava sentado numa cadeira de jardim de alumínio sob o castanheiro do quintal da frente. À distância, um rasto de poeira seguia um carro que avançava pela longa estrada que levava até à casa ao lado da leitaria.

Lester sofrera um acidente vascular cerebral no ano anterior e ficara a coxear e com um canto da boca pendido. Por essa razão trazia sempre um lenço consigo para limpar a saliva que aí se acumulava. Não queria ofender as senhoras. Ultimamente passava grande parte do tempo sentado, o que até não o aborrecia muito. Dava-lhe oportunidade para pensar. Verdade seja dita, sempre ansiara por esta época da vida. Quando era miúdo o seu avô vivia uma vida desafogada e despreocupada, tomando fartos pequenos-almoços, indo caçar quando lhe apetecia, passando as tardes a dormir e tocando banjo à noite. Para Lester, isso é que era a vida. E até se recebia dinheiro pelo correio todos os meses, certinho como um relógio. Assim, decidiu bem cedo na vida que queria crescer e reformar-se.

Contudo, as coisas não correram bem como previra e teve de trabalhar mais arduamente do que imaginara depois de o pai morrer, quando tinha apenas dezassete anos e se vira obrigado a gerir a leitaria sozinho. Ele e a esposa foram abençoados com apenas um filho e este casara com uma mulher trabalhadora e viviam todos ali em casa, e o seu filho tivera um filho e tudo corria bem. Foi então que a esposa de Lester morreu de cancro e dois anos mais tarde foi a vez do filho, vítima de um acidente de viação. Sentindo-se perdida e sozinha, a nora decidiu ir viver para Tuscaloosa, para junto da irmã, mas Henry, o neto de Lester, com onze anos, preferiu ficar.

Assim, Lester conhecera apenas duas coisas constantes na sua vida: a quinta e o neto.

Quando o carro se aproximou, Lester escutou a porta de rede bater. Virou-se e viu que Henry saía para saber de quem se tratava. Era demasiado tarde para visitas de trabalho. O Sol já quase se escondera.

Henry gritou:

— Estás à espera de alguma coisa, avô?

— Da sorte grande, mas não deve ser isso.

Henry caminhou até ao castanheiro e deixou-se ficar junto do avô. Lester mirou-o. Era um rapaz bonito, mas, à semelhança de todos os homens da família Hopkins, nascera velho e passaria o resto da vida à espera que o corpo o acompanhasse. Era por essa razão que todos os Hopkins casavam com mulheres mais velhas. Henry, porém, estava a demorar algum tempo e Lester decidira dar-lhe uma pequena ajuda nessa área. Quando as professoras eram solteiras e da idade certa, Lester pedia ao neto que fosse ele mostrar a leitaria às turmas da escola primária. A comissão de decoração da igreja era composta maioritariamente por mulheres divorciadas e Lester permitia que fossem à quinta apanhar feno no Outono e azevinho no Inverno, certificando-se sempre de que Henry as ajudava. Contudo, nunca tivera sucesso nos seus intentos. Seguro, confiante, trabalhador e bondoso, Henry era um excelente partido, se ao menos não se sentisse tão feliz consigo mesmo.

Mas isso é o que sucede quando se nasce velho.

O automóvel parou. Lester não conheceu o condutor, porém reconheceu a mulher que saiu do lugar do passageiro.

Soltou uma risada. Sempre gostara das visitas de Evanelle Franklin. Eram como um dia de sol em pleno Inverno.

— Parece que a Evanelle precisa de nos dar alguma coisa — comentou Henry.

O homem permaneceu dentro do carro enquanto Evanelle atravessava o quintal.

— Lester — disse ela parando à frente dele e colocando as mãos na cintura —, estás com melhor aspecto de cada vez que te vejo.

— Já descobriram uma cura para as cataratas, sabias? — gracejou ele.

Evanelle sorriu.

— Seu insolente.

— O que te trouxe até estas bandas?

— Tinha de te dar isto. — Levou a mão ao saco de tecido e entregou-lhe um frasco de cerejas em marrasquino.

Lester olhou para Henry que tentava esconder o riso.

— Bem, há muito tempo que não comia disto. Obrigado, Evanelle.

— Não tens de quê.

— Diz-me cá, quem é aquele que veio contigo?

— É o Fred, da mercearia. É meu hóspede. Tem sido bastante agradável tê-lo lá em casa.

— Quer jantar connosco? — convidou Henry. — A Yvonne fez bolinhos de batata.

Yvonne era a governanta. Henry contratara-a após o AVC de Lester no ano anterior. Era obviamente casada. Lester teria contratado uma rapariga solteira.

— Agradeço, mas tenho de ir andando — disse Evanelle. — Vejo-vos nas comemorações do Quatro de Julho?

— Lá estaremos — confirmou Lester e ficou com Henry a vê-la afastar-se.

— Certa vez ela deu-me um novelo de lã — contou Henry. — Eu devia ter cerca de catorze anos na altura e estávamos a fazer uma visita de estudo à baixa da cidade. Fiquei tão envergonhado que deitei o novelo fora. Claro que na semana seguinte precisei dele para um projecto escolar.

— Os homens desta cidade aprendem bem cedo a sua lição no que toca às mulheres Waverley — disse Lester alcançando a bengala que deixara encostada à árvore. Ergueu-se lentamente. — Sempre que aparecer uma, senta-te e escuta-a com atenção.

Na tarde seguinte, Claire escutou a voz da irmã vinda do andar de cima.

— Onde estão todas?

— Estou aqui em baixo — gritou Claire.

Não tardou a escutar o ranger das poeirentas escadas à medida que Sydney descia os degraus até à cave. Era um lugar fresco e seco e por vezes os homens adultos e demasiado atarefados batiam à porta e pediam autorização para se sentarem na cave das Waverley por uns instantes porque os ajudava a clarear os pensamentos e a recuperar o equilíbrio perdido.

Os passos de Sydney foram ficando cada vez mais audíveis à medida que seguia ao longo das prateleiras em direcção à luz da lanterna de Claire. As lâmpadas da cave estavam todas fundidas desde 1939 e o que começara como preguiça de as mudar transformara-se numa tradição familiar de manter a cave às escuras. Já ninguém sabia porque continuavam a fazê-lo, apenas que sempre fora assim.

— Onde está a Bay? — perguntou Sydney. — Não está aqui em baixo contigo?

— Não, gosta de passar grande parte do tempo no jardim. Ela está bem. A árvore parou de lhe atirar maçãs quando ela começou a atirá-las de volta. — Claire passou a lanterna para as mãos da irmã. — Dás-me uma ajuda com isto? Aponta a luz para aqui.

— Vinho de madressilva?

— As comemorações do Quatro de Julho são para a semana. Estou a contar as garrafas para saber quantas temos de levar.

— Quando entrei, vi uma garrafa sobre a mesa da cozinha — informou Sydney enquanto a irmã contava.

— Essa é a do vinho de gerânio-rosa que o Fred me deu. Não me deixou devolver-lhe o dinheiro. Acho que é uma espécie de suborno para eu não dizer nada. — explicou Claire. Depois sacudiu as mãos para se livrar do pó. — Trinta e quatro garrafas. Pensei que tinha feito quarenta o ano passado. Não importa, estas devem chegar.

— Vais dá-lo ao Tyler?

Claire pegou de novo na lanterna.

— Vou dar o quê ao Tyler?

— O vinho de gerânio-rosa.

— Ah — exclamou Claire afastando-se. Sydney não tardou a segui-la. — Na verdade, gostaria que fosses tu a levar-lho.

— O semestre de Verão já começou — disse Sydney. — Ele não vai estar muito tempo em casa.

— Ah. — Claire ficou satisfeita por a irmã não a conseguir ver, por não ver a sua confusão. Por vezes acreditava que estava a ficar louca. A primeira coisa em que pensava ao acordar era como passar o dia sem pensar nele. E ficava à espreita, na esperança de o avistar no jardim ou a entrar em casa, ao mesmo tempo que elaborava planos para não o voltar a ver. Não fazia qualquer sentido.

Chegaram à cozinha e Claire fechou e trancou a porta da cave.

— Ele é um tipo às direitas, Claire — disse Sydney. — Eu sei. Eu própria também fiquei surpreendida. Imaginem só, os homens afinal podem ser boas pessoas. Quem diria!

Claire levou a lanterna de volta para a arrecadação e colocou-a na prateleira onde guardava as velas e as restantes lanternas. A electricidade

causada pela frustração que sentia fez com que o pequeno rádio começasse a tocar ao passar por ele, sobressaltando-a. Apressou-se a desligá-lo e depois encostou-se à parede. Aquilo não podia continuar.

— Ele não é uma constante — disse Claire da arrecadação. — A macieira é uma constante. O vinho de madressilva é uma constante. Esta casa é uma constante. Tyler Hughes não é uma constante.

— Eu também não sou uma constante, pois não? — inquiriu Sydney. Contudo Claire não respondeu. Seria Sydney uma constante? Teria verdadeiramente encontrado o seu lugar em Bascom ou voltaria a partir, talvez quando Bay fosse mais velha ou caso se apaixonasse? Claire preferia não pensar nisso. A única coisa que podia controlar era não ser a razão que levasse Sydney a abalar, dando-lhe razões para ficar. Iria concentrar-se apenas nisso.

Claire inspirou profundamente e regressou à cozinha.

— E como tem corrido o trabalho? — perguntou num tom alegre.

— Meu Deus, ando tão ocupada. Graças a ti.

— Eu não fiz nada. Tu é que fizeste.

Sydney abanou a cabeça.

— As pessoas agora olham para mim como se eu fosse uma professora ou algo do género. Não entendo.

— Acabaste de descobrir o segredo do meu sucesso — disse Claire.

— Quando as pessoas acreditam que temos algo para lhes dar que mais ninguém possui, fazem de tudo e pagam o que for preciso para o ter.

Sydney soltou uma gargalhada.

— Estás a dizer que, já que nos acham estranhas, mais vale ganharmos dinheiro com isso?

— Não somos estranhas — argumentou Claire. Depois fez uma pausa. — Mas é isso mesmo.

— Tens teias de aranha da cave no cabelo — disse Sydney caminhando até junto da irmã e sacudindo-lhas com a ponta dos dedos. Agora possessiva em relação ao cabelo de Claire, Sydney ganhara o gosto de lho pentear para trás das orelhas, de lhe ajeitar a franja com os dedos ou de o avolumar atrás. Era agradável, era como se estivesse a brincar, como algo que poderiam ter feito em miúdas, se tivessem sido mais unidas.

— Onde cortavas cabelos antes? — perguntou Claire, observando atentamente a expressão da irmã enquanto esta lhe alisava o cabelo.

Crescera tanto durante o tempo que estivera ausente. Sydney afastou-se e tentou arrancar as teias de aranha da ponta dos dedos, onde se haviam colado como fita adesiva.

— Já há alguns anos que não o fazia. Mas trabalhei num cabeleireiro em Boise durante algum tempo. — Desistiu das teias de aranha e virou-se. Agarrou na garrafa de vinho de gerânio-rosa que estava sobre a mesa e dirigiu-se apressada para a porta das traseiras. Um estranho aroma a água-de-colónia masculina parecia segui-la. — Vou dizer olá à Bay e depois vou a casa do Tyler levar isto.

Desde o dia em que regressara mentalmente ao apartamento, em Seattle, quando se lembrara de que deixara lá as fotos da mãe, a fragrância da água-de-colónia de David surgia em seu redor sem o menor aviso. As ventoinhas de tecto do andar de baixo começavam a trabalhar sozinhas quando o cheiro era particularmente forte, como que para o afastar. Quando pairava à noite no corredor do piso superior, longe das ventoinhas de tecto e das brisas nocturnas, parecia andar de um lado para o outro, fervilhando de raiva. Nessas noites, Bay esgueirava-se para a cama da mãe e sussurravam ambas sobre o que haviam deixado para trás. Falavam em código, declarando como estavam felizes por se encontrarem longe e como era bom serem livres. Nessas alturas projectavam sombras de animais na parede com as mãos, aproveitando a luz que entrava pela janela vinda do quintal de Tyler.

Claire continuava a querer saber onde Sydney estivera e o que tinha feito durante todo aquele tempo.

Sydney sabia que estava na hora de lhe contar, especialmente agora que Claire também começava a sentir o cheiro a água-de-colónia em casa e se perguntava em voz alta de onde provinha. Contudo, aquele aroma fazia Sydney aperceber-se do tipo de perigo em que colocara a irmã ao mudar-se para ali e isso fazia-a sentir-se duplamente envergonhada em admitir os seus erros. Claire estava a fazer tanto por elas.

Quando Sydney saiu, o cheiro do perfume desvaneceu-se pelo jardim, sufocado pelo aroma das maçãs, da salva e da terra. Sydney sentou-se com Bay sob a macieira e conversaram sobre o seu dia, sobre as comemorações do Quatro de Julho e sobre como em breve passariam frente à escola

primária para que Bay ficasse a saber onde era. Desde que Claire dissera a Bay que podia ir para o jardim, esta passava várias horas por dia deitada na relva junto à macieira. Quando Sydney lhe perguntava o que fazia ali, ela respondia que estava a tentar perceber uma coisa. Sydney não a pressionava. Já se haviam passado tantas coisas na sua vida que era natural que Bay precisasse de tempo para processar tudo.

Depois de conversar com a filha, Sydney foi a casa de Tyler. Encontrou-o no quintal das traseiras a tirar a máquina de cortar a relva do pequeno barracão das ferramentas de jardim.

— Não sei, Tyler, mas achas que estás emocionalmente preparado para todas aquelas aparas de relva outra vez? — perguntou ela.

Ele virou-se e riu.

— Se não a cortar depressa, os cães mais pequenos da vizinhança vão perder-se aqui. Quando Mistress Kranowski não consegue encontrar o *Edward*, entra e bate na relva com um pau à procura dele.

— Trago um presente da Claire — disse, mostrando a garrafa de vinho.

Tyler hesitou, como se tentasse silenciosamente sufocar a primeira coisa que ia dizer.

— Sabes, por mais que me esforce, não consigo entender a tua irmã. Manda-me presentes quando é óbvio que não gosta de mim. Isso é uma coisa típica das pessoas do Sul?

— Ah, mas ela gosta de ti. É por isso que te manda tudo isto. Não te importas que beba um copo disto? Estou um pouco trémula.

— Claro, vamos para dentro.

Entraram na cozinha pela porta das traseiras e Tyler tirou dois copos de vinho do armário.

Assim que encheu o dela, Sydney por pouco não o esvaziava de um trago só.

— O que se passa? — perguntou ele.

— Há pouco a minha mente vagueou para onde não devia. Ainda me assusta.

— Queres falar sobre isso?

— Não.

Tyler fez um aceno de cabeça em sinal de compreensão.

— Muito bem, então o que temos aqui? — Encheu um copo e cheirou o seu conteúdo.

— Vinho de gerânio-rosa. Parece que traz as boas memórias de volta.

Ergueu o copo.

— Um brinde às boas memórias.

Antes que ele o bebesse, Sydney não se conteve e confessou:

— Ela tem esperança de que o vinho te faça recordar outra pessoa e a esqueças. Tal como a caçarola com óleo de sementes de bocas-de-lobo e as tartes com fel-da-terra.

Tyler baixou o copo.

— Não estou a entender.

— As flores que crescem no nosso jardim são especiais. Ou talvez seja a forma como são usadas nas receitas que as torna tão especiais. Ou seja, podem afectar quem as consome. Tu deves ser imune ou talvez ela esteja a esforçar-se demasiado e isso altere os resultados. Não faço ideia.

Tyler fitou-a incrédulo.

— Ela está a tentar que eu não fique interessado nela?

— O que significa que já penetraste a carapaça dela. Vou contar-te uma coisa sobre a Claire. Ela gosta de coisas que não se vão embora. Por isso, não te vás embora.

Tyler encostou-se à bancada, como se buscasse um ponto de apoio ou alguém o tivesse empurrado. Por instantes, Sydney interrogou-se se deveria ter revelado algo de tão pessoal sobre a irmã. Era óbvio que Claire não desejaria que ele soubesse. Mas depois Tyler sorriu e ela soube que não procedera mal. Já há tanto tempo que não fazia ninguém feliz que se esquecera de como era. Claire estava a ajudá-la tanto. Aquilo era algo que poderia dar à irmã. Podia mostrar-lhe que era possível encontrar felicidade fora do círculo do que lhe era familiar. Podia encontrar a felicidade com Tyler.

— Não vou a lado nenhum — declarou ele.

— Ainda bem. — Sydney virou a cara. As palavras de um homem bom comoviam-na sempre. Invejava Claire por tudo isto, por Tyler. Conhecera muitos homens depois de ter deixado Bascom, mas nenhum com bom coração. Achava até que nem saberia o que fazer com um homem bom.

— Bebe — ordenou ela virando-se e caminhando pela cozinha.

Tyler levou o copo aos lábios e sorveu um pouco.

— Isto é bom. Estranho, mas bom.

— Bem-vindo ao mundo da Claire.

— E quais são as tuas boas memórias? — inquiriu ele.

Sydney avançou por entre os cavaletes até ao recanto da cozinha e ficou a olhar lá para fora.

— É tão estranho. As minhas boas memórias são desta semana. Tantos anos de vida e esta semana foi a melhor da minha vida. E tu?

— Este vinho é bom, mas não estou a sentir nada de especial. Estou apenas a pensar na Claire.

Ela sorriu e bebeu mais um pouco.

— És incorrigível.

As comemorações do Quatro de Julho em Bascom realizavam-se todos os anos na praça da baixa. No relvado junto à fonte, as famílias e os grupos eclesiásticos montavam mesas e dispunham comida para que toda a gente pudesse provar os petiscos, como uma enorme refeição comunitária, antes do espectáculo de fogo-de-artifício. As Waverley traziam sempre vinho de madressilva para que as pessoas pudessem ver no escuro, porém, quer a cidade soubesse quer não, o vinho provocava também algumas revelações a cada Quatro de Julho. Um efeito secundário da capacidade de ver no escuro, ao fim e ao cabo, é apercebermo-nos de coisas de que até então não nos dávamos conta.

As Waverley tinham uma mesa numa das pontas — uma mesa muito popular, é certo, mas separada das restantes. Sydney não sossegava no seu banco. Bay estava na área infantil supervisionada a fazer chapéus de papel e a receber uma pintura facial, por isso Sydney e Claire estavam sozinhas com o vinho de madressilva. As pessoas apareciam discretamente para tomar um pequeno copo de licor, como se fosse uma bebida santificada, e de vez em quando o xerife passava por ali e perguntava:

— Ora bem, isto não é alcoólico, pois não?

E Claire respondia, com um ar sério, como já cada Waverley respondera:

— Claro que não, xerife.

Quando Sydney era adolescente, o Quatro de Julho sempre significara passar o dia na piscina de um amigo e depois aparecer no relvado a tempo de ver o fogo-de-artifício. Sentia-se agora mais velha do que outras pessoas da sua idade, pessoas como os seus antigos amigos de liceu, a maioria dos quais viera obviamente de churrascos ou de festas em piscinas, pois exibiam rostos bronzeados e tiras de fato de banho por baixo da roupa. Emma estava na mesa da igreja presbiteriana a falar com Eliza Beaufort. Sabendo o que sabia agora, Sydney já não invejava aquela vida de regalias. Era curioso então que estivesse triste por ter perdido algo que nunca tivera. Talvez apenas sentisse falta da amizade em geral, da camaradagem de pessoas da sua idade.

Sydney desviou os olhos.

— Não me recordo da última vez que estive sentada aqui na mesa Waverley — disse para Claire.

— Já foi há algum tempo.

Respirou fundo.

— Não se está mal.

— Porque estás tão desconfortável? Ninguém nos vai lançar tomates podres.

— Certo — disse Sydney. Podia ser como Claire e não se preocupar com o que os outros pensavam. Começava até a vestir-se como Claire — camisas sem mangas, calças caqui, calções estampados pelos joelhos, vestidos largos. O que Claire dissera naquele dia no salão de beleza, que ela tinha o dom das Waverley, alterara por completo a sua atitude mental. Sentia-se como uma Waverley. Porém, neste momento era um pouco como viver num país onde ainda não falava a língua. Podia vestir-se como os nativos, e até era bom, mas um pouco solitário. — Não faz mal ser-se estranho. Consigo habituar-me a isto.

— Não somos estranhas. Somos quem somos. Olá, Evanelle!

Evanelle aproximara-se delas e tirara um copo de vinho.

— Ui, estou mesmo a precisar disto — declarou, emborcando o vinho de um só trago. — Tenho tanto para fazer. Preciso de dar uma coisa à Bay. — Pousou o copo e tirou uma pregadeira garrida do seu saco de alças. Mais ou menos dos anos cinquenta, a pregadeira era feita de cristais transparentes mas amarelecidos e dispostos num padrão estrelado.

— Ela agora está a pintar a cara — explicou Sydney.

— Está bem, eu passo por ali. O Fred está a ajudar-me a organizar a casa. Tem sido de uma grande ajuda. Dei com isto num antigo guarda-jóias que encontrámos e quando o vi soube que tinha de o dar à Bay.

Claire inclinou-se para a frente na sua cadeira.

— O Fred tem estado a ajudá-la?

— Idealizou um sistema para a minha tralha toda. Criou uma coisa chamada folha de cálculo.

— Há anos que me ofereço para a ajudar com isso, Evanelle — reclamou Claire. Sydney virou-se para ela com curiosidade. Claire parecia magoada.

— Eu sei. Não queria incomodar-te. Mas uma vez que o Fred está a viver comigo...

— A viver consigo? — exclamou Claire. — Pensava que ele ia apenas ficar em sua casa por um tempo.

— Bom, achámos que enquanto por lá estivesse, mais valia ficar confortável. Está a transformar o sótão num pequeno apartamento e a fazer algumas remodelações pela casa. Tem sido muito conveniente tê-lo por lá.

— Sabe que se alguma vez precisar de mim, eu estou aqui para si — afirmou Claire.

— Eu sei. És uma boa menina. — Voltou a colocar a pregadeira no saco. — Depois de dar isto à Bay, tenho de levar uns pregos ao reverendo McQuail e um espelho a MaryBeth Clancy, depois pronto, fico despachada e vou-me encontrar com o Fred junto à fonte. Detesto grandes multidões, fico sempre com tanta coisa para fazer. Até depois.

— Adeus, Evanelle. Telefone-me se precisar de mim!

Sydney resfolegou:

— Não há dúvida, somos de facto estranhas.

— Não somos nada — argumentou Claire, distraída. — Que achas de o Fred estar hospedado em casa da Evanelle?

— Acho uma pena que ele e o James estejam com problemas. — Sydney encolheu os ombros. — Mas a Evanelle parece gostar de o ter por lá.

— Mmm.

Alguns minutos e outra visita do xerife mais tarde, Sydney deu uma cotovelada a Claire.

— Caso não tenhas reparado, o Tyler não tira os olhos de ti.

Claire olhou para ele de relance e depois gemeu.

— Raios. Tinhas mesmo de olhar para ele. Agora ele vem para aqui.

— Oh, Deus me livre — ironizou Sydney.

— Ai, sim? Pois olha que não sou a única a ser mirada. Também tens um admirador. — Claire fez sinal para um dossel do outro lado do relvado com letras grossas onde se lia LACTICÍNIOS HOPKINS. Junto à mesa estava um homem bem-parecido, louro e magro, a tirar colheradas de gelado de máquinas eléctricas para colocar em cones de papel. Era um homem de constituição sólida, como se feito para resistir a ventanias. Não parava de olhar para a mesa das Waverley.

— Será que ele pensa que precisamos de gelado? Talvez nos ache escaldantes.

— É Henry Hopkins — afirmou Claire.

— Henry! — À distância Sydney não conseguia ver bem as feições dele, mas agora que pensava nisso, havia qualquer coisa de familiar no cabelo dele, nos movimentos deliberados. — Já quase me esquecera dele.

— Não sabia que o conhecias. — Claire começou a levantar-se, mas Sydney agarrou-a pelo braço. — Deixa-me. Esqueci-me de uma coisa na carrinha.

— Não te esqueceste de nada. Estás a tentar evitar o Tyler. E, sim, conheci o Henry. Éramos... amigos, suponho. Na escola primária. Depois disso afastámo-nos.

— Porquê? — perguntou Claire, tentando soltar o braço e olhando para Tyler à medida que se aproximava.

— Porque no liceu fui uma parva — respondeu Sydney.

— Não foste.

— Isso é que fui.

— Não foste.

— Olá, minhas senhoras. Precisam de um árbitro?

Sydney libertou o braço a Claire agora que a sua missão estava cumprida.

— Olá, Tyler.

— Claire, o teu cabelo — comentou Tyler, e Claire levou a mão ao cabelo constrangidamente. Trazia a bandolete branca que Evanelle lhe dera e que lhe dava um ar tão jovem e inocente quanto ela fazia de conta não ser. — Está lindo. Tive um sonho... Uma vez sonhei que o teu cabelo estava assim. Peço desculpa, na verdade não havia forma de fazer com que isto não soasse ridículo. — Soltou uma pequena gargalhada e esfregou as mãos uma na outra. — Toda a gente me diz que preciso de beber um copo do vinho de madressilva das Waverley. Ou é uma tradição da cidade ou toda a gente está metida neste jogo da Claire-tenta-que-não-me-interesse-por-ela.

— O quê?

— A Sydney contou-me o que estavas a tentar fazer com os pratos que me deste.

Claire virou-se para Sydney, que tentou fazer um ar envergonhado, embora na verdade não estivesse nem um pouco arrependida.

— O vinho de madressilva ajuda a ver no escuro — explicou Claire constrangida. — Bebe ou então não bebas. Esbarra contra uma árvore quando escurecer. Tropeça num passeio. Quero lá saber.

Tyler pegou num copo de papel e sorriu para ela.

— Então, isto significa que conseguirei ver-te no escuro.

— Ainda não consegui deslindar todos os efeitos da receita.

Tyler bebeu o vinho sem tirar os olhos dela. Sydney recostou-se na cadeira e limitou-se a sorrir. Era como observar um par a dançar quando apenas um dos dançarinos conhece os passos. Quando Tyler se afastou, Claire caiu sobre a irmã.

— Foste-lhe dizer?

— Porque ficas tão surpreendida? Já devias saber que sim. Eu sou mesmo assim previsível.

— Não, não és.

— Isso é que sou.

— Ora, vai mas é conviver e pára de te armar em Waverley — retorquiu Claire, abanando a cabeça. Mas lá estava, um indício de um sorriso, o começo de algo novo e íntimo entre as duas.

Fazia-a sentir-se satisfeita.

Henry Hopkins ainda se recordava do dia em que ele e Sydney Waverley se tinham tornado amigos. Sydney estava sentada sozinha perto dos baloiços durante o intervalo. Nunca compreendera por que motivo os outros miúdos não queriam brincar com ela, mas fazia o mesmo que eles porque era o que toda a gente fazia. Contudo, naquele dia havia qualquer coisa diferente, ela parecia tão triste, que se aproximou e começou a trepar às barras ao lado dela. Não planeava falar com Sydney, mas achou que talvez a fizesse sentir-se melhor ter alguém por perto. Ela ficou a vê-lo por um bocado antes de lhe perguntar:

— Henry, lembras-te da tua mãe?

Ele riu-se para ela.

— Claro que sim. Vi-a esta manhã. Não te lembras da tua?

— Ela foi-se embora no ano passado. Estou a começar a esquecê-la. Quando crescer, nunca abandonarei os meus filhos. Hei-de vê-los todos os dias e não deixarei que se esqueçam de mim.

Henry recordava-se de ter ficado envergonhado, um sentimento tão intenso que na verdade caíra das barras. E desse dia em diante nunca mais largou Sydney na escola, colando-se a ela como grude. Durante quatro anos, brincaram e almoçaram juntos e compararam as respostas dos trabalhos de casa e juntaram-se em projectos de turma. Não tinha portanto motivos para esperar que no primeiro dia de aulas da escola preparatória depois das férias de Verão as coisas fossem ficar diferentes. Foi então que entrou na sala de aula e lá estava ela. Sydney crescera de uma forma que fez a sua cabeça púbere andar à roda. Parecia-se com o Outono, quando as folhas caíam e a fruta amadurava. Ela sorriu para ele e ele deu meia-volta e abandonou a sala de imediato. De cada vez que ela tentara falar com ele naquele dia, ele sentira-se à beira de desmaiar e fugira. Ao fim de algum tempo, ela deixou de tentar.

Fora tão inesperada aquela atracção e fizera-o sentir-se tão infeliz. Queria que as coisas voltassem a ser como dantes. Sydney era divertida e inteligente e sabia dizer coisas acerca das pessoas apenas pela forma como usavam o cabelo, habilidade que ele achava espectacular. Henry contara o sucedido ao avô, que havia uma rapariga na escola que era só uma amiga, mas que de repente as coisas haviam mudado e que agora não sabia o que fazer. O avô dissera-lhe que as coisas aconteciam como era suposto que acontecessem e que não valia a pena tentar prever o que se seguiria. As pessoas gostavam de acreditar no contrário, porém, aquilo em que acreditamos não tem qualquer influência prática no que acaba por acontecer. Não podemos ficar bem só por pensarmos que estamos bem. Não decidimos deixar de estar apaixonados.

Tinha a certeza de que Sydney achava que ele a abandonara, à semelhança da mãe, ou que não queria ser amigo dela, como os outros miúdos. Sentia-se horrivelmente. No final, Hunter John Matteson apaixonou-se à sério por ela e fez o que Henry não foi capaz de fazer — declarou-se. E Henry viu os amigos de Hunter John tornarem-se amigos dela e ela começar a agir como eles, a rir-se de pessoas nos corredores, até mesmo de si.

Isso fora há tanto tempo. Ouvira dizer que voltara, mas não deu muita importância ao caso. Tal como antes, não tinha qualquer motivo para esperar que o regresso dela tornasse alguma coisa diferente.

Foi então que a viu, e começou tudo de novo, aquele estranho querer, aquela sensação de a ver pela primeira vez. Os homens Hopkins casavam sempre com mulheres mais velhas, por isso interrogou-se se vê-la mudar, ficar mais velha, o fazia sentir-se assim. Como quando ela crescera durante o Verão antes do sexto ano. Como regressar ao fim de dez anos com um ar mais sensato, mais experiente.

— Estás a olhar tão fixamente que ainda ficas hipnotizado.

Henry virou-se para o avô, sentado na sua cadeira de campismo em alumínio por trás das mesas. Segurava a bengala e de vez em quando gritava para os transeuntes como se fosse um pregoeiro de feira.

— Eu estava a olhar fixamente?

— Há trinta minutos que o fazes — disse Lester. — Não ouviste nem uma palavra do que eu disse.

— Desculpa.

— Atenção. Ela está em movimento.

Henry virou-se e viu que Sydney abandonara a mesa Waverley e se encaminhava para a área infantil. O cabelo dela reflectia o sol, claro e resplandecente como mel. Dirigiu-se à filha e riu quando esta lhe colocou um chapéu de papel na cabeça. Sydney disse-lhe qualquer coisa, a menina acenou com a cabeça e juntas avançaram de mãos dadas em direcção a ele.

Caminhavam na sua direcção.

Quis fugir para a casa de banho, como fizera na escola preparatória.

Quando chegaram à mesa, Sydney sorriu.

— Olá, Henry.

Henry temia mexer-se com receio de explodir devido ao tumulto por que o seu corpo fora acometido.

— Lembras-te de mim? — perguntou Sydney. Ele assentiu com a cabeça.

— Esta é a minha filha, Bay. — Novo aceno de cabeça.

Sydney fez um ar desapontado, mas pôs o sucedido para trás das costas e discutiu a variedade de sabores de gelado com a filha. Havia chocolate com hortelã, ruibarbo com morango, pêssago com caramelo, e café com baunilha. Era ideia do avô. «Dá às pessoas algo que elas não sabem ainda que gostam. Recordar-se-ão para sempre de ti por causa disso.» As esposas de alguns dos trabalhadores da leitaria estavam a ajudar naquele dia. Henry fazia as bolas de gelado, mas era óbvio que eram as mulheres quem comandava as operações.

— Queríamos dois de chocolate com hortelã, se faz favor — pediu Sydney por fim.

Henry tratou de imediato de fazer pequenas bolas de gelado e de as colocar nos cones de papel. Sydney observou-o enquanto ele trabalhava, contemplando primeiro as mãos, subindo depois para os antebraços e por fim para o rosto.

Examinou-o enquanto ele lhes estendia os cones. Ainda assim, ele não disse nem uma palavra. Nem sequer conseguiu sorrir.

— Foi bom ver-te outra vez, Henry. Estás com bom aspecto.

Sydney e a filha viraram-se e afastaram-se. A meio do relvado, ela olhou para ele por cima do ombro.

— Foi a exibição mais deplorável que alguma vez vi — comentou Lester então, cacarejando. — Certa vez, quando era miúdo, levei um choque de uma máquina de ordenhar. Lançou-me ao chão. A tua cara espelhava bem o modo como me senti.

— Não acredito que não consegui dizer nada — disse Henry.

— Zap! Aquela máquina apanhou-me. Não conseguia dizer uma palavra. Limitava-me a abrir e a fechar a boca como um peixe — prosseguiu Lester, e riu mais um pouco. Levantou a bengala e bateu na perna de Henry. — *Zzzzzzzppppp!*

Henry sobressaltou-se.

— Muito engraçado — referiu e começou a rir.

Evanelle e Fred sentaram-se no banco de pedra que rodeava a fonte. Acenaram quando Sydney e Bay passaram, lambendo os gelados. Bay trazia o horrível pregadouro que Evanelle lhe dera preso à sua *T-shirt* cor-de-rosa e Evanelle sentiu-se culpada. Bay era tão conscienciosa e preocupava-se tanto com os sentimentos dos outros que achara que tinha de usar o alfinete de peito só porque Evanelle lho dera. Contudo, aquilo não era pregadouro para uma menina. Por que carga de água sentira necessidade de lhe dar tal coisa? Suspirou. Talvez nunca soubesse.

— Estou nervoso — confessou Fred, esfregando as mãos nos calções imaculadamente engomados.

Evanelle virou-se para ele.

— Tens aspecto disso.

Fred levantou-se e andou de um lado para o outro. Evanelle permaneceu onde estava, sob a sombra da escultura da folha de carvalho. Fred estava suficientemente agitado pelos dois.

— Ele disse que estaria aqui para conversarmos. Em público. O que é que ele acha que lhe vou fazer se estivermos sozinhos, dar-lhe um tiro?

— Homens. Não podemos viver com eles e não podemos matá-los a tiro.

— Como consegue estar tão calma? Como se sentiria se o seu marido dissesse que iria aparecer e não aparecesse?

— Tendo em conta que está morto, Fred, não ficaria muito surpreendida.

Fred voltou a sentar-se.

— Desculpe.

Evanelle deu-lhe umas palmadinhas no joelho. Passara-se quase um mês desde que Fred pedira refúgio em sua casa, e tornara-se um inesperado ponto alto dos seus dias. O asilo era supostamente temporário, mas aos poucos Fred estava a mudar-se por completo. Evanelle e ele haviam passado dias a organizar toda a sua antiga tralha no sótão e Fred parecia gostar das histórias que ela contava. Era ele quem estava a custear as obras de renovação do sótão e não havia falta de trabalhadores com bonitos traseiros pela casa. Feliz da vida, Evanelle arrastara uma cadeira para o fundo das escadas para poder sentar-se e vê-los subir.

Tinha tudo um agradável sabor a domesticidade e Fred afirmava que sabia que merecia melhor do que a forma como James o estava a tratar. Contudo, por vezes, quando Evanelle lhe passava a manteiga ao jantar ou lhe estendia um martelo para que segurasse enquanto ela pendurava um quadro na parede, ele olhava para o que Evanelle lhe acabara de dar e depois de volta para ela com tamanha expectativa que o coração dela se rachava por ele como madeira seca. Apesar de todas as palavras corajosas que proferia, Fred acalentava ainda secretamente a esperança de que um dia Evanelle lhe iria dar qualquer coisa que faria com que ficasse tudo bem com James.

— Está a fazer-se tarde — fez notar Fred. — As pessoas já estão a estender as mantas. Talvez não o tenha visto.

Evanelle viu James aproximar-se antes de Fred o ter avistado. James era um homem alto e bem-parecido. Sempre fora muito magro, o mesmo tipo

de magreza dos poetas taciturnos e criativos, de dedos longos e olhos sentimentais do antigamente. Evanelle nunca tivera uma palavra menos boa para descrever James. Ninguém tinha, na verdade. Trabalhava para uma firma de investimentos em Hickory e era muito reservado. Fred fora o seu único confidente em mais de trinta anos, mas subitamente isso mudara e nem Fred nem ninguém na cidade conseguia perceber porquê.

Porém, Evanelle tinha as suas suspeitas. Se nos deixarmos andar nesta terra o tempo suficiente, começamos a compreender os seus fluxos e refluxos.

Havia um certo tipo de demência provocada por muitos anos de complacência. Todas as mulheres da cidade pertencentes à família Burgess, que nunca tinham menos de seis filhos cada, deambulavam numa névoa até os filhos saírem de casa. Quando os mais novos abandonavam por fim o ninho, elas cometiam sempre uma loucura, como queimar todos os seus respeitáveis vestidos de gola alta e usar demasiado perfume. E qualquer pessoa que estivesse casada há mais de um ano poderia confirmar a surpresa de ter chegado a casa um dia e constatado que o marido deitara uma parede abaixo para tornar uma divisão maior ou que a mulher pintara o cabelo para fazer o marido olhar para ela de forma diferente. Havia crises de meia-idade e afrontamentos. Havia más decisões. Havia aventuras amorosas. Havia determinado ponto em que por vezes alguém dizia *atingi o meu limite*.

Fred ficou muito quieto quando viu por fim James aproximar-se.

— Desculpa o atraso. Quase não conseguia vir. — James estava um pouco arquejante e pequenas gotículas de transpiração salpicavam-lhe a testa. — Acabei de vir lá de casa. Tirei algumas coisas, mas o resto é teu. Queria dizer-te que agora tenho um apartamento em Hickory.

«Ah», pensou Evanelle, «fora por esse motivo que James quisera que Fred se encontrasse com ele aqui, pois assim saberia que não estava em casa e podia levar coisas sem ter de discutir isso primeiro com ele.» E bastou olhar para Fred para compreender que ele também entendera.

— Para o ano vou pedir a reforma antecipada e provavelmente mudo-me para a Florida. Ou talvez para o Arizona. Ainda não decidi.

— Então, está tudo acabado? — perguntou Fred, e Evanelle percebeu que havia demasiadas coisas que ele queria dizer, todas a lutar por sair. Por fim, a única coisa que se escapou foi: — Está mesmo tudo terminado?

— Durante meses, andei zangado. Agora estou apenas cansado e farto — respondeu James, e inclinou-se, apoiando os cotovelos nos joelhos. — Estou cansado de tentar mostrar-te o caminho. Deixei a escola por ti, vim para aqui para viver contigo porque tu não sabias o que fazer. Tive de te dizer que não fazia mal as pessoas saberem que eras homossexual. Tive de te arrastar para fora de casa para to mostrar. Tinha de planear as refeições e o que fazíamos nos tempos livres. Achei que estava a proceder bem. Apaixonei-me pela tua vulnerabilidade na faculdade, e quando o teu pai morreu e tu tiveste de te ir embora, fiquei apavorado que não conseguisses desenvencilhar-te sozinho. Levei muito tempo a compreender que não te ajudei em nada, Fred. E nem a mim. Ao tentar fazer-te feliz, impedi-te de singrares sozinho, de que aprendesses a desembaraçar-te por ti mesmo. Ao tentar dar-te a felicidade, perdi a minha.

— Eu consigo fazer melhor. Diz-me apenas... — Fred deteve-se e num terrível segundo apercebeu-se de que tudo o que James dissera era verdade.

James fechou os olhos por um momento e depois ergueu-se.

— Tenho de ir andando.

— James, por favor, não vás — sussurrou Fred, e agarrou na mão de James.

— Não consigo continuar desta forma. Não sou capaz de continuar a dizer-te como viver. Já quase me esqueci de como o fazer eu mesmo.

— James hesitou. — Escuta, aquele professor de culinária do Orion College, o Steve, aquele que costuma ir à tua mercearia e discute receitas contigo... Devias conhecê-lo melhor. Ele tem um fraquinho por ti.

Fred deixou pender a mão e ficou com um ar como se tivesse levado um murro no estômago.

Sem mais palavras, James afastou-se lentamente, tão alto e magro e de pernas rígidas que parecia um artista de circo sobre andas.

Fred ficou a vê-lo afastar-se.

— Costumava escutar as conversas das raparigas das caixas na sala de refeições — disse Fred por fim para ninguém em particular. Evanelle interrogou-se se ele se recordaria sequer que ela estava ali. — Costumava achá-las umas adolescentes tão palermas por acreditarem que a pior dor de todas era não conseguir esquecer alguém que deixara de nos amar. Elas queriam sempre saber *porquê*. *Porque é que* o rapaz não as amava mais? Diziam-no com tamanha angústia.

Sem mais palavras, Fred virou-se e afastou-se.

Sydney estava sentada sozinha num dos antigos *quilts* da avó Waverley. Bay fizera alguns amigos na área infantil e Sydney estendera um *quilt* perto das famílias dessas crianças para que Bay pudesse brincar com elas sob o crepúsculo azul-violeta. Emma estava sentada numa cadeira de jardim almofadada com outras pessoas que Sydney não conhecia. Hunter John não se via em parte alguma. Emma relanceava de vez em quando o olhar para Sydney, mas tirando isso não fez qualquer tentativa de comunicar com ela. Parecia estranho ter sido tão íntima dos anteriores amigos e achá-los agora perfeitos estranhos. Sydney estava a fazer amigos novos no salão, mas as novas amizades requeriam tempo. A história não se fazia sem tempo.

Sydney observou Bay correr em redor do relvado com uma bandeirinha, mas virou-se quando reparou numa pessoa que se aproximava pela direita.

Henry Hopkins avançou até à extremidade do seu *quilt* e parou. Tornara-se um homem muito bem-parecido, com um farto cabelo louro curto e penteado de forma prática, e músculos firmes nos braços. A última recordação mais nítida que tinha de Henry era de se rir dele com os seus amigos quando tropeçara e caíra num dos corredores do liceu. Fora um jovem alto e desajeitado, mas possuidor de uma dignidade tranquila que ela muito apreciara quando eram miúdos. Tinham-se afastado ao mesmo tempo que cresciam, mas Sydney não sabia ao certo porquê. Sabia apenas que fora horrível para ele assim que conseguira tudo o que achava que queria no liceu. Não o censurava por não ter querido falar consigo quando se deslocara à mesa dos Hopkins naquela tarde.

— Olá — cumprimentou Henry.

Sydney não conseguiu conter um sorriso.

— Ora, ora, ele fala.

— Importas-te de que me sente aqui contigo?

— Como se eu pudesse recusar alguma coisa a um homem que me dá gelado à borla — respondeu Sydney, e Henry baixou-se e sentou-se ao lado dela.

— Peço desculpa por há bocado — disse Henry. — Fiquei surpreendido por te ver.

— Pensei que estavas zangado comigo.

Henry fez um ar genuinamente confuso.

— Porque haveria de estar zangado?

— Não fui muito simpática contigo durante o liceu. Peço desculpa. Éramos tão bons amigos quando éramos miúdos.

— Nunca estive zangado contigo. Mesmo hoje em dia, sempre que passo por uns baloiços lembro-me de ti.

— Ah, sim — disse Sydney. — Já muitos homens me disseram o mesmo.

Ele riu. Ela riu. Estava tudo bem. Ele olhou-a nos olhos depois de as risadas cessarem e disse:

— Então, voltaste.

— Voltei.

— Fico contente.

Sydney abanou a cabeça. Era uma inesperada reviravolta no seu dia.

— És, muito possivelmente, a primeira pessoa que me diz isso assim com as letras todas.

— Bom, vale a pena esperar pelas melhores coisas da vida.

— Não ficas para o fogo-de-artifício? — perguntou Tyler ao ver Claire a guardar as garrafas de vinho vazias. Surgira por trás dela, mas ela não se virara. Estava demasiado embaraçada para se virar. Se se voltasse, tornar-se-ia aquela mulher profundamente perturbada que não conseguia lidar com um homem interessado em si. Enquanto mantivesse as costas viradas para ele, era a velha Claire, a Claire reservada, a que fora antes de Tyler se ter apresentado e Sydney ter regressado.

Sydney e Bay tinham já estendido um *quilt*, esperando que o dia escurecesse o suficiente para o espectáculo começar. Claire reparara que Henry Hopkins se tinha juntado a elas e estava a tentar ainda perceber o alcance da coisa. Henry Hopkins gostava da sua irmã.

Porque é que isso a incomodava? Porque é que o facto de Fred estar a ajudar Evanelle a incomodava?

As suas fronteiras desmoronavam-se como muros e sentia-se terrivelmente desprotegida. A pior altura possível para lidar com Tyler.

— Já vi este espectáculo — respondeu, ainda de costas para ele.

— Termina com uma explosão.

— Assim já me estragaste a surpresa. Posso ajudar-te?

Claire empilhou as caixas e levou duas, planeando carregar as outras duas numa segunda viagem.

— Não.

— Está bem — disse Tyler, pegando nas caixas. — Então, eu agarro só nisto.

Seguiu-a ao longo do relvado até à carrinha, estacionada na rua. Claire sentia o olhar dele fixo na sua nuca. Nunca se dera conta do quanto um cabelo curto podia tornar uma pessoa vulnerável. Expunha áreas que estavam até então escondidas: o pescoço, a curva dos ombros, a elevação do seu peito.

— De que tens medo, Claire? — perguntou ele calmamente.

— Não percebo do que estás a falar.

Quando chegaram à carrinha, ela destrancou a porta da bagageira e meteu as caixas lá dentro. Tyler surgiu por um dos lados e pousou as suas caixas ao lado das dela.

— Tens medo de mim?

— É claro que não tenho medo de ti — zombou ela.

— Tens medo do amor?

— Ora, que arrogância — respondeu ela ao mesmo tempo que prendia as caixas para impedir que as garrafas se partissem durante a viagem.

— Recuso os teus avanços, logo tem de ser porque tenho medo do amor.

— Tens medo de um beijo?

— Ninguém no seu perfeito juízo tem medo de um beijo. — Fechou a bagageira da carrinha e virou-se, dando com ele mais perto de si do que esperava. Demasiado perto. — Nem penses sequer nisso — argumentou ela, inspirando, as costas coladas à carrinha à medida que ele avançava ainda mais.

— É apenas um beijo — declarou, aproximando-se, e ela não acreditava que fosse possível que ele estivesse tão perto sem na verdade lhe tocar. — Não há motivos para ter medo, certo?

Tyler colocou uma mão contra a carrinha, perto do ombro dela, e inclinou-se. Ela podia esquivar-se, é claro. Bastava dar um passo ao lado e voltar a virar-lhe as costas. Mas então ele baixou a cabeça e de perto ela conseguiu ver as minúsculas linhas em forma de teias de aranha em redor

do branco dos olhos dele, e parecia que outrora tivera uma orelha furada. Estas coisas contavam histórias acerca dele, contos de contador de histórias, narrativas que a adulavam a escutá-las. Não queria saber tanto acerca dele, mas bastara um bocadinho ínfimo de curiosidade e agora estava perdida.

Lentamente, os lábios dele tocaram nos seus e sentiu um formigueiro, quente, como óleo de canela. Então, afinal de contas era só isto? Não era mau. Então, a cabeça dele inclinou-se ligeiramente e sentiu uma *fricção*, vinda de nenhures, que lhe percorreu o corpo. Os seus lábios entreabriram-se quando arquejou de surpresa e foi aí que as coisas ficaram fora de controlo. Ele aprofundou o beijo, a sua língua precipitando-se para dentro da boca dela, e um milhão de imagens disparatadas acorreram-lhe ao cérebro. Não eram oriundas dela, eram imagens dele — nudez e pernas entrelaçadas, mãos dadas, pequenos-almoços tomados em conjunto, envelhecerem juntos. Que estranha e demente magia era esta? Oh, meu Deus, mas era tão bom. De repente as mãos dela estavam por todo o lado, tocando, agarrando, puxando-o mais para si. Tyler pressionava-a contra a carrinha, a força do seu corpo quase a suspendia no ar. Era demasiado, não tardaria a esmagá-la, contudo a ideia de parar, de quebrar o contacto com este homem, este maravilhoso homem, era dilacerante.

Claire interrogara-se como seria um beijo dele, se a sua agitação, a sua inquietação se desvaneceria. Ou seria que ainda a tornaria pior? O que descobriu foi que, na verdade, ele a absorvia, como se fosse energia, e depois a irradiava como uma brasa, aquecendo-a. Que revelação.

Os silvos invadiram aos poucos os seus sentidos e Claire afastou a cabeça, vendo dois adolescentes passarem no passeio a sorrir para eles.

Ficou a vê-los afastarem-se por cima do ombro de Tyler. Ele não se mexia. Respirava pesadamente, cada inspiração pressionando-lhe os seios, de repente tão sensíveis que era quase doloroso.

— Larga-me — disse ela.

— Acho que não consigo.

Ela empurrou-o e deslizou para o lado. Ele caiu para a frente, contra a carrinha, como se não tivesse força para se ter de pé. Ela compreendeu porquê quando tentou caminhar até ao lado do condutor e quase não conseguiu. Estava fraca, como se não comesse há dias, como se não andasse há anos.

— Tudo isto com um só beijo. Se alguma vez fizermos amor, vou precisar de uma semana para recuperar.

Ela falava do futuro com tamanha facilidade. As imagens que recebera dele eram tão nítidas. Contudo, ela não podia dar início a isto, porque depois terminaria. Histórias como esta terminavam sempre. Não podia aceitar este prazer, pois passaria o resto da sua vida a sentir a falta dele, a sofrer por causa dele.

— Deixa-me em paz, Tyler — declarou, ao mesmo tempo que ele se descolava da carrinha, o peito ainda subindo e descendo rapidamente.

— Isto nunca devia ter acontecido. E não voltará a acontecer.

Meteu-se na carrinha e arrancou a toda a velocidade, batendo nas beiras dos passeios e passando sinais de *stop* todo o caminho até casa.

*H*á mais de um século, os Waverley eram uma família abastada e respeitada da cidade. Quando perderam o dinheiro numa série de maus investimentos, os Clark alegraram-se secretamente. Os Clark eram latifundiários ricos, com vários hectares do melhor algodão e dos pêssegos mais doces da região. Os Waverley, oriundos de Charleston, não eram nem de longe tão abastados, mas eram uma família de riqueza misteriosa e herdada que construía uma vistosa casa em Bascom e que sempre se haviam tido em melhor conta do que os Clark achavam que deviam ter-se.

Quando a notícia da pobreza dos Waverley lhes chegou aos ouvidos, as mulheres Clark executaram uma pequena dança sob a luz secreta da meia-lua. Depois, achando-se muito caridosas, levaram às Waverley lenços de lã cheios de buracos das traças e bolos insípidos feitos sem açúcar. Secretamente, apenas queriam ver quando os soalhos precisavam de ser encerados, agora que não tinham criados, e se as divisões estavam muito vazias depois de grande parte da mobília ter sido vendida.

Foi a tia tetravó de Emma Clark, Reecey, quem levou as maçãs do jardim e isso é que desencadeou tudo. As mulheres Waverley, as roupas remendadas e os cabelos em desalinho em virtude de tentarem sobreviver sem empregadas, quiseram mostrar às Clark as suas flores, pois tratar do jardim era a única coisa que conseguiam fazer sozinhas com sucesso. Tal provocou a inveja de Reecey Clark, pois o jardim das Clark nunca se comparava ao delas. Havia muitas maçãs em redor do jardim, reluzentes e perfeitas, por isso, em segredo, Reecey encheu os bolsos e a mala. Chegou mesmo a esconder algumas pelo casaco. Porque haveriam as Waverley de ter tantas maçãs bonitas que nem sequer comiam? E era quase como se a macieira quisesse que ela as levasse, pela forma como haviam rolado até aos seus pés.

Quando chegou a casa, levou as maçãs até à cozinheira e disse-lhe que fizesse manteiga de maçã. Durante as semanas que se seguiram, cada uma das mulheres Clark viu coisas tão maravilhosas e eróticas, que começaram a levantar-se cada vez mais cedo a cada manhã só para tomarem o pequeno-almoço. Os acontecimentos mais importantes da vida das mulheres da família Clark, veio a revelar-se, envolviam sempre sexo, o que poderia não

ter constituído uma surpresa para os seus maridos, frequentemente exaustos, que gastavam e perdoavam demasiado devido a isso.

Mas então, de repente, a manteiga de maçã acabou-se e com ela os pequenos-almoços eróticos. Foi confeccionada mais, mas não era a mesma coisa. Reecey percebeu então que haviam sido *aquelas* maçãs. As maçãs Waverley. Ficou insanamente despeitada, achando que a árvore concedia visões eróticas a qualquer pessoa que comesse as suas maçãs. Não era de admirar, portanto, que as Waverley parecessem sempre tão satisfeitas consigo mesmas. Não era justo. Não era simplesmente justo que tivessem uma árvore daquelas e as Clark não.

Não podia contar aos pais o que fizera. Permitir que alguém soubesse que roubara uma coisa, ainda mais a uma família recentemente empobrecida, seria mortificador. Assim, levantou-se da cama a meio da noite e esgueirou-se até à mansão Waverley. Conseguiu trepar à vedação, mas ficou com a saia presa nos remates e caiu. Acabou por ficar pendurada de cabeça para baixo o resto da noite, sendo descoberta na manhã seguinte pelas Waverley. A família de Reecey foi chamada e com a ajuda de Phineas Young, o homem mais forte da cidade, foi retirada da vedação e enviada de imediato para Asheville, para viver com a tia Edna, uma mulher deveras rígida.

Foi aí, dois meses mais tarde, que teve a noite de paixão mais maravilhosa da sua vida com um dos empregados dos estábulos. Foi exactamente o que vira quando comera a manteiga de maçã. Achou que era o destino. Estava até disposta a aturar a intragável tia Edna só para manter esta incrível aventura amorosa. Porém, semanas mais tarde foi apanhada nos estábulos com ele e rapidamente casada com um homem bem mais velho e austero. Nunca mais foi feliz ou se sentiu sexualmente realizada.

Decidiu portanto que o seu infortúnio se devia por inteiro às Waverley e quando era velha fazia questão de visitar Bascom todos os verões para poder contar às crianças Clark que as Waverley eram umas egoístas por manterem aquela árvore mágica só para elas.

E esse ressentimento ficou implantado na família Clark muito tempo, mesmo depois de os motivos que o originaram se terem desvanecido.

No dia a seguir ao Quatro de Julho, Emma Clark Matteson tentou fazer uso da ancestral forma Clark de conseguir o que queria. Ela e Hunter John fizeram amor naquela manhã, almofadas pontapeadas para fora da cama, lençóis arrancados ao colchão. Não fora o rádio ligado e os miúdos seguramente que teriam escutado. Hunter John ficou exausto e estonteado, por isso Emma tentou pô-lo a falar acerca de Sydney. Queria que ele concluísse como Emma era sensual em comparação com o quanto Sydney parecia velha nos calções de xadrez que vestia ontem, e que ela lhe descrevera em pormenor. Porém, Hunter John recusou-se a dizer o que quer que fosse acerca de Sydney, dizendo que ela já não tinha mais nada a ver com a vida deles.

Levantou-se e foi para a casa de banho tomar um duche e Emma mordeu o lábio lacrimosamente. Estava destroçada, por isso fez a única coisa de que se lembrou.

Telefonou à mãe e chorou.

— Fizeste o que eu disse e mantiveste o Hunter John longe das celebrações do Quatro de Julho. Isso foi bom — disse-lhe Ariel. — O teu erro foi teres falado da Sydney com ele esta manhã.

— Mas tu disseste para o fazer comparar-nos — argumentou Emma, estendida na cama e abraçada a uma almofada depois de Hunter John ter saído para o trabalho. — Como posso fazer isso sem a mencionar?

— Não estás a prestar atenção, querida. Eu planeei aquilo para ele poder comparar a Sydney contigo quando ela estava a servir e tu eras a anfitriã. Apenas dessa vez. Não continues a fazê-lo, por amor de Deus.

Emma já tinha a cabeça a andar à roda. Nunca duvidara do considerável conhecimento da mãe no que dizia respeito aos homens, mas isto parecia-lhe tão complicado. Como iria conseguir manter este esquema? Hunter John acabaria por suspeitar de alguma coisa mais cedo ou mais tarde.

— Não permitiste que o Hunter John se aproximasse sequer da Sydney desde que ele a foi ver ao White Door, pois não? Isso foi outro erro grave.

— Não, mãe. Mas não posso andar sempre em cima dele ou saber sempre onde está. Quando é que confio nele? Quando é que sei?

— Os homens são as criaturas mais desleais que Deus colocou à face da Terra — respondeu Ariel. — Isto depende inteiramente de ti. Tu é que tens de te esforçar para o manter. Compra qualquer coisa nova e justa ou curta, só para ele. Surpreende-o.

— Sim, mãe.

— As mulheres Clark não perdem os maridos. Mantemo-los felizes.

— Está bem, mãe.

— Onde está a Bay? — perguntou Sydney, entrando na cozinha na primeira segunda-feira depois do Quatro de Julho. Era o seu dia de folga.

— Pensei que estivesse a ajudar-te.

— E estava, mas escutou um avião a passar e correu lá para fora para o jardim. Faz isso sempre.

Sydney riu.

— Não entendo. Nunca gostou assim tanto de aviões como agora. Claire estava a fazer queques de chocolate para os Haversham, que viviam quatro casas mais abaixo. Eram para a festa do décimo aniversário do neto, cujo tema eram os piratas. Em vez de um bolo, tinham preferido seis dúzias de queques com um brinde no interior, um pequeno anel ou uma moeda ou um amuleto. Claire confeccionara tiras de rebuçado a partir de finas gavinhas de angélica do jardim e ia fazer um minúsculo X na cobertura de cada queque, como se fosse um mapa do tesouro; depois iria colocar minúsculos cartões em palitos com adivinhas que davam indicações sobre o que estaria enterrado dentro do queque.

Sydney observou Claire a preparar a cobertura.

— Então, quando é o evento?

— A festa de aniversário do Haversham? Amanhã.

— Se quiseres, tiro o dia para te ajudar.

Claire sorriu, enternecida com a oferta de Sydney.

— Tenho tudo controlado. Obrigada.

Bay entrou nesse momento e Sydney soltou uma gargalhada.

— Oh, querida, não tens de usar esse pregadouro que a Evanelle te deu todos os dias. Ela não está à espera que o faças.

Bay olhou para baixo para o alfinete que prendera sozinha à camisa.

— Mas é que posso precisar dele.

— Preparada para o nosso passeio para irmos ver a escola?

— Ficas bem sem mim, tia Claire? — inquiriu Bay.

— Foste uma grande ajuda hoje. Obrigada. Acho que consigo terminar isto — disse Claire. Iria ficar triste quando Bay começasse a escola no Outono. Mas depois iria ansiar pelas tardes, quando regressasse da escola e Sydney voltasse do trabalho e então ficariam as três juntas. Estava feliz por ter Sydney e Bay ali consigo. Queria centrar-se apenas nisso, e não em quanto tempo isso iria durar.

Não estava ainda preparada para admitir que tudo isto poderia terminar. Pensava nisso todos os dias.

— Não nos demoramos — declarou Sydney.

— Está bem. — Claire sentiu subitamente um arrepio e reparou nos pêlos dos braços todos em pé. Raios. — O Tyler deve estar a chegar à porta da frente. Diz-lhe, por favor, que não quero vê-lo.

Sydney riu assim que ouviu bater à porta.

— Como é que sabias?

— Sabia.

— Sabes, Claire, se alguma vez quiseses conversar...

Ainda tantos segredos. *Conto-te os meus se me contares os teus.*

— Idem.

Tyler e Bay esperaram juntos no balouço do alpendre da frente. Tyler usava as suas compridas pernas para os balouçar bem alto e Bay ria porque isto era típico dele. Distraía-se com a maior das facilidades e estava sempre disposto a divertir-se. Contudo, a mãe de Bay dissera-lhe que não o incomodasse se ele estivesse concentrado em alguma coisa, que era como não fazer uma pergunta a uma pessoa durante uma refeição até essa pessoa ter terminado de mastigar.

Enquanto balouçavam, Bay pensou no seu sonho, aquele em que estava deitada no jardim. As coisas aqui não iriam ser perfeitas até conseguir reproduzi-lo com exactidão. Porém, não conseguia descobrir como fazer centelhas no seu rosto sob o Sol e embora já tivesse levado cadernos até ao jardim e segurado o papel contra o vento, também não era capaz de reproduzir o barulho certo do papel a agitar-se.

— Tyler? — chamou Bay.

— Sim?

— Que tipo de coisas podem provocar centelhas na cara? Se, por exemplo, estivesse deitado ao Sol? Por vezes vejo aviões a passar e são brilhantes e por vezes o Sol provoca centelhas neles, mas quando eu tento deitar-me no jardim quando os aviões passam no céu, eles não provocam centelhas em mim.

— Referes-te à luz a reflectir-se e a fazer brilhos?

— Sim.

Tyler pensou na pergunta por um momento.

— Bom, quando um espelho reflecte o Sol, provoca clarões. Os espanta-espíritos de metal ou cristal, quando o vento os empurra, podem emitir reflexos se o Sol incidir neles. E a água também reflecte o Sol sob a forma de centelhas.

Bay acenou com a cabeça, ansiosa por fazer algumas experiências.

— São boas ideias! Obrigada.

Ele sorriu.

— De nada.

Sydney emergiu de dentro de casa naquele momento e Tyler travou o baloiço tão repentinamente que Bay teve de se agarrar à corrente para não cair. A mãe e a tia Claire tinham aquele efeito nas pessoas.

— Olá, Tyler — cumprimentou Sydney de costas para o resguardo de rede da porta. Olhou para dentro de casa por cima do ombro, duvidosa. — A Claire disse que não queria ver-te.

Tyler pôs-se de pé, o que fez Bay balançar de novo.

— Logo vi. Assustei-a.

— O que é que fizeste? — perguntou Sydney no mesmo tom de voz que usara quando Bay certa vez tentara cortar o seu próprio cabelo.

Tyler olhou para os pés.

— Beijei-a.

Sydney soltou de repente uma gargalhada, mas depois tapou a boca quando Tyler levantou a cabeça com um movimento brusco.

— Desculpa. Mas foi só isso? — Sydney deu uns passos em frente e colocou-lhe a mão no braço. — Deixa-me falar com ela, está bem? Se bateres à porta, ela não atenderá. Deixa-a fazer-se de rainha Isabel por um tempo. Sempre se fica a sentir melhor. — Sydney gesticulou para Bay para que saísse do balouço e desceram os três os degraus em conjunto.

— Um beijo, hã?

— Foi um beijo e peras.

Sydney colocou o braço em redor de Bay.

— Não a sabia capaz.

Tyler despediu-se delas quando chegaram à sua porta.

— Eu sabia — disse ele.

— A tia Claire está aborrecida com alguma coisa? — perguntou Bay quando dobraram a esquina. — Esta manhã esqueceu-se de onde eram os talheres do dia-a-dia. Tive de lhe mostrar. — Preocupava-a um pouco que Claire não soubesse onde eram as coisas. «Se ao menos conseguisse reproduzir o sonho», pensou Bay. Então, tudo ficaria bem.

— Ela não está aborrecida, querida. Apenas não gosta quando não consegue controlar as coisas. Algumas pessoas não sabem como apaixonar-se, como por exemplo quando não sabemos nadar. A princípio entram em pânico quando saltam para a água. Depois acabam por perceber o que fazer para se manterem à tona.

— Tu sabes? — Bay arrancou uma folha de relva de uma racha no passeio e tentou soprar nela pelos dedos para a fazer assobiar como o seu novo amigo Dakota lhe ensinara no Quatro de Julho.

— Se eu sei como apaixonar-me? — inquiriu Sydney e Bay acenou que sim com a cabeça.

— Sim, penso que sim.

— Eu já me apaixonei.

— Ah, sim?

— Sim, pela nossa casa.

— Cada dia te pareces mais com a Claire — comentou Sydney. Pararam por fim frente a um comprido edifício de tijolo encarnado. — Bom, aqui está ela. A tia Claire e eu andámos aqui. A minha avó nunca gostou muito de sair de casa, mas vinha trazer-me à escola todos os dias. Ainda me lembro disso. É uma boa escola.

Bay olhou para o edifício. Sabia onde ia ser a sua sala de aula, a terceira porta à esquerda passado a porta e avançando pelo corredor. Sabia até ao que a sala cheirava, a cartolina e detergente para carpetes. Acenou com a cabeça.

— É o lugar certo.

— Sim — concordou Sydney. — É mesmo. Então, estás entusiasmada com o facto de ires começar a escola?

— Vai ser bom. O Dakota pertence à minha turma.

— Quem é o Dakota?

— Um rapaz que eu conheci no Quatro de Julho.

— Ah. Bem, fico contente que estejas a fazer amigos. É uma coisa que agora gostaria que a Claire tivesse feito — referiu Sydney.

Ultimamente, a mãe falava muito sobre Claire e havia alturas, quando Sydney e Claire estavam juntas, em que Bay as via, sob a luz certa, transformarem-se em meninas outra vez. Como se estivessem a reviver a vida.

— Também devias fazer amigos, mamã.

— Não te preocupes comigo, querida. — Sydney colocou o braço em redor do ombro de Bay e puxou-a para junto de si ao mesmo tempo que o cheiro da água-de-colónia de David flutuou pelo ar. Bay sentiu medo por um momento, não por si mesma, mas pela mãe. De qualquer maneira, nunca era Bay quem o pai queria.

— Já que estamos perto da baixa, vamos até à mercearia do Fred comprar umas *Pop-Tarts*! — sugeriu Sydney alegremente, naquela voz que os adultos costumam usar para distrair os miúdos do que na verdade se está a passar. — E sabes o que me apetecia mesmo? *Cheetos*. Há tanto tempo que não como *Cheetos*. Mas não digas nada à Claire, se não ela vai-se pôr a fazê-los.

Bay não argumentou. Gostava de *Pop-Tarts*, afinal de contas. E mais do que gostava do pai.

Quando chegaram à mercearia, entraram e Sydney pegou num cestinho. Tinham acabado de passar a secção dos produtos agrícolas quando se ouviu um estrondo. De repente havia centenas de laranjas a reboarem por todo o lado, para a secção do pão, para debaixo dos carrinhos das pessoas, e Bay quase conseguia escutá-las a rir, como se de súbito tivessem sido acometidas pela alegria da liberdade. O homem da secção dos produtos agrícolas e um par de assistentes surgiram a correr como apanhadores de bolas num jogo de ténis, como se já estivessem agachados algures à espera de que uma coisa assim acontecesse.

O culpado estava junto ao expositor das laranjas, agora vazio, não contemplando o que acabara de fazer, mas olhando directamente para

Sydney.

Era Henry Hopkins, o homem que lhes oferecera o gelado e depois lhes fizera companhia no *quilt* durante o fogo-de-artifício. Bay gostava dele. Era tranquilo, como Claire. Constante. Sem tirar os olhos de Sydney, aproximou-se dela.

— Olá, Sydney. Olá, Bay — cumprimentou.

Sydney apontou para as laranjas.

— Sabes, nós deixamo-nos impressionar com facilidade. Não era preciso fazeres isto para chamar a nossa atenção.

— Deixa-me contar-te um segredo acerca dos homens. A nossa patetice é sempre inintencional. Mas habitualmente é por uma boa razão.

— Abanou a cabeça. — Já pareço o meu avô. Sempre com conselhos e ditados.

Sydney soltou uma gargalhada.

— A Bay e eu viemos comprar *Pop-Tarts*.

— Então, hoje deve ser o dia dos lambareiros. Há umas duas semanas, a Evanelle levou um frasco de cerejas em marrasquino ao meu avô.

Ele ontem viu-as e disse «porque não fazemos mais gelado e preparamos uns *banana splits*?» A única coisa que nos faltava era o molho de chocolate, por isso hoje saí mais cedo para o vir comprar.

— Vale sempre a pena andar mais um pouco por uma coisa doce — referiu Sydney.

— Porque não vêm até lá? Têm alguma coisa para fazer? Vai haver *banana splits* com fartura. E sempre podia mostrar a quinta à Bay. Ela podia ver as vacas.

A mente de Bay desanuviou-se, como o Sol a espreitar por entre as nuvens.

— Vamos ver as vacas! — concordou Bay entusiasticamente, tentando convencer a mãe a aceitar o convite. — As vacas são espectaculares!

Sydney olhou para ela intrigada.

— Primeiro aviões e agora vacas. Desde quando te tornaste uma tal amante de vacas?

— Não gostas de vacas? — perguntou Bay.

— São-me indiferentes — respondeu Sydney e depois virou-se para Henry. — Viemos a pé. Não temos como chegar a tua casa.

— Eu posso levar-vos — ofereceu Henry.

Bay puxou pela camisa da mãe. Será que ela não via, não se aperceberia de como estava calma perto dele, de como os corações deles batiam ao mesmo ritmo? A pulsação no pescoço dos dois estava em perfeita sintonia.

— Vá lá, mamã.

Sydney olhou de Bay para Henry.

— Bom, parece que estou em desvantagem numérica.

— Ótimo! Encontramo-nos do lado de lá das caixas — combinou Henry e afastou-se.

— Muito bem, rainha dos lacticínios, que se passa? — quis saber Sydney.

— Não estás a ver? — disse Bay, entusiasmada.

— A ver o quê?

— Ele gosta de ti. Como o Tyler gosta da Claire.

— Talvez não exactamente dessa forma, querida. O Henry é meu amigo.

Bay franziu a testa. Ia ser mais difícil do que pensara. De uma forma geral, as coisas tomavam os seus lugares bem mais facilmente quando Bay apontava para onde as coisas pertenciam. Tinha mesmo de descobrir como reproduzir com exactidão o seu sonho na vida real. Nada ficaria como deveria ficar até que o fizesse. Estava até a impedir a mãe de se aperceber do que era perfeito para ela.

Encontraram-se com Henry frente à loja e ele conduziu-as à sua bonita *pick-up* prateada. Tinha uma cabina dupla e Bay sentou-se atrás, o que lhe agradou por ser tão improvável ir no banco de trás de uma *pick-up* sem na verdade ir na caixa.

O dia veio a revelar-se absolutamente maravilhoso. Henry e o avô pareciam irmãos e Bay apreciou a placidez de ambos. Sydney também gostou, Bay percebeu-o. Ao ver Sydney, o velho Hopkins perguntou-lhe quando era o seu aniversário. Quando descobriu que ela era exactamente cinco meses e quinze dias mais velha que Henry, soltou uma gargalhada e deu uma palmada nas costas do neto, dizendo «Ora, sendo assim, está tudo bem.»

Quanto mais Bay via e melhor conhecia Henry e o avô, com mais certeza ficava. Era este o lugar. Era aqui que a sua mãe pertencia.

Porém, Sydney não o sabia.

A mãe, apercebeu-se Bay, sempre tivera um problema em saber onde devia estar.

Felizmente para ela, essa era a especialidade de Bay.

Subindo os degraus do alpendre com Bay ao colo no final da noite, Sydney sentia-se bem, satisfeita.

Enquanto Lester e Bay operavam a máquina eléctrica de fazer gelados junto ao castanheiro no quintal da frente, Sydney e Henry tinham passeado pelos campos e conversado, principalmente acerca de coisas antigas, como a escola primária e os antigos professores.

Henry levou-as a casa depois de escurecer e Bay deixou-se dormir no banco de trás. Quando Henry parou frente à casa, desligou o motor e conversaram mais um pouco. Sobre coisas novas, desta vez: o que queriam fazer com as respectivas vidas, como achavam que iria ser o futuro. Sydney não contou a Henry nada sobre os seus desvios de propriedade ou acerca de David. Era quase como se não existissem. Gostava dessa sensação. A negação era um luxo, em especial com aquela recordação de David a flutuar pelo ar, o seu enfastiante perfume impedindo-a de esquecer. Porém, com Henry podia esquecer.

Falou até ficar rouca, ali sentada ao lado dele na *pick-up*. E sem dar por isso era meia-noite.

Tinha acabado de entrar em casa, com Bay ainda nos braços, quando Claire apareceu de camisa de noite.

— Onde estiveram?

— Encontrámos o Henry Hopkins na mercearia. Convidou-nos para comer *banana splits* em casa dele — revelou Sydney. Olhou bem para Claire e o seu coração de repente caiu-lhe aos pés de pavor. Claire tinha um ar aflito e as mãos apertadas com força uma na outra à frente do peito como se tivesse terríveis notícias para lhe dar. «Oh, meu Deus. Era David. David encontrara-as.» Respirou fundo, tentando captar o odor dele. — Porquê? O que aconteceu? Que se passa?

— Não se passa nada. — Claire torceu as mãos por um momento, depois virou-se e avançou para a cozinha. — Deviam ter-me telefonado a avisar, só isso.

Sydney seguiu-a, segurando Bay com mais força agora. Quando a alcançou, Claire tinha já atravessado a cozinha e estava na estufa a calçar as suas socas de jardinagem.

— É só isso? — perguntou Sydney ansiosamente. — Mais nada?

— Estava preocupada. Achei...

— O quê? O que pensaste que tinha acontecido? — inquiriu Sydney, assustada, pois nunca vira Claire assim. Tinha de ser qualquer coisa terrível.

— Achei que tinham ido embora — respondeu Claire em voz baixa. Sydney não estava a conseguir perceber bem o que se passava.

— Estás aborrecida porque achaste que nos tínhamos ido embora? Queres dizer, para sempre?

— Se precisares de mim, estou no jardim.

— Claire... Desculpa ter-te deixado preocupada. Devia ter-te telefonado. Não procedi bem. — Sydney estava quase sem fôlego com todo o oxigénio que a frustração de Claire estava a consumir na estufa fechada.

— Claire, eu já te disse. Nós não vamos a lado nenhum. Desculpa.

— Está tudo bem — disse Claire, abrindo a porta da estufa e deixando uma impressão húmida e quente da sua mão na moldura da porta.

Sydney observou Claire atravessar o carreiro e destrancar o portão do jardim. Quando desapareceu no interior do mesmo, Sydney virou-se e regressou à cozinha. Havia queques espalhados por todas as bancadas. Todos tinham um X a marcar o tesouro e minúsculos cartões com enigmas escritos presos a palitos. Sydney aproximou-se para os ler.

Não há abutre sem mau agouro nem pirata sem o seu tesouro.

Escondido bem fundo, uma prenda empolgante. Talvez um doce, talvez um anel de diamante.

Este X é um bom agouro. Escava aqui e encontrarás uma moeda de ouro.

E para os que não tinham nada dentro, escrevera uma adivinha muito reveladora:

Sem prenda, sem sorte, sem brincadeira, sem brinquedos. Não escaves aqui, apenas sujarás os dedos.

Sydney ficou pensativa por um momento, depois dirigiu-se à arrecadação e sentou-se à secretária de Claire ainda com Bay aninhada no seu colo.

Esticou o braço para o telefone.

À semelhança de qualquer pessoa que já alguma vez se apaixonou, Tyler Hughes interrogava-se sobre que raios haveria de errado consigo.

Claire possuía toda aquela energia, toda aquela frustração, que extravasara dela e subjugara-o quando se haviam beijado. Agora, de cada vez que pensava nisso, tinha de se sentar e colocar a cabeça no meio das pernas, e quando finalmente recuperava o fôlego via-se obrigado a beber dois copos de água para arrefecer.

No entanto, o que o estonteava e alterava a cor de cada divisão em que entrava para um tom de vermelho-vivo e fantástico, assustara Claire a ponto de a deixar em pranto. O que havia de errado consigo a ponto de retirar tanto prazer da mesma coisa que a ela lhe causava tanta dor?

Estava a fazer o que sempre fizera, elaborando o seu plano sob o disfarce de que era uma coisa romântica, levando-o avante e durante todo esse tempo perdendo o rasto do que era real. Claire era real. E estava assustada. O que sabia ele ao certo acerca dela? O que é que alguma pessoa sabia realmente sobre Claire Waverley?

Nessa tarde, estava sentado à sua secretária em Kingsly Hall durante as horas de expediente antes da sua aula nocturna, pensando precisamente nisso, quando viu Anna Chapel, a directora do departamento, passar.

Chamou-a e ela meteu a cabeça na porta do gabinete dele.

— Conheces bem a Claire Waverley? — perguntou.

— A Claire? — Anna franziu o sobrolho e encostou-se à moldura da porta. — Ora, vejamos. Conheço-a há cerca de cinco anos. É ela que organiza todas as festas do nosso departamento.

— Quero dizer pessoalmente. Conhece-la bem?

Anna sorriu, compreendendo a pergunta dele.

— Ah. Bom, pessoalmente não a conheço muito bem. Já cá estás há um ano, portanto sem dúvida que já reparaste que esta cidade tem certas... peculiaridades.

Tyler inclinou-se para a frente, curioso por saber onde a conversa iria ter.

— Sim, já reparei.

— As histórias locais são muito importantes aqui, tal como acontece com a maioria das cidades pequenas. A Ursula Harris do departamento de inglês

lecciona um curso sobre isso precisamente. — Anna avançou pelo gabinete e sentou-se numa cadeira frente a Tyler. — Por exemplo, o ano passado, estava eu no cinema, quando entraram duas senhoras de idade e se sentaram atrás de mim. Estavam a falar sobre uma pessoa chamada Phineas Young e a comentar que era o homem mais forte da cidade e que ia derrubar um muro nas traseiras da propriedade de uma delas. Eu andava há algum tempo à procura de uma pessoa que me arrancasse uns cepos do quintal, por isso virei-me e perguntei-lhes se me poderiam dar o número de telefone dele. Disseram-me que o tal homem tinha uma lista de espera e que talvez não vivesse o tempo suficiente para chegar à minha vez. Fiquei então a saber que o homem mais forte da cidade tem noventa e um anos. Contudo, segundo rezam as lendas locais, em cada geração da família Young, há sempre um membro chamado Phineas que nasce com uma força sobre-humana e não há melhor do que ele para nos ajudar com tarefas pesadas.

— E o que é que isso tem a ver com a Claire?

— Os locais acreditam que o que cresce no jardim das Waverley tem determinados poderes. E as Waverley têm uma macieira que adquiriu por estas bandas proporções mitológicas. Mas é apenas um jardim e uma macieira. A Claire é misteriosa porque todas as suas antepassadas eram misteriosas. Na verdade, ela é como tu e eu. Provavelmente é mais inteligente que o cidadão comum. Afinal de contas, foi esperta o suficiente para transformar essa lenda local num negócio lucrativo.

Havia provavelmente um fundo de verdade nas palavras de Anna. Porém, Tyler não podia também esquecer que, quando era jovem, todos os anos, a dezassete de Janeiro, nevava na colónia do Connecticut de onde era oriundo. Não havia qualquer explicação meteorológica para o sucedido, mas uma lenda afirmava que uma bela donzela índia, uma filha do Inverno, morrera naquele dia e que todos os anos desde então o céu chorava lágrimas frias e nevosas por ela. E quando era miúdo, era um facto garantido que quem apanhasse exactamente vinte pirilampos num frasco e os soltasse antes de ir para a cama, dormiria toda a noite sem maus sonhos. Algumas coisas não podiam ser explicadas. Algumas coisas podiam. Por vezes gostamos da explicação. Por vezes não gostamos. Assim se formavam os mitos.

— Fico com a sensação de que não era isto que querias saber — disse Anna.

Tyler sorriu.

— Não exactamente.

— Bom, sei que não é casada. E que tem uma meia-irmã.

— *Meia-irmã?* — perguntou Tyler com interesse.

— Têm pais diferentes, segundo ouvi dizer. A mãe delas era um pouco rebelde. Abandonou a cidade, teve as miúdas, trouxe-as para cá e partiu outra vez. Presumo que estejas interessado na Claire?

— Sim — respondeu Tyler.

— Então, boa sorte — comentou Anna ao mesmo tempo que se punha de pé. — Mas vê lá o que arranjas. Não quero ter de encontrar outra pessoa para tratar das festas do departamento, só porque tu partiste o coração da nossa *caterer*.

Em casa, mais tarde nessa noite, Tyler estava sentado no seu sofá de calções e camisa de manga curta, tentando concentrar-se nos trabalhos de desenho a lápis da turma, mas não conseguia parar de pensar em Claire. Anna não conhecia Claire. Ninguém conhecia ao certo Claire. Na verdade, Sydney era provavelmente a única pessoa que poderia ajudá-lo a compreender a mulher que não lhe abandonava o pensamento desde a primeira vez que falara com ela.

Sydney dissera que falaria com Claire, por isso o melhor era esperar por notícias dela.

Ou talvez telefonasse a Sydney de manhã para falar sobre Claire.

Ou então passasse pelo White Door amanhã.

O telefone tocou e Tyler esticou o braço na direcção da mesa de café para o atender.

— Estou?

— Tyler, é a Sydney.

— Uau — exclamou Tyler, recostando-se no sofá. — Estava mesmo à espera que me telefonasses.

— É acerca da Claire — referiu Sydney em voz baixa. — Ela está lá fora no jardim. O portão está destrancado. Talvez queiras ir até lá.

— Mas ela não me quer por lá. — Hesitou. — Ou quer?

— É que eu acho que ela é capaz de precisar de ti. Nunca a vi assim.

— Assim como?

— Parece uma pilha de nervos. Na verdade, até chamusca coisas. Tyler recordou-se da sensação.

— Eu vou já para aí.

Atravessou o quintal e rodeou a casa das Waverley até ao jardim das traseiras. Tal como Sydney dissera, o portão estava destrancado, por isso empurrou-o.

Foi de imediato recebido pelo aroma quente a hortelã e a rosmaninho, como se tivesse acabado de entrar numa cozinha com ervas a ferver no fogão.

As lâmpadas do carreiro assemelhavam-se a pequenas luzes de uma pista de aterragem e lançavam um brilho amarelado sobre o jardim. A macieira era uma forma ténue no fundo do terreno, tremendo ligeiramente, como a forma como o pêlo de um gato se desloca quando ele dorme. Encontrou Claire no canteiro das ervas e a imagem fê-lo estacar. O seu cabelo curto estava puxado para trás com aquela bandolete branca. Estava de joelhos de camisa de noite branca e comprida, com tiras nos ombros e um folho na bainha. Conseguia vislumbrar a oscilação dos seios dela enquanto ela alisava a terra com um ancinho de mão. De repente, teve de se inclinar a assentar as mãos nos joelhos, respirando fundo.

Sydney tinha razão. Era incorrigível.

Quando sentiu por fim que era seguro endireitar-se sem que desmaiasse, avançou a passos lentos até Claire, não querendo sobressaltá-la. Estava quase ao lado dela quando ela parou por fim de passar o ancinho em redor das plantas. As folhas de algumas estavam escuras, como que queimadas. Outras estavam emurchecidas, como se tivessem estado expostas a uma fonte de calor. Claire virou a cabeça e olhou para cima, para ele. Tinha os olhos encarnados.

Meu Deus, estava a chorar?

As lágrimas eram a perdição dele. Todos os seus alunos o sabiam. Bastava uma lágrima de uma caloira que tinha demasiados trabalhos de casa e não conseguira terminar a tempo um trabalho que ele pedira e lá estava ele a conceder-lhe uma extensão do prazo e a oferecer-se para falar com os restantes professores por ela.

Claire encolheu-se quando o viu e desviou o rosto.

— Vai-te embora, Tyler.

— Que se passa?

— Não se passa nada — respondeu ela lapidarmente, arranhando de novo a terra com o ancinho.

— Por favor, não chores.

— Que te importa isso? Isto não tem nada a ver contigo.

— Mas eu estou a fazer com que tenha.

— Bati com o polegar e magoei-me. *Au*.

— A Sydney não me teria telefonado se isto fosse apenas por causa de um polegar magoado.

Não foi preciso mais nada. Rodou a cabeça num ímpeto.

— *Ela telefonou-te?*

— Disse que estavas perturbada.

A princípio Claire pareceu debater-se com as palavras. Mas resolveu a dificuldade bem depressa.

— Não acredito que ela te tenha telefonado! Será que ficará com a consciência menos pesada se souber que estarás aqui para mim quando ela se for embora? Também tu te irás embora. Será que ela não sabe isso? Não, claro que não sabe, porque é sempre ela quem se vai embora. Nunca é ela que é abandonada.

— Ela vai-se embora? — perguntou Tyler, confuso. — Eu vou-me embora?

Os lábios de Claire tremiam.

— Todos vocês se vão embora. A minha mãe, a minha avó, a Sydney. Até a Evanelle tem agora outra pessoa.

— Em primeiro lugar, eu não vou a parte alguma. Em segundo lugar, para onde é que a Sydney vai?

Claire tornou a virar-lhe as costas.

— Não sei. Temo apenas que vá.

Ela gosta de coisas que não se vão embora. Sydney já uma vez lhe dissera isso. Esta mulher fora abandonada demasiadas vezes para permitir que alguém entrasse de novo na sua vida. A epifania forçou-o a ajoelhar-se. As pernas cederam literalmente debaixo de si. Tantas coisas acerca dela faziam sentido agora. Vivia ao lado da casa das Waverley há tempo suficiente para saber que talvez a lenda tivesse algum fundo de verdade, mas Anna tinha razão acerca de uma coisa. Claire era como qualquer outra pessoa. Sofria como qualquer outra pessoa.

— Oh, Claire.

Estava agora ao lado dela, ambos de joelhos.

— Não olhes para mim assim.

— Não consigo evitá-lo — argumentou ele, esticando o braço para lhe afagar o cabelo. Estava à espera que ela o afastasse, mas para sua surpresa Claire inclinou-se ligeiramente na direcção da mão dele, os olhos fechados e com uma expressão tão vulnerável.

Avançou um pouco, erguendo a outra mão em direcção ao cabelo dela, segurando-lhe a cabeça. Os joelhos de ambos tocaram-se e ela inclinou-se para a frente para repousar a cabeça no ombro dele. O cabelo dela era macio. Passou os dedos por ele e depois tocou-lhe nos ombros. Ela era macia em todo o lado. Acariciou-lhe as costas, tentando reconfortá-la, mas sem saber ao certo do que precisava.

Ao fim de um momento, Claire levantou a cabeça e olhou para ele. Tinha os olhos ainda húmidos das lágrimas e ele usou os polegares para lhe secar as maçãs do rosto. Ela ergueu as mãos para o rosto dele, tocando-lhe como ele lhe tocava a si. Os dedos dela delineavam-lhe os lábios e, impotente, Tyler apenas conseguia ser espectador de tudo aquilo, como se estivesse fora do seu corpo. E agora ela inclinava-se para o beijar. Seria uma altura muito estúpida para desmaiar, disse a si mesmo. Depois, ela terminou o beijo e ele regressou ao seu corpo e pensou «Não!» Seguiu-a quando ela afastou o rosto, os seus lábios encontrando os dela. Passaram-se minutos assim, os corações a baterem mais forte, as mãos por todo o lado. A determinado ponto teve de dizer a si mesmo que tudo isto tinha a ver com ela, tinha a ver com a dor dela, não com o prazer dele. Mas ela não estava propriamente a queixar-se, pensou ele num estremecimento ao mesmo tempo que ela lhe mordida o lábio inferior.

— Diz-me para parar — pediu ele.

— Não pares — sussurrou ela, beijando-lhe o pescoço. — Torna a coisa melhor.

Claire desabotoou-lhe os botões da camisa, atabalhoadamente, os dedos trémulos. Por fim abriu-lhe a camisa e espalmou as mãos contra o peito dele, deslizando-as depois para as costas. Abraçou-o, encostando a face ao coração dele. A pele retesou-se e o ar sibilou entre os dentes dele ao sentir o contacto. Era quase doloroso, mas a sensação era boa, aquela energia, aquela frustração infiltrando-se-lhe na pele. Era demasiada, porém, e não conseguia absorvê-la toda.

«Isto provavelmente ainda será a minha morte», pensou ele num estado de embriaguez. «Mas que bela maneira de morrer seria.»

Debateu-se para despir a camisa e durante todo esse tempo ela permaneceu enlaçada nele. Puxou-a por fim para cima para a poder beijar de novo. Ela empurrou-o e ele caiu de costas no chão, mas sem nunca interromperem o beijo. Tyler estava deitado em cima de uma qualquer erva, tomilho talvez, e o seu peso esmagara-a, fazendo o seu aroma explodir em redor deles. Tudo isto lhe parecia indistintamente familiar, mas não conseguia localizar a recordação.

Claire ergueu-se por fim para recuperar o fôlego. Estava sentada de joelhos em cima dele, as mãos de novo espalmadas contra o seu peito, enviando-lhe impulsos eróticos. As lágrimas continuavam a correr-lhe pelas faces abaixo.

— Oh, meu Deus, por favor, não chores. Por favor. Eu faço qualquer coisa.

— Qualquer coisa? — perguntou ela.

— Sim.

— Não te lembrarás de nada disto amanhã? Esquecerás tudo amanhã?

Ele hesitou.

— Estás a pedir-me que o faça?

— Sim.

— Então, está bem.

Claire puxou a camisa de noite por cima da cabeça e de repente tornou-se novamente difícil respirar. Tyler estendeu os braços e tocou-lhe nos seios e ela clamou ao sentir a vaga de emoções que o toque provocava.

Ele encolheu as mãos de imediato. Sentia-se de novo como um adolescente.

— Não sei o que fazer — sussurrou ele.

Ela inclinou-se na direcção do peito dele, espalmando os seios contra ele.

— Não me largues.

Ele enrolou os braços em redor dela e trocou de posição, rebolando-a para cima de um arbusto de salva. Mais uma vez, parecia-lhe tão familiar. Beijou-a com força e ela agarrou-lhe o cabelo e enlaçou as pernas em volta dele. Não podia fazer amor com ela, não naquele instante. Ela não estava a pensar de forma racional e não queria lidar com as consequências no dia seguinte. Era por isso que queria que ele esquecesse tudo.

— Não, não pares — pediu ela, quando ele interrompeu o beijo.

— Não estou a parar — disse ele, beijando-lhe o pescoço enquanto enganchava os polegares nos elásticos das cuecas brancas dela. Os músculos abdominais contraíram-se involuntariamente ao sentir que ele as puxava para baixo. Beijou-lhe os seios, rodeando um dos mamilos com os lábios. Quase conseguia recordar-se de já lhe ter feito isto uma vez, mas não compreendia como. Nunca antes estivera assim com Claire.

Recordou-se então. Era aquele sonho.

Já tinha sonhado tudo isto.

Sabia exactamente o que ia acontecer, os aromas em redor deles, o sabor que ela teria.

Tudo acerca de Claire gritava destino. E tudo o que o trouxera aqui a Bascom, seguindo sonhos que nunca se tornavam realidade, o conduziu a isto.

Ao sonho que se tornara realidade.

Na manhã seguinte, Claire sentiu um silvo e um baque junto ao ouvido oriundo do chão a seu lado. Abriu os olhos e havia uma pequena maçã a cerca de quinze centímetros do seu rosto. Outro baque e outra maçã surgiu ao lado da primeira.

Adormecera de novo na rua. Já o fizera tantas vezes antes que nem sequer parou para pensar. Limitou-se a sentar, sacudindo a terra do cabelo e estendeu automaticamente a mão para as ferramentas de jardinagem.

Mas alguma coisa não estava bem. Em primeiro lugar, o solo que usou para se erguer estava macio e quente. E o ar parecia-lhe um pouco frio contra a pele. Sentia-se um pouco...

Olhou para baixo e arquejou. Estava nua!

E aquele chão quente e macio a seu lado era Tyler! Tinha os olhos abertos e estava a sorrir.

— Bom-dia.

Recordou-se então de tudo, de cada coisa humilhante, catártica e erótica que ele lhe fizera. Mas depois deu-se conta de que estava ali sentada, nua, a olhar para ele como uma idiota. Tapou o peito com um braço e olhou em redor em busca da camisa de noite. Tyler estava deitado sobre ela. Claire começou a puxá-la por uma das pontas e ele sentou-se.

Enfiou a camisa de noite pela cabeça abaixo, apreciando o breve momento durante o qual poderia esconder a cara por trás do tecido. Oh,

Deus. Onde estava a sua roupa interior? Vislumbrou as cuecas a seus pés e surripou-as de imediato.

— Não digas nada — argumentou ela enquanto se punha de pé. — Prometeste-me que esquecerias tudo. Não digas nem uma palavra acerca disto.

Tyler esfregou os olhos sonolento, ainda a sorrir.

— Está bem.

Ela voltou a olhar para ele. Tyler tinha terra e tomilho no cabelo. Tinha ainda os calções vestidos, mas o peito desnudo.

Tinha também manchas encarnadas na pele, marcas de queimaduras provocadas por ela, e no entanto parecia não se importar com isso. Nem na altura nem agora. Como pudera ele fazer tudo aquilo, o que fizera na noite passada, sem qualquer prazer da sua parte, só por ela?

Claire virou-se e começou a caminhar pelo carreiro abaixo, mas deteve-se quando ele disse:

— De nada.

Por alguma razão, aquilo fê-la sentir-se melhor. Ele estava a ser um palerma. Esperara que ela lhe agradecesse.

Claire deu meia-volta nos calcanhares.

— Desculpa?

Ele apontou para o chão a seu lado.

— Escreveste-o, aqui.

Curiosa, caminhou de volta para ele e seguiu a direcção do dedo dele. Ali, no chão, estava a palavra «Obrigada» escrita em relevo na terra, como se as letras tivessem sido desenhadas de baixo para cima.

Soltou uma rosnadela de frustração e pegou numa das maçãs, lançando-a com toda a sua força contra a árvore.

— Não fui eu que escrevi isso — declarou e saiu dali a passos largos. Grossos pingos de chuva começaram a cair quando ela abandonou o jardim. Ao chegar a casa, o céu toldara-se por completo e chovia torrencialmente.

Naquela tarde, Fred conduziu de volta a casa debaixo de chuva e pensando em James. Estava sempre sozinho quando se permitia pensar nele, temendo que alguém o pudesse ver e perceber o que estava a fazer.

Fred sempre soubera que era homossexual, mas quando conheceu James no seu primeiro ano na Universidade de Chapel Hill, achou que compreendera finalmente porquê. Porque o seu destino era ficar com James. A mãe de Fred morrera na cama quando ele tinha quinze anos, o pai falecera na mesa da cozinha quando Fred estava na faculdade. Fora nessa altura que Fred tivera de deixar a faculdade e James para regressar a casa e tomar conta da mercearia. Achou que era o último golpe de mestre do pai, afastá-lo de uma coisa que por fim o fazia feliz independentemente do que as pessoas pensavam.

Porém, após uma despedida chorosa na universidade, e para surpresa de Fred, James apareceu em Bascom três semanas mais tarde. Por fim, com tempo livre de sobra, James começou a frequentar aulas no Orion College enquanto Fred geria a loja. Licenciou-se em Finanças e conseguiu um emprego em Hickory. Com o passar do tempo, convenceu Fred a livrar-se de tudo o que o recordava do pai e da aprovação cruelmente negada por este. Era James que dizia: «Vamos sair para jantar. Vamos ao cinema. Vamos desafiar as pessoas desta cidade a dizer alguma coisa.»

E o que começara como uma indiscrição de juventude, dois rapazes de vinte e um anos que abandonam a faculdade e por fim começam a viver juntos sem terem de prestar contas a ninguém, transformou-se em mais de trinta anos de companheirismo. Para Fred, tais anos pareciam ter passado como folhear rapidamente um livro e depois descobrir que o final não era o que se esperava. Desejava ter prestado mais atenção à história.

Desejava ter prestado mais atenção ao narrador dessa história.

Conduziu até casa de Evanelle. Esquecera-se do chapéu-de-chuva, por isso teve de correr sob a chuva até ao alpendre. Parou à porta para tirar o casaco molhado e os sapatos. Não queria encher os bonitos soalhos de Evanelle de água.

Quando entrou, não viu Evanelle em parte alguma, portanto chamou-a.

— Estou aqui em cima — respondeu ela, e ele seguiu a voz dela até ao sótão.

Evanelle estava a tentar varrer a serradura que os trabalhadores haviam produzido naquele dia, mas era como tentar varrer minúsculos pássaros que esvoaçavam com grande agitação quando se lhes toca. Colocara uma máscara frente à boca e ao nariz, pois cada varredela lançava os pássaros de serradura para o ar, tornando todo o sótão bege e fumarento.

— Por favor, não faça isso. Não quero que se canse — afirmou Fred, avançando para ela e tirando-lhe a vassoura das mãos. Ser-se deixado, faz-nos duvidar da nossa capacidade para preservar as pessoas, até os amigos. Fred queria que Evanelle se sentisse satisfeita por ele estar ali, queria fazer tudo o que pudesse por ela. Não suportava perdê-la também. — Os trabalhadores limpam tudo depois de terminarem.

Evanelle tinha ainda a máscara colocada, mas os seus olhos enrugaram-se, dando a entender que estava a sorrir.

— Isto aqui em cima está a ficar muito bonito, não achas?

— Está ótimo — concordou. — Vai ficar espectacular. — Assim que mudasse as suas coisas para ali, claro. Porém, isso envolvia regressar a sua casa, algo que tinha vindo a evitar.

— Que se passa? — perguntou Evanelle, deslizando a máscara e colocando-a no cimo da cabeça como se fosse um chapéu.

— Hoje pedi a uns dos rapazes que fossem deixar umas caixas a minha casa. Vou finalmente até lá para empacotar algumas coisas. Estava a pensar arrendar a casa. Que lhe parece? — inquiriu, ansioso por saber a opinião dela.

Ela acenou que sim com a cabeça.

— Acho que é uma excelente ideia. Sabes que podes ficar aqui comigo durante o tempo que quiseres. Adoro ter-te aqui.

Fred soltou uma gargalhada húmida, afogada em lágrimas súbitas, presas no fundo da sua garganta.

— Adora ter um palerma com o coração partido aqui por casa?

— Algumas das melhores pessoas que conheço são palermas — respondeu Evanelle. — São as pessoas mais fortes que conheço.

— Não sei se estou a ser assim muito forte.

— Acredita em mim. Até Phineas Young ficaria de boca aberta. Queres que vá lá contigo a tua casa?

Fred acenou que sim. Queria-o mais do que conseguia exprimir.

Era a primeira vez desde que James levara as suas coisas que Fred ia a casa. Olhou em redor da sala de estar. Parecia-lhe estranho estar ali e não queria deter-se. Sem James já não sentia aquele espaço como a sua casa, era apenas uma colecção de más memórias do pai.

Evanelle entrou na sala de estar a seguir a ele, os seus sapatos a chiar nos soalhos de madeira.

— Uau — comentou. — Isto está sem dúvida bem melhor do que a última vez que aqui estive. Foi logo a seguir à morte da tua mãe, Deus a tenha em descanso. Ela bem que gostava das suas estampas de Jesus — Estendeu um braço e passou a mão pelas costas de um cadeirão de pele. — Tens coisas bonitas.

— Peço desculpa por nunca a ter convidado a vir cá a casa, Evanelle. Sempre deixei tudo isso a cargo de James.

— Não te preocupes. Não costumo ser convidada para lado algum. É um facto e pronto.

— Mas devia — argumentou Fred, olhando para ela curiosamente.

— É boa pessoa.

— Agora já não há nada a fazer em relação a isso. Tudo começou em mil novecentos e cinquenta e três. Tentei combatê-lo, mas o que se passa é que quando tenho de dar alguma coisa a alguém, *tenho mesmo de o fazer*. Fico doida se não o fizer.

— O que aconteceu?

— Tive de dar preservativos a Luanna Clark. E em mil novecentos e cinquenta e três era impossível arranjar preservativos em Bascom. Tive de ir até Raleigh para os comprar. O meu marido levou-me até lá e todo o caminho me disse que era má ideia. Porém, não consegui evitá-lo.

Fred deu por si a rir.

— Mesmo em mil novecentos e cinquenta e três, não era assim tão mau dar preservativos a alguém, pois não?

— O problema não era o quê, era a quem. No dia seguinte, na igreja, disse a Luanna que tinha uma coisa para lhe dar. Estava a tentar fazer a coisa de forma privada e discreta. Ela estava com as amigas e disse num tom todo presunçoso: «Bom, então dá-ma, Evanelle.» Como se lhe fosse devida. Sabes que as Clark e as Waverley nunca se deram bem. Bom, mas lá lhe dei os preservativos, ali mesmo em frente às amigas. Oh, espera, estou a deixar de fora a parte mais importante. O marido da Luanna perdera as suas partes íntimas na guerra. Ela já estava zangada comigo, mas a coisa ficou ainda pior quando Luanna engravidou no ano seguinte. Devia ter usado os preservativos. Depois disso, toda a gente ficava com um ar estranho quando eu estava por perto, como se fosse contar os segredos

delas. Não é bem o tipo de pessoa que se convida para jantar. Isso nunca me incomodou muito até o meu marido morrer.

Esta idosa era a sua heroína, sem dúvida. Somos quem somos, quer gostemos quer não, por isso porque não gostar? Fred aproximou-se dela e entendeu-lhe o braço, dobrado pelo cotovelo.

— Seria para mim uma honra fazer-lhe o jantar esta noite, Evanelle. Um evento só por convite.

Com uma gargalhada, ela deu-lhe o braço.

— Ora, só mesmo tu!

— Se precisares de nós, a Bay, o Henry e eu estaremos na Represa de Lunsford. A governanta só fica a tomar conta do avô de Henry até às cinco, por isso ele vem aqui deixar-nos antes dessa hora. Não chegaremos mais tarde do que as cinco — explicou Sydney como se tentasse acalmar Claire. — Regressaremos.

Claire fechou a tampa do cesto do piquenique, levantou as asas e entregou-o a Sydney. Deveria mesmo tê-la assustado naquela noite há uma semana atrás. Mas enquanto fizesse de conta que tudo estava bem, talvez estivesse mesmo tudo bem. Sydney e Henry haviam passado bastante tempo juntos naquela última semana, a maioria das vezes jantando com Bay. Ao domingo iam ao cinema. Claire tentava dizer a si mesma que era uma coisa boa e aproveitava o tempo que ficava sozinha para fazer conservas, mondar o jardim e tratar da papelada. Tudo coisas seguras e rotineiras. Precisava disso. Essas eram as suas constantes.

— Vão ficar bem por lá? — questionou Claire acompanhando Sydney até à porta.

— Claro que sim. Porque não haveríamos de ficar?

— Ainda é longe e não há lá ninguém.

Sydney soltou uma gargalhada e pousou o cesto junto à porta.

— Já vai ser uma sorte se encontrarmos um lugar para estender a manta. A represa está sempre apinhada no Verão.

— Até numa segunda-feira?

— Até numa segunda-feira.

— Ah — disse Claire envergonhada. — Não fazia ideia. Nunca lá estive.

— Então vem connosco! — sugeriu Sydney tal como havia feito de cada vez que saía naquela semana.

— O quê? Não.

— Sim! — Sydney agarrou as mãos de Claire. — Vá lá. Tens de parar de me dizer que não. Vai ser divertido. Viveste aqui grande parte da tua vida e nunca foste à represa. Toda a gente vai lá pelo menos uma vez na vida. Vem, por favor.

— Acho que é melhor não.

— Gostava muito que viesses — disse Sydney apertando as mãos da irmã.

Claire sentiu uma ansiedade familiar ou talvez se tratasse de uma ansiedade aprendida. Era assim que a sua avó se comportava quando pensava em fazer algo puramente social, a sua vontade era enrolar-se como um bicho-de-conta até que o perigo passasse. No trabalho era diferente. Não socializava quando trabalhava, comunicava. Dizia o que precisava de ser dito ou não dizia nada. Infelizmente, aquele tipo de comportamento não era bem aceite e a maioria das pessoas achava-a mal-educada e arrogante, quando se tratava apenas de um esforço sincero e desesperado para não fazer ou dizer nenhuma tolice.

— De certeza que tu e o Henry devem querer ficar sozinhos.

— Não, não queremos — argumentou Sydney num tom sério.

— Somos apenas amigos. Sempre fomos amigos. É disso que gosto nele. É pela Bay. Empacotaste a comida para o piquenique, ao menos vem comê-la connosco. Vai trocar de roupa, despacha-te.

Claire não queria acreditar que estava mesmo a pensar em acompanhá-los. Olhou para as suas calças brancas e camisa de cavas.

— E visto o quê?

— Uns calções. Ou um fato de banho, se quiseres dar um mergulho.

— Não sei nadar.

Sydney esboçou um sorriso como se aquela informação não fosse novidade.

— Queres que te ensine?

— Não! — exclamou Claire de imediato. — Quero dizer, não, obrigada. Não sou muito adepta de grandes extensões de água. A Bay sabe nadar?

Sydney dirigiu-se à sala de estar onde deixara duas mantas e um saco de praia cheio de toalhas. Transportou-os até à entrada e colocou-os junto ao cesto do piquenique.

— Sim, teve aulas de natação em Seattle.

Claire esticou a cabeça de imediato.

— Em Seattle?

Sydney inspirou profundamente e acenou com a cabeça. Aquele pequeno pedaço de informação não fora partilhado sem pensar. Sydney revelara-o de propósito. Era um primeiro passo.

— Sim. Foi lá que Bay nasceu.

Até à data já tinha referido Nova Iorque, Boise e Seattle. Eram cidades bem mais a norte do que aquelas até onde a sua mãe viajara. Lorelei deslocara-se para oeste depois de sair de Bascom. A própria Claire nascera em Shawnee, no Oklahoma. Talvez Bay e Sydney tivessem passado por coisas más, coisas que Sydney ainda não estava preparada para contar a Claire, mas o bem-estar de Bay sempre fora, e ainda era, uma prioridade para Sydney. Afinal, inscrevera a filha em aulas de natação. Só esse facto fazia dela uma melhor mãe do que Lorelei alguma vez fora.

Escutou-se uma buzina no exterior e Sydney chamou:

— Bay, vamos!

Bay desceu as escadas a correr. Trazia um fato de banho sob o vestido amarelo.

— Até que enfim! — disse ela ao sair disparada pela porta.

— Pronto, não é preciso mudares de roupa. — Sydney tirou um chapéu cor-de-rosa da mala e colocou-o na cabeça de Claire. — Perfeito. Vamos.

Arrastou Claire para fora de casa e Henry pareceu ficar contente por ela se juntar ao grupo. Sydney dizia que eram apenas amigos, mas Claire não tinha a certeza se Henry partilhava da mesma opinião. Havia alturas em que ele olhava para a irmã e todo o seu corpo parecia ficar transparente, perdendo-se nela.

Estava apanhadinho.

Claire e Bay sentaram-se no banco traseiro do carro e Sydney preparava-se para se instalar no lugar da frente quando Claire escutou a irmã dizer:

— Olá, Tyler!

Claire voltou-se de imediato e viu Tyler sair do jipe frente à sua casa. Vestia uns calções largos com bolsos de lado e uma camisa havaiana. Era a primeira vez que o via desde o que se passara no jardim e ficou aflita. Como se comportavam as pessoas depois de uma coisa daquelas? De que modo viviam e funcionavam depois de tal intimidade? Era como revelar um segredo a alguém e logo depois lamentar tê-lo contado. Só a ideia de ter de falar com ele naquele momento fê-la corar como um tomate.

— Vamos até à represa fazer um piquenique. Queres vir connosco? — convidou Sydney.

— Sydney, o que estás a fazer? — perguntou Claire, e Henry mirou-a pelo espelho retrovisor, espantado. Naquele instante sentiu-se um pouco

envergonhada por não ser tão aberta a convidados inesperados quanto Henry demonstrara ser.

— Estou a ensinar-te a nadar — respondeu Sydney secretamente.

— Tenho de dar uma aula à noite — gritou Tyler.

— Voltamos antes do anoitecer.

— Então, está bem, faço-vos companhia — disse, caminhando na direcção deles.

Quando Claire percebeu que Sydney ia abrir a porta de trás, quase se magoou ao passar por cima de Bay para que esta ficasse entre ambos. Contudo, sentiu-se ridícula perante a reacção de Tyler ao entrar no carro.

— Claire! — exclamou ele, estacando. — Não fazia ideia que também ias.

Quando por fim ganhou coragem para o olhar nos olhos, não lhe pareceu ver lá nada escondido, nenhum sinal evidente de que estivesse a pensar no seu segredo. Era apenas o Tyler de sempre. Deveria isso ser um motivo de alívio ou de preocupação? Assim que o automóvel se pôs em movimento, Tyler perguntou a Claire:

— Então que represa é esta?

Claire esforçou-se por pensar em algo normal para dizer. Não podia mencionar fortuitamente que já lá tinha estado antes. Não podia sequer dizer que já fora a um piquenique para o qual não tivesse confeccionado a comida. Porém, a Claire que não sabia o que fazia não seria nenhuma surpresa para ele. Desde que o conhecera que não fora outra coisa se não uma contradição: vai-te embora, aproxima-te; sei o suficiente, não sei quase nada; sou capaz de suportar qualquer coisa, olha como me desmorono com facilidade.

— Nunca lá estive — disse por fim. — O melhor é perguntares à Sydney, a organizadora da excursão.

Sydney voltou-se para trás.

— É um local de banhos muito popular. Bastante frequentado no Verão por adolescentes e famílias com crianças. E à noite transforma-se num ponto de encontro para casais de namorados.

— E como sabes disso? — questionou Tyler. Sydney esboçou um sorriso e agitou as sobrancelhas.

— Ias para lá à noite? — inquiriu Claire. — A avó sabia disso?

— Estás a brincar? Ela dizia que também costumava frequentar aquele lugar quando era adolescente.

— Nunca me contou isso.

— Não deveria querer que a tua boca escancarada se enchesse de moscas.

Claire apressou-se a fechar a boca.

— Nunca pensei que ela fizesse esse tipo de coisas.

— Toda a gente faz esse tipo de coisas pelo menos uma vez na vida — argumentou Sydney. — Ela também foi jovem.

Claire olhou de soslaio para Tyler, que sorria. Também já fora jovem. Claire sempre se interrogara como seria ser jovem.

A Represa de Lunsford situava-se nos trinta e seis hectares de pinhal denso que haviam sido herdados por várias gerações de preguiçosos Lunsford. Dava demasiado trabalho tentar manter as pessoas afastadas da represa e transformar o espaço num parque natural seria dispendioso em termos de manutenção. Para além disso, aquilo era o Sul rural e diabos os levassem se alguma vez na vida iriam vender a terra da família ou, pior do que isso, entregá-la ao Governo. Assim, limitaram-se a espalhar placas a dizer PROPRIEDADE PRIVADA que toda a gente ignorava, e pronto.

Havia um pequeno caminho que se estendia do parque de estacionamento até à represa. Tyler avançava atrás de Claire e ela sentia-se bastante consciente do seu próprio corpo, do que ele sabia sobre ele, coisas acerca dela que mais ninguém sabia. Achou que sentia os olhos dele colados em si, mas quando espreitava por cima do ombro, ele estava sempre a olhar para outra coisa qualquer. Talvez os sentisse por desejar que ele a observasse. Talvez fosse *assim* que as pessoas se comportavam após um momento de intimidade. Quando se conta um segredo a alguém, embaraçoso ou não, cria-se uma espécie de ligação. Essa pessoa passa a significar algo para nós simplesmente em virtude daquilo que sabe.

Por fim, o trilho abriu-se e o barulho aumentou. A represa em si era um lago florestal com uma praia natural de um dos lados e um promontório elevado de pinheiros do outro a que os miúdos costumavam trepar para saltarem para a água. O local estava de facto tão apinhado quanto Sydney

afirmara, mas lá encontraram um lugar no extremo da praia e estenderam as mantas.

Claire fizera crepes de abacate e galinha e pastéis de pêssgo e Sydney trouxera *Cheetos* e *Coca-Cola*. Sentaram-se nas mantas e comeram e conversaram e um número surpreendente de pessoas veio cumprimentá-los. Clientes de Sydney na sua maioria, que vinham dizer-lhe que os novos cortes de cabelo lhes davam uma maior confiança, que os maridos reparavam mais nelas e que os mecânicos já não tinham coragem de as enganar nos arranjos das respectivas viaturas. Claire estava inexprimivelmente orgulhosa dela.

Assim que terminou de comer, Bay quis ir nadar, por isso Henry e Sydney acompanharam-na até à água.

Claire e Tyler ficaram, portanto, sozinhos.

— Muito bem, prepara-te. Vou contar-te uma história — declarou Tyler, estendendo-se na manta e colocando as mãos por trás da cabeça.

Claire estava sentada numa manta separada, mas perto o suficiente para poder olhar para ele de cima. Era um segredo que sabia acerca dele, apercebeu-se. Sabia como ele ficava debaixo de si.

— E o que te faz pensar que eu quero ouvir uma história?

— É isso ou conversar comigo. Suponho que prefiras escutar a história.

— Tyler, é que...

— Aqui vai a história. Quando eu era adolescente, ir à piscina local era uma coisa importante, em especial para os miúdos da colónia, pois estávamos a uns bons dezasseis quilómetros da cidade e a colónia era bastante isolada. Havia uma rapariga que eu conhecia da escola chamada Gina Paretti. Quando ela se desenvolveu, os rapazes nunca mais foram os mesmos. Ela passava nos corredores e deixava-nos literalmente sem palavras. Não conseguíamos falar durante dias. No Verão, a Gina passava todos os dias na piscina e aos dezasseis anos eu ia à piscina sempre que podia só para olhar para ela no seu biquíni. Foi no final do Verão que decidi por fim avançar. Depois de fantasiar acerca dela durante meses a fio já não aguentava mais. Não conseguia comer, não conseguia dormir. Tinha de falar com ela. Saltei para a água e fiz algumas piscinas à frente dela, coisas viris, antes de sair e me encaminhar para ela. Ali estava eu, de pé à frente da Gina, a tapar deliberadamente o sol e a pingar para cima dela, pois era ainda jovem o suficiente para achar que irritar uma rapariga era uma forma

legítima de lhe dizer que gostava dela. Ela abriu por fim os olhos e olhou para mim... *e gritou*. Pelos vistos, os meus calções tinham descido bem para baixo da anca quando me erguera da água. Portanto, ali estava eu a exhibir as partes íntimas para ela. Por pouco não fui preso.

Claire não estava à espera daquele desfecho, por isso soltou uma gargalhada. Era agradável rir — estranho, mas agradável.

— Deve ter sido horrível.

— Não de todo. Três dias depois ela convidou-me para sair. Pensando bem, depois do sucedido fui alvo de muita atenção por parte de raparigas que haviam estado na piscina naquele dia — referiu ele, envaidecendo-se.

— É mesmo verdade?

Tyler piscou o olho.

— E isso importa?

Claire voltou a rir.

— Obrigada por isso.

— As minhas humilhações são tuas, basta pedires.

— Humilhante ou não, foi uma coisa normal. Eras um adolescente normal. Passaste os teus Verões numa piscina. Provavelmente até estiveste num desses sítios frequentados por namorados. Tu e a Sydney ter-se-iam dado bem.

— Tu não foste uma adolescente normal?

— Não — respondeu ela simplesmente, e isso não constituiu uma surpresa para ele. — Com o Henry passou-se a mesma coisa. Nós fomos daquele tipo de miúdos que cedo encarnam os seus legados.

Tyler apoiou-se nos cotovelos, deslizando o olhar para a beira da água, onde Henry e Sydney tomavam conta de Bay. Alguém ali perto chamou Sydney. Esta disse qualquer coisa para Henry, que acenou com a cabeça, e ela aproximou-se de uma pequena concentração de mulheres na areia.

— Aborrece-te que a tua irmã namore com ele?

— Ela não namora com ele. Mas porque haveria de me aborrecer?

— Disse-o quase na defensiva, não querendo que ele soubesse o quanto ela ainda se debatia com o facto de Sydney passar tanto tempo com Henry. Aquela noite no jardim fora uma fraqueza. Era mais forte que aquilo.

— Suponho que apenas não quero que fiques desapontada. É uma situação complicada, estar-se interessado numa pessoa que não está interessada em nós.

— Ah — exclamou Claire, apercebendo-se de que entendera mal o que ele queria dizer. — Eu não estou interessada no Henry.

— Ótimo — respondeu ele, pondo-se de pé e chutando os sapatos. — Acho que vou dar um mergulho.

— Mas ainda estás vestido.

— Adoro muitas coisas em ti, Claire — declarou ele, cruzando os braços e puxando a camisa por cima da cabeça —, mas acho que pensas demasiado.

Correu para a água e mergulhou. Esperem lá. Teria ele falado a sério? *Adorava-a?* Ou seria apenas uma daquelas coisas que as pessoas dizem? Desejou compreender estes jogos. Talvez pudesse jogar se entendesse. Talvez pudesse fazer alguma coisa acerca destes sentimentos por Tyler que alternadamente a beliscavam e acariciavam, parecendo-lhe ao mesmo tempo dolorosos e prazenteiros.

Henry continuava a olhar por Bay, por isso Sydney regressou às mantas e sentou-se ao lado de Claire.

— Aquele mergulho era o Tyler?

— Sim — respondeu Claire, observando a cabeça dele emergir da água. Ele abanou a cabeça e o seu cabelo escuro açoitou-lhe o rosto com madeixas molhadas. Bay ria para ele, por isso Tyler nadou na sua direcção e chapinhou água para ela. Bay respondeu na mesma moeda. Na beira da água, Henry disse qualquer coisa para eles. Detiveram-se ambos por um momento, olharam um para o outro e depois esparrinharam água para Henry. Hesitando apenas por um instante, Henry descalçou os sapatos, despiu a *T-shirt* e saltou para a água.

— Uau! — exclamou Sydney. — O leite faz mesmo bem ao corpo.

— Há uma razão para eu ser como sou, sabes? — desembuchou Claire, porque tinha de o explicar a alguém.

Sydney agarrou numa lata de *Coca-Cola* e virou-se para ela com curiosidade.

— Nós não tínhamos casa, a mãe e eu, durante os primeiros seis anos da minha vida. Dormíamos em carros e em refúgios para os sem-abrigo. Ela roubava bastante e dormia com muitos homens. Não sabias disso, pois não? — perguntou Claire. Sydney tinha a lata de *Coca-Cola* suspensa no ar perto da boca. Abanou lentamente a cabeça e baixou a lata. — Por vezes ficava com a ideia de que romantizavas a vida da mãe antes de ela ter regressado a

Bascom. Não sei se a intenção dela foi alguma vez de ficar, mas quando eu vim para aqui soube que nunca mais me iria embora. A casa e a avó Waverley eram coisas permanentes e quando eu era miúda isso era tudo o que queria e não sonhava com mais nada. Mas depois tu nasceste e eu tive tantos ciúmes de ti. Recebeste essa segurança assim que chegaste ao mundo. O nosso relacionamento em miúdas é culpa minha. Eu tornei-o litigioso porque tu eras daqui e eu não. Desculpa. Desculpa não ser grande coisa como irmã. Desculpa a minha falta de jeito com o Tyler. Eu sei que gostavas que fosse melhor. Mas parece-me que está fora do meu alcance ser assim. Não consigo deixar de pensar que tudo é temporário e tenho medo desse tipo de transitoriedade. Tenho medo de que as pessoas me abandonem.

— A vida tem a ver com ganhar experiência, Claire — disse Sydney por fim. — Não podes preservar tudo.

Claire abanou a cabeça.

— Acho que talvez seja já tarde de mais para mim.

— Não, não é. — De repente, Sydney bateu na manta com a mão iradamente. — Como é que a mãe pôde alguma vez achar que aquilo era o tipo de vida adequado para uma criança? É imperdoável. Tenho vergonha de mim mesma por a ter invejado e por vezes há alturas em que penso que saí a ela, mas não te vou deixar. Nunca. Olha para mim, Claire. Eu não me vou embora.

— Por vezes interrogo-me quais foram os motivos dela. Era uma mulher inteligente. A Evanelle disse-me que era uma aluna brilhante antes de abandonar os estudos. Alguma coisa terá com certeza acontecido.

— Fosse qual fosse a razão, não há desculpa para ter desnortado as nossas vidas da forma que desnortou. Nós conseguimos ultrapassar isto, Claire. Não podemos deixar que ela ganhe. Está bem?

Era mais fácil falar do que agir, por isso Claire disse:

— Está bem. — E depois interrogou-se como iria ultrapassar algo que demorara décadas a aperfeiçoar.

Contemplaram a água por um bocado. Bay cansara-se de esparrinhar água e nadara de volta à areia, saindo da água e juntando-se a Claire e Sydney. Henry e Tyler continuavam a mandar água um ao outro, cada qual tentando esparrinhar a maior quantidade de água com a mão.

— Olha para aqueles dois — comentou Sydney. — Ambos umas crianças.

— Está-se bem aqui — declarou Claire.

Sydney colocou um braço em redor dela.

— Pois está.

Ao mesmo tempo que Sydney e Claire desfrutavam da tarde no açude, Emma Clark Matteson preparava-se para se *divertir* com o marido.

A secretária de Hunter John no gabinete deste não era tão confortável quanto a do seu escritório em casa. Os caixotões em madeira escura nas paredes e a feia secretária metálica eram os mesmos dos tempos em que o pai de Hunter John gerira o negócio de família. Emma deu por si a rir da ideia de a mãe de Hunter John, Lillian, vir até à fábrica visitar John Senior com o mesmo propósito que ela.

Lillian seguramente que teria mudado a secretária se alguma vez o tivesse feito. O metal era assaz desconfortável para um traseiro desnudo.

A recepcionista de Hunter John disse a Emma que ele estava a mostrar uma das fábricas a uma pessoa, mas que estaria de volta dali a poucos minutos. Perfeito. Tal dava a Emma tempo suficiente para se despir e se estender em cima da secretária apenas de meias de vidro, ligas e uma fita cor-de-rosa em redor do pescoço. Nunca o surpreendera no escritório desta forma. Por vezes vinha trazer-lhe o almoço e namoriscavam um pouco, mas nunca fizera amor com ele no trabalho.

Havia muito poucos lugares onde ela e Hunter John não o tivessem já feito. Dava muito trabalho tentar manter as coisas interessantes, tentar manter a atenção de Hunter John centrada apenas nela para que não pensasse em Sydney ou talvez que a sua vida não se tivesse tornado exactamente o que ele desejava. Emma nunca se cansaria de tentar fazer o marido feliz. Emma gostava de sexo, afinal de contas. Não, adorava sexo. Por vezes era apenas difícil continuar quando não sabia se aquilo era realmente o que ele queria. Emma queria que Hunter John a amasse. Mas no final, se isso não fosse verdade, também não queria saber. Preferia suportar isso a não tê-lo de todo. Interrogou-se se a mãe se contentara da mesma forma. Interrogou-se se o amor interessava um pouco sequer a Ariel.

Escutou a voz de Hunter John a aproximar-se e afastou as pernas um pouco mais.

A porta abriu-se e o pai de Hunter John entrou.

— Oh, valha-me Deus! — exclamou John Senior.

Emma soltou um grito e deslizou para trás da mesa.

— Que se passa?

Emma escutou Hunter John a entrar no gabinete ao mesmo tempo que se escondia na reentrância da secretária destinada às pernas e puxava os joelhos para o peito.

— Acho melhor deixar-te a ti e à tua mulher sozinhos por um momento — disse John Senior.

— A minha mulher? Onde está ela?

— Debaixo da mesa. A roupa dela, porém, está ali nas costas da cadeira. Por favor, filho, isto não é forma de gerir o meu negócio.

Emma ouviu a porta a fechar-se. Depois, os passos de Hunter John tornaram-se mais audíveis e ele ajoelhou-se de frente para ela.

— Raios, Emma, que estás a fazer aqui?

— Queria fazer-te uma surpresa.

— Nunca vens aqui para isso. Porquê logo agora? Porquê logo no dia em que o meu pai decide aparecer sem avisar para ver se estou a gerir bem o negócio? O meu pai acabou de te ver nua! Não acredito nisto.

Emma rastejou de debaixo da mesa. A opinião do pai era tudo o que havia de mais importante para Hunter John. E ela acabara de envergonhar ambos. Como é que as coisas podiam correr tão mal tão depressa?

Tudo estivera muito bem — pelo menos as coisas eram empurradas para debaixo do tapete, onde ninguém pensava nelas — até Sydney ter regressado. Porque não ficara ela simplesmente onde estava — longe?

— Desculpa — disse, encaminhando-se para a cadeira e começando a vestir-se.

— O que se passa contigo ultimamente? Não me largas. Nunca queres sair comigo. Telefonas-me dúzias de vezes por dia. E agora apareces aqui dessa forma.

Emma enfiou o vestido pela cabeça e meteu os pés nos sapatos de salto alto.

— Preciso de saber... — Hesitou. «Que me amas», pensou.

— Precisas de saber o quê?

— Que vais ficar comigo.

Hunter John abanou a cabeça.

— De que estás a falar?

— Tenho andado preocupada. Desde que a Sydney regressou...

— Deves estar a brincar comigo — interrompeu Hunter John.

— Deves estar *mesmo* a brincar comigo. Isto tudo tem a ver com a Sydney? Vai para casa, Emma. — Encaminhou-se para a porta sem olhar mais para ela. — Tenho de ir procurar o meu pai e tentar explicar-lhe o que se passou aqui.

— Sabes o que a Eliza Beaufort me contou hoje? — perguntou Emma alegremente ao jantar naquela noite. — Que a Sydney e a Claire Waverley foram vistas com os respectivos acompanhantes na Represa de Lunsford. O que a Sydney pensa que está a fazer? Ninguém da nossa idade frequenta o local. E a Claire! Consegues imaginar a Claire na represa?

Hunter John não levantou a cabeça do prato da sobremesa. Era a sua preferida: bolo de chocolate com cobertura de creme de baunilha. Emma encomendara-o especialmente para ele.

Em vez de lhe responder, Hunter John limpou a boca e pousou o guardanapo.

— Venham daí, rapazes — desafiou, empurrando a cadeira para trás. — Vamos lançar umas bolas.

Josh e Payton saltaram de imediato das cadeiras. Adoravam quando o pai jogava com eles, e Hunter John arranjava sempre tempo livre para os filhos.

— Eu vou com vocês — declarou Emma. — Esperem por mim, está bem?

Emma correu ao andar de cima e vestiu o biquíni encarnado, o que Hunter John mais gostava, mas quando desceu as escadas eles não tinham esperado. A piscina ficava mesmo do lado de fora da sala de jantar, por isso saiu pela porta até à balaustrada que dava para o relvado mais abaixo.

Hunter John e os rapazes estavam a jogar no pátio, os cabelos já húmidos de suor. Eram sete e meia da tarde, mas ainda havia bastante luz e calor. O Verão era uma senhora que não abandonava as luzes da ribalta facilmente.

Emma compreendia isso. Gostava do Verão. Os rapazes estavam em casa e o dia era tão grande que havia ainda tempo para fazer alguma coisa com Hunter John quando ele regressava do trabalho.

Não valia a pena molhar o cabelo, se Hunter John não fosse vê-la nadar, por isso vestiu um sarongue e aplaudiu os rapazes do pátio. Ansiava desesperadamente pela temporada de futebol. Ir aos jogos do liceu, ficar frente à televisão nas tardes de domingo e nas noites de segunda-feira. Era uma coisa que faziam juntos, em família, algo que Sydney nunca fizera com Hunter John. Sydney fora a jogos de futebol quando Hunter John jogava, mas não gostava realmente do jogo. Emma adorava. Adorava porque Hunter John também adorava. Contudo, ele desistira de jogar quando não fora para Notre Dame. Desistira do jogo por causa dela.

Quando o Sol se começou a pôr, Emma trouxe um jarro de limonada. Não tardou que os rapazes e Hunter John se encaminhassem para a piscina.

— Limona... — gritou ela, mas antes de conseguir terminar a palavra, os filhos tinham já saltado para a piscina para se refrescarem.

Emma abanou a cabeça indulgentemente. Hunter John caminhava em direcção a ela. Ela sorriu e estendeu-lhe um copo.

— Limo...

Não conseguiu sequer pronunciar o resto da palavra antes de ele passar por si e entrar em casa. Hunter John não lhe dirigira sequer a palavra desde o incidente no escritório naquela tarde.

Emma não queria que os rapazes percebessem que alguma coisa se passava, por isso esperou que eles brincassem na água por um momento antes de lhes dar umas toalhas e os fazer sair da piscina. Correu com eles para os respectivos quartos para que tomassem um duche, mudassem de roupa e vissem televisão e foi finalmente procurar o marido.

Estava no duche, por isso Emma içou-se para a bancada da casa de banho e ficou aí sentada à espera que ele saísse.

Quando a porta se abriu e ele emergiu, Emma arquejou. Hunter John tinha ainda esse poder. Estava deslumbrante. Acabara de lavar o cabelo e dava para perceber o quanto começara a rarear, mas isso não a preocupava. Amava-o tanto.

— Precisamos de falar — afirmou ela. — Preciso de saber por que razão nunca queres falar comigo acerca da Sydney.

Ele levantou a cabeça, sobressaltado por encontrá-la ali. Agarrou numa toalha e secou o cabelo vigorosamente.

— Acho que a questão mais importante é por que razão andas tão obcecada com ela? Já reparaste que a Sydney não faz parte das nossas vidas? Escapou por acaso à tua atenção que ela na realidade não nos fez nada?

— Fez bastante, apenas pelo facto de ter regressado — respondeu Emma, e ele deteve-se. O seu rosto continuava oculto pela toalha. — Tu recusas-te a falar sobre ela. Como é que eu sei que não falas acerca da Sydney por ainda albergares sentimentos por ela? Como é que eu sei que não bastou olhares para ela para te recordares de todas as opções de que dispunhas antes de eu engravidar? Como é que eu sei que, se o tempo voltasse para trás, farias a mesma coisa? Dormirias comigo? Casarias comigo?

Hunter John deslizou a toalha da cabeça. A expressão no seu rosto era severa e avançou até junto dela, o que fez o seu coração bater mais depressa, de medo, devido ao seu ar tão zangado, e de antecipação, por ele ser tão sensual.

— Como é que sabes? — repetiu ele incredulamente, a sua voz grave e vibrante. — *Como é que sabes?*

— Ela esteve em montes de sítios. Tu sempre quiseste viajar.

— O que te passou pela cabeça nestes últimos dez anos, Emma? O sexo e a mamoplastia e as roupas bonitas. Os jantares perfeitos e os jogos de futebol. Tudo isso foi porque pensavas que eu não queria estar aqui? Alguma coisa nisso tudo tinha a ver com o facto de me amares? Ou todo este tempo estiveste a competir com a Sydney?

— Não sei, Hunter John. Estive?

— Essa foi a resposta errada, Emma — declarou, e virou-lhe as costas.

— Claire, estás acordada? — perguntou Sydney nessa noite da porta do quarto de Claire.

Não ficou surpreendida ao escutar Claire responder que sim. Claire nunca dormia muito, mesmo quando eram miúdas. Costumava ficar lá fora no jardim até a avó a chamar para dentro. E Sydney lembrava-se de que Claire costumava pôr-se a limpar a casa ou a fazer pão enquanto toda a gente

dormia. Este fora o primeiro e único lugar onde sentira uma verdadeira sensação de segurança e Sydney compreendia agora que Claire estivera ou a tentar tornar a casa sua ou a tentar ser merecedora dela de forma a poder ficar. Fosse como fosse, Sydney sentia-se agora mal por ter pensado que Claire era apenas banal e estranha, quando na verdade nunca compreendera aquilo por que Claire passara.

Avançou para dentro do quarto de Claire, o quarto do torreão que fora outrora da avó. A avó Waverley havia coberto as paredes com os seus *quilts*, mas Claire substituíra-os por fotografias a preto e branco e um par de antigas estampas. As paredes estavam pintadas num tom pastel de amarelo e o soalho estava coberto por tapetes estampados a duas cores. Os olhos de Sydney precipitaram-se de imediato para o local onde Claire passava obviamente a maior parte do tempo ali no quarto, o confortável assento de janela. Havia pilhas de livros no chão ao lado do assento.

Sydney caminhou até à cama e enrolou o braço em redor de um dos postes dos pés da cama.

— Preciso de te dizer uma coisa. — sentou-se e ajeitou as almofadas. — É sobre os últimos dez anos.

— Está bem — disse Claire em voz baixa.

Houvera uma oportunidade, na praia, quando estavam sentadas nas mantas, de contar isto a Claire, mas não tivera coragem de o fazer. Não o sabia na altura, mas estava à espera de que se fizesse noite, pois era o tipo de coisa que precisava da escuridão para ser dito. Não havia agora qualquer dúvida na sua mente de que Claire compreenderia. E esta merecia que lho contasse. David não iria desaparecer.

— Fui primeiro para Nova Iorque, como tu sabes. Mas depois disso estive em Chicago. Depois em São Francisco, Las Vegas... por fim Seattle. Conheci muitos homens. E também roubei bastante. Mudei o meu nome para Cindy Watkins, uma identidade que também roubei.

— A mãe fez o mesmo — referiu Claire.

— Achas que o fez apenas pela emoção? É que era de facto excitante, mas também esgotante. Depois nasceu a Bay. — Sydney deu um passo em frente para se sentar aos pés de Claire, só para a sentir perto de si, para lhe poder tocar caso ficasse demasiado assustada. — O pai da Bay vive em Seattle. Foi aí que o conheci. David Leoni. — Engoliu em seco, aterrorizada por estar a pronunciar o nome dele em voz alta. — Leoni é o

verdadeiro apelido da Bay, não o meu. Nunca casámos. O David era um homem assustador quando o conheci, mas já antes conhecera vários homens assustadores e achei que iria conseguir lidar com ele. Estava a preparar-me para o abandonar, era o que fazia sempre que as coisas se tornavam demasiado extremas, quando descobri que estava grávida. Não fazia ideia de como ter um filho nos pode tornar tão vulneráveis. O David começou a bater-me e foi-se tornando cada vez mais violento. Quando a Bay fez um ano, deixei-o. Levei-a para Boise, frequentei a escola de beleza, arranjei um emprego. Tudo parecia estar a correr tão bem. Foi então que o David nos encontrou. Perdi um dente e durante várias semanas não consegui ver nada pelo olho esquerdo depois da vingança dele. De que serviria eu à Bay morta? Por isso, regressei com ele e ele tornou o meu mundo cada vez mais pequeno e infernal até que as únicas três coisas que eu conhecia eram a Bay, o David e a cólera dele. Por vezes costumava pensar que era castigo por ter vivido da forma que vivi antes de o conhecer. Foi então que encontrei uma mulher num parque ao qual David permitia que levasse a Bay três vezes por semana. Ela percebeu o que se passava só de olhar para mim. Foi ela quem me comprou o carro e me ajudou a fugir. David não conhece o meu verdadeiro nome e acha que sou de Nova Iorque, por isso este era o único lugar para o qual podia vir, o único lugar onde ele não me encontraria.

Claire foi-se endireitando e endireitando à medida que Sydney avançava na história. Estava escuro, mas sentia o olhar avaliador de Claire em si.

— Acho que apenas queria que soubesses que entendo como te sentiste quando vieste para aqui aos seis anos. Eu tomei como garantido tudo o que tinha aqui, mas acabei por me aperceber de que esta é a única segurança que alguma vez conheci. Quero isso para a Bay. Quero apagar tudo o que ela viu, tudo aquilo por que passou por causa de mim. Achas que isso é possível?

Claire hesitou e Sydney não precisou de qualquer outra resposta. Não, não era possível. Claire nunca esquecera.

— Pronto, são estes os meus segredos — suspirou Sydney. — Não parecem tão grandes quanto pensava que eram.

— Nunca são. Não te cheira a nada? — perguntou Claire de repente. — Já senti este cheiro antes. Parece perfume.

— É ele — sussurrou Sydney, como se ele a conseguisse escutar. — Trouxe essa memória comigo.

— Depressa, mete-te na cama — disse Claire, lançando o lençol para baixo. Sydney saltou para dentro do lençol e Claire entalou-o em redor dela. Estava uma noite húmida e todas as janelas do andar de cima estavam abertas. Sydney sentiu de repente frio e enroscou-se contra a irmã. Claire colocou um braço em redor dela e abraçou-a. — Está tudo bem — sussurrou, encostando a cara ao cimo da cabeça de Sydney.

— Vai ficar tudo bem.

— Mãe?

Sydney virou-se rapidamente e viu Bay à porta do quarto.

— Corre, querida, mete-te aqui na cama comigo e com a Claire — disse Sydney, empurrando o lençol para trás como Claire fizera.

Ficaram abraçadas à medida que as lembranças de David flutuavam pela janela fora.

O dia seguinte amanheceu resplandecente e promissor, como algodão-doce. Claire abriu os olhos e olhou para o tecto do quarto, o mesmo tecto que a avó contemplara ao deitar e ao acordar todos os dias da sua vida.

Virou a cabeça e viu Sydney e Bay a dormirem profundamente, viradas uma para a outra. Sydney fizera e passara por mais do que Claire alguma vez podia imaginar. Toda essa experiência, toda aquela mudança devastaria Claire.

Ou talvez, por mais extraordinário que parecesse, a vida fosse isso. Toda a gente tinha histórias para contar.

Olhou de novo para o tecto.

Até a sua avó.

Sydney dissera que a avó Waverley havia ido à Represa de Lunsford. Por mais chocante que tal fosse, Claire partiu do pressuposto que a avó fora com o seu futuro marido. Contudo, Claire começou a pensar naquelas fotografias antigas da avó antes de ter casado, quando era uma jovem bonita com um sorriso alegre e um cabelo que parecia continuamente em movimento, como se uma brisa enamorada a seguisse a toda a hora. Eram fotografias dela com vários rapazes diferentes, mas todos com o mesmo ar de admiração no rosto. Nas costas das fotografias a avó escrevera *No jardim*

com Tom e No início da temporada com Josiah. Depois havia aquela com um nome apenas: Karl.

A avó tivera uma vida, uma que Claire não conhecera ou sequer imaginara. Tentara tão arduamente saber tudo acerca da avó Waverley, ser tudo o que ela era. Porém, a avó Waverley deve ter pressentido qualquer coisa em Sydney, uma alma gêmea, com a popularidade e vivacidade que Sydney evidenciava. Deu a Claire a sabedoria da velhice, mas deu a Sydney os segredos da sua juventude.

Claire não possuía uma única fotografia sobre a qual alguém dali a muitos anos, ao contemplá-la, pudesse dizer *Aquele rapaz amou-a*. Levantou-se e foi fazer o pequeno-almoço para Sydney e Bay. Estava uma manhã bonita, cheia de ânimo e de boas vibrações, sem nenhum cheiro a qualquer coisa má no ar. Sydney saiu para o trabalho pela porta das traseiras, gritando por cima do ombro:

— Há um monte de maçãs aqui fora!

Por isso, Claire pegou numa caixa da arrecadação e com a ajuda de Bay reuniram as maçãs que a árvore lançara para a porta das traseiras.

— Porque é que a árvore fez isto? — perguntou Bay enquanto se dirigiam para o portão do jardim sob a cintilante luz matinal.

— Aquela árvore tem muita dificuldade em meter-se na sua vida — explicou Claire ao mesmo tempo que destrancava o portão. — Estivemos as três juntas a noite passada e a macieira queria fazer parte da festa.

A árvore enfunou-se quando elas entraram no jardim.

— Deve sentir-se um pouco solitária.

Claire abanou a cabeça e foi ao telheiro buscar uma pá.

— É melindrosa e egoísta, Bay. Não te esqueças disso. Quer dizer às pessoas coisas que elas não deviam saber.

Cavou um buraco junto à vedação e viu Bay sob a árvore a rir ao mesmo tempo que esta derramava pequenas folhas verdes em redor dela.

— Olha, Claire. Está a chover!

Claire nunca vira a árvore tão afectuosa. Bay era inocente na conta certa para não reparar no reverso da medalha.

— Ainda bem que não gostas de maçãs.

— Detesto — confirmou Bay. — Mas gosto da árvore.

Assim que Claire terminou de enterrar as maçãs, regressou a casa com Bay.

— Então — começou Claire, tentando soar o mais fortuita que conseguia, enquanto avançavam pelo carreiro —, o Tyler tem uma aula hoje à noite, como ontem?

— Não. Só tem aulas à noite à segunda e à quarta-feira. Porquê?

— Por nada em especial. Sabes o que vamos fazer hoje? Vamos ver umas fotografias antigas! — declarou Claire entusiasticamente. — Quero mostrar-te como era a tua bisavó. Era uma senhora maravilhosa.

— Tens algumas fotografias da vossa mãe?

— Não, receio que não. — Claire pensou no que Sydney dissera há algum tempo, sobre ter deixado as fotografias da mãe para trás. Tê-las-ia deixado em Seattle? Parecera ter ficado tão em pânico na altura, ao lembrar-se de que não as trouxera consigo.

Claire fez uma nota mental para falar com Sydney acerca disso.

Um vestido seria de mais? Claire olhou para a sua imagem reflectida no espelho do quarto. Daria a impressão de que estava a esforçar-se demasiado? Nunca se esforçara nem um pouco antes, por isso não fazia ideia. O vestido branco que vestia era o mesmo que trazia na noite em que conhecera Tyler, aquele que Evanelle comentara que a fazia parecer a Sophia Loren. Levou a mão ao pescoço nu. O cabelo estava mais comprido nessa altura.

Seria isto ridículo? Tinha trinta e quatro anos. Não era bem como se tivesse dezasseis, mas era assim que se sentia. Provavelmente pela primeira vez na vida.

Ao descer as escadas nessa noite, os sapatos produziam uns barulhos estranhamente ruidosos nos degraus de madeira. Tinha quase chegado ao fundo quando parou. Ouviu vozes. Sydney e Bay estavam na sala de estar. Teria de passar por elas. Muito bem, e então? Era uma coisa perfeitamente normal.

Endireitou os ombros e desceu os restantes degraus. Sydney e Bay estavam a pintar as unhas dos pés. Claire estava tão nervosa que nem as admoestou que tivessem cuidado para não sujarem o chão ou os móveis com verniz.

Uma vez que elas não levantaram a cabeça da tarefa que as ocupava, Claire aclarou a garganta.

— Vou ali ao lado a casa do Tyler — anunciou da entrada. — Sou capaz de demorar.

— Está bem — respondeu Sydney, sem tirar os olhos dos pés de Bay.

— Achas que estou bem?

— Sim, tu estás sempre... — Sydney virou por fim a cabeça e reparou no que Claire vestira, na forma como penteara o cabelo, na maquilhagem, no facto de não ter um prato nas mãos. — Ora, ora — comentou, sorrindo. — Mantém o pé esticado, Bay. Eu já volto.

Sydney caminhou até ao vestíbulo equilibrando-se sobre os calcanhares.

— Isto é sem dúvida uma surpresa.

— O que é que eu faço? — perguntou Claire.

Sydney penteou o cabelo de Claire com os dedos e prendeu-lhe umas madeixas atrás de uma orelha.

— Já há muito tempo que não seduzo um homem, honestamente. Pensando bem, acho que nunca seduzi um homem honestamente. Pois, mas estamos a falar do Tyler, o homem que coloriu as paredes do meu quarto de lilás com todas as caminhadas nocturnas à volta do quintal a pensar em ti. Não será complicado. Ele já está ali, à tua espera.

— Não sei como encarar uma coisa de forma temporária.

— Então, não o faças. Acredita que é permanente. E depois ou será ou não será.

Claire fez uma pequena inspiração funda, como antes de uma injeção no consultório do médico.

— Vai doer.

— O amor dói sempre. Isso é uma coisa que eu sei que tu sabes — fez notar Sydney. — Mas vale a pena. Isso é o que tu não sabes. Ainda.

— Muito bem — afirmou Claire. — Aqui vou eu.

Sydney abriu a porta da frente, mas Claire limitou-se a ficar onde estava, a olhar para a noite que escurecia.

— Bom — disse por fim Sydney ao ver que Claire não se mexia —, sugiro que andes, uma vez que a levitação não está a funcionar.

Um pé à frente do outro, Claire saiu para o alpendre. Raramente usava saltos, mas naquela noite calçou umas sandálias com saltos altos e esguios, por isso teve de seguir pelo passeio ao invés de atravessar os quintais.

Quando chegou à porta da frente, foi recebida pela luz calorosa e música suave que se escapava pelas janelas abertas. Tyler estava a ouvir qualquer coisa lírica, clássica. Conseguia imaginá-lo a relaxar, talvez com um copo de vinho. E se ele não tivesse vinho? Devia ter trazido uma garrafa.

Olhou para a sua casa. Se regressasse não teria a coragem de voltar ali. Ajeitou o vestido e bateu à porta.

Ele não atendeu.

Claire franziu a testa e virou-se para se certificar de que o jipe dele estava estacionado junto ao passeio. Estava de costas para a porta quando sentiu que fora aberta. A bainha do vestido agitou-se e ela virou-se.

— Olá, Tyler.

Ele ficou espcado, como se estivesse tão chocado que nem conseguia mexer-se. Se ele deixasse tudo isto a cargo dela, estariam ambos em sarilhos. «Divide a coisa em pequenos passos», disse para si mesma, «como uma receita. Pegue num homem e numa mulher e coloque-os numa tigela.»

Não tinha mesmo jeito algum para isto.

— Posso entrar? — perguntou.

Ele hesitou e olhou por cima do ombro.

— Bom, sim, claro. Claro que sim — respondeu, dando um passo atrás para a deixar entrar. Claire passou por ele, quase tocando-lhe, permitindo que ele sentisse a electricidade estática. Isto era obviamente a última coisa que ele esperava, pois a primeira que perguntou foi:

— Que se passa?

— Não se passa nada — respondeu Claire. Foi então que a viu. Havia uma mulher, baixa e ruiva, sentada de pernas cruzadas no chão, duas garrafas de cerveja na mesa do café ao seu lado. Ou significava alguma coisa para Tyler ou claramente queria significar. Os sapatos não se viam em parte alguma e estava inclinada para a frente de tal maneira que o largo decote em V da camisa deixava entrever um pouco o peito. Usava um sutiã cor-de-pêssego. Pelos vistos, Tyler tinha duas mulheres prontas para o seduzirem naquela noite.

Como poderia ser tão estúpida? Achava mesmo que ele ficaria ali sentado à espera dela?

— Oh, tens visitas. — Claire começou a recuar e esbarrou nele. Girou sobre os calcanhares. — Não sabia. Peço desculpa.

— Não é preciso pedires desculpa. A Rachel é uma velha amiga, de passagem entre Boston e a Florida. Vai ficar comigo uns dias. Rachel, esta é a Claire, a minha vizinha do lado. É *caterer* e especialista em flores comestíveis. É incrível. — Tyler levou Claire pelo braço e tentou conduzi-la até à sala de estar. Ao fim de uns segundos, teve de retirar a mão às pressas, sacudindo-a como se se estivesse a queimar. Cruzou o olhar com o dela, apercebendo-se nesse instante do que se passava.

— Desculpa, tenho mesmo de ir. Não era minha intenção incomodar.

— Não estavas... — disse Tyler, mas ela estava já do outro lado da porta.

— Claire? — chamou Sydney. Ia já a meio da escada quando Sydney emergiu da sala de estar. — Claire?

Ela parou e virou-se.

— *Rachel*.

Sydney olhou para ela, confusa.

— O quê?

— Ele estava com a *Rachel* — explicou Claire. — Têm um passado. Têm algo que os une. Ela está hospedada em casa dele. Estava a mirar-me como se eu fosse concorrência. Não é a primeira vez que vejo esse tipo de olhar. As mulheres fazem-no a toda a hora.

Sydney estava com um ar espantado e indignado, o que, quando Claire pensou nisso mais tarde, depois de se ter acalmado, até fora agradável. A sua irmã estava zangada em sua defesa.

— *Ele tinha outra mulher ali em casa?*

Claire pensou naquelas fotografias da avó com uma série de rapazes apaixonados.

— Não preciso de uma fotografia de um homem a olhar para mim como se me amasse. Estou muito bem assim. Não estou?

— Queres mesmo que te responda a essa pergunta neste momento?

Claire levou a mão à testa. Estava ainda tão quente. Era insuportável.

— Não sei mesmo como fazer isto. Talvez me limite a ir para o jardim e de vez em quando ele pode aparecer e não falaremos sobre isso a seguir,

mas a macieira há-de agradecer-lhe, como da última vez.

— Agora, perdi-me.

Claire deixou pender a mão.

— Sinto-me uma idiota.

— Isso, minha querida irmã, é o primeiro passo.

— Achas que podias pôr-me isso por escrito? Tenho a receita toda errada — declarou, e virou-se para subir o resto dos degraus. — Vou tomar um banho.

— Tomaste um ainda esta tarde.

— Cheiro a desespero por todo o lado.

Sydney soltou uma gargalhada.

— Não te preocupes, vais ficar bem.

Claire tirou o vestido e vestiu o seu velho roupão de algodão. Estava à procura dos chinelos quando a porta do quarto se abriu.

Ficou de boca aberta, estupefacta, ao ver Tyler entrar e fechar ominosamente a porta por trás de si. Ela agarrou as abas do roupão para as cruzar melhor, o que era ridículo tendo em conta o que levava em mente quando fora a casa dele há pouco.

— Porque tiraste o vestido? Adoro aquele vestido. Mas também gosto do roupão. — Os olhos dele deslizaram pelo corpo dela abaixo.

— Porque foste visitar-me, Claire?

— Por favor, esquece isso.

Ele abanou a cabeça.

— Já não quero esquecer mais. Lembro-me de tudo acerca de ti. Não consigo evitá-lo.

Olharam fixamente um para o outro. Pegue num homem e numa mulher tola e coloque-os numa tigela. Isto não iria resultar.

— Estás outra vez a pensar de mais — disse Tyler. — Então, este é o teu quarto. Já me tinha interrogado qual seria o teu. Devia ter adivinhado que era o do torreão. — Deambulou por ali e ela teve de se forçar a ficar onde estava, a não correr para ele e lhe arrancar das mãos a foto que tirara da escrivania, a não lhe dizer que deixasse os livros empilhados junto ao

banco da janela em paz, pois estavam ordenados de uma determinada maneira. Estivera prestes a partilhar o seu corpo com este homem e não era sequer capaz de partilhar o seu quarto? Talvez com alguma preparação, com tempo para empurrar os sapatos para debaixo da cama, tirar a chávena de café manchada de cima da mesa-de-cabeceira.

— A Rachel não está à tua espera? — perguntou ansiosamente quando ele espreitou para dentro do roupeiro, que ela deixara aberto.

Ele virou-se para ela. Claire estava do outro lado do quarto, no canto onde descalçara os chinelos da última vez.

— A Rachel é apenas uma amiga.

— Mas vocês têm um passado.

— Costumávamos ser um casal quando me mudei para a Califórnia da primeira vez para ensinar. Durou cerca de um ano. Não nos demos bem enquanto amantes, mas permanecemos amigos.

— Como é que isso é possível? Depois de tudo por que passaram?

— Não sei, mas é possível. — Tyler caminhou na direcção dela.

Claire podia ter jurado que as cadeiras e os tapetes se haviam desviado do caminho dele para lhe facilitar o avanço. — Querias conversar? Querias convidar-me para jantar ou para o cinema?

Ela estava literalmente encurralada a um canto. Ele aproximou-se mais, executando aquela manobra de ficar tão perto sem lhe tocar em que era tão hábil, como se ela fosse capaz de o sentir sem o sentir na verdade, como se o estivesse, de alguma forma, a imaginar.

— Se tiver de o dizer, morro — sussurrou ela. — Aqui mesmo. Caio redonda ao chão, morta de vergonha.

— O jardim?

Ela acenou que sim com a cabeça.

As mãos dele dirigiram-se aos seus ombros e os dedos serpentearam para baixo das lapelas do roupão.

— Não é assim tão fácil de esquecer, pois não?

— Não.

O roupão deslizou-lhe pelos ombros abaixo e teria caído por completo, não estivesse ela ainda agarrada às lapelas.

— A tua pele está quente — murmurou ele. — Podias ter-me derrubado com um sopro quando senti o quanto estavas quente há pouco em minha casa.

Tyler beijou-a e puxou-a para longe do canto. Fê-la então recuar em direcção à cama, devorando-a. Pegue num homem e numa mulher tola, coloque-os numa tigela e *mexa bem*. Claire tinha a cabeça a andar à roda, os pensamentos vertiginosos. Sentia como se estivesse a cair, e depois, na verdade, até estava.

Bateu com a parte posterior dos joelhos na cama e tombou para trás. O roupão abriu-se e Tyler estava ali, interrompendo o beijo apenas o tempo suficiente para despir a camisa de modo a que o peito nu de ambos se tocasse.

Ele sabia. Recordava-se de como ela precisava daquele tipo de toque corpo-a-corpo, de como necessitava de alguém que absorvesse aquilo que ela tinha em excedente.

— Não podemos fazer isto aqui — sussurrou ela. — Com a Sydney e a Bay lá em baixo.

Ele beijou-a com força.

— Dá-me dez minutos para me livrar da Rachel.

— Não podes ver-te livre da Rachel.

— Mas ela vai ficar lá em casa três dias.

Olharam fixamente um para o outro e ele respirou fundo por fim e rebolou para o lado dela. Ela ia fechar o roupão, pois como poderia ficar assim ali deitada com o roupão aberto? Porém, ele impediu-a, deslizando a mão pelo peito dela e envolvendo-lhe um dos seios com a mão em forma de concha. Transmitia-lhe uma sensação de segurança, de legitimidade.

— A expectativa também pode ser uma coisa boa, suponho — argumentou. — Três dias inteirinhos de expectativa.

— Três dias inteirinhos — repetiu ela.

— O que te fez mudar de ideia? — perguntou ele, deitando-se de lado e inclinando a cabeça, colocando a boca onde a mão estivera.

Ela agarrou-lhe o cabelo com uma das mãos e fechou os olhos. Como poderia desejar uma coisa assim tanto, uma coisa que nem sequer compreendia?

— Eu devia deixar as pessoas entrar. Se se forem embora, vão. Se me magoar, magoo. Acontece a toda a gente, não é?

Ele levantou a cabeça para a olhar nos olhos.

— Achas que me vou embora?

— Isto não pode ser para sempre.

— Porque achas isso?

— Ninguém que eu conheço alguma vez teve uma coisa assim para sempre.

— Eu penso no futuro a toda a hora. Toda a minha vida persegui sonhos sobre uma coisa assim. Pela primeira vez na minha vida, consegui agarrar um deles de verdade. — Beijou-a mais uma vez antes de arrebanhar a camisa e se pôr de pé. — Dar-te-ei um dia de cada vez, Claire. Mas lembra-te de que já levo milhares de dias de avanço.

Era a primeira noite de Fred no sótão e Evanelle conseguia escutá-lo a andar de um lado para o outro no andar de cima. Era bom saber que havia mais alguém em casa, fazendo pequenos ruídos atarefados. O problema dos fantasmas era não fazerem qualquer barulho. E ela vivia há tempo suficiente com o fantasma silencioso do marido para saber disso.

Interrogou-se se estaria a ser hipócrita ao encorajar Fred a prosseguir com a sua vida. Não era que ela mesma o tivesse feito, para ser franca. Talvez fosse diferente quando a pessoa que amamos morre, por oposição a simplesmente nos abandonar. Ou talvez fosse a mesma coisa. Provavelmente, o que se sentia era o mesmo, de qualquer das maneiras.

De repente, Evanelle sentou-se. Raios.

Precisava de dar uma coisa a alguém. Pensou nisso por um momento. Era Fred. Tinha de lhe dar qualquer coisa.

Acendeu a luz da mesa-de-cabeceira e esticou o braço para o roupão. Avançou para o corredor e depois deteve-se, tentando perceber para onde havia de ir. Os dois outros quartos no andar de baixo estavam agora cuidadosamente organizados com armários e bonitas prateleiras de madeira para todas as suas coisas.

Esquerda.

O segundo quarto.

Acendeu a luz, dirigiu-se aos armários e abriu a gaveta marcada com a letra E. Aí encontrou écharpes, esferográficas e esfregões todos bem arquivados. Sob o cabeçalho *Engenhocas*, havia uma nota acrescentada por Fred que dizia *Ver também Ferramentas*. Era um trabalho a que ele não precisava de se ter dado. Se precisasse de uma ferramenta, iria directamente

às ferramentas. Porém, Fred não percebera ainda ao certo como esta sua capacidade funcionava. Bom, na verdade, nem ela.

Sob o cabeçalho *Engenhocas* encontrou o que precisava. Era um aparelhómetro ainda na embalagem original, uma geringonça de cozinha chamada cortador de mangas, que alegadamente tornava mais simples cortar a manga em redor do caroço.

Interrogou-se como iria ele encarar isto. Fred mudara-se para ali inicialmente porque esperava que ela lhe desse alguma coisa que o ajudasse com James. Estaria desapontado com ela por nunca lhe ter aparecido com tal objecto sagrado? Agora, depois de todo este tempo, ia por fim dar-lhe algo, e não tinha nada a ver com James. Talvez fosse melhor assim. Talvez ele a encarasse como um sinal de que estava a fazer a coisa mais acertada, a prosseguir com a sua vida.

Ou talvez ele fosse pensar que precisava de comer mais mangas.

Escutou o chilrear do telemóvel de Fred no andar de cima. Ele dissera que não queria usar o telefone dela para o caso de ela precisar de telefonar a alguém a dizer que ia aparecer na casa da pessoa com uma coisa de que iria necessitar, o que a fazia sentir-se bem, como se a encarasse como uma super-heroína.

Bateu uma vez na porta que dava para o sótão e depois subiu as escadas. Quando chegou ao degrau de cima, viu Fred no seu cadeirão de cabedal perto do armário de canto onde colocara a televisão. Na otomana de cabedal à frente dele encontrava-se uma revista sobre antiguidades. O sótão cheirava ainda a tinta fresca.

— Certo, certo — dizia ele para o telefone. Quando a viu, acenou-lhe que entrasse. — Veja então o que pode fazer. Obrigado por ter telefonado. — E desligou.

— Interrompi alguma coisa?

— Não. Eram apenas negócios. Uma encomenda atrasada. — Pousou o telemóvel e levantou-se. — O que a traz aqui a cima? Está tudo bem? Não consegue dormir? Quer que lhe prepare alguma coisa?

— Não, estou bem, obrigada. — Estendeu-lhe a caixa. — Precisava de te dar isto.

*P*or vezes, Henry desejava ser capaz de voar, pois não conseguia correr rápido o suficiente. Umas duas noites por semana, Henry saía da cama, sem fazer qualquer barulho para não acordar o avô, e ia simplesmente correr. Na noite em que completou vinte e um anos correu até ao sopé dos montes Apalaches, dirigindo-se para Asheville. Ter essa idade concedera-lhe de repente uma explosão de energia e Henry sabia que tinha de fazer alguma coisa com ela, caso contrário explodiria. Demorou seis horas a regressar a casa. O avô esperava-o no alpendre naquela manhã e Henry dissera-lhe que tivera um acesso de sonambulismo. Duvidou que o avô compreendesse se lhe contasse a verdade. Havia alturas em que Henry não via a hora de ser idoso, como o avô, mas havia outras também em que o seu corpo vibrava e estremecia de juventude, e ele não sabia o que fazer com isso.

Não o dissera a Claire naquele dia em que tinham ido todos juntos à represa, mas também ele nunca antes lá tinha estado. Nunca fizera aquelas coisas que os outros miúdos da sua idade haviam feito. Estava sempre ocupado com a leitaria e a namorar mulheres mais velhas que sabiam o que queriam. Estar com Sydney fazia-o sentir-se jovem, mas também o deixava um pouco maldispuesto, como se tivesse comido de mais e nunca conseguisse correr o suficiente para fazer desaparecer a sensação.

Nesta noite deteve-se na orla do campo, os pés molhados e os tornozelos arranhados dos picos das rosas silvestres que floresciam no silvado junto à estrada nacional. As luzes de um carro incidiram sobre ele e Henry agachou-se na erva quando este passou, não querendo que ninguém visse que andava por ali às duas da manhã apenas de *boxers*.

Não se levantou, mesmo depois de o barulho do carro se ter desvanecido. Contemplou a Lua, que se assemelhava a um enorme buraco no céu, permitindo a entrada pela outra extremidade. Inspirou profundamente o aroma da erva molhada e das rosas quentes e do escuro pavimento da estrada, ainda tão quente do sol de Verão que derreteria nas orlas e cheirava a fogo.

Imaginou-se a beijar Sydney, afagando-lhe o cabelo. Ela emanava sempre um odor misteriosamente feminino, como o cabeleireiro onde trabalhava. Henry gostava daquele cheiro. Sempre gostara. As mulheres eram criaturas

espantosas. Amber, a recepcionista do salão onde Sydney trabalhava, era bonita e cheirava ao mesmo. Também estava interessada nele, mas Sydney nunca o encorajava a sair com ela quando ele de vez em quando ia esperar Sydney ao White Door. Sydney não estava apaixonada por si, mas talvez se sentisse um pouco possessiva. Interrogou-se se seria uma vergonha esperar que ela se apaixonasse por si. O desejo que sentia chegava para ambos.

Levantou-se e correu de volta a casa, uma ténue luz lilás atrás de si, como a cauda de um cometa.

Da janela do seu quarto, Lester observou o neto correr. Todos os homens da família Hopkins eram assim. Lester fora assim. Era um erro comum pensar-se que um idoso não podia sentir paixão. Todos sentiam paixão. Todos haviam corrido aquele troço de campo. Há muito tempo, quando Lester conhecera pela primeira vez a sua esposa, incendiara árvores só por estar debaixo delas à noite. Desejava para Henry o mesmo que tivera com a sua querida Alma. E correr à noite como se estivesse em chamas era o primeiro passo para se chegar lá. Um dia, se Sydney fosse de facto a tal, Henry pararia de correr para nenhures e começaria a correr para ela.

Claire descobriu que a expectativa era boa para algumas coisas — para o Natal, para esperar que o pão crescesse, para longas viagens de carro a um local especial. Porém, não era nada boa para outras. Para esperar que certas visitas do sexo feminino se fossem embora, por exemplo. Todas as manhãs, mesmo antes da aurora, Tyler encontrava-se com Claire no jardim. Tocarse-iam e trocariam beijos e ele dir-lhe-ia coisas, coisas que a faziam corar a meio do dia quando voltava a pensar nelas. Então, mesmo antes de o horizonte se tornar cor-de-rosa, partia com a promessa de «só mais três dias», «só mais dois dias». «Um.»

Claire convidou Rachel e Tyler para o almoço no dia anterior ao da partida dela com a desculpa de ser de bom-tom — porque era uma tradição sulista fazer toda a sorte de coisas com a desculpa de ser de bom-tom —, embora na verdade quisesse era passar mais tempo com Tyler e a única forma de o conseguir era com Rachel a reboque.

Pôs uma mesa no alpendre da frente e serviu salada de peru em flores de curgete. Sabia que Tyler era imune aos seus cozinhados, mas Rachel não seria e as flores da curgete auxiliavam à compreensão. Rachel precisava de compreender que Tyler era seu. Era tão simples quanto isso.

Bay sentara-se à mesa e Claire acabara de colocar o pão quando Tyler e Rachel começaram a subir os degraus.

— Isto tem tudo um belíssimo aspecto — comentou Rachel. Ao sentar-se, lançou uma rápida vista de olhos a Claire. Era provavelmente uma pessoa muito simpática. Tyler gostava dela e isso era um bom indicador. Porém, era óbvio que Rachel não esquecera Tyler por completo e a sua súbita presença na vida dele era algo curioso. Havia uma longa história por trás de Rachel.

Mas Claire não tinha absolutamente qualquer desejo de conhecê-la.

— Fico contente por vocês as duas poderem passar algum tempo juntas antes de partires amanhã — disse Tyler para Rachel.

— Os meus planos podem ser alterados — afirmou Rachel, e Claire quase deixou cair o jarro de água que segurava.

— Prova a curgete — desafiou Claire.

Acabou por ser um almoço desastroso, a paixão e a impaciência e o ressentimento colidindo como três ventos oriundos de direcções diferentes e encontrando-se no meio da mesa. A manteiga derreteu. O pão ficou demasiado cozido. Os copos de água tombaram.

— Está estranho aqui fora — declarou Bay do seu lugar, onde tentava comer. Pegou numa mancheia de batatas-doces fritas e foi para o jardim, onde não achava nada estranho acerca da ár vore. A estranheza, afinal de contas, dependia da definição que cada pessoa lhe dava.

— Talvez devêssemos ir andando — sugeriu Tyler por fim, e Rachel pôs-se de pé de imediato.

— Obrigada pelo almoço — disse Rachel. O que não disse foi «Ele vai comigo, não fica contigo». Mas Claire escutou-o à mesma.

Quando Sydney chegou do trabalho naquela tarde, Claire estava na banheira, a água na sua pele quente provocando tal vapor que toda a vizinhança estava envolta num nevoeiro húmido. Claire escutou a porta da casa de banho abrir-se e deu um pulo quando a mão de Sydney se materializou por entre o vapor e desligou a água.

Claire enfiou a cabeça pela cortina.

— Porque fizeste isso?

— Porque não se vê um palmo à frente do nariz no raio de um quarteirão. Entrei na casa de Harriet Jackson a pensar que era a nossa.

— Isso não é verdade.

— Mas podia ser.

Claire pestanejou por entre os pingos de água que lhe tombavam para os olhos.

— Hoje convidei a Rachel e o Tyler para o almoço — confessou.

— Estás doida? — alarmou-se Sydney. — Queres mesmo que ela se vá embora?

— É claro que sim.

— Então, pára de lhe esfregar na cara que o Tyler te quer a ti, não a ela.

— Ela vai-se embora amanhã de manhã.

— Faz figas. — Sydney saiu da casa de banho, as mãos esticadas à sua frente como se não conseguisse ver. — E não tomes mais nenhum banho ou ela não vai conseguir ver nada para se ir embora.

Claire não conseguiu dormir naquela noite. Nas primeiras horas da manhã, esgueirou-se até ao quarto de Sydney e ajoelhou-se à janela que dava para a casa de Tyler. Aí permaneceu até o dia raiar, altura em que viu Tyler acompanhar Rachel até ao carro desta, transportando a mala dela. Deu-lhe um beijo na cara e Rachel foi-se embora.

Tyler deixou-se ficar no passeio a olhar para a casa das Waverley. Passara o Verão todo a fazer isso, observando a casa, querendo entrar na sua vida. Estava na altura de o deixar entrar. Ela iria viver ou então iria morrer. Tyler iria ficar ou então iria partir. Vivera trinta e quatro anos guardando tudo dentro de si, e agora ia deixar tudo sair, como borboletas libertadas de uma caixa. Não irromperiam num impulso, felizes por serem livres, apenas esvoaçariam para longe, suavemente, gradualmente, para que pudesse vê-las partir. Havia boas recordações da mãe e da avó ainda ali, borboletas que ficavam, um pouco demasiado velhas para irem a algum lado. Não fazia mal. Guardaria essas.

Levantou-se e começou a abandonar o quarto de Sydney, mas sobressaltou-se quando esta perguntou:

— Já se foi finalmente embora?

— Pensei que estavas a dormir — disse Claire. — Quem é que se foi embora?

— A Rachel, minha palerma.

— Sim, sim, foi.

— E tu vais lá agora?

— Vou.

— Graças a Deus. Mantiveste-me acordada a noite toda.

Claire sorriu.

— Lamento.

— Não lamentas nada — disse Sydney enquanto tapava a cabeça com uma almofada. — Vai ser feliz e deixa-me dormir.

— Obrigada, Sydney — sussurrou Claire, segura de que Sydney não a escutaria.

O que ela não viu foi Sydney a espreitar por baixo da almofada com um sorriso.

Ainda de camisa de noite, Claire desceu as escadas e saiu de casa. Os olhos de Tyler seguiram-na enquanto atravessava o quintal. Encontrou-se com ela a meio caminho e enlaçou os dedos nos dela. Olharam um para o outro nos olhos, a conversa entre ambos silenciosa.

Tens a certeza? Sim.

É isto que queres?

Mais do que qualquer outra coisa.

Juntos, entraram em casa dele e fizeram novas memórias; uma em particular chamar-se-ia Mariah Waverley Hughes e nasceria nove meses mais tarde.

Sydney e Henry passeavam pelo relvado, na baixa da cidade, uma tarde, alguns dias depois. Henry encontrara-se com Sydney, depois de esta sair do trabalho, para o que se tornara um encontro quase diário para conversarem e tomarem um café. Os passeios duravam apenas cerca de vinte minutos, porque ela tinha de regressar a casa por causa de Bay e ele por causa do avô, mas todos os dias por volta das cinco da tarde Sydney começava a ansiar por vê-lo, consultando inconscientemente o relógio e olhando para a recepção para ver quando ele chegava. Assim que o via, segurando dois cafés gelados da Coffee House, gritava para ele:

— Henry, és um salva-vidas!

Era um facto do senso comum que qualquer homem solteiro num salão de beleza era encarado como uma potencial presa e todas as raparigas com

quem Sydney trabalhava gostavam de Henry, metiam-se com ele e namoriscavam-no enquanto ele esperava por ela. Contudo, quando Sydney disse às colegas que ela e Henry eram apenas amigos, fizeram todas um ar de quem estava desiludo com ela, como se soubessem alguma coisa que ela não sabia.

— Então, tu e o teu avô podem vir ao jantar da Claire? — perguntou Sydney enquanto caminhavam. Convidar pessoas lá para casa era algo que Claire nunca antes fizera. À semelhança da avó depois de velha, nunca gostara de ter convidados. Contudo, Claire tinha agora Tyler, e o amor tornava-a diferente, menos parecida com a avó e mais consigo mesma.

— Anotei isso na agenda. Lá estaremos — disse Henry. — Acho óptima a forma como tu e a Claire se têm dado. Mudaram ambas muito. Lembras-te do baile do Dia das Bruxas no nosso primeiro ano de liceu?

Sydney pensou por um momento.

— Oh, meu Deus — gemeu, sentando-se no banco de pedra em redor da fonte. — Já me tinha esquecido disso.

Esse fora o ano em que Sydney se vestira de Claire no Dia das Bruxas. Achara a ideia hilariante na altura. Comprara uma cabeleira preta barata e prendera o cabelo para trás com ganchos, vestira umas calças de ganga todas sujas de terra e calçara as socas de jardinagem da irmã. Claire tornara-se famosa por sair inadvertidamente de casa com farinha na cara e por vezes as raparigas da mercearia faziam troça dela, por isso Sydney sujara também a cara de farinha. O toque de mestre foi o avental a pedir «Beije o Cozinheiro» que levou ao baile, e que lhe valeu umas boas gargalhadas por parte de toda a gente, pois toda a cidade sabia que ninguém beijaria a estranha Claire, de apenas vinte e poucos anos na altura, mas revelando já as suas excêntricas tendências.

— Acho que nessa altura o fizeste para gozar com ela — referiu Henry, sentando-se ao seu lado. — Hoje em dia vejo que te vestes como ela, mas acho que, desta vez, tentas ser como ela com sinceridade.

Sydney olhou para a camisa sem mangas de Claire que trazia vestida.

— É verdade. E também ajudou o facto de não ter trazido muita roupa comigo quando me mudei.

— Partiste às pressas?

— Sim — respondeu, não querendo dar mais explicações. Gostava do modo como as coisas estavam, do relacionamento que tinham, como

quando eram miúdos. David não estava nenhures neste quadro. David nem sequer existia quando estavam juntos. E não havia qualquer pressão no sentido de mais alguma coisa para lá da amizade que os unia, o que era um enorme alívio.

— Então, estiveste nesse baile?

Henry acenou que sim com a cabeça e sorveu um golo de café.

— Fui com a Sheila Baumgarten. Ela estava um ano à nossa frente na escola.

— Namoraste muito? Não me recordo de te ver em nenhum dos locais de namoro.

Henry encolheu os ombros.

— Por vezes. No último ano e um ano depois disso namorei uma rapariga da Universidade da Carolina Ocidental.

— Uma universitária, hã? — Deu-lhe uma cotovelada brincalhona.

— Presumo que aprecias mulheres mais velhas.

— O meu avô é um firme crente no facto de os homens Hopkins casarem sempre com mulheres mais velhas. Eu alinho nisso para o fazer feliz, mas talvez haja algum fundo de verdade nessa história.

Sydney soltou uma gargalhada.

— Ah, então foi por isso que o teu avô me perguntou a idade quando fomos lá à quinta comer o gelado.

— Sim, foi por isso — confirmou Henry. — O avô está sempre a tentar arranjar-me namoradas. Mas insiste que têm de ser mais velhas.

Sydney andara a adiar isto por apreciar tanto o tempo que passava com Henry, mas achava honestamente que estava a fazer-lhe um favor quando disse por fim:

— Sabes, a Amber, a nossa recepcionista, tem quase quarenta anos. Ela gosta de ti. Posso arranjar-te um encontro com ela.

Henry olhou para o copo entre as mãos, mas não respondeu. Sydney esperava não tê-lo embaraçado. Nunca o vira como um rapaz envergonhado.

Com a cabeça inclinada para baixo e o Sol a incidir sobre ele, Sydney conseguiu vislumbrar-lhe o escalpe por entre o cabelo cortado à escovinha. A pele começava a ficar rosada do sol. Esticou o braço e afagou-lhe a cabeça afectuosamente, como se ele fosse um rapazinho. Era assim que o

via, como aquele amistoso e cortês rapazinho que outrora conhecera. O primeiro amigo que alguma vez tivera.

— Devias usar um boné. Vais ficar com o couro cabeludo queimado.

Henry virou a cabeça e olhou-a com um ar estranho, quase triste.

— Lembras-te do teu primeiro amor?

— Sim, claro. Hunter John Matteson. Foi o primeiro rapaz que me convidou para sair — respondeu Sydney num tom pesaroso. — Quem foi o teu?

— Tu.

Sydney riu, pensando que ele estava a brincar.

— Eu?

— No primeiro dia do sexto ano, fui atingido como que por um raio. Depois disso, não fui mais capaz de falar contigo. Arreponder-me-ei disso para o resto da vida. Quando te vi na festa do Quatro de Julho e me sucedeu o mesmo, decidi que desta vez isso não deixaria que tal nos impedisse de sermos amigos.

Sydney não estava a compreender bem o que ele queria dizer.

— Que estás a dizer, Henry?

— Estou a dizer que não quero nenhum arranjinho com a tua amiga Amber.

A dinâmica do relacionamento entre ambos mudou num piscar de olhos. Já não estava sentada ao lado do jovem Henry.

Estava sentada ao lado do homem que a amava.

Emma entrou na sala de estar naquela tarde depois de ter tentado sem sucesso sentir-se melhor com uma ida às compras. Esbarrara em Evanelle Franklin na baixa e esta dissera-lhe que andara o dia todo à sua procura pois precisava de lhe dar duas moedas de vinte e cinco cêntimos.

E, como prova de como o dia estava a ser mau, aceitar dinheiro de uma idosa pateta fora na verdade o ponto alto do dia.

O seu maior erro fora encontrar-se com a mãe para o almoço para lhe mostrar o que comprara. A mãe repreendera-a por não comprar roupa interior suficiente e mandou-a de imediato adquirir qualquer coisa sensual

para Hunter John. Não que isso fosse resultar. Há mais de uma semana que ela e Hunter John não faziam amor.

Deixou cair os sacos de repente ao ver Hunter John sentado no sofá a folhear um enorme livro em cima da mesa do café. Despira o casaco e a gravata que levava para o trabalho naquela manhã e as mangas da camisa estavam enroladas para cima.

— Hunter John! — exclamou ela, sorrindo alegremente mas ao mesmo tempo sentindo um desconforto na boca do estômago. — Que fazes em casa a esta hora do dia?

— Tirei a tarde. Estava à tua espera.

— Onde estão os miúdos? — perguntou Emma, esperando aproveitar a oportunidade para o levar para o quarto. Olhou de relance para baixo, pronta para arrebanhar o saco cor-de-rosa, o que continha o sutiã preto transparente e a tanga com os pequenos laços encarnados.

— A ama levou-os ao cinema e depois a comer fora. Achei que precisávamos de conversar.

— Ah — comentou ela, colocando as mãos nas ancas ansiosamente. Falar. Discutir. Dissolver. Não. Apontou para o livro à frente dele numa tentativa de o distrair. — O que estás a ver?

— O anuário do nosso último ano de liceu — respondeu ele, e o coração dela caiu-lhe aos pés. «O que poderia ter sido», pensou Emma. Decorara o escritório dele ali em casa com os seus antigos troféus do futebol e fotografias. Até mandara emoldurar a camisola com que ele jogara. Era uma altura da vida da qual ele se podia orgulhar, quando qualquer coisa era possível.

Uma altura que ela lhe roubara.

Deixando os sacos e os pacotes no chão, Emma avançou até ao sofá e sentou-se ao lado dele, devagarinho, cuidadosamente, receando que ele se fosse embora se ela se mexesse muito depressa. O anuário estava aberto numa secção com vários instantâneos. Sydney e Emma e Hunter John estavam em quase todas as fotografias. Ali estavam eles na Cúpula, a área de piqueniques coberta junto à cafetaria onde eles por vezes davam umas passas nos cigarros às escondidas. Lá estavam no banco dos finalistas na rotunda, uma área de lugares sentados exclusiva e reclamada pelos mais populares da escola. Na galhofa frente aos cacifos. Comemorando no final

do jogo de início da temporada, no ano em que Hunter John fizera o lançamento que dera a vitória à equipa.

— Eu estava apaixonado pela Sydney — declarou Hunter John, e Emma sentiu-se estranhamente satisfeita. Ou talvez justificada. Ele estava a admiti-lo. Estava a admitir que era ela o problema. Mas depois ele prosseguiu: — Tanto quanto um adolescente consegue sentir o amor. Parecia-me amor verdadeiro na altura. Olho para estas fotografias e em cada uma delas estou a olhar fixamente para ela. Mas depois vejo-te a ti e em cada uma estás a olhar fixamente para ela também. Eu já a esqueci há muito tempo, Emma. Mas tu não, pois não? A Sydney tem feito parte deste casamento há dez anos sem que eu saiba?

Emma contemplou as imagens, tentando não chorar. Ficava feia quando chorava. O nariz inchava-lhe e o rímel escorria-lhe pelas faces como água de um rio.

— Não sei. Só sei que sempre me interroguei: se pudesses voltar atrás, farias o mesmo? Escolher-me-ias de novo a mim?

— Isto tudo é por causa disso? Tens-te esforçado tanto, o sexo, a casa perfeita, porque achavas que eu não queria estar aqui?

— Tenho-me esforçado muito porque te amo! — respondeu ela desesperadamente. — Mas privei-te de algumas escolhas! Obriguei-te a ficar em casa em vez de ires para a universidade. Tiveste filhos em vez de passares um ano na Europa. Houve sempre uma parte de mim que achou que te estragara tudo, porque odiava tanto a Sydney, odiava tanto o facto de a amares a ela e não a mim. Odiava tanto que tive de te seduzir. E arruinei todos os teus planos. Desde então que tenho tentado compensar-te por isso.

— Meu Deus, Emma. Não me privaste de qualquer escolha. Eu escolhi-te a ti.

— Quando voltaste a ver a Sydney, não pensaste como seria a tua vida se eu não tivesse engravidado? Não a comparaste comigo? Não pensaste nem por um momento como teria sido a tua vida sem mim?

— Não, não pensei — respondeu, soando sinceramente perplexo.

— Não lhe dediquei mais do que um fugaz pensamento em dez anos. E nem mesmo isso desde que ela regressou. *Tu* é que estás sempre a falar dela. *Tu* é que achas que o regresso dela veio mudar alguma coisa, mas não mudou nada para mim.

— Oh — disse ela, virando o rosto para o lado para limpar os olhos que começavam a marejar-se de lágrimas. Ele agarrou-lhe o queixo com o polegar e o indicador e puxou o rosto dela para si.

— Não mudaria nada, Emma. Tenho uma vida maravilhosa contigo. És uma alegria e uma surpresa para mim, todos os dias. Fazes-me rir, fazes-me pensar, fazes-me desejar-te. Há alturas em que me deixas confuso e desconcertado, mas é um prazer acordar a teu lado de manhã, vir para casa para junto de ti e dos miúdos ao fim do dia. Amo-te tanto, mais do que achava possível amar outro ser humano.

— A Sydney...

— Não! — exclamou ele asperamente, deixando a mão cair. — Não. Não comeces com isso outra vez. O que é que eu fiz para te fazer achar que me arrependi da escolha que fiz? Passei dias a tentar perceber como é que poderia ter impedido isto de acontecer, e sabes a que conclusão cheguei? Isto não é entre ti e mim. É entre ti e a Sydney. Suspeito também que seja entre ti e a tua mãe. Amo-te a ti. Não amo a Sydney. Quero uma vida contigo. Não quero uma vida com a Sydney. Já não somos aquelas pessoas. — Fechou o anuário à sua frente, encerrando o capítulo sobre os sonhos de infância acerca do estrelato no mundo do futebol e de conhecer a França viajando à boleia. — Eu pelo menos, não sou mais aquela pessoa.

Emma colocou as mãos na perna dele, bem acima na perna. Ela era assim mesmo e não conseguia conter-se.

— Eu não quero ser essa pessoa, Hunter John. A sério que não. Os olhos dele percorreram-lhe o rosto.

— Eu acho que ela veio para ficar, Emma.

— Eu acho o mesmo.

— Refiro-me à cidade, veio para ficar na cidade — alertou ele.

— Não na nossa vida.

— Ah.

Ele abanou a cabeça.

— Tenta, Emma. É só o que te peço.

*F*red estava sentado no seu escritório a olhar para o descascador de mangas à sua frente.

Que significaria?

James gostava de mangas. Isto podia significar que Fred devia telefonar-lhe e... convidá-lo para comer fruta?

Porque é que isto não podia ser mais claro? Porque não chegara mais cedo? Que raios iria ele fazer com um descascador de mangas? Como é que semelhante objecto o iria ajudar a ter James de volta? Há já alguns dias que se atormentava com todas estas perguntas, esperando algum tipo de sinal, uma espécie de instrução.

Escutou-se uma pancada na porta e Shelly, a sua subgerente, meteu a cabeça na fresta.

— Fred, está aqui fora uma pessoa que quer falar consigo.

— Eu vou já. — Fred agarrou no casaco que pendurara nas costas da cadeira e vestiu-o.

Ao sair do escritório, viu Shelly a falar com um homem junto à secção dos vinhos. Ela apontou para ele e depois afastou-se. O homem era Steve Marcus, um professor de culinária do Orion College. Tinham já partilhado boas conversas acerca de comida e receitas. Fred levou algum tempo a conseguir começar a andar. A última coisa que James lhe dissera fora que devia sair com Steve. Isto não tinha nada a ver com isso, disse para si mesmo, mas ainda assim deu por si a detestar cada passo que dava. Não queria namorar Steve.

Steve estendeu a mão.

— Fred, prazer em ver-te.

Fred apertou-lha.

— Que posso fazer por ti? — «Que não envolva casamento.»

— Vinha convidar-te para te juntares a um curso livre comunitário que estou a dar, patrocinado pela universidade — respondeu Steve num tom afável. Era um homem entroncado e bonacheirão. Usava o grosso anel de curso na mão direita e Fred sempre apreciara o facto de as unhas dele estarem impecavelmente bem arrançadas e brilhantes. — Vai ser um curso engraçado sobre como tornar a culinária mais simples com engenhocas e

aparelhómetros. Serias uma verdadeira mais-valia para o curso com todo o teu conhecimento sobre comida e os produtos da terra.

Era de mais. Era demasiado depressa. Fred sentia-se como se alguém estivesse a tentar despertá-lo muitas horas antes da que costumava acordar.

— Não sei... Os meus horários...

— É amanhã à noite. Estás ocupado?

— Amanhã? Bem...

— Estou a pedir a todas as pessoas que contribuam com algum truque que tenham aprendido ou com uma engenhoca qualquer que usem e que a maioria das pessoas não conheça. Não te quero pressionar, está bem? Amanhã às seis, se puderes vir. — Levou a mão ao bolso de trás das calças e tirou a carteira. — Aqui tens o meu cartão com o meu número, se tiveres alguma dúvida.

Fred aceitou-o. Estava quente do corpo dele.

— Vou pensar nisso.

— Ótimo. Vemo-nos depois.

Fred regressou ao seu escritório e deixou-se cair na cadeira. *Que contribuam com algum truque que tenham aprendido ou com uma engenhoca qualquer que usem e que a maioria das pessoas não conheça.*

Como um descascador de mangas.

Esperara durante tanto tempo que Evanelle lhe desse alguma coisa. Isto iria supostamente tornar tudo bem, consertar tudo. Fred pegou no telefone numa atitude obstinada. Telefonaria a James. Faria disto a coisa que os voltaria a unir, custasse o que custasse.

Marcou o número do telemóvel de James. Começou a ficar preocupado depois do décimo toque. Depois começou a dizer para si mesmo:

«depois do vigésimo toque saberei que isto não tinha nada a ver com ele.»

Depois do trigésimo. Do quadragésimo.

Do quinquagésimo.

Bay observava os preparativos da festa de debaixo da árvore. Tudo parecia bem, por isso não conseguia entender porque se sentia tão ansiosa. Talvez

porque minúsculas gavinhas espinhosas começavam a germinar em redor da orla do jardim, tão pequenas e tão bem escondidas que nem mesmo Claire, que sabia tudo o que acontecia no jardim, conseguira vê-las. Ou talvez as tivesse visto e tivesse decidido ignorá-las. Claire estava feliz, afinal de contas, e estar feliz fazia-nos esquecer que havia coisas más no mundo. Bay não estava feliz o suficiente para esquecer. Nada estava ainda perfeito. Ainda assim, Tyler parara de deambular pelo quintal a meio da noite, libertando aquelas centelhas violeta que se assemelhavam a *Pop Rocks*³. E passara-se mais de uma semana desde que tanto ela quanto a sua mãe haviam sentido pela última vez o aroma do perfume do pai, e Sydney sorria mais devido a isso. Sydney começara até a falar mais acerca de Henry, mencionando-o em quase todas as conversas que tinham. Bay deveria estar contente com tudo isto. Estava até já matriculada na escola e dali a duas semanas começaria a frequentar o infantário. Talvez fosse isso que a estivesse a incomodar. Sabia que a mãe mentira acerca do seu nome aquando da matrícula na escola. Era um mau começo.

Ou talvez fosse apenas o facto de Bay não ter ainda conseguido vislumbrar a melhor forma de tornar realidade o sonho que tivera. Nada funcionava. Não conseguia encontrar nada que lhe fizesse brilhos no rosto e a mãe não deixava que ela levasse mais cristais para a rua para as suas experiências. Não havia também forma de duplicar o som do papel a agitar-se ao vento. Há vários dias que não soprava qualquer vento, mas naquela tarde, assim que Sydney e Claire tentaram estender a toalha cor de marfim sobre a mesa no jardim, levantou-se de repente e de nenhures uma ventania. A toalha de mesa soltou-se das mãos das irmãs e voou pelo jardim como se uma criança a tivesse surripiado e fugido com ela. Ambas riram e correram atrás da toalha.

Sydney e Claire estavam felizes. Juntavam pétalas de rosa às papas de aveia de manhã e colocavam-se lado a lado frente ao lava-loiça quando lavavam os pratos depois do jantar, dando risadinhas e sussurrando. Talvez isso fosse a única coisa que importava. Talvez não devesse preocupar-se tanto.

Grandes nuvens, brancas e cinzentas, como elefantes de circo, começaram a amontoar-se no céu empurradas pelo vento. Bay, deitada de costas junto à árvore, observava-as.

— Então, ár vore — sussurrou —, o que é que vai acontecer? — A árvore sacudiu as folhas e uma maçã caiu ao chão a seu lado. Ela ignorou-a.

Supôs que teria de esperar para ver.

— Desculpe — disse um homem do outro lado da bomba de gasolina.

Apareceu de repente frente a Emma, as nuvens de trovoadas rodeando-o como um auréola ao mesmo tempo que ela contemplava os seus olhos escuros.

Emma estava ao lado do descapotável da mãe, enchendo o depósito de gasolina enquanto Ariel, sentada no banco do condutor, retocava a maquilhagem no espelho retrovisor. Ao ouvir a voz dele, Ariel virou-se. Sorriu de imediato e saiu do carro.

— Olá — cumprimentou Ariel, avançando para junto da filha. Tinham ido novamente às compras naquele dia. Emma e Hunter John iam passar o fim-de-semana a Hilton Head, só os dois, e depois levariam os miúdos ao Disney World antes de as aulas começarem. Ariel insistira em comprar um biquíni novo a Emma, algo que Hunter John iria com certeza gostar, e Emma concordara, porque era mais fácil do que contrariá-la. Porém, independentemente do que Ariel dissesse agora, Emma sentia-se bem na sua relação com o marido. Não culpava a mãe pelos conselhos que lhe dava. A sedução sempre funcionara para Ariel, afinal de contas. Contudo, Ariel achava que as mulheres Clark precisavam de provar constantemente as suas capacidades, mesmo com estranhos. Exemplo: viu um homem a falar com a filha e teve de sair do carro e inclinar-se para a frente para exibir o decote acentuado e provar que ainda era capaz.

O homem era bem-parecido e um pouco forte. O seu sorriso era muito cativante. Era bom no que quer que fizesse, isso pelo menos era claro. Evidenciava essa confiança.

— Olá, minhas senhoras. Espero não estar a incomodá-las. Estou à procura de uma pessoa. Podem ajudar-me?

— Podemos seguramente tentar — declarou Ariel.

— O nome Cindy Watkins soa-vos familiar?

— Watkins — repetiu Ariel, depois abanou a cabeça. — Não, receio que não.

— Estamos em Bascom, na Carolina do Norte, certo?

— Já ultrapassou os limites da cidade, mas sim. Pela estrada abaixo, naquela direcção.

O homem levou a mão ao bolso do casaco bem talhado e tirou uma pequena pilha de fotografias. Estendeu a Ariel a de cima.

— Esta senhora parece-lhe conhecida?

Emma trancou o punho da mangueira para que continuasse a encher o depósito e depois inclinou-se para ver a foto que a mãe tinha nas mãos. Era uma imagem a preto e branco de uma mulher à porta do que parecia a Alamo. Segurava um cartaz que afirmava, muito explicitamente, que não gostava da Carolina do Norte. A julgar pelo estilo da roupa da mulher, a foto fora tirada há mais de trinta anos.

— Não, lamento — respondeu Ariel, e começou a devolver a fotografia ao forasteiro, mas olhou subitamente uma última vez para ela e disse: — Espere! Sabe, esta rapariga poderia muito bem ser Lorelei Waverley.

Emma olhou com mais atenção para a imagem. Sim, parecia-se de facto com ela.

— Mas deve ter sido tirada há muito tempo — prosseguiu Ariel. — Ela já morreu.

— Faz alguma ideia de por que motivo esta mulher — estendeu-lhe outra foto, mais recente — teria em seu poder fotografias dessa tal Lorelei Waverley?

Emma mal conseguia acreditar no que estava a ver. Era uma fotografia de Sydney ao lado deste homem. Ela usava um vestido de noite muito justo e curto e ele tinha o braço em redor dela num gesto possessivo. Era uma fotografia do tempo em que estivera ausente da cidade. Sydney não tinha um ar feliz. Não tinha o ar de quem andava a divertir-se e a fazer coisas aventureiras. Parecia-se mais com alguém que não queria estar onde estava.

Ariel franziu a testa.

— Essa é a Sydney Waverley — declarou de chofre, e depois entregou as fotos ao dono, como se agora já não merecessem ser vistas.

— Sydney? — repetiu o homem.

— Lorelei era a mãe dela. Lorelei sempre foi uma ociosa e irresponsável. Aqui entre você e eu e aquele poste ali, a Sydney é tal e qual a mãe.

— Sydney — voltou ele a dizer, como que a experimentar o nome. — Ela é daqui, então?

— Cresceu aqui e surpreendeu-nos a todos ao regressar. Tentou roubar o marido à minha filha.

Emma olhou para a mãe.

— Não tentou nada, mãe.

— *Esta* pessoa é Sydney Waverley? — Segurou uma foto dela. — Tem a certeza? Sabe se ela tem uma filha, uma menina pequenina?

— Sim. A Bay — afirmou Ariel.

— Mãe! — exclamou Emma num tom de reprimenda. Era algo que simplesmente não se dizia a estranhos.

O homem recuou de imediato, pressentindo que Emma estava a ficar cada vez mais apreensiva. Oh, ele era de facto bom.

— Obrigado pela vossa ajuda. Tenham um bom dia, minhas senhoras. — Caminhou em direcção a um dispendioso SUV e entrou. O céu escureceu à medida que ele se afastava, como se, de alguma forma, fosse ele quem estava a provocar aquela nebulosidade. Emma franziu o sobrolho, sentindo-se esquisita. Tirou a mangueira do carro e colocou-a na bomba. Não havia qualquer relação de amizade entre Emma e Sydney, isso era certo, porém havia ali qualquer coisa de errado.

— Eu pago a gasolina, mãe — declarou Emma na esperança de alcançar a mala no banco do carro, onde tinha o telemóvel. Porém, Ariel tinha já o seu cartão de crédito na mão.

— Não sejas palerma. Eu é que pago.

— Não, a sério. Eu pago.

— Toma — disse por fim Ariel, depositando o cartão nas mãos de Emma e entrando no carro. — Pára de argumentar e vai pagar ao funcionário.

Emma avançou até à loja de conveniência e estendeu o cartão ao funcionário. Não conseguia deixar de pensar naquele homem. Enquanto esperava pela aprovação do cartão de crédito, levou as mãos ao bolso do casaco e sentiu qualquer coisa. Pescou duas moedas de vinte e cinco cêntimos. Trazia este casaco vestido quando Evanelle a abordara naquele dia para lhe dar dinheiro.

— Faz favor — disse para o funcionário —, têm telefone público?

O vento continuou a soprar toda a tarde. Sydney e Claire tiveram de atar as pontas da toalha às pernas da mesa e não puderam colocar as velas porque o vento apagava as chamas. Ao invés de velas, Claire arranhou sacos de tecido transparente cor de âmbar, de framboesa e verdes e colocou as lanternas a pilhas que tinha na arrecadação dentro dos sacos, o que as fazia assemelharem-se a prendas de luz colocadas em redor da mesa e da árvore. A macieira não gostava delas e estava sempre a derrubar as mais próximas quando ninguém estava a olhar, por isso Bay ficou encarregue de manter a árvore na linha.

Aves e insectos voadores nunca eram um problema no jardim — a madressilva engolia-os —, por isso um jantar no jardim era uma ideia esplêndida. Sydney interrogava-se por que razão ninguém da família alguma vez o fizera antes. Depois lembrou-se da árvore e percebeu porquê. A macieira tentava tão arduamente fazer parte da família, ainda que ninguém quisesse que fosse.

Pensou na noite anterior, em que, incapaz de dormir, se levantara e fora ver como estava Bay. Claire estava em casa de Tyler e era quase de certeza a primeira vez que Sydney passava uma noite sozinha naquela casa, responsável por tudo.

Encontrou Bay a dormir tranquilamente. Inclinou-se para lhe dar um beijo e ao endireitar-se reparou em duas pequenas maçãs rosadas entre as dobras da manta que Bay empurrara para o fundo da cama enquanto dormia. Sydney pegou nelas e dirigiu-se à janela aberta. Havia uma fila de três maçãs até à janela. Apanhou também essas.

Olhou pela janela e viu um movimento lá em baixo no jardim.

A macieira esticava os ramos o máximo que conseguia na direcção da mesa que Tyler ajudara a deslocar para o jardim naquele dia. A árvore conseguira mesmo enrolar um ramo em redor de uma das pernas da mesa e estava a tentar puxá-la mais para perto de si.

— Ei! — sussurrou para a escuridão. — Pára com isso!

A mesa parou de se mexer e os ramos da árvore voltaram aos seus lugares. A macieira aquietou-se de imediato, como que a dizer «eu não estava a fazer nada».

Evanelle foi a primeira a chegar naquela noite para o que Sydney apelidava afectuosamente de Jantar de Comemoração do Desfloramento de Claire.

Claire obrigou-a a prometer que não daria tal título ao jantar na frente de outras pessoas.

— Olá, Evanelle. Onde está o Fred? — inquiriu Sydney quando Evanelle entrou sozinha na cozinha.

— Não pode vir. Tem um encontro. — Evanelle pousou o seu saco de tecido em cima da mesa. — E está furioso como uma barata por causa disso.

Claire levantou a cabeça da panela onde colocara as espigas de milho a cozer.

— O Fred arranjou um namorado?

— Mais ou menos. Um professor de culinária de Orion pediu-lhe que se inscrevesse na aula que ele está a ensinar. O Fred acha que a aula desta noite é um encontro.

— E porque é que está furioso com isso?

— Porque eu lhe dei uma coisa que o conduziu ao professor e não de volta ao James, como ele esperava. Por isso, acha que tem de passar o resto da sua vida com aquele professor. Ele por vezes é desconcertante. Em breve perceberá que é ele quem toma as decisões dele. Eu limito-me a dar coisas às pessoas. O que depois fazem com elas não está nas minhas mãos. Sabem, até me perguntou se eu não podia surripiar uma maçã da vossa árvore hoje ao jantar, como se a maçã lhe fosse dizer o que haveria de fazer!

Claire estremeceu um pouco, muito embora estivesse envolta pelo vapor da panela a ferver à sua frente.

— Nunca se sabe o que aquela árvore dirá.

— Isso é bem verdade. Não soubemos o que disse à vossa mãe até ela morrer.

A cozinha mergulhou no silêncio. A água parou de ferver. O relógio parou de fazer tiquetaque. Sydney e Claire aproximaram-se instintivamente uma da outra.

— O que é que quer dizer com isso? — perguntou Claire.

— Oh, meu Deus. — Levou as mãos ao rosto. — Oh, meu Deus, eu prometi à vossa avó que nunca vos contaria.

— A nossa mãe comeu uma maçã? — inquiriu Sydney, incrédula.

— Uma das *nossas* maçãs?

Evanelle olhou para o tecto.

— Desculpa, Mary. Mas que mal pode fazer agora? Olha para elas. Estão a sair-se bem — disse, como se estivesse habituada a falar com fantasmas que não lhe respondiam de volta. Puxou de uma cadeira da mesa da cozinha e sentou-se com um suspiro. — Depois de a vossa avó ter recebido o telefonema a informá-la de que a Lorelei morrera naquele enorme choque em cadeia, juntou dois mais dois. Contou-me depois de ter caído à cama, cerca de dois meses antes de falecer. Tanto quanto conseguimos perceber, a Lorelei terá comido uma maçã por volta dos dez anos. No dia em que a comeu provavelmente viu a forma como ia morrer e tudo o que fez de desassisado a partir daí foi para tentar fazer com que tal visão não se realizasse, para fazer com que acontecesse algo que fosse ainda mais grandioso que isso. Supusemos que vocês as duas a trouxeram de volta aqui, que por um momento ela aceitou o seu destino porque precisava de alguém que olhasse por vocês. A vossa avó disse que na noite em que a Lorelei desapareceu outra vez, a encontrou no jardim, pela primeira vez desde criança. Talvez tenha comido outra maçã nessa noite. As coisas pareciam estar a correr bem aqui; é possível que a Lorelei tenha pensado que o seu destino se alterara. Mas não. Deixou-vos aqui para que ficassem em segurança. Era suposto que morresse sozinha naquele enorme acidente. A árvore sempre gostou da vossa mãe. Acho que sabia que as suas maçãs lhe mostrariam algo de mau. Nunca lhe lançou maçãs como faz ao resto da família. Está sempre a tentar que saibamos qualquer coisa. Porém, a Lorelei teve de arrastar um escadote até ao jardim para apanhar uma. A vossa avó recordava-se de ter encontrado o escadote fora da garagem depois de a Lorelei ter partido. Vocês estão bem?

— Estamos óptimas — respondeu Claire, mas Sydney estava ainda um pouco atordoada. A mãe não escolhera o seu destino. Não escolhera a forma como vivera. Porém, Sydney, ao imitá-la, *escolhera* fazer aquelas coisas.

— Sendo assim, vou andando para o jardim — declarou Evanelle.

— Cuidado. A árvore hoje está rabugenta. Não pára de tentar deslocar a mesa. Nem a Bay consegue argumentar com ela — fez notar Claire. — Esperemos que não mate Tyler e Henry de medo.

— Se aqueles rapazes vão fazer parte das vossas vidas, é melhor contarem-lhes tudo. A primeira coisa que eu disse ao meu marido quando tinha seis anos foi: «Tenho de dar coisas às pessoas. É assim que eu sou.»

Ficou tão intrigado que veio até à minha janela naquela noite. — Evanelle pegou no saco de alças e abandonou a cozinha.

— Achas que ela tem razão? — perguntou Sydney. — Acerca da mãe, quero dizer.

— Faz sentido. Lembras-te, depois de recebermos o telefonema a dizer que a mãe morrera, que a avó tentou pegar fogo à árvore?

Sydney acenou que sim com a cabeça.

— Não acredito que parti querendo ser como ela, quando ela partiu porque viu como ia morrer. Como é possível que estivesse tão enganada?

— És uma Waverley. Nós ou sabemos de menos ou sabemos de mais. Para nós nunca há meio-termo.

Claire parecia ter-se libertado da dor e do pesar, mas Sydney abanou a cabeça com força.

— *Odeio* aquela árvore.

— Não podemos fazer nada em relação a ela. Temos de aguentá-la. Sydney olhou para ela exasperada. Claire obviamente que não pretendia partilhar daquele drama.

— Eu diria que o teu desfloramento te tornou estóica.

— Queres parar de dizer isso? Fazes-me parecer uma planta morta.

— Claire levou um tabuleiro até ao fogão e começou a tirar as maçarocas da panela. — E a Evanelle tem razão. Provavelmente devíamos contar ao Tyler e ao Henry.

— O Henry já sabe. É uma das coisas boas de ter alguém que nos conhece desde sempre e que nos aceita. Ela já sabe o quanto somos estranhas.

— Nós não somos estranhas.

— O Henry no outro dia disse-me uma coisa — começou Sydney, aproximando-se de Claire. Esfregou uma nódoa invisível na bancada junto ao fogão. — Uma coisa que eu não sabia. Tenho pensado muito nisso.

— Disse que te amava? — perguntou Claire, olhando para Sydney.

— Como é que sabias? — Claire limitou-se a sorrir. — Gosto de o ter por perto — prosseguiu Sydney, pensando em voz alta. — Devia beijá-lo. Ver o que acontece.

— E Pandora disse: «O que haverá dentro desta caixa?» — disse Tyler ao entrar na cozinha. Aproximou-se de Claire pelas costas e beijou-lhe o pescoço. Sydney virou a cabeça, sorrindo.

Henry telefonara antes a dizer que estava atrasado, por isso Tyler, Evanelle e Bay estavam já sentados à mesa e Sydney e Claire traziam as últimas travessas e pratos quando Henry bateu por fim à porta da frente.

Sydney pousou as rodela de tomate e mozzarella e foi abrir a porta e Claire prosseguiu para o jardim com o pão de milho e amoras.

— Chegaste mesmo a tempo — disse Sydney ao abrir a porta de rede a Henry. Ele estava a agir como de costume. Ela estava a comportar-se como de costume. Então, o que mudara? Talvez nada. Talvez isto tivesse estado aqui todo o tempo e ela apenas não o vira porque Henry era um bom homem e ela não se achava assim tão afortunada.

— Desculpa não ter conseguido chegar antes — disse ele ao entrar.

— Que pena o teu avô não ter podido vir.

— É muito estranho, sabes — comentou Henry, seguindo-a até à cozinha. — Mesmo antes de sairmos de casa, o Fred levou a Evanelle até lá a casa. Ela disse que precisava de dar uma coisa ao meu avô. Era um livro que ele andava desejoso de ler. Quis ficar em casa a lê-lo. As pernas dele não têm andado boas e penso que foi uma boa desculpa para não vir. Tive de esperar que a Yvonne chegasse para lhe fazer companhia.

— A Evanelle não nos disse que tinha ido a vossa casa.

— Ela estava cheia de pressa. Disse que o Fred queria ir a uma aula qualquer. Ora bem — disse ele, mudando de conversa e esfregando as mãos uma na outra —, vou finalmente conhecer a famosa macieira das Waverley.

— Duas coisas importantes a reter. Uma, não comas as maçãs. E duas, desvia-te.

— Desvio-me?

— Verás. — Sorriu para ele. — Estás muito bonito hoje.

— E tu estás linda. — Sydney comprara uma saia nova para o jantar, cor-de-rosa bordada a fio prateado brilhante, e aperaltara-se um pouco. — Sabias que eu costumava sentar-me atrás de ti na aula de História da Carolina do Norte no oitavo ano? Costumava tocar no teu cabelo sem que desses conta.

Sydney sentiu uma curiosa sensação no peito. Sem pensar duas vezes, deu dois passos na direcção dele e beijou-o. A força do seu corpo fê-lo tombar de costas contra o frigorífico. Ela seguiu-o, não perdendo o contacto e os guardanapos coloridos que Claire colocara em cima do frigorífico

tombaram e esvoaçaram em redor dos dois como se fossem papelinhos de Carnaval, como se a casa dissesse *Viva!*

Quando terminou, Henry tinha um ar sobressaltado. Ergueu lentamente, cuidadosamente as mãos e tocou-lhe nos braços e ela ficou com pele de galinha.

Aquilo era... teria ela sentido mesmo...

Beijou-o outra vez para se assegurar.

Sentiu o mesmo de novo, mais até desta vez, e o seu coração começou a bater cada vez mais forte. As mãos de Henry deslocaram-se para o seu cabelo. Já tinha beijado muitos homens que a desejavam, mas há muito tempo que não beijava um que a amasse. Esquecera-se de como era. Esquecera-se de que o amor tornava qualquer coisa possível.

Quando afastou os lábios dos dele, Henry perguntou sem fôlego:

— Para que foi isto?

— Queria apenas ter a certeza.

— Ter a certeza do quê?

Sydney sorriu.

— Depois logo te digo.

— Sabes que isto significa que agora é que nem morto sairei com a Amber lá do salão.

Sydney soltou uma gargalhada e pegou na travessa com o tomate e a mozzarella com uma das mãos e conduziu Henry pela porta das traseiras com a outra.

O telefone tocou assim que saíram. Sydney não o escutou tocar ou sequer o atendedor, que gravou a mensagem: «Sydney? É a Emma. É que... Estou a ligar-te para te dizer que anda uma pessoa à vossa procura, tua e da tua filha. Ele não parece... Quero dizer, há qualquer coisa nele que...» Seguiu-se uma pausa. «Só queria dizer-te que tivesses cuidado.»

Comeram e riram pela noite dentro. As pernas de Sydney e Henry tocavam-se por baixo da mesa e ela não queria mexer-se nem sequer para ir buscar uma garrafa de cerveja ou um *ginger ale* ao recipiente de alumínio cheio de gelo colocado ao lado da mesa. Enquanto lhe tocasse, não iria mudar de ideias, não iria pensar que ele merecia melhor ou que ela mesma não merecia algo tão bom. Claire ergueu o seu copo depois de toda a gente ter terminado de comer.

— Façamos todos um brinde. À comida e às flores — disse.

— Ao amor e ao riso — acrescentou Tyler.

— Aos mais velhos e aos mais novos — disse Henry.

— Ao que se segue — declarou Evanelle.

— À macieira — afirmou Bay.

— A... — Sydney deteve-se ao sentir o cheiro dele.

Não, não, não. Aqui não. Não agora. Porque haveria agora a sua cabeça de ser inundada por pensamentos relacionados com David?

A árvore estremeceu e algo que apenas Tyler e Henry confundiram com um pássaro passou por cima das cabeças deles. Ouviu-se um baque ao mesmo tempo que a maçã acertou em alguém na parte da frente do jardim, perto do portão. «Merda!» disse uma voz masculina e toda a gente menos Sydney se virou.

Sentiu os ossos partirem-se. Equimoses surgiram na sua pele como uma erupção. O espaço em branco entre dois dos dentes de trás começou a latejar.

— Faz favor — chamou Claire alegremente, porque esta era a sua casa. Não achava que uma coisa assim tão má pudesse acontecer aqui.

— Xiu! — disse Sydney de imediato. — Bay, vai para trás da árvore. Corre. Já!

Bay, bastante consciente de quem se tratava, levantou-se como se tivesse uma mola e correu.

— Sydney, que se passa? — perguntou Claire ao mesmo tempo que Sydney se levantava e se virava lentamente.

— É o David.

Claire pôs-se de pé de imediato. Tyler e Henry olharam um para o outro, sentindo o medo que irradiava agora de Sydney e Claire. Levantaram-se ao mesmo tempo.

— Quem é o David? — quis saber Henry.

— O pai da Bay — respondeu Claire, e Sydney podia ter chorado de alívio por não ter tido de o dizer ela mesma. Das sombras da madressilva junto ao portão, David materializou-se por fim.

— Consegues vê-lo? — perguntou Sydney em desespero. — Ele está mesmo aqui?

— Está — disse Claire.

— Deste uma festa e não me convidaste? — inquiriu David. Os seus sapatos produziam um barulho semelhante a pequenas explosões à medida

que avançava pelo carreiro de gravilha. Não era o som de passos normais, mas antes de pisadas iradas, pesadas, como se alguém estivesse a pisar cartão. Era um homem corpulento e seguro de si. A sua ira nunca fora uma forma de encobrir qualquer incapacidade física ou insegurança. A cólera dele não precisava de uma razão tão profunda. Zangar-se-ia se Sydney não vestisse o que ele queria, sem porém lhe dizer primeiro o que desejava que ela vestisse. Fora por esse motivo que não trouxera muita roupa consigo. Tinha tão poucas peças que tivesse sido ela própria a escolher.

Tentou dizer a si mesma que talvez isto não fosse assim tão mau, que talvez ele estivesse preocupado ou quisesse ver a filha. Porém, Sydney não podia enganar-se. Não iria voltar para ele. E ele não estava ali para a levar de volta. Assim sendo, só restava uma coisa.

Tinha de proteger Bay e Claire e toda a gente ali. O simples facto de ter regressado colocara-os numa situação de perigo que nunca antecipara que a seguisse até ali. Ou talvez o dia em que partira há dez anos tivesse feito com que isto acontecesse, uma série de acontecimentos que conduziram a este. Fosse como fosse, isto era culpa sua.

— Está tudo bem. O David e eu vamos até qualquer lado para conversarmos — declarou. Depois sussurrou para Claire: — Toma conta da Bay.

— Não, não — contradisse David. Quando ele se aproximou dela, Sydney sentiu uma sacudidela, como se fosse um choque eléctrico. Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. «Oh, meu Deus.» David estava armado. Onde teria arranjado uma arma? — Por favor, não é minha intenção interromper.

— David, isto não tem nada a ver com eles. Eu vou contigo. Sabes que sim.

— Que raio se passa aqui? — perguntou Tyler ao reparar na arma. Solto uma gargalhada incrédula. — Pouse lá a arma.

David apontou a arma a Tyler.

— É este que andas a comer, Cindy?

Sydney soube o que Henry ia fazer segundos antes de ele o fazer. Esta gente era tão inocente. Não faziam ideia daquilo com que estavam a lidar.

— Henry, não! — gritou Sydney ao mesmo tempo que ele se lançava a David. Um tiro quebrou o silêncio como se fosse um relâmpago. Henry

ficou de repente muito quieto. Uma mancha encarnada-viva começou a crescer na sua camisa junto ao ombro direito.

Henry tombou de joelhos. Ao fim de um momento, caiu de costas e ficou a olhar o céu, pestanejando rapidamente como se tentasse acordar de um sonho. Evanelle, tão leve e pequena quanto uma folha, deslizou até junto dele, sem que David a visse.

— Muito bem — disse David. — Penso que agora já sabemos com qual deles andas a fornicar. Tudo aqui me parece *fabuloso*.

Levantou um pé e com um empurrão a mesa tombou, partindo pratos, lançando gelo para cima da chicória. Tyler teve de puxar Claire para trás para a impedir de ser atingida por cacos.

— Como é que me encontraste? — perguntou Sydney, para o fazer olhar para si e não para Claire. Se David continuasse com aquilo, Tyler acabaria por se meter e levaria também um tiro. Olhou de relance para Henry. Evanelle tirara um lenço azul do seu saco e estava a pressioná-lo contra o ombro dele. Havia sangue por todo o lado.

— Encontrei-te com a ajuda disto, minha cabra. — Estendeu um molho de fotografias. Um erro. Um de muitos erros. Sydney fizera tudo para merecer isto, mas Henry não. Claire também não. Talvez devesse tentar fugir, dar tempo aos outros para chamar ajuda. Ou apanhar um caco afiado de louça do chão e tentar apunhalá-lo. Achara que estava a ficar mais forte aqui, mas David continuava a deter o poder de a aterrorizar e sujeitar. Não tivera a coragem de o enfrentar na altura e não sabia como fazê-lo agora.

David folheava descuidadamente as fotos.

— Esta em particular foi de grande ajuda. *Chega de Bascom! A Carolina do Norte Mete Nojo!* — disse, segurando a fotografia da mãe dela frente à Alamo. A árvore encolheu-se, como se reconhecesse Lorelei. David lançou as fotos a Sydney ao mesmo tempo que esta recuava para longe dele, para longe da mesa e de toda a gente que amava.

— Tens ideia da figura que me fizeste passar? Trouxe o Tom comigo de Los Angeles. Imagina a minha surpresa quando tu e a Bay não estavam em casa.

As pontas dos dedos de Sydney entorpeceram ao escutar semelhante notícia. Tom era o amigo de faculdade e sócio de David em Los Angeles. Passar por palerma frente a ele fizera David vir à sua procura com uma arma em punho. Sabia isso. Sabia-o com cada centímetro do seu corpo.

— Pára de recuar, Cindy. Sei o que estás a fazer. Não queres que eu — virou-se para Claire — repare nela. E quem serás tu?

— Sou a Claire — respondeu ela ferozmente. — *Irmã* da Sydney.

— *Sydney* — disse ele rindo e abanando a cabeça. — Ainda não consegui habituar-me a isso. Irmã, hã? És mais alta, mais vigorosa. Não me parece que vergasses tão facilmente. Não és tão bonita, parece-me, mas tens umas maminhas maiores. Contudo, provavelmente és tão estúpida quanto ela ou terias *sabido* que não devias ter acolhido algo que era meu.

Tyler colocou-se à frente de Claire e David nunca recusava um combate. Deu um passo na direcção de Tyler, mas Sydney gritou:

— Não!

David virou-se para ela.

— E o que vais fazer? Deixar-me-ias fazer o que quer que fosse. E sabes bem porquê. — Esboçou um sorriso malévolo. — Onde está a Bay? Eu vi-a aqui. Anda cá, minha querida. O papá está aqui. Vem dar um abraço ao papá.

— Fica onde estás, Bay! — vociferou Sydney.

— Nunca questiones a minha autoridade frente à nossa filha! — rosnou David avançando para ela, mas então uma maçã rolou até aos pés dele. David olhou para a macieira imersa em sombras. — Estás atrás da macieira, minha linda? Queres que o papá coma uma maçã?

Sydney, Claire e Evanelle ficaram simplesmente a ver, receando mexerem-se ao mesmo tempo que David apanhava a maçã.

Tyler começou a deslocar-se, tomando partido do facto de David estar distraído, porém, Claire agarrou-o pelo braço e sussurrou:

— Não, espera.

David levou a maçã, perfeitamente redonda e encarnada, aos lábios. O estalido dos seus dentes a mordê-la ecoou pelo jardim e as flores estremeceram e encolheram-se como com medo.

Ele mastigou por um momento e depois ficou estranhamente quieto. Os seus olhos precipitavam-se para um lado e para o outro, como se estivesse a ver alguma coisa que apenas ele conseguia vislumbrar, um filme projectado apenas para si. Deixou cair a maçã e a arma ao mesmo tempo.

Pestanejou algumas vezes e olhou para Sydney. Virou-se então e cruzou o olhar com o de toda a gente no jardim.

— O que era aquilo? — perguntou com a voz a tremer. Quando ninguém lhe respondeu, gritou: — Que raio era aquilo?

Sydney olhou para as fotografias da mãe espalhadas pela relva a seus pés. Sentiu uma estranha sensação de paz. Era capaz de se recordar nitidamente da altura em que David a encontrara em Boise, em que a espancara com tal força no banco de trás do carro. A determinada altura, Sydney soube que ia morrer. Ao mesmo tempo que os punhos dele desciam sobre si, teve a certeza de que estava a vê-lo a matá-la. Fora uma surpresa tão grande acordar, dar com ele em cima de si. Talvez tivesse sido uma surpresa para ele também. Afinal de contas, a morte de outrem não significava nada para ele. Porém, o que ele acabara de ver significava alguma coisa. Significava muito para ele.

— Acabaste de ver a tua morte, não foi? — declarou Sydney. — Era o teu maior receio tornado realidade, David? Estaria alguém a magoar-te a ti desta vez? — David ficou branco. — Anos e anos a fazê-lo a outras pessoas e por fim alguém o irá fazer a ti. — Avançou para ele, para bem junto dele. Já não se sentia intimidada ou assustada. Algures dentro de si acreditara que ele estaria sempre por perto para a assustar durante a noite, para a atormentar em pensamentos. Porém, David iria morrer um dia. E agora ambos o sabiam. — Foge para o mais longe que conseguires, David — murmurou ela. — Talvez consigas escapar ao teu destino. Enquanto permaneceres por aqui, tornar-se-á realidade. Eu certificar-me-ei de que se realizará, podes acreditar.

David virou-se e cambaleou uns quantos passos antes de fugir a correr do jardim.

Assim que ele desapareceu, Sydney chamou:

— Bay! Bay, onde estás?

Bay veio a correr de junto da vedação lateral do jardim. Não estava nem perto da árvore. Voou para os braços da mãe. Sydney abraçou-a com força antes de irem ambas ver como estava Henry. Sydney ajoelhou-se ao lado dele.

— Ele vai ficar bem — afirmou Evanelle.

— Tens de parar de ser um salva-vidas — disse Sydney lacrimosamente.

Henry esboçou um pequeno sorriso.

— Achas mesmo que vou a algum lado antes de me dizeres do que estavas a tentar assegurar-te há pouco na cozinha?

Sydney viu-se forçada a rir. Como podia ele amar alguém tão mau para ele? Como podia ela amar alguém tão bom?

— Eu vou chamar a ambulância — sugeriu Evanelle.

— Chame também a polícia! Dê-lhes a descrição dele — gritou Tyler para Evanelle, ao mesmo tempo que se dirigia para a arma e a apanhava do chão. — Talvez ainda consigam apanhar aquele lunático. Que tipo de carro é que ele conduz, Sydney?

— Ele desapareceu de vez — garantiu Sydney. — Não te preocupes.

— Não te preocupes? Mas que se passa com vocês? — argumentou Tyler, olhando para eles, dando-se de repente conta de que todos, Henry incluído, sabiam alguma coisa que ele não. — Porque é que ele ficou de repente tão estranho? E como é que a maçã rebolou até aos pés dele, se a Bay estava ali atrás?

— É a árvore — respondeu Claire.

— O que é que tem a árvore? Porque é que eu sou o único preocupado com isto? Viram o que acabou de acontecer? Alguém tem de ir anotar a matrícula dele. — Tyler começou a correr, mas Claire agarrou-o pelo braço.

— Tyler, escuta — disse Claire —, se comeres uma maçã desta árvore verás o maior acontecimento da tua vida. Eu sei que parece impossível, mas provavelmente o David viu mesmo a forma como ia morrer. Foi isso que o afugentou. Afugentou a nossa mãe também. Para algumas pessoas, a pior coisa que alguma vez lhes acontecerá é o maior acontecimento das suas vidas. Ele não voltará.

— Ora, deixa-te de coisas — argumentou Tyler. — Eu comi uma dessas maçãs e não fugi aos gritos pela noite dentro.

— Comeste uma maçã? — perguntou Claire, horrorizada.

— Na noite em que nos conhecemos. Quando encontrei todas aquelas maçãs do meu lado da vedação.

— E o que é que viste? — quis ela saber.

— Só te vi a ti — respondeu ele, o que suavizou as feições de Claire ao mesmo tempo que levantava os olhos para ele. — Que... — Não conseguiu dizer mais nada, pois Claire decidira beijá-lo.

— Ei — exclamou Bay —, onde é que foram parar as fotografias?

3 Doce carbonatado que se apresenta em pequenos pedaços que «explodem» ao arrefecerem em contacto com a língua, soltando o gás que

contêm. (*N. da T.*)

PARTE TRÊS

Previsão

— **N**ão consigo alcançá-las — disse Sydney.

Bay estava deitada de lado na relva, a cabeça repousada no braço. Estivera a dormir no jardim naquele domingo à tarde, mas o som da voz da mãe fê-la abrir os olhos. Claire e Sydney haviam encostado um velho escadote de madeira ao tronco da macieira. Sydney estava no cimo do escadote, esticando um dos braços na direcção dos ramos. No chão, Claire segurava o escadote com força.

— Talvez consiga apanhar aquela — referiu Sydney, apontando para um ramo mais baixo do outro lado —, se deslocarmos o escadote.

Claire abanou a cabeça.

— Deslocar-se-á antes de a alcançarmos.

Sydney fez um som exasperado, sibilando por entre dentes.

— Maldita árvore.

— Olá, logo vi que vos ia encontrar aqui — disse alguém. As irmãs olharam por cima do ombro. Evanelle avançava pelo carreiro.

— Olá, Evanelle — cumprimentou Sydney descendo do escadote. Deteve-se no quarto degrau a contar de baixo e saltou para o chão, a saia enfunando-se como um guarda-sol. Isso fez Bay sorrir.

— Que estão vocês a fazer? — perguntou Evanelle ao aproximar-se.

— A tentar tirar as fotografias da nossa mãe da árvore — respondeu Claire, muito embora apenas o estivesse a fazer porque Sydney queria. Bay reparara que Claire ultimamente andava distraída. Hoje trazia dois brincos diferentes, um azul e outro rosa. — Já passaram seis semanas. Não compreendo porque não nos dá as fotografias.

Evanelle olhou para os quadrados a preto e branco que emergiam por entre as folhas e as maçãs nos ramos mais altos.

— Deixem-na ficar com as fotografias. Esta árvore sempre adorou a Lorelei. Deixem-na em paz.

Sydney colocou as mãos nas ancas.

— Vou é cortar-lhe os ramos.

— Os ramos não se quebrarão — recordou-a Claire.

— Mas eu ficar-me-ei a sentir melhor por ter tentado.

— Ela apedreja-te com as maçãs. — Claire suspirou. — Talvez consigamos que a Bay fale com a árvore outra vez.

— A única vez que estivemos sequer perto de conseguir as fotografias foi quando a Bay disse que queria ver como era a avó — explicou Sydney a Evanelle. — A macieira baixou um ramo para mostrar uma foto, mas ergueu-o de imediato quando tentámos agarrá-la. — Sydney virou-se para Bay, que fechou rapidamente os olhos. Desde aquela noite, as únicas ocasiões em que conseguia escutar alguma coisa de interessante era quando toda a gente achava que ela não estava a ouvir. — É melhor não a acordarmos.

— Vejo que ela continua a usar aquele pregadouro — referiu Evanelle afectuosamente.

— Nunca o tira.

Bay quis tocar no pregadouro, como fazia quando ficava preocupada, mas elas estavam todas a olhar para si.

— O que a traz por cá, Evanelle? — perguntou Claire. Bay entreabriu um olho. Estavam agora de costas para si. — Pensei que ia almoçar com o Fred e o Steve.

— E vou. Mal posso esperar. O Steve vai fazer qualquer coisa elaborada outra vez. Eu disse ao Fred que ele tinha muita sorte por ter um professor de culinária apaixonado por ele. Ele olhou para mim como se eu lhe tivesse dito que tinha uma aranha no cabelo.

— O Fred continua a achar que tem de namorar com o Steve por causa do descascador de mangas?

— Oh, e a coisa ainda fica melhor. Ultimamente, mais valia que fosse eu a namorar com o Steve. Onde quer que eles vão, o Fred quer que eu vá também. Ele está a divertir-se, está feliz. Apenas não o quer admitir ainda. Há-de percebê-lo mais cedo ou mais tarde. Eu não vou dizer-lhe o que há-de fazer. E o Steve está a deixar que o Fred tome as suas decisões, que é o que ele precisa de fazer. Entretanto, vou provando umas comidas extravagantes. Na semana passada comi caracóis pela primeira vez na vida! Vejam só. — Evanelle soltou uma pequena gargalhada. — Adoro homens homossexuais. São do melhor.

— Ainda bem que se está a divertir, Evanelle — comentou Claire.

— O Fred ficou à minha espera no carro, mas tive de passar por aqui para vos dar isto.

Bay não conseguiu ver o que era, apenas vislumbrou o que parecia um papel branco quando Evanelle tirou o objecto do seu saco de alças.

— Sementes de gipsófila? — disse Sydney. — Para qual de nós?

— Para ambas. Tinha de as dar a ambas. O Fred levou-me à loja de jardinagem junto ao mercado dos agricultores para as comprar. Ah, vi o Henry no mercado. Estava a comprar maçãs. Está com óptimo aspecto. Disse que o ombro estava a sarar bem e que em breve estará como novo.

— Sim, e acha que tudo isso se deve às maçãs. — Sydney sorriu e abanou a cabeça. — Desde aquela noite que não há maçãs que lhe cheguem.

— Quem me dera que o Tyler pensasse da mesma forma — disse Claire. — Agora recusa-se a chegar perto sequer da árvore. Ainda não conseguiu ultrapassar o sucedido. Diz que é provavelmente o único relatório oficial da polícia em toda a história do país que afirma que uma macieira afugentou o suspeito, e que ninguém achou isso estranho.

Todos haviam tentado ocultar de Bay os pormenores do que acontecera a David depois de ter fugido do jardim naquela noite, mas ela escondia-se atrás de portas ou encostava o ouvido às grelhas da caldeira para escutar em segredo quando os adultos falavam sobre o assunto. O pai fora preso à saída de Lexington, no Kentucky. Destruiu o seu SUV durante uma perseguição policial. Quando o arrancaram dos destroços ileso, suplicou aos agentes que não o levassem preso. Não podia ir para a prisão. Não *podia*. Suplicou-lhes que o matassem ao invés disso. Nessa noite tentou enforcar-se na cadeia do condado. Alguma coisa muito má lhe iria acontecer na prisão, e ele sabia-o. Fora isso que ele vira quando comera a maçã, o motivo por que fugira, a razão por que não queria ser apanhado.

Quando Bay pensava nele, ficava triste. O pai nunca pertencera a lado algum. Era difícil não lamentar uma vida que não tinha um objectivo, um propósito. Era filho de pais anónimos que haviam morrido há muitos anos. Era amigo de muitos que sentiam demasiado medo dele para não o ser. O seu único desígnio, ao que parecia, fora surgir na vida da mãe para a enviar de volta a casa.

Por esse motivo, decidiu Bay, devia estar grata.

Quanto ao resto, porém, interrogava-se se alguma vez seria capaz de lhe perdoar. Esperava não se recordar dele o tempo suficiente para descobrir.

Fora tão assustador ver o pai ali. Quase o tinha esquecido, as feições dele, a forma como se encolerizava. Fora aquietada e atraída para a felicidade

antes de ele ter aparecido e queria sê-lo de novo. Estava já a começar; estar ali deitada no jardim já tornava tudo melhor. A mãe demoraria mais algum tempo, mas Sydney estava a ser cativada de novo também. Por vezes, Bay sentava-se no primeiro degrau da escadaria dentro de casa enquanto Henry e a mãe estavam no alpendre, e escutava Henry entoar para a mãe, não uma cantiga, mas promessas. Bay queria Henry na vida de ambas de uma forma que não conseguia explicar completamente. Era um pouco como a forma como desejamos que faça sol ao sábado ou panquecas para o pequeno-almoço. São coisas que nos fazem sentir bem. O pai nunca fizera isso. Mesmo quando se ria, toda a gente em redor dele se encolhia antecipando que tal bom humor chegasse ao fim. E chegava sempre.

Mas não iria pensar mais nisso.

— Devem ser para ti — referiu Sydney, estendendo o pacote de sementes a Claire. — A gipsófila é para uma noiva, não é? Tu e o Tyler é que têm data de casamento marcada.

— Não, são para ti — argumentou Claire, tentando devolver-lhe o pacote. — Tu e o Henry é que vão fugir juntos, se ele tiver alguma coisa a dizer em relação ao assunto.

Bay esperava que tal fosse verdade. Por vezes, Sydney ia sentar-se na beira da cama de Bay antes de esta adormecer e falava acerca de Henry. Nunca falava em termos concretos, era sempre com suposições, não querendo obviamente confundir a filha com a ideia de um novo homem na vida delas. Porém, Bay não estava confusa. Estava *impaciente*. Com o seu sonho não exactamente duplicado ainda, Bay estava ansiosa acerca da forma como as coisas iam acabar. E se o pai tivesse arruinado tudo? E se a vinda dele aqui tivesse estragado o equilíbrio das coisas?

— Talvez as sementes não signifiquem casamento, talvez signifiquem um bebé⁴ — argumentou Evanelle.

Sydney riu.

— Bom, isso então coloca-me de fora por agora. — Claire olhou pensativamente para o pacote na sua mão. — E tu Claire? — perguntou Sydney.

Claire levantou os olhos do pacote com um pequeno sorriso revelador, um sorriso que Bay nunca antes vira, mas que Sydney pareceu reconhecer de imediato.

— A sério? — exclamou Sydney, tomando o rosto da irmã entre as mãos. Bay achava que ultimamente a mãe estava a ficar cada vez mais feliz, mas nunca antes a vira assim. Um júbilo amarelado irradiava dela. Quando estamos felizes por nós mesmos, esse júbilo preenche-nos. Quando estamos felizes pelos outros, extravasa de nós. Era quase brilhante de mais para contemplar. — Oh, meu Deus. *Mesmo?*

Claire acenou que sim com a cabeça.

Bay viu as três abraçarem-se, e depois saíram do jardim em grupo, falando com as mãos, tocando-se e rindo.

A árvore tremia de excitação, como se estivesse a rir com elas.

Lançou uma maçã na direcção delas.

Bay rebolou e ficou de costas depois de elas deixarem o jardim. Espreguiçou-se na relva sob a árvore. Enquanto a árvore tremia, ouviu o som de papel a agitar-se acima da sua cabeça. Olhou para as fotografias que a árvore apanhara naquela noite há seis semanas. Sacudiam-se ligeiramente. O Sol começava agora a emurhecer as imagens e Lorelei estava aos poucos a desaparecer.

Quanto mais tempo Bay permanecia aqui fora, mais o seu pai se desvanecia também.

Amava tanto este lugar.

As coisas eram apenas meio perfeitas, pois não havia ainda centelhas e arco-íris no seu rosto, mas não seria isto bom o suficiente? Toda a gente estava feliz. Estava tão perto do sonho que tivera deste lugar quanto provavelmente ficaria. Tão perto. Não devia na verdade preocupar-se. Levou a mão ao pregadouro automaticamente, num gesto de quem busca conforto.

Agarrou de repente o pregadouro.

Espera lá.

Seria isso? Seria mesmo tão fácil?

Apertou os lábios ao mesmo tempo que desprendia o pregadouro da camisa. O entusiasmo deixava-a desastrada e foram precisas várias tentativas para abrir o alfinete.

A relva estava macia como no seu sonho. E o aroma das ervas e das flores era exactamente como o que sonhara. O som do papel a agitar-se fazia ainda ouvir-se ao mesmo tempo que a árvore continuava a abanar. Ergueu o pregadouro de cristal de rocha acima da cabeça ansiosamente. A mão

tremia-lhe agora, pois não queria ficar desapontada. Moveu o pregadouro para a frente e para trás até que de repente, a luz incidiu nele e centelhas multicores derramaram-se-lhe sobre o rosto. Conseguiu senti-las, as cores tão frescas que se tornavam cálidas, como flocos de neve.

Todo o seu corpo se relaxou e começou a rir. Riu como já não ria há muito tempo.

Precisava disto. Precisava desta prova.

Sim, agora tudo iria ficar bem.

Perfeito, na verdade.

[4](#) O nome comum da gipsófila em inglês é *baby's breath* (hálito ou sopro de bebé). (*N. da T.*)

*DO LIVRO DE COZINHA
DAS WAVERLEY*

Amor-perfeito — Encoraja o comedor a distribuir elogios e presentes surpresa.

Angélica — Modelará o seu significado de acordo com as suas necessidades, mas é particularmente boa para acalmar crianças hiperactivas sentadas à mesa.

Bocas-de-lobo — Afastam as influências alheias inconvenientes, em especial daqueles que possuem capacidades mágicas.

Bolbo de jacinto — Provoca melancolia e desencadeia memórias de arrependimentos passados. Use apenas os bolbos secos. É uma flor que propicia viagens no tempo.

Chagas — Promove o apetite nos homens. Torna as mulheres reservadas. Ligações sexuais secretas ocorrem por vezes quando se juntam algumas pessoas. Não perca de vista os seus convidados.

Chicória — Oculta a amargura. Concede ao comedor uma sensação de que está tudo bem. Flor favorável ao encobrimento.

Cravos-túnicos — Suscita afecto, embora por vezes acompanhado de ciúme.

Dente-de-leão — Um estimulante que encoraja a lealdade. Os efeitos secundários mais frequentes são a incapacidade para ver falhas e desculpas espontâneas.

Erva-cidreira — Ao ser consumida, por um breve período de tempo o comedor pensará e sentir-se-á como na sua juventude. Antes de servir, assegure-se de que não tem antigos «diabinhos» sentados à sua mesa. Flor propícia à viagem no tempo.

Fel-da-terra — Auxilia a encontrar coisas que estavam anteriormente escondidas. Flor favorável ao esclarecimento.

Flor de cebolinho — Garante que ganhará uma discussão. Convenientemente, é também um antídoto para a mágoa.

Flores de Curgete e Abóbora — Sirva quando precisar de ser entendido. São flores clarificadoras.

Gerânio-rosa — Produz memórias de bons tempos passados. É o oposto do bolbo de jacinto. É uma flor que propicia viagens no tempo.

Hissopo-anisado — Mitiga a frustração e a confusão. Hortelã-pimenta — Um inteligente método de dissimulação. Quando usada com outras flores comestíveis, confunde o comedor, ocultando a verdadeira natureza do que estamos a fazer. Uma flor de encobrimento.

Lavanda — Flor propícia à boa disposição. Impede más decisões resultantes de fadiga ou depressão.

Lilás — Quando é necessária uma certa dose de humildade. Concede a confiança de que mostrar-nos humildes perante os outros não será usado contra nós.

Lúcia-lima — Produz uma pausa na conversa com uma misteriosa falta de embaraço. Útil quando se tem convidados nervosos ou demasiado faladores.

Madressilva — Para ver no escuro, mas apenas se usar madressilva de um arbusto de pelo menos sessenta centímetros de espessura. Flor favorável ao esclarecimento.

Pétalas de Rosa — Encorajam o amor.

Túlipa — Concede a quem a degusta uma sensação de perfeição sexual. Um possível efeito secundário é tornar-se susceptível à opinião dos outros.

Violeta — Um maravilhoso remate para uma refeição. Induz calma, traz felicidade e assegura sempre uma boa noite de sono.

Agradecimentos

Obrigada ao meu pai por estes teimosos genes escritores e pelas histórias do seu avô que me ajudaram a dar vida à personagem de Lester. A minha interminável gratidão para com as maravilhosas e mágicas Andrea Cirillo e Kelly Harms. Um enorme obrigada a Shauna Summers, Nita Taublib, Carolyn Mays e Peggy Gordijn. Um grande abraço para os destrambelhados Duetter e para Daphne Atkeson por me terem encorajado a escrever este livro, e depois a melhorá-lo. Obrigada a Michelle Pittman (duas vezes!) e a Heidi Hensley, que merecem tiaras pela sua paciente amizade. Um grito especial para a epónima Miss Snark. E curvo-me perante Dawn Hughes, grande cabeleireira, por me ter auxiliado com todos os factos relacionados com salões de cabeleireiro.